

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGÜÍSTICOS

MÁRIO ANDRÉ COELHO DA SILVA

TIKMŨŨN YŨY AX TINÃ XOHI XI XAHĨNÃG
SONS E PEDAÇOS DA LÍNGUA MAXAKALÍ: DESCRIÇÃO DA FONOLOGIA E
MORFOLOGIA DE UMA LÍNGUA MACRO-JÊ

BELO HORIZONTE

2020

MÁRIO ANDRÉ COELHO DA SILVA

TIKMÛÛN YÏY AX TINÃ XOHI XI XAHÏNÃG

SONS E PEDAÇOS DA LÍNGUA MAXAKALÍ: DESCRIÇÃO DA FONOLOGIA E
MORFOLOGIA DE UMA LÍNGUA MACRO-JÊ

Tese apresentada ao Programa de Pós
Graduação em Estudos Linguísticos da
Faculdade de Letras da Universidade
Federal de Minas Gerais, como requisito
parcial para obtenção do título de Doutor em
Linguística Teórica e Descritiva.

Área de Concentração: Linguística Teórica e
Descritiva

Linha de Pesquisa: Organização Sonora da
Comunicação Humana

Orientador: Prof. Dr. Rui Rothe-Neves

Belo Horizonte

Faculdade de Letras da UFMG

2020

S586t Silva, Mário André Coelho da.
Tikmũn yĩ ax tinã xohi xi xahĩnãg [manuscrito] : sons e
pedaços da língua Maxakalí : descrição da fonologia e
morfologia de uma língua Macro-Jê / Mário André Coelho da
Silva. – 2020.
320 f., enc. : il., grafs (color)
Orientador: Rui Rothe-Neves.
Área de concentração: Linguística Teórica e Descritiva.
Linha de Pesquisa: Organização Sonora da Comunicação Humana.
Tese (doutorado) – Universidade Federal de Minas
Gerais, Faculdade de Letras.
Bibliografia: f. 298-315.
Anexos: f. 316-320.

1. Língua maxakalí – Fonologia – Teses. 2. Índios da
América do Sul – Línguas – Teses. 3. Nasalidade (Fonética) –
Teses. 4. Língua maxakalí – Morfologia – Teses. I. Rothe-
Neves, Rui, 1970-. II. Universidade Federal de Minas Gerais.
Faculdade de Letras. III. Título.

CDD: 414



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGÜÍSTICOS



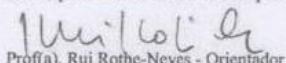
FOLHA DE APROVAÇÃO

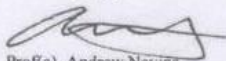
**Tikmũũn yĩy ax tinã xohi xi xahĩnãg - Sons e pedaços da língua
Maxakalí: Descrição da fonologia e morfologia de uma língua
Macro-Jê**

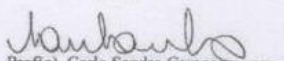
MÁRIO ANDRÉ COELHO DA SILVA

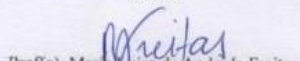
Tese submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em ESTUDOS LINGÜÍSTICOS, como requisito para obtenção do grau de Doutor em ESTUDOS LINGÜÍSTICOS, área de concentração LINGÜÍSTICA TEÓRICA E DESCRITIVA, linha de pesquisa Organização Sonora da Comunicação Humana.

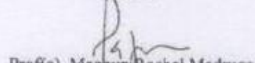
Aprovada em 29 de janeiro de 2020, pela banca constituída pelos membros:


Prof(a). Rui Rothe-Neves - Orientador
UFMG

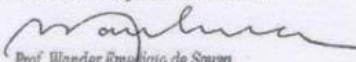

Prof(a). Andrew Nevins
UFRJ


Prof(a). Carlo Sandro Campos
UFMG


Prof(a). Maria Luísa de Andrade Freitas
UFPE


Prof(a). Magnum Rochel Madruga
UFMG

Belo Horizonte, 29 de janeiro de 2020.


Prof. Wander Emílio de Souza
Coord. Programa de Pós-Graduação
em Estudos Linguísticos
FALE/UFMG

*“Ninguém sabe tudo; ninguém ignora tudo.
Todos sabemos algo; todos ignoramos algo.”*

(Paulo Freire)

YÃ HÃM MAI TÃMNÃG - AGRADECIMENTOS

Mãxap ax hã, ũgyĩy mai hõm Apne Yĩxux xop xi Pananiy xop pu. Pinheiro xi Mirlone te ã hã yõna ha takmũã te hãm ägtux xohi ãpak xi nõ kax ãmix tu yĩy yãñã ãxop yĩy ax tu ãyuhuk yĩy ax ha. Ũgxix yãy pet tu, ũgyĩy mai hõm kama Apne Yĩxux yõg Isael xi Sueli xi Jupira xi Zezão pu xi Pananiy yõg Bruno xi Reginaldo pu. Ũgyĩy mai hõm Apne Yĩxux xop xi Pananiy xop pu yĩ ta ãxop tex yũmũgãhã ãxop yĩy ax hã. A pip hok yĩ yũmũg ũmai ptup a yũmũghãm ax tappetxuxkĩy.

[Primeiramente, quero agradecer aos Maxakalí da Aldeia Verde e do Pradinho. Pinheiro e Mirlone me ajudaram a transcrever os áudios e a traduzi-los do Maxakalí para o português. Também agradeço a Isael, Sueli, Jupira e Zezão da Aldeia Verde e Bruno e Reginaldo do Pradinho por terem me recebido muito bem em suas casas. Agradeço ao povo da Aldeia Verde e do Pradinho porque vocês me ensinaram sua língua. O trabalho que está neste volume não existiria sem a ajuda de vocês.]

Também não tenho palavras para agradecer a Amanda, minha companheira de vida, que me acompanha desde antes da trajetória do doutorado. Ela esteve ao meu lado nos momentos bons e ruins; na empolgação da pesquisa e dos achados, mas também nas crises de ansiedade. Ela me escutou por horas falar sobre os Maxakalí, sobre a língua, sobre linguística, sobre as viagens... ela se acha impaciente, mas às vezes conviver comigo requer paciência!

Agradeço meus pais, Mário Celso e Maria Davina, e meu irmão, Abílio, que sempre me apoiaram nas minhas escolhas, acadêmicas ou não. Estavam sempre dispostos a me escutar atentamente falar sobre coisas que, muitas vezes, eram muito distantes de seus cotidianos. Agradeço também aos meus avós paternos, Mário Soares e dona Laura, que, infelizmente, se foram antes de me ver terminar esta fase da minha vida acadêmica, mas que tinham uma curiosidade imensa sobre a vida na aldeia.

Agradeço também os amigos da Linguística, em especial Andrew Nevins, Andrey Nikulin, Juliana dos Santos, Wilmar D'Angelis e Gean Damulakis. Durante os cinco anos do doutorado tivemos oportunidades de trocar muitas ideias sobre os povos e as línguas indígenas, principalmente, sobre as línguas Macro-Jê.

Deixo aqui, ainda, meus agradecimentos aos colegas e amigos do Núcleo Takinahakỹ de Formação Superior Indígena, da Universidade Federal de Goiás, e a todos

meus alunos, sobretudo os Akwẽ-Xerente. Este último ano foi de aprendizado de coisas novas, de maior sensibilidade e de renovação de forças pela causa indígena.

Minha gratidão aos meus amigos de fora da academia, dos quais não citarei nomes para não incorrer no erro de esquecer de alguém. Certamente os momentos passados juntos com todos vocês me ajudou a seguir este caminho com mais serenidade.

Agradeço também aos colegas estudiosos do povo e cultura Maxakalí, os quais muitos eu conheci durante o doutorado. Com alguns tive maior contato, com outros menos, mas as ideias trocadas durante as estadias nas aldeias me fizeram observar a realidade dos Maxakalí com outros olhos e, com certeza, tiveram impacto no resultado final deste trabalho.

Não poderia esquecer de reconhecer a boa vontade do meu orientador, o professor Rui Rothe-Neves, que aceitou me orientar neste trabalho e que teve de lidar com minha desorganização. A você meu muito obrigado, Rui! Ao professor Leo Wetzels, da *Vrije Universiteit Amsterdam*, que aceitou me orientar no regime de cotutela, a qual não pode ser realizada graças ao golpe de 2016, que teve como uma de suas consequências o corte de verbas da educação e prejudicou não somente a minha, mas a formação de vários pesquisadores pelo país afora.

Agradeço aos professores Heliana Melo e Seung-Hwa Lee, com os quais tive oportunidade de aprender muito sobre a história da linguística e sobre fonologia durante as disciplinas no início do doutorado. Reforço ainda meu agradecimento à professora Heliana por ter financiado uma de minhas viagens à Aldeia Verde, como auxiliar da Gláucia Buratto e do Bruno Rocha.

Agradeço à Fundação Nacional do Índio (Funai), principalmente à agente Irislene Rocha da CTL de Teófilo Otoni, pelo apoio logístico durante algumas de minhas visitas, e aos agentes da Secretaria Especial de Saúde Indígena (Sesai), pelo serviço incansável em prol de uma melhor condição de vida para os Maxakalí. Em especial, agradeço aos agentes e aos médicos do Programa Mais Médicos que trabalham na aldeia Pradinho, por terem me atendido com tanta atenção durante minha estadia por lá.

Ainda deixo agradecimentos para a banca avaliadora desta tese pelos comentários, críticas e sugestões para a melhoria do texto e maior consistência. Um trabalho acadêmico

sem defeitos não existe, mas com a apreciação do texto pelos professores das bancas de qualificação e defesa, a quantidade de erros certamente ficou menor.

Por fim, gostaria de deixar expresso aqui meus agradecimentos à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) pela bolsa de estudos concedida durante os três primeiros anos do meu doutorado. Sem este auxílio, esta pesquisa não teria nem metade da qualidade que teve.

Aproveito ainda para manifestar meu repúdio às políticas empreendidas pelas duas últimas gestões do Governo Federal, nominalmente as gestões Temer e Bolsonaro. O desserviço prestado à nação e a péssima gestão da educação e das políticas indigenistas por estas duas gestões somente traz atraso, desigualdade social e o extermínio das populações indígenas.

Yũmũghãm ax ũkumuk ax yã yõg hãmxopmã ax.

[Qualquer erro neste trabalho é de minha responsabilidade.]

RESUMO

A presente tese tem por objetivo fornecer uma descrição de aspectos fonológicos e morfológicos da língua Maxakalí, pertencente ao tronco Macro-Jê e falada na região do vale do rio Mucuri no estado de Minas Gerais. A língua conta com nove fonemas consonantais /p, t, c, k, b, d, ʃ, g, h/ e dez fonemas vocálicos /i, ĩ, i, ĩ, u, ũ, ε, ê, a, ã/. Devido a um maior contato com a língua portuguesa, porém, seu inventário consonantal está passando por um rearranjo, em que as consoantes nasais [m, ɱ, n] estão se fonologizando, assim como a lateral [ɭ]. Sua estrutura silábica máxima é /CCVC/ e a palavra mínima é composta por duas sílabas, que formam um pé iâmbico. Dentre os principais fenômenos fonológicos, destacam-se a palatalização de consoantes velares em coda, após um núcleo silábico preenchido por uma vogal anterior; a lenição das consoantes em coda, as quais variam na sua realização, indo de alofones com oclusão total na cavidade oral até alofones vocálicos; o abaixamento de vogais causado pela consoante na coda e os *glides* de transição, que surgem pela coarticulação de algumas vogais e dos alofones vocálicos das consoantes. Há ainda alguns fenômenos presentes na língua concernentes à nasalidade. O Maxakalí conta com três tipos de espraçamento do traço [nasal]. Dois deles surgem a partir de uma vogal nasal acentuada: há um espraçamento para a coda silábica e outro em direção à margem esquerda do morfema, sendo bloqueado somente por segmentos surdos. Um terceiro tipo surge na mesma margem esquerda e é responsável pela pré-nasalização de segmentos orais vozeados em início de palavra e pela quase ausência de raízes iniciadas por vogal oral fonética. O sufixo diminutivo provoca um espraçamento similar ao do originado na vogal tônica, porém ele para somente ao encontrar um *onset* na base. Na morfologia nominal, temos uma distinção de origem semântica de extrema importância na língua, a saber: a divisão entre nomes inalienáveis e alienáveis. A primeira destas classes conta com um argumento interno que indica o possuidor do referente da raiz e que deve ser expresso obrigatoriamente por um índice de pessoa ou por um sintagma nominal, enquanto a segunda classe não tem esta marcação obrigatória. Isto faz com que raízes nominais alienáveis monossilábicas se alonguem em determinados contextos para a boa formação do pé fonológico. Os verbos, por sua vez, contam com um alinhamento ergativo no modo *realis* e ergativo cindido no modo *irrealis*. Esta cisão pode ser encontrada nos verbos intransitivos e causa, assim como nos nomes, um alongamento da raiz em intransitivos ativos, os quais não selecionam um argumento interno e consequentemente se alongam

para a boa formação do pé. Vê-se, portanto, que o Maxakalí conta com uma forte interação entre os componentes fonológicos, morfológicos, sintáticos e semânticos e que uma descrição do sistema linguístico deve levar em consideração todos estes fatores em conjunto.

Palavras-chave: fonologia; línguas indígenas; Macro-Jê; Maxakalí; morfologia

ABSTRACT

This doctorate thesis aims at providing a description of phonological and morphological aspects of the Maxakalí language. It belongs to the Macro-Jê stock, spoken in the region of Vale do Rio Mucuri (Mucuri River Valley), in the state of Minas Gerais, Brazil. The language has nine consonant phonemes, /p, t, c, k, b, d, ʃ, g, h/, and ten vowel phonemes /i, ĩ, i, ã, u, ũ, ε, ê, a, ã/. Due to increased contact with Brazilian Portuguese, its consonant inventory is undergoing a process of rearrangement, meaning that nasal consonants [m, ɱ, ɲ] and lateral [ɭ] are becoming phonologically distinctive. Its maximum syllabic structure is /CCVC/ and its minimum word is composed by two syllables, which in turn form the iambic foot. Among its main phonological phenomena, it is possible to highlight: the palatalization of velar consonants in coda, after a syllabic nucleus filled by an front vowel; the lenition of coda consonants, which vary in their realization, from allophones with total occlusion of the oral cavity, to vowel allophones; the vowel lowering caused by the consonant in coda and the transition glides, the result of coarticulating some vowels and consonants' vowel allophones. There are some phenomena in the language regarding its nasality as well. Maxakalí relies on three types of spreading of the nasal feature. Two of them come from a stressed nasal vowel: there is one instance of spreading into the syllabic coda and another one towards the left margin of the morpheme, which is only blocked by voiceless segments. A third type takes place in the same left margin and is responsible for pre-nasalization of voiced oral segments in the beginning of words and for the near absence of stems that begin with a phonetic oral vowel. The suffix for diminutives causes a similar spreading to the one originated in the stressed vowel; however, it is only halted by an onset at the stem. In nominal morphology, there is a semantic distinction of crucial importance in the language, that is: the division between inalienable and alienable. The first of those classes has an internal argument, which indicates the owner of the stem's referent, which must be obligatory expressed by a person index or by a noun phrase, while the second class does not carry that mandatory marking. That makes monosyllabic alienable noun stems stretch in given contexts, in order to achieve the well-formedness of the phonological foot. Verbs, on the other hand, rely on an ergative alignment in the *realis* mood and on an ergative split in the *irrealis* mood. That split can be found, as with nouns, in intransitive verbs, and it causes an elongation of the stem in active intransitive verbs, as they do not select an internal argument and, consequently, stretch for the well-formation of the foot. It is possible to note, therefore,

that Maxakalí has a strong interaction between the phonological, morphological, syntactic and semantic components, and that a description of its linguistic system must consider all these factors.

Keywords: Indigenous Languages; Macro-Jê; Maxakalí; Morphology; Phonology.

LISTA DE FIGURAS E GRÁFICOS

FIGURA 1.1 – Municípios em que se localizam as terras Maxakalí	26
GRÁFICO 1.1 – Histórico demográfico do povo Maxakalí (1921-2013)	30
FIGURA 2.1 – Espectrograma e transcrição de [ʔʰhi ^h 't̪ɪβ̞] enfático.....	53
FIGURA 2.2 – Espectrograma e transcrição de [hi' t̪ɪβ̞m̃nãũ].....	69
FIGURA 2.3 – Espectrograma, <i>pitch</i> e transcrição de [ʰga' ɦaβ]	70
FIGURA 2.4 – Espectrograma e transcrição de [ĩkĩ' ʔĩɔ̃]	89
FIGURA 2.5 – Forma de onda de [ĩkĩ' ʔĩɔ̃].....	89
FIGURA 2.6 – Formas de onda de palavras do Gimi	90
FIGURA 2.7 – Espectrograma e transcrição de [m̃ ^h t̪a m̃ ^h ɦɔ̃ʔ].....	93
FIGURA 2.8 – Espectrograma e transcrição de [t̪ɛʔ m̃ ^h ɦɔ̃ʔ m̃ ^h t̪aʔ].....	94
FIGURA 2.9 – Espectrograma e transcrição de [ʔĩ' d̪ãũŋ̃ɲãŋ].....	121
FIGURA 2.10 – Espectrograma, <i>pitch</i> e transcrição de [ʔɔ̃ũ ^h hi ^h ' t̪ɪβ̞m̃nãũ].....	121
FIGURA 3.1 – Medição de nasalidade de [t̪ɛã' ɔ̃β̞].....	143
FIGURA 3.2 – Medição de nasalidade de [nã' ɦãɔ̃].....	143
FIGURA 3.3 – Medição de nasalidade de [ʰd̪a' ɪ].....	149
FIGURA 3.4 – Medição de nasalidade de [ʰga' ɦaβ].....	149

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1.1 – Reservas / Aldeias Maxakalí	26
QUADRO 1.2 – Histórico demográfico do povo Maxakalí a partir de 1921.....	29
QUADRO 1.3 – Classificação das famílias do tronco Macro-Jê	37
QUADRO 1.4 – Classificação das línguas da família Maxakalí.....	42
QUADRO 1.5 – Viagens a campo para coleta de dados	47
QUADRO 2.1 – Inventário consonantal de acordo com Popovich e Popovich (1960b)	52
QUADRO 2.2 – Inventário vocálico de acordo com Popovich e Popovich (1960b).....	52
QUADRO 2.3 – Inventário consonantal de acordo com Gudschinsky, Popovich e Popovich (1970)	54
QUADRO 2.4 – Inventário vocálico de acordo com Gudschinsky, Popovich e Popovich (1970)	56
QUADRO 2.5 – Inventário consonantal de acordo com Rodrigues (1981).....	57
QUADRO 2.6 – Inventário consonantal do Maxakalí	61
QUADRO 2.7 – Alofones das consoantes em coda oral.....	80
QUADRO 2.8 – Alofones das consoantes em coda nasal.....	81
QUADRO 2.9 – Inventário vocálico do Maxakalí	95
QUADRO 2.10 – Abaixamento de vogais no Maxakalí	102
QUADRO 2.11 – Transição consonantal de acordo com Gudschinsky, Popovich e Popovich (1970)	106
QUADRO 2.12 – <i>Glides</i> de transição	109
QUADRO 3.1 – Distribuição dos alofones de consoantes sonoras em <i>onset</i>	153
QUADRO 3.2 – Adaptações de consoantes sonoras orais do português no Maxakalí	160
QUADRO 4.1 – Índices de pessoa no Maxakalí	169

QUADRO 4.2 – Paradigma de nomes inalienáveis com a consoante temática	172
QUADRO 4.3 – Alguns pronomes dêíticos do Maxakalí	177
QUADRO 4.4 – Pronomes pessoais disjuntivos	179
QUADRO 4.5 – Paradigma da posposição genitiva e do pronome possessivo disjuntivo	181
QUADRO 4.6 – Derivação de formas longas em nomes com <i>onset</i> complexo	201
QUADRO 4.7 – Paradigma dos pronomes oblíquos no Maxakalí	215
QUADRO 4.8 – Morfossintaxe da codificação do argumento interno de 1 ^a , 2 ^a ou 3 ^a pessoa	240
QUADRO 4.9 – Paradigma de verbos intransitivos com a consoante temática no modo <i>realis</i>	245
QUADRO 4.10 – Distinção formal de modo em Maxakalí	258
QUADRO 4.11 – Verbos posicionais e de movimento no Maxakalí	275
QUADRO 4.12 – Exceções no modo <i>irrealis</i>	291
QUADRO A.1 – Ortografia de algumas palavras do Maxakalí	317
QUADRO A.2 – Ortografia da ressilabificação e epêntese	318
QUADRO A.3 – Ortografia de afixos e clíticos	319
QUADRO A.4 – Ortografia de empréstimos com <i>onset</i> sonoro oral e núcleo nasal	319

GLOSA E ABREVIATURAS

1	primeira pessoa	EXCL	exclusivo
2	segunda pessoa	EXORT	exortativo
3	terceira pessoa	FC	forma curta
ABS	absolutivo	FIN	conjunção de finalidade
ACC	acusativo	FL	forma longa
ADE	adessivo	FREQ	frequentativo
ALL	alativo	FUT	futuro
ALL.IMP	imperativo alativo	G	<i>glide</i>
ANIM	animado	GEN	genitivo
APUD	apudessivo	H	consoante glotal
ASSOC	associativo	IAM	iamitivo
ATTR	verbo atributivo	IMP	imperativo
C	consoante	INAN	inanimado
CAUS	causativo	INCH	incoativo
CESS	cessativo	INCL	inclusivo
CLIT	clítico	INDF	indefinido
COM	comitativo	INF	infinitivo
COMPL	completivo	INS	instrumental
CON	conativo	INT	interrogativo
CTFG	centrífugo	INTR	intransitivo
CTG	contíguo	IRR	<i>irrealis</i>
CTPT	centrípeto	ITER	iterativo
DAT	dativo	LOC	locativo
DIM	diminutivo	MASS	massivo
DISJ	disjuntivo	MOV	clítico direcional
DS	sujeito diferente	NCTG	não-contíguo
ENF	enfático	NEG	negação
ERG	ergativo	NMZ	nominalizador

NOM	nominativo	REP	evidencial reportativo
OBL	caso oblíquo	REST	restritivo
ONOM	onomatopeia	SG	singular
PERM.IMP	imperativo permansivo	SS	mesmo sujeito
PL	plural	TH	consoante temática
PRIV	privativo	TOP.DIF	diferenciador de situação
PROG	progressivo	tópico	
PROH	proibitivo	TRANS	transitivo
REAL	<i>realis</i>	V	vogal
REFL	reflexivo	VOC	vocativo
REL	marcador relativo	WH	pronome interrogativo

	pausa
-	fronteira de afixo
=	fronteira de clítico
+	fronteira de palavra
?	dúvida quanto ao significado (quando o sinal vier antes da glosa ou tradução, sem espaço)

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1 – INTRODUÇÃO	22
1.1 – Problemas e Objetivos	22
1.2 – História, Cultura e Tipologia	23
1.2.1 – Povo Maxakalí.....	23
1.2.1.1 – História do contato com o povo Maxakalí, de acordo com os não- indígenas.....	24
1.2.1.2 – Formação do povo Maxakalí moderno	27
1.2.1.3 – Demografia do povo Maxakalí	28
1.2.1.4 – Breve descrição de alguns aspectos etnográficos	31
1.2.2 – Relações Genéticas da Língua Maxakalí	33
1.2.2.1 – Tronco Macro-Jê	34
1.2.2.2 – Ramo Maxakalí-Krenák.....	38
1.2.2.3 – Família Maxakalí	39
1.2.3 – Características Tipológicas	45
1.3 – Metodologia	46
1.4 – Organização do trabalho	49
CAPÍTULO 2 – FONOLOGIA	51
2.1 – Descrições anteriores	51
2.1.1 – Popovich e Popovich (1960b)	51
2.1.2 – Gudschinsky, Popovich e Popovich (1970).....	53
2.1.3 – Rodrigues (1981).....	56
2.1.4 – Araújo (2000).....	58
2.1.5 – Wetzels (2009).....	59
2.1.6 – Wetzels (1995) e Silva (2011)	60
2.1.6.1 – Wetzels (1995)	60
2.1.6.2 – Silva (2011)	61
2.2 – Sistema consonantal.....	61
2.2.1 – Consoantes em onset simples	62
2.2.2 – Estrutura silábica e consoantes em onset complexo.....	71
2.2.3 – Consoantes em coda.....	75
2.2.3.1 – Trabalhos anteriores	75
2.2.3.2 – Neutralização de modo	78
2.2.3.3 – Lenição de consoantes em coda	79
2.2.3.4 – Palatalização progressiva de coda velar	82

2.2.3.5 – Alongamento compensatório de vogais.....	85
2.2.4 – Estatuto da oclusiva glotal.....	87
2.2.4.1 – Oclusiva glotal intervocálica para marcar o hiato.....	88
2.2.4.2 – Oclusiva glotal em fronteira de palavra para marcar a frase fonológica.....	91
2.3 – Sistema vocálico	94
2.3.1 – Vogais orais.....	95
2.3.2 – Vogais nasais.....	97
2.3.3 – Abaixamento de vogais.....	100
2.3.4 – Glides de transição.....	105
2.3.5 – Posteriorização de vogal central baixa	109
2.4 – Outras epênteses	112
2.4.1 – Epêntese em onsets complexos de empréstimos do português.....	112
2.4.2 Consoantes Intrusivas	113
2.4.2.1 Consoante intrusiva não-vozeada	113
2.4.2.2 – Consoantes intrusivas nasais	114
2.5 – Pré-aspiração.....	116
2.5.1 – Pré-aspiração no contexto de vogal alta e consoante não-vozeada.....	116
2.5.2 – Pré-aspiração e o desvozeamento de consoantes nasais	118
2.5.3 – Pré-aspiração em empréstimos.....	122
2.6 – Acento lexical.....	123
2.6.1 – Casos de acento não-final	124
2.6.2 – Itens duvidosos quanto ao acento	127
2.6.3 – Acento e empréstimos.....	127
2.7 – Considerações sobre o Capítulo.....	128
CAPÍTULO 3 – NASALIDADE.....	130
3.1 – Nasalidade dos segmentos	132
3.1.1 – Escape nasal como um indicador de oralidade	132
3.1.1.1 – Indícios de uma mudança do tipo de realce	134
3.1.1.1.1 – Realces nasais em outras línguas Macro-Jê.....	135
3.1.1.1.2 – Dados históricos do Maxakalí e a reanálise do realce nasal.....	136
3.1.1.2 – A consoante intrusiva nasal: um outro argumento a favor do escape nasal ou um caso de retenção de blindagem?	138
3.1.2 – Harmonia nasal e espraçamento de nasalidade.....	139
3.1.2.1 – Neutralização de nasalidade na rima.....	145
3.1.2.2 – Sufixo causativo /-a/ e a nasalidade	146

3.1.2.3 – Nasalização na margem esquerda da palavra	148
3.2 – Não-parallelismo da consoante velar /g/	152
3.3 – Fonologização das consoantes vozeadas orais e nasais.....	155
3.3.1 – Consoantes orais sonoras precedendo vogais nasais e o sufixo /-dãk/	155
3.3.1.1 Inserção de consoante dental em coda no diminutivo de verbos	158
3.3.2 – A não-previsibilidade da nasalidade de consoantes sonoras em empréstimos do português.....	159
3.4 – Considerações sobre o capítulo.....	163
CAPÍTULO 4 – MORFOFONOLOGIA.....	165
4.1 – Morfologia nominal	165
4.1.1 – Nomes inalienáveis.....	166
4.1.1.1 – Índices de pessoa	169
4.1.1.2 – Prefixo relacional de contiguidade	170
4.1.1.3 – Consoante temática	171
4.1.1.4 – Raiz	173
4.1.1.5 – Diminutivo	175
4.1.1.6 – Nominalizador enclítico	175
4.1.1.6 – Outros enclíticos.....	176
4.1.1.6.1 - Pluralizador.....	176
4.1.1.6.2 – Restritivo.....	178
4.1.1.6.3 - Privativo	179
4.1.2 – Nomes alienáveis.....	180
4.1.2.1 – Nominalizadores.....	185
4.1.2.2 – Relacionais e consoante temática.....	187
4.1.2.3 – Raiz	187
4.1.2.4 – Diminutivo e enclíticos finais	189
4.1.3 – Alternância entre formas curtas e longas em nomes	191
4.1.3.1 – Trabalhos anteriores sobre a alternância de formas em nomes e verbos	192
4.1.3.2 – Uma outra visão sobre a alternância de formas em nomes	195
4.2 – Morfologia verbal	205
4.2.1 – Alguns comentários sobre o alinhamento morfossintático no Maxakalí ..	206
4.2.1.1 – Verbos nativos	207
4.2.1.1.1 – Verbos intransitivos	208
4.2.1.1.2 – Verbos intransitivos descritivos.....	211
4.2.1.1.3 – Verbos transitivos	215

4.2.1.2 – Verbos emprestados e onomatopaicos	217
4.2.2 – Partículas	222
4.2.2.2 – Partículas de construções imperativas.....	223
4.2.2.1 – Voz reflexiva e recíproca.....	225
4.2.3 – Clíticos direcionais	226
4.2.4 – Índices de pessoa.....	230
4.2.4.1 – Estatuto morfológico dos índices de pessoa.....	235
4.2.5 – Prefixo relacional de contiguidade	242
4.2.6 – Consoante temática	244
4.2.7 – Raiz.....	249
4.2.7.1 – Compostos	250
4.2.7.2 – Supleção de raiz como indicador de número	251
4.2.8 – Modo.....	255
4.2.9 – Voz causativa.....	259
4.2.10 – Diminutivo.....	262
4.2.11 – Enclíticos de tempo, aspecto e modo	263
4.2.11.1 – Futuro	263
4.2.11.2 – Negação.....	265
4.2.11.3 – Privativo	269
4.2.11.4 – Contagem de eventos.....	270
4.2.11.5 – Aspecto completivo.....	273
4.2.11.6 – Aspecto progressivo.....	274
4.2.11.7 – Aspecto cessativo.....	275
4.2.11.8 – Aspectos incoativo e inceptivo.....	276
4.2.11.9 – Aspecto conativo.....	277
4.2.11.10 – Aspecto frequentativo	277
4.2.11.11 – Aspecto iterativo	278
4.2.11.12 – Aspecto iamitivo	279
4.2.11.13 – Um outro marcador de modo <i>irrealis</i> ?.....	280
4.3 – Alternância entre formas longas e curtas em verbos.....	283
4.3.1 – Alternância em verbos no modo <i>realis</i>	284
4.3.2 – Alternância em verbos no modo <i>irrealis</i>	287
4.4 – Considerações sobre o capítulo.....	292
CAPÍTULO 5 – CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	294
REFERÊNCIAS	298

APÊNDICE	316

CAPÍTULO 1 – INTRODUÇÃO

No primeiro capítulo desta tese, apresentaremos as motivações e objetivos deste trabalho, isto é, uma síntese dos problemas levantados e que serão analisados nos capítulos seguintes. Também traremos uma breve contextualização histórica e tipológica da língua Maxakalí¹ (*Tikmũũn yĩy ax* ou *Mãxakani yĩy ax*, em Maxakalí):² suas relações genéticas com outras línguas ameríndias, sua situação atual e um resumo de algumas de suas principais características fonológicas, morfológicas e sintáticas. Este capítulo ainda tratará da metodologia de coleta de dados, assim como as fundamentações teóricas básicas que sustentam nosso trabalho.

1.1 – Problemas e Objetivos

O Maxakalí, assim como a maior parte das línguas indígenas, carece de um número substancial de trabalhos linguísticos, ainda que nos últimos trinta anos essa situação esteja mudando, com um número cada vez maior de artigos³, dissertações e teses sobre o idioma. Concordamos com a afirmação de Rodrigues (2003) que diz que “A maioria das línguas indígenas está ameaçada de desaparecimento [...]. A pesquisa das línguas indígenas tem um caráter de urgência urgentíssima, muito mais sério que o da pesquisa das espécies zoológicas e botânicas [...]”. Sendo esse o caso do Maxakalí, portanto, faz-se necessário um maior número de trabalhos descritivos da língua e esta tese pretende preencher essa lacuna, ainda que parcialmente.

Mais especificamente, muitos pontos sobre a fonologia e morfologia do Maxakalí ainda não foram descritos ou não são consenso entre os pesquisadores da língua. A alternância entre consoantes velares e palatais na coda final de alguns verbos, o primeiro conjunto ocorrendo no modo *realis* (usado principalmente como modo indicativo) e o segundo no modo *irrealis* (abarcando os modos subjuntivo e imperativo), não foi descrita

¹ Em toda a tese, grafaremos tanto o nome da etnia quanto da língua como <Maxakalí>, iniciada por caixa alta e com acento agudo na última sílaba, seguindo a *Convenção para a Grafia dos Nomes Tribais* criada pela Associação Brasileira de Antropologia em 1953 e publicada em 1954. Consta nessa mesma convenção que nomes de povos indígenas deve estar sempre no singular e sem flexão de gênero. Logo, quando houver menção a pessoas dessa etnia, utilizaremos a expressão <os Maxakalí> e não <os Maxakalis>. Prática semelhante será feita em relação aos nomes de outras etnias e línguas indígenas brasileiras.

² Sobre a ortografia do Maxakalí, ver o Apêndice.

³ É fácil notar que essa situação está mudando ao perceber que até fins da década de 1980, apenas uma dissertação de mestrado sobre a língua Maxakalí havia sido produzida (POPOVICH, 1985), enquanto de 1992 até os dias de hoje, sabemos da existência de pelo menos uma monografia de conclusão de curso (SILVA, 2011), cinco dissertações de mestrado (DEUSCREIDE PEREIRA, 1992; ARAÚJO, 2000; TEIXEIRA, 2011; SÍLVIA PEREIRA, 2012 e SILVA, 2015), uma tese de doutorado concluída (CAMPOS, 2009a) e duas em andamento (a presente tese e a de Sílvia Pereira, na UFRJ).

em nenhum dos trabalhos aos quais tivemos acesso e será tratada com mais detalhes no Capítulo 4. Em (1) apresentamos um exemplo de tal alternância:

(1) /kupi-k/	/kupi-c/
voar.PL-REAL	voar.PL-IRR

Outro exemplo se refere à nasalidade, a qual será tratada no Capítulo 3: alguns autores dizem que o Maxakalí possui consoantes e vogais nasais (GUDSCHINSKY, POPOVICH e POPOVICH, 1970), outra análise diz que a língua tem consoantes nasais, mas não vogais nasais (ARAÚJO, 2000) e há ainda análises que dizem o oposto, isto é, que não existe no Maxakalí consoantes nasais fonológicas, mas há a presença de vogais nasais (WETZELS, 2009; WETZELS e NEVINS, 2018). Portanto, outros objetivos desta tese são, por um lado, não só descrever, mas também discutir fenômenos ausentes em outros trabalhos e, por outro, discutir também pontos discordantes já apresentados em pesquisas anteriores.

1.2 – História, Cultura e Tipologia

Nesta seção, apresentaremos um breve histórico e aspectos culturais do povo e da língua Maxakalí. Trataremos da extensão territorial do povo à época do primeiro contato com os não-indígenas e das relações genéticas com outras línguas. Mostraremos também um curto panorama das principais características tipológicas do Maxakalí, assim como dos trabalhos sobre a língua, cujos temas não são diretamente relacionados com os da presente pesquisa.

1.2.1 – Povo Maxakalí

O povo conhecido pelos não-indígenas por Maxakalí se autodenomina *Tikmũũn*, significando literalmente ‘homens e mulheres’: o primeiro morfema *tik* se refere a ‘homem’; *mũ* é um pluralizador⁴; por fim, *ũn* é a raiz para ‘mulher’. Eles também usam na língua, principalmente em contextos de relações externas do grupo, a forma emprestada do português *Mãxakani*. A língua por sua vez é denominada por *Tikmũũn yĩy ax* ‘língua dos Maxakalí’, *Mãxakani yĩy ax*, com mesmo significado, *ũgmũgyĩy ax* ‘nossa língua’, *ũyĩy ax* ‘língua’ e construções afins.

⁴ Este pluralizador tem forma subjacente /=bĩk/ e conta com um cognato no Proto-Jê. A queda da coda, não mais produtiva na língua, ocorre em “alguns morfemas monossilábicos com uma vogal alta preenchendo o núcleo [...] que perdem sua consoante em coda em alguns compostos em Maxakalí [...]” (NIKULIN e SILVA, no prelo)

1.2.1.1 – História do contato com o povo Maxakalí, de acordo com os não-indígenas

O primeiro relato que se tem do povo Maxakalí data, segundo Nimuendaju (1958, p. 54-55), do dia 26 de maio de 1734. João da Silva Guimarães, chefe de bandeira, em uma carta relata que entrou em combate contra os Maxakalí em sua tentativa de conquista das cabeceiras do rio São Mateus. Neste combate, seu grupo sofreu várias perdas, dentre elas a morte do irmão de Guimarães, fazendo com que o bandeirante e seu grupo desistisse da empreitada e se deslocasse para o rio Doce, mais ao sul.

Ainda de acordo com Nimuendaju, em 1786 um grupo de aproximadamente 120 Maxakalí segue para a foz do rio Mucuri devido à expansão territorial dos Botocudos.⁵ Em 1798, relata Nimuendaju, este grupo foi encontrado junto aos Makoní, próximo à Caravelas, na costa do atual sul da Bahia. Três anos depois, em 1801, voltam para o interior, rumo a Tocoíós, no baixo Jequitinhonha. Permaneceram lá até 1804, quando sobem o rio, transferidos pelo comandante Julião Fernandes Leão. Porém por lá não ficam muito tempo e descem novamente o rio, devido ao abuso sofrido pelas mulheres Maxakalí nas mãos dos colonizadores. (NIMUENDAJU, 1958, p. 55)

Em 1816, um outro grupo de Maxakalí se localiza no baixo Jucurucu e é contactado pelo Príncipe Maximilian zu Wied-Neuwied. Em 1817, Auguste de Saint-Hilaire se encontra com o primeiro grupo na Ilha do Pão, no atual município de Jequitinhonha, e no ano seguinte, em 1818, Emanuel Pohl os encontra mais ao leste, no ribeirão Prates. Um terceiro grupo, aldeado na atual Vila Guarani, permaneceu nesta região até o fim do século XIX, quando vai em direção ao ribeirão Rubim devido à pressão territorial exercida pelos não-indígenas. Este mesmo grupo, em 1917, começa a perder território também ali, devido às ações de um tenente de nome Henrique, buscando, em 1921, abrigo na cabeceira do rio Itanhém (também conhecido como rio Alcobaça), onde hoje se localizam as terras de Água Boa e Pradinho (NIMUENDAJU, 1958, p. 55-56). Como visto acima e afirmado por Darcy Ribeiro, é na virada do século XIX para XX que o contato dos Maxakalí com a sociedade colonizadora não-indígena começa a se intensificar (FRANCES POPOVICH, 1980).

⁵ Denominação histórica dada pelos portugueses a diversos grupos falantes de línguas de um ramo do tronco Macro-Jê, dos quais os descendentes modernos são o povo Krenák. Os Maxakalí ainda têm viva na memória a inimizade com os Botocudos, os quais são chamados por esses de *ĩmkox Xexka* ‘Orelhas Grandes’, nome dado devido ao uso de grandes botoques auriculares por parte destes.

Já próximo ao rio Itanhém, em 1919, um tal de Joaquim Fagundes, com o argumento de ter “amansado” os Maxakalí, inicia a venda das terras ocupadas por estes amigos, exploradores e fazendeiros, obviamente sem o conhecimento dos indígenas. Eles não sabiam que estavam ali, perdendo seu direito à terra. Após receber o dinheiro Fagundes foge da região sem dar mais notícias. (NIMUENDAJU, 1958, p. 56-57). Em 1939, Curt Nimuendaju visita os Maxakalí.

No início da década, já em 1940, foi criado um posto do Serviço de Proteção ao Índio (SPI, órgão governamental precursor à Fundação Nacional do Índio – Funai)⁶ na terra da Água Boa (FRANCES POPOVICH, 1988). Junto com o posto são demarcadas as terras de Água Boa e Pradinho, retomando, assim parte do território tradicional. No entanto, essa retomada contou com diversas perdas: não foi demarcada a região da Aldeia Grande nem uma faixa entre as duas terras, causando uma descontinuidade entre elas (CAMPOS, 2009, p. 8-9). Em 1959, chegam à região o casal de missionários do *Summer Institute of Linguistics*, Andrew Harold e Frances Blok Popovich. Algumas décadas depois, no ano de 1981 é criado um posto da Funai no Pradinho (FRANCES POPOVICH, 1988) e 60 anos depois da demarcação das terras, em 2000, os Maxakalí conquistam a faixa de terra que as separavam, mas não a região da Aldeia Grande (CAMPOS, 2009, p. 9).

Em 2005, dá-se início a um conflito interno entre os Maxakalí em que a Funai teve de intervir. O resultado disso foi que cerca de 200 Maxakalí tiveram de se instalar provisoriamente em um acampamento no município de Campanário e um outro grupo, menor, junto aos Krenák, em Resplendor. Em 2007, os indígenas que estavam em Campanário se mudaram para uma nova terra adquirida pela Funai: a Aldeia Verde, no município de Ladainha. O segundo grupo conseguiu também via Funai um novo território, chamado Cachoeirinha, no distrito de Topázio, município de Teófilo Otoni (CAMPOS, 2009, p. 10). O Quadro abaixo indica as terras ocupadas hoje pelos Maxakalí:

⁶ O SPI foi organizado pelo Marechal Rondon, o qual foi o primeiro diretor do órgão, em 1910 e foi extinto e substituído pela Funai em 1967, durante a ditadura militar.

estado de Minas Gerais. O município de Bertópolis, marcado em amarelo é fronteiro ao estado da Bahia. O rio mais ao norte é o Jequitinhonha, o mais ao sul é o Mucuri. O rio menor (em extensão e volume d'água) entre os dois, com nascente em Santa Helena de Minas, é o rio Itanhém.

1.2.1.2 – Formação do povo Maxakalí moderno

Os Maxakalí, segundo Campelo (2018, p. 43), tem sua cosmopolítica definida por subgrupos de povos-espíritos, os quais se enquadram em dez grupos maiores. Estes grupos são *Ãmãxux xop* (Anta-Espírito), *Kômãg xop* (Comadre-Espírito), *Kotkuphi* (Espírito da Linha da Mandioca), *Yãmĩy* (Povo-Espírito Masculino), *Mõgmõka xop* (Gavião-Espírito), *Putuxop* (Papagaio-Espírito), *Xũnĩm xop* (Morcego-Espírito), *Tatakox* (Lagarta-Espírito), *Yãmĩy hex* (Povo-Espírito Feminino) e *Pop xop* (Macaco-Espírito).⁷ Cada Maxakalí conta com a posse de um ou mais desses grupos, os quais podem ser passados adiante em ocasiões especiais como nascimentos, casamentos, etc. pelas figuras masculinas (pais, sogros, etc.) para pessoas que contam com seu apreço.

Cada um desses grupos de povos-espíritos foi trazido por antepassados de diferentes lugares de Minas Gerais e Bahia. Campelo (2018, p. 43) diz:

“interlocutores tikmũ,ũn têm reforçado que seus antepassados vieram de diferentes lugares da Bahia e de Minas Gerais seus trazendo em seus corpos uma relação com estes povos-espíritos-cantores. De Vereda (BA), segundo relataram, vieram Herculano, Justino e Manuel Resende, que trouxeram em seus corpos relação com o povo-espírito-papagaio (Putuxop) e com o povo-espírito-lagarta (Tatakox). De Porto Seguro-Itamaraju (BA) vieram Capitãozinho e Mikael, que trouxeram em seus corpos relação com o povo-espírito-gavião (Mõgmõka). De Jeribá (MG) veio Antoninho, que trouxe em seu corpo relação com o povo-espírito-morcego (Xunim). De Araçuaí (MG) veio Cascorado, que trouxe também relação com o povo-espírito-morcego e do povo-espírito-lagarta.” (CAMPELO, 2018, p. 43)

É interessante notar que estes antepassados são todos de territórios localizados nos vales dos rios Mucuri e Jequitinhonha. A memória ancestral dos Maxakalí modernos confirma, portanto, os relatos históricos feitos por não-indígenas acerca da distribuição, à época do contato, dos vários grupos pertencentes a esse povo indígena. Outros povos

⁷ Popovich (1976a) lista os três últimos grupos com os nomes de *Mĩxux* (Folha-Espírito), *Yãmĩy kup xahi* (Espírito do Pedaco do Mastro do *Yãmĩy*) e *Yãmĩy Yĩkox* (Espírito da Boca do *Yãmĩy*), respectivamente. Já Álvares (1992, p. 102-105) lista treze grupos rituais: *Yãmĩy* (subdivididos em masculinos *pit* e femininos *hex*), *Yãmĩy kumuk* (*Yãmĩy* mau; subdivididos em pretos *mũnĩy* e brancos *ponok*), os já mencionados *Kotkuphi*, *Mõgmõka xop*, *Putuxop*, *Kômãg xop*, *Xũnĩm xop*, *Pop xop* (grupo o qual a autora diz, assim como Popovich, também serem chamados de *Yãmĩy Yĩkox*) e *Ãmãxux xop* (do qual, segundo ela, *Mĩxux xop* seria sinônimo), além de *Mũnĩy xop* (Veado-Espírito), *Mũnĩy teka xop* (Veado-Pequeno-Espírito), *Kimax xop* (grupo de espírito do qual ela não fornece uma tradução para o nome) e *Xapak xexkanix xop* (Caboclo d'Água).

aparentados, como por exemplo os Pataxó e os Malalí, cobriam juntamente com os Maxakalí, um território mais amplo que ia desde o rio de Contas, no estado da Bahia, até o vale do rio Doce, já que os Malalí se localizavam originalmente e foram aldeados em Peçanha (PARAÍSO, 1994). Em se comprovando o parentesco dos Koropó com os povos Maxakalí, haveria também, portanto, a presença de povos da família Maxakalí entre as regiões da Zona da Mata mineira e norte fluminense, bem como na Serra da Mantiqueira (MARTIUS, 1867a, p. 308; ver também a Seção 1.2.2.3 do presente trabalho).

1.2.1.3 – Demografia do povo Maxakalí

Os Maxakalí se localizam em sua maioria nas terras de Água Boa e Pradinho, em menor número na Aldeia Verde e em número reduzido na Cachoeirinha. Praticamente todos os indivíduos são falantes da língua Maxakalí, com alguns poucos filhos de indígenas com não-indígenas tendo sido criados fora da aldeia e, portanto, sem contato direto com a língua.⁸ A seguir, apresentamos brevemente um histórico do contingente populacional do povo Maxakalí. Veja-se o Quadro 1.2 a seguir:

⁸ Há também dois grupos que se autointitulam Maxakalí, mas que não são reconhecidos como tais pelo grupo que estamos descrevendo aqui. Um desses grupos são os Canoeiros Maxakalí, localizados no município de Coronel Murta, próximo ao rio Jequitinhonha, os quais não falam mais a língua tradicional e que atualmente buscam o reconhecimento como povo indígena pela Funai (FONSECA e HERRERO, 2014, p. 400). O outro é um grupo Maxakalí aldeado na Reserva Indígena Krenrehe, a qual se localiza nos municípios de Canabrava do Norte e Luciara, ambos no estado do Mato Grosso e fora do território tradicional, portanto. Eles estão aldeados juntamente com um grupo Krenák e não temos informações sobre a vitalidade e uso do idioma nativo (INSTITUTO SOCIAMBIENTAL, 2016).

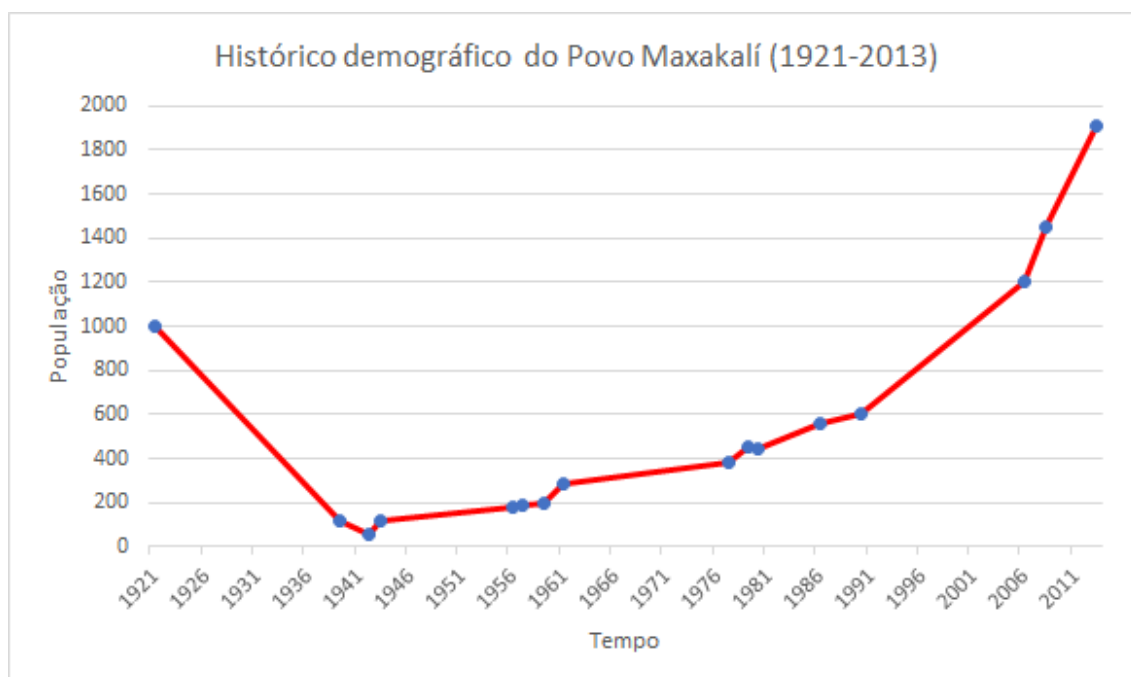
QUADRO 1.2 – Histórico demográfico do povo Maxakalí a partir de 1921

Ano	População	Variação (em %)	Intervalo (em anos)	Fonte
1921	± 1.000	—	—	Frances Popovich (1980)
1939	120 ~ 140	-88% ~ -86%	18	Nimuendaju (1958)
1942	59	-51% ~ -42%	3	Frances Popovich (1980)
1943	118	+100%	1	
1956	180	+53%	13	Álvares (1992)
1957	189	+5%	1	Frances Popovich (1980)
1959	197	+4%	2	Frances Popovich (1988)
1961~1962	288	+46%	2~3	Álvares (1992)
1977	382	+33%	16~15	Frances Popovich (1988)
1979	450	+18%	2	Álvares (1992)
1980	448	-0,4%	1	Frances Popovich (1988)
1986	556	+24%	6	
1990	± 600	+8%	4	Álvares (1992)
2006	± 1.200	+100%	16	Vieira (2006)
2008	1.455	+21%	2	Campos (2009)
2013	1.907	+31%	5	SIASI (2013)

Fonte: ver no quadro.

No Quadro 1.2 acima, podemos ver a evolução da população do povo Maxakalí a partir do ano de 1921 até o ano de 2013. Os primeiros números são, obviamente, estimativas, mas pode-se ter uma ideia das mudanças passadas ao longo do tempo. Note-se também que há dados para todas as décadas, ainda que com intervalos irregulares. O maior destes é de 18 anos, enquanto o menor é de apenas um ano. Optamos por colocar todas as informações encontradas nos trabalhos consultados assim como uma informação mais atualizada, de um órgão do Governo Federal (SIASI, 2013) no intuito de sermos o mais fiéis o possível em relação às variações demográficas. O Gráfico 1.1 abaixo foi construído com base nos dados do Quadro 1.2 e mostra a curva demográfica do povo Maxakalí. Os pontos em azul indicam cada um dos anos dos quais temos informações sobre o contingente populacional dos Maxakalí.

GRÁFICO 1.1 – Histórico demográfico do povo Maxakalí (1921-2013)



Da primeira estimativa, feita para um período em que estava se iniciando um contato mais intenso entre os Maxakalí e os colonizadores não-indígenas, isto é, no início da década de 1920, até meados do século XX, a população diminuiu enormemente em número. Uma população estimada em 1000 indivíduos foi reduzida a apenas 59 em 1942, devido em grande parte a doenças contagiosas e assassinatos por fazendeiros da região. O fato de a população ter dobrado em apenas um ano (1942 e 1943) é estranho, porém Popovich (1980) cita que estes dados foram encontrados em censos do SPI, sendo, portanto, dados oficiais. Além disso, consta o fato que qualquer alteração num número populacional já reduzido pode fazer uma grande diferença proporcionalmente.

Desde então a população só aumentou (com exceção do intervalo de um ano entre 1979 e 1980, em que se manteve praticamente estável, com leve queda), graças à demarcação da terra na década de 1940 (ÁLVARES, 1992, p. 20), chegando no mesmo valor estimado para 1921 apenas em meados da década de 1990. Os últimos dados a que tivemos acesso, datam de 7 anos atrás e assim sendo, é bem provável que os Maxakalí já tenham passado a marca dos 2.000 indivíduos, o dobro do que há um século.

Apesar do aumento populacional acentuado, a mortalidade infantil ainda é alta nas aldeias Maxakalí devido, principalmente, à falta de saneamento básico e à dificuldade ao acesso a uma alimentação saudável. Dado que o território tradicional Maxakalí se localiza em região originalmente coberta pela Mata Atlântica, hoje praticamente inexistente na

região, tendo sido derrubada entre os séculos XIX e XX, não é de se espantar que práticas alimentares culturais como o consumo de frutas silvestres e mel, assim como a alimentação pela carne de caça e peixe, sejam hoje algo raro de se ver. Isso se reflete negativamente não só na saúde da população, dependente cada vez mais de alimentos industrializados, como também no bem-estar e na manutenção de práticas culturais tradicionais.

1.2.1.4 – Breve descrição de alguns aspectos etnográficos

Faremos aqui nesta subseção uma breve descrição de alguns aspectos etnográficos do povo Maxakalí. Longe de querer discutir aspectos culturais mais profundos, iremos apenas relatar alguns pontos que já foram descritos acerca dos costumes desse povo, com vistas a contextualizar o ambiente em que a língua Maxakalí é falada.

Já nas primeiras descrições feitas por Martius em sua visita ao Brasil, na primeira metade do século XIX, os Maxakalí eram tidos como povos nômades que tinham por inimigos os chamados Botocudos, dos quais os Krenák modernos são descendentes. (MARTIUS, 1867a, p. 308-309). Mais de um século depois, em 1939, Nimuendaju encontra com os Maxakalí, já no território que compreende as terras de Água Boa e Pradinho. Ele descreve a cultura Maxakalí como sendo patrilinear e patrilocal, isto é, quando duas pessoas se casam, elas passam a morar junto ou próximo à família do noivo. Ainda sobre o casamento, Nimuendaju cita ter visto alguns casos raros de levirato (tipo de casamento em que o irmão de um morto deve se casar com a viúva) e de sororato (casamento em que um homem pode se casar com a(s) irmã(s) de sua esposa). Afirma não haver clãs ou metades na sociedade Maxakalí. À época de sua ida, de acordo com seu relato, os Maxakalí dormiam em jiraus, o que fazem até hoje, e já utilizavam as roupas típicas dos não-indígenas da sociedade envolvente. Nos rituais, porém, ainda era costume os homens ficarem nus. Por fim, Nimuendaju (1958) diz que os homens de aproximadamente quarenta anos e mais velhos ainda usavam os pequenos tembetás auriculares e labiais feitos de madeira (ambos chamados de *kutnĩnãg* em Maxakalí).

Por sua vez, Frances Popovich (1980) afirma que a residência é patrilocal somente até o casal ter seu primeiro filho, quando então a nova família goza do poder de escolha da moradia, ou seja, a residência passa a ser ambilocal. Em seu trabalho de 1988, Popovich faz uma ressalva de que a residência após o casamento é uxorilocal durante o primeiro ano. Em alguns casos, este prazo se estenderia até o segundo ano de união e que

também há casos raros de virilocalidade (FRANCES POPOVICH, 1988). Ainda de acordo com a autora (FRANCES POPOVICH, 1980), o casamento ideal se dá entre primos cruzados, ou seja, com o(a) primo(a) de ego filho(a) do(a) irmã(o) de sexo oposto dos pais (tio materno ou tia paterna). O fato de os indivíduos herdarem do pai a afiliação em um ou mais dos dez grupos cerimoniais faz com que a autora levante a hipótese de que no passado tenha havido uma separação por clãs, mas que a redução populacional até a metade do século XX teria obrigado a sociedade Maxakalí a se reorganizar.

Por fim, temos algumas informações na etnografia empreendida por Álvares (1992). Esta antropóloga diz que as atividades cotidianas da aldeia são divididas de acordo com o sexo da pessoa: enquanto homens tradicionalmente caçam e pescam e limpam o terreno para a plantação, as mulheres colhem o plantio e ficam mais circunscritas à residência. Elas também pescam, porém nunca distante da aldeia e sempre peixes menores. Ao contrário de Popovich, Álvares afirma que o casamento ideal não se dá pela relação de primos cruzados, mas que há toda uma complexidade para definir quem é o cônjuge ideal de um indivíduo. O casal vive, ainda de acordo com Álvares (1992), com a família da esposa até o nascimento do primeiro filho, quando são então livres para escolher onde viver. Porém ela ressalta que normalmente ocorre de o casal se juntar à família do marido.

A sociedade Maxakalí é, na visão de Álvares (1992), extremamente horizontalizada no tocante a sua estratificação. As relações políticas e de liderança se dão a partir do parentesco e do conhecimento espiritual. A liderança não é impositiva: ela funciona à base do respeito. Se uma dada comunidade Maxakalí toma uma decisão que vai de encontro à opinião de uma liderança do grupo, esta deve aceitar, já que é o desejo da maioria.

O calendário tradicional Maxakalí é dividido em dois grandes ciclos: a estação da seca e a da chuva. Na primeira, é quando tradicionalmente se derruba a mata, queima-a e planta-se. A vida se concentra na aldeia, com a realização de diversos rituais, muitos dos quais ocorrem durante a noite, e em que há a partilha de comida. Por outro lado, na estação da chuva, os grupos se encontram mais dispersos, trabalhando durante o dia nas roças, já que é a época de colheita. É uma época em que há menos rituais e, portanto, caça-se menos, já que estas duas atividades estão intimamente ligadas dentro da cosmovisão Maxakalí.

A terra é, na visão do povo Maxakalí, um plano redondo cujas bordas são cobertas por água, sendo o céu uma doma. Tanto o Sol quanto a Lua fazem o percurso celeste de leste para oeste e ao terminar o trajeto, passam por debaixo da terra, para reiniciar todo o percurso no dia seguinte. Os espíritos dos mortos, chamados de *Yãmĩy xop*, vivem em aldeias no céu e são chamados pelos vivos para a realização de rituais, os quais vão ajudar dentre outras coisas, na caça. As doenças são causadas por um *Yãmĩy* que quer levar a alma de um vivo (*Koxuk*) para sua aldeia. Este contato se dá durante os sonhos, pois o *koxuk* de uma pessoa deixa seu corpo durante o sono. A cura se dá pela convocação através de cantos, por parte dos homens, do povo do *Yãmĩy* que está causando a doença. São, portanto, os *Yãmĩy xop* os causadores de doença e morte e também os responsáveis pela cura (ÁLVARES, 1992).

1.2.2 – Relações Genéticas da Língua Maxakalí

Os primeiros registros da língua Maxakalí dos quais temos conhecimento datam do primeiro quarto do século XIX e estão presentes nos dois volumes do *Beiträge zur Ethnographie und Sprachenkunde Amerika's zumal Brasiliens*, reunidos por Carl von Martius (1867a, 1867b). O segundo volume dessa obra é composto por uma coletânea de listas de palavras de diversas línguas indígenas brasileiras e nela há vocabulários tanto do Maxakalí quanto de línguas já comprovadamente aparentadas como, por exemplo, o Malalí e Pataxó. Nesse trabalho, as línguas da família estão reunidas sob a égide de *Gentis Goyatacás* e tiveram seus dados coletados pelos naturalistas Willhelm von Eschwege, Auguste de Saint-Hilaire, Heinrich Schott, Príncipe Maximilian zu Wied-Neuwied e pelo próprio von Martius.

O segundo registro o qual conhecemos data de mais de um século depois e foi feito por Curt Nimuendaju. De acordo com Araújo (1996), além dos registros etnográficos feito pelo pesquisador em 1939 e já comentados na seção anterior, há também uma lista de palavras que permaneceu inédita até esse artigo. Nele, o autor traduz os termos da lista do alemão para o português e faz uma normalização da notação usada por Nimuendaju, atualizando-a para o Alfabeto Fonético Internacional. Durante uma das viagens de campo realizada para o presente trabalho, mostrei a lista para um dos professores indígenas e, pelo relato dele, a maior parte das palavras ainda é usada, com alguns poucos termos sendo substituídos, como *mãtakup* ([mãta'kĩbm] na notação normalizada de Araújo) ‘mão do pilão’, que não é mais utilizado (o termo atual é *kexxaxkup*) ou então que são

erros de tradução, por exemplo, *nũpe mō* ([nõpẽmõ] na notação de Araújo) que é dado como ‘oeste’, mas significa ‘vá para este lado!’ (este-lado ir.IRR).

O terceiro registro da língua ao qual tivemos acesso data de 1960 e trata-se de uma lista de palavras e frases coletadas pelo casal Popovich, missionários do *Summer Institute of Linguistics* (POPOVICH e POPOVICH, 1960a). Os dois foram os primeiros a escreverem trabalhos de análises sincrônicas sobre o Maxakalí, com diversos manuscritos e artigos produzidos entre as décadas de 1960 e 1980. Por se tratar de um documento relativamente recente, com menos de sessenta anos, o *Formulário dos Vocabulários Padrões* (POPOVICH e POPOVICH, 1960a) apresenta dados de uma língua que se aproxima muito daquela falada hoje.

1.2.2.1 – Tronco Macro-Jê

O Maxakalí é classificado como pertencente à família de mesmo nome, a qual é um ramo do tronco Macro-Jê. Nesta subseção, falaremos sobre a história do tronco e suas ramificações e nas subseções seguintes falaremos mais especificamente da posição da família Maxakalí dentro do tronco, por um lado, e da classificação interna das línguas que compõem a família, por outro.

A primeira classificação do Maxakalí pode ser encontrada já no seu primeiro registro. Martius (1867a, p. 307-313), ao tratar dos povos denominados por ele *Goyanás* ou *Goyatacás*, traz uma lista comparativa de línguas as quais hoje são classificadas como pertencentes à família Maxakalí e ainda lança a possibilidade de esse grupo estar relacionado com os grupos Jê e Kamakã (p. 313). Porém, somente no início do século XX que comparações mais detalhadas vão ser feitas ao relacionar línguas da família Jê com outras famílias linguísticas. Schmidt (1926, *apud* RODRIGUES, 1999) utiliza o termo Jês-Tapuya; e Loukotka (1942, *apud* RODRIGUES, 1999), o termo Tapuya-Jê para denominar o agrupamento hoje conhecido pelo nome Macro-Jê.

Esse grupo linguístico, nas palavras de Rodrigues (1999), é “uma hipótese de trabalho cujos detalhes variaram de acordo com diferentes pesquisadores” (p. 165, tradução nossa)⁹. Guérios (1939) foi o primeiro a relacionar o Boróro com duas línguas Jê Setentrionais, o Merrime (hoje conhecido como Canela) e o Kayapó, não excluindo também a possibilidade da relação dessas três línguas com outras, incluindo línguas do

⁹ No original: “[The Macro-Jê stock] is a working hypothesis whose details have varied according to different scholars.”

tronco Tupí. Loukotka (1942 *apud* RODRIGUES, 1999) dizia serem distintas, mas com alguma relação às famílias Jê, Ofayé, Kaingáng, Coroadó (mais conhecida na literatura atual como família Purí), Maxakalí, Pataxó, Botocudo (apesar de ainda comum, um outro termo cada vez mais utilizado para designar essa família é o Krenák) e Kamakã. Posição similar a deste último autor era a de Nimuendaju, em seu mapa de 1944, publicado em 1980, que mantém esses agrupamentos, porém unindo a ele as línguas Arikapú e Jabutí (que formam a família Jabutí) e a família Kaingáng com a família Jê e separando o Malalí do Maxakalí, além de manter como um grupo separado a família Otuké (que equivale a família Boróro atual), ao contrário do que prega Guérios. O termo Macro-Jê foi criado por Mason (1950), que agrupa as famílias Jê, Kaingáng, Kamakã, Maxakalí, Purí, Pataxó, Malalí, Koropó e Botocudo. Ele justifica a separação do Malalí e do Koropó como ramos separados por ser incerta a posição dessas línguas em relação ao Maxakalí e Purí, respectivamente.

A partir da década de 1960, os números de descrições de línguas Macro-Jê aumentam e, conseqüentemente, os estudos comparativos também. Famílias antes consideradas independentes passam a ser classificadas como relacionadas com maior segurança. Davis (1966) reconstruiu o Proto-Jê, com a inclusão das línguas Jê Meridionais (até então chamadas de família Kaingáng). O mesmo autor, em 1968, traz uma comparação entre as línguas Proto-Jê, utilizando sua própria reconstrução, Karajá e Maxakalí, sem descartar possíveis relações dessas três línguas com o Boróro, com as línguas Tupí e com o Yatê (sendo esse o nome da língua falada pelos Fulniô). No ano seguinte, em 1969, Hamp em resenha sobre esse artigo, ainda traz mais correspondências fonológicas entre o Proto-Jê, o Karajá e o Maxakalí.

A década de 1970 é marcada nos estudos comparativos do Macro-Jê pelo estabelecimento de uma relação da família Jê com o Ofayé (GUDSCHINSKY, 1971) e com o Rikbaktsá (BOSWOOD, 1973) e pela relação definitiva do Pataxó com o Maxakalí. Num levantamento de línguas do nordeste brasileiro, Wilbur Pickering coletou dados daquela língua e, ao comparar com dados desta, pôde perceber correspondências regulares entre fonemas do Pataxó e do Maxakalí (estes dados podem ser encontrados em MEADER, 1978).

Já na década de 1980, temos duas propostas mais amplas de classificação de línguas dentro do tronco Macro-Jê. A primeira delas, de Rodrigues (1986a, e depois em 1999), que considera como parte do Macro-Jê as famílias Jê, Maxakalí, Krenák, Kamakã,

Purí, Karajá, Yatê, Ofayé, Rikbaktsá e Boróro, além da inclusão, de nosso conhecimento até então inédita, da família Karirí e da língua Guató. O autor ainda inclui o Pataxó e o Malalí como membros da família Maxakalí e não como ramos separados dentro do tronco. Uma segunda proposta classificatória é aquela produzida por Greenberg (1987), sendo ela a mais radical de todas. Para esse linguista, o Macro-Jê é composto por quatorze agrupamentos linguísticos, sendo todos aqueles da proposta feita por Rodrigues, com exclusão da família Karirí e com a inclusão do Otí, do Jabutí e do Chiquitano. A proposta de Greenberg, porém, não é aceita por grande parte dos especialistas por causa do método utilizado em sua pesquisa.¹⁰

Kaufman (1990, 1994) faz uma proposta similar à de Greenberg, porém sem incluir o Otí, o Jabutí e o Karirí e ainda colocando a língua Jeikó, considerada por outros autores como um ramo dentro da família Jê, como um ramo a parte dentro do tronco. Seki (2002) é a primeira, até onde sabemos, a formalizar a relação do Krenák com a família Jê, ainda que essa relação fosse aceita pela maior parte dos autores. A proposta de Ribeiro (2006) é muito similar à de Rodrigues (1986a, 1999), constando das mesmas famílias e também da família Jabutí. Porém, Ribeiro afirma que, no caso das línguas Guató, Chiquitano e Yatê, mais pesquisas devem ser feitas, pois as relações estabelecidas até então são escassas.

Nos últimos dez anos, houve uma consolidação na posição do Chiquitano em relação ao Macro-Jê (ADELAAR, 2008; RIBEIRO, 2011; NIKULIN e CARVALHO, 2018), o qual compartilha irregularidades na morfologia com algumas línguas do tronco como o Ofayé, Boróro, Karajá e aquelas das famílias Jê e Karirí. Em um extenso artigo de 2010, Ribeiro e van der Voort provam definitivamente a classificação da família Jabutí como membro do tronco Macro-Jê. Ramirez, Vegini e França (2015), ao tentar classificar algumas línguas do leste brasileiro, chegam à conclusão de que a família Maxakalí juntamente com a Kamakã formam um ramo e num nível mais alto as duas se unem ao Krenák. Eles ainda argumentam que o Purí não é uma família Macro-Jê, mas que sua classificação se dava no tronco tão somente por conta de dados do Koropó, língua a qual, na visão desses autores, pertence à família Maxakalí. Nikulin (2015) propõe que o Maxakalí, o Krenák e as línguas Jê formam uma ramificação dentro do tronco em oposição ao Karajá, Rikbaktsá, Jabutí e possivelmente o Ofayé, numa divisão de línguas

¹⁰ Para uma crítica de Greenberg (1987), recomendamos ao leitor a resenha de Campbell (1988).

orientais e ocidentais. Essa posição é parecida com aquela defendida por Rodrigues (1999) que diz que o Macro-Jê pode ser dividido em três ramos: Oriental (Yatê, Karirí, Kamakã, Maxakalí, Krenák e Purí), Central (Jê e Karajá) e Ocidental (Rikbaktsá, Boróro, Ofayé e Guató). Porém, a proposta de Rodrigues é baseada somente em fatores geográficos enquanto a de Nikulin leva em consideração principalmente correspondências fonológicas e morfológicas. O Quadro 1.3 abaixo apresenta de forma resumida as classificações mais recentes, de acordo com os pesquisadores:

QUADRO 1.3 – Classificação das famílias do tronco Macro-Jê

Famílias \ Autores	Rodrigues (1986a, 1999)	Greenberg (1987)	Kaufman (1990, 1994)	Ribeiro (2006)	Nikulin e Carvalho (2018)
Boróro	X	X	X	X	***
Chiquitano		X	X	X**	***
Guató	X	X	X	**	
Jabutí		X		X	X
Jê	X	X	X*	X	X
Kamakã	X	X	X	X	X***
Karajá	X	X	X	X	X
Karirí	X			X	***
Krenák	X	X	X	X	X
Maxakalí	X	X	X	X	X
Ofayé	X	X	X	X	X
Otí		X			
Purí	X	X	X	X	
Rikbaktsá	X	X	X	X	X
Yatê	X	X	X	**	

Notas: As famílias foram apresentadas no quadro acima em ordem alfabética. Um X indica que determinada família foi incluída (ainda que com ressalvas) pelos autores no tronco Macro-Jê

* Kaufman (1990, 1994) considera a língua Jeikó como pertencente a um ramo separado do Macro-Jê.

** Ribeiro (2006) afirma que a inclusão do Yatê, Guató e Chiquitano ainda carece de mais estudos para sua confirmação, porém Ribeiro (2011) demonstra que, ao menos no caso do Chiquitano, existem alguns indícios de relação genética, por conta da presença de morfologia irregular tanto nessa língua como em outras comprovadamente Macro-Jê. Nesse mesmo artigo, ele diz que não há evidência alguma que motive a inclusão do Guató no Macro-Jê.

*** Nikulin e Carvalho (2018) vê relação entre o Chiquitano e o Macro-Jê, mas não em uma relação direta, mas como ramos irmãos. O Boróro e o Karirí estariam também relacionados, mas num nível mais distante ainda. No caso do Kamakã, Nikulin (comunicação pessoal) diz que os dados disponíveis não são de boa qualidade, mas que acredita ser provável a relação de parentesco com as demais línguas do tronco.

Já em relação ao agrupamento do tronco Macro-Jê em relação a outras famílias e troncos linguísticos, existem duas propostas mais conhecidas. A primeira, de Rodrigues (2009) e aceita por Ribeiro (2011) e Nikulin (2015), diz que o Macro-Jê forma um agrupamento juntamente com o Tronco Tupí e com a família Karíb (esse agrupamento é informalmente chamado de Tukajê) e que é motivado principalmente pela presença de prefixos de contiguidade em alguns temas flexionados (como substantivos, verbos e posposições) em línguas dos três troncos / famílias. A segunda proposta, bem menos aceita pelos pesquisadores (ver nota de rodapé 10), é apresentada por Greenberg (1987) e une o Macro-Jê, o Karíb e as línguas Páno num ramo de uma grande família Ameríndia que abarca praticamente todas as línguas autóctones do continente americano. Uma terceira proposta mais recente, produzida por Nikulin e Carvalho (2018), coloca o Macro-Jê num mesmo nível que o tronco Tupí e a língua Chiquitano, formando um agrupamento por eles denominado Macro-Tupí. O Macro-Tupí, por sua vez está inserido no Jê-Tupí-Karíb, juntamente com o Macro-Karíb (família Karíb, Boróro e Karirí). Num nível acima, o Jê-Tupí-Karíb ao lado do Macro-Guaicurú (famílias Matáko, Guaicurú e Zamúko) formam o chamado Macro-Chaco.

1.2.2.2 – *Ramo Maxakalí-Krenák*

Uma proposta recente de classificação do Maxakalí em ramos internos ao tronco Macro-Jê é aquela de Nikulin e Silva (no prelo). Os dois autores demonstram que as famílias Maxakalí e Krenák fariam parte de um ramo separado dos demais, por compartilharem algumas mudanças em comum, ausentes nos demais ramos e famílias do tronco. Dentre essas características exclusivas, destacamos:

- A fusão de ao menos duas correspondências vocálicas de outras famílias do tronco: Proto-Maxakalí-Krenák *y, correspondendo ora a Proto-Cerrado *ə, Proto-Jê-Meridional *ê, Proto-Jabutí *u e ora a Proto-Cerrado *ã e Proto-Jê-Meridional *ẽ;
- Outra fusão de duas correspondências vocálicas: Proto-Maxakalí-Krenák *o, correspondendo ora a Proto-Cerrado *u, Proto-Jê-Meridional *u, *ô e ora a Proto-Cerrado *a, Proto-Jê-Meridional *ã e Proto-Jabutí *a;

- Um marcador mono-consonantal do argumento interno de primeira pessoa: Proto-Maxakalí-Krenák **ʔg-*;
- Compartilhamento do Maxakalí e do Krenák de algumas correspondências fonológicas irregulares em relação a outras línguas do tronco Macro-Jê;
- Utilização de formas verbais originalmente não-finitas como predicados de orações independentes;
- Emergência da distinção dos verbos de movimento, que no Proto-Macro-Jê codificava número e que em Proto-Maxakalí-Krenák passam a codificar direção do movimento: **mũŋ* ‘ir’ e **nẽn* ‘vir’;
- E, finalmente, uma série de itens lexicais compartilhados pelas duas famílias e ausentes nas demais.

(NIKULIN e SILVA, no prelo)

Esses autores também não descartam a possibilidade, levantada primeiramente por Ramirez, Vegini e França (2015), de que a família Kamakã possa fazer parte desse ramo. A proposta levantada nesse segundo artigo indica que o Kamakã seria especialmente próximo do Maxakalí, porém estudos mais detalhados se fazem necessários para confirmar essa relação, já que todas as línguas da família Kamakã estão extintas e os últimos registros desses idiomas, todos com baixa qualidade de transcrição, datam da primeira metade do século XX.

1.2.2.3 – Família Maxakalí

A primeira proposta de classificação da língua Maxakalí, como dito anteriormente, aparece nos dois volumes de Martius (1867a; 1867b), que classifica o Maxakalí dentro do grupo *Goyatacas*. Ele não propõe uma classificação interna, mas afirma que dentro desse agrupamento estavam os índios Koropó; que viviam próximos dos Coroados do Rio Pomba, ao sul do Rio Paraíba e em Campos dos Goytacazes, e que estavam em processo de perda linguística, em favor da língua de seus vizinhos e do português. Note-se que Martius (1867a, p. 308) afirma ser essa língua essencialmente diferente daquela dos Coroados e Purís. Também pertence a esse agrupamento, ainda de acordo com Martius (1867a) um grupo chamado Paraíba localizado no rio de mesmo nome e que falava a mesma língua dos Koropó; os Kaxinês da Serra da Mantiqueira que também falavam Koropó; os Canarins que habitavam a região entre os rios Mucuri e Caravelas. Além desses grupos, o autor ainda inclui alguns povos nômades, dentre eles os Maxakalí; os

Kapoxó e Kumanaxó que viviam entre Minas Gerais e Porto Seguro e que falavam a mesma língua; os Pataxó que estavam entre Porto Seguro e os rios Pardo e de Contas; os Panháme do Rio Mucuri e que foram aldeados em Peçanha juntamente com os Malalí, Kapoxó e Monoxó; os Makuní e os Monoxó. Numa nota de pé de página, Martius (1867a, p. 310) afirma que, para Auguste de Saint-Hilaire, os Malalí também fariam parte do mesmo grupo, mas que para ele esse povo estaria agrupado juntamente com Botocudo, Purí, Guató dentre outros. Destes povos, Martius (1867b) fornece listas vocabulares do Koropó, Maxakalí, Kapoxó-Kumanaxó-Panháme, Pataxó e Makuní (e do Malalí, porém na seção dedicada a outro ramo linguístico).

Uma segunda proposta classificatória é a de Loukotka (1931), que classifica dentro da família Maxakalí o Maxakalí propriamente dito, o Makuní, o Kumanaxó, Kapoxó-Panháme, Monoxó e Malalí, sendo esta última língua mais distante das outras. Ele ainda cogita a possibilidade de que ela não pertença à família, mas como os dados são poucos, ele prefere manter, ainda que como um ramo à parte. O Pataxó, para Loukotka, como dito na seção 1.2.2.1, não faz parte da família Maxakalí (LOUKOTKA, 1931; 1939).

Já Nimuendaju (1944), Métraux e Nimuendaju (1946) e Mason (1950) têm uma mesma posição acerca da família Maxakalí. Para estes autores, o ramo ora discutido é composto por todas aquelas línguas citadas por Loukotka (1931), com exceção do Malalí, o qual forma um ramo à parte dentro do tronco Macro-Jê. Além disso, Mason (1950) não vê motivos para relacionar o Koropó seja com o Maxakalí seja com o Purí. Ele também afirma que como a língua Goytacá deixou de ser falada antes que se pudesse fazer qualquer registro, não cabe classificá-la como Maxakalí ou Purí, mas que provavelmente ela era uma língua Macro-Jê.

Davis (1968), na sua comparação entre o Proto-Jê, o Karajá e o Maxakalí, diz que esta última se localiza numa família composta por diversos dialetos Maxakalí, pelo Pataxó e pelo Malalí, mas não cita os critérios para essa classificação. Já Meader (1978), como dito anteriormente, encontra correspondências entre o Pataxó e o Maxakalí e Urban (1985) afirma que ao apresentar correspondências entre o Pataxó Meridional e o Hãhãhãe, sendo para esse autor essa língua um dialeto daquela, também afirma serem as duas aparentadas do Maxakalí. Rodrigues (1986a, 1999), por sua vez, também não faz uma classificação interna da família, mas afirma haver seis línguas: Maxakalí, Kapoxó (incluindo o Kumanaxó e o Panháme), Monoxó, Makuní, Malalí e o Pataxó (incluindo o Hãhãhãe).

Mais recentemente, temos os trabalhos de Campos (2009a) que divide a família Maxakalí em três ramos: o Ocidental com seis línguas (Maxakalí, Kapoxó, Kumanaxó, Panháme, Monoxó e Makuní), o Oriental com duas (Pataxó e Hãhãhãe) e o Meridional com apenas uma (Malalí). Em seu trabalho de 2011a, no qual compara dados do Maxakalí com os registros do Pataxó e do Hãhãhãe, Campos utiliza as denominações Pataxó Meridional e Pataxó Setentrional para essas duas línguas, respectivamente.

Uma nova proposta é apresentada em Ramirez, Vegini e França (2015), na qual eles voltam a incluir o Koropó como membro da família Maxakalí. Eles argumentam que uma grande parte do vocabulário registrado desse idioma é cognato com aquele do Maxakalí. Além disso, os termos “cognatos” com o Purí são muito semelhantes, podendo ser considerados como empréstimos. Em suma, eles classificam a família com um ramo Koropó, um Malalí e um Maxakalí-Pataxó, o qual se subdivide em Maxakalí (Maxakalí moderno e o que eles chamam de *Machacarí Antigo*, que basicamente corresponde às línguas registradas no século XIX) e o Pataxó que se subdivide em Pataxó de Wied, equivalente ao Pataxó Meridional de Campos (2011a), e o Pataxó Hãhãhãe.

Finalmente, Nikulin (no prelo) em trabalho sobre a reconstrução fonológica do Proto-Maxakalí faz a seguinte divisão, tendo em vista critérios fonológicos e lexicais: o Malalí, que é a língua mais discrepante do grupo; o Makuní, que seria uma língua ou um grupo dialetal que abarca o próprio Makuní, Kapoxó, Kumanaxó, Panháme, o Maxakalí das listas do século XIX e o Maxakalí utilizado hoje na língua dos cantos rituais (sobre essa língua ritual, ver Campos 2009a; 2011b e Nikulin e Silva, no prelo); o Maxakalí moderno, que também abarca o Monoxó e o *Monačóbm* de Nimuendaju (ARAÚJO, 1996); o Pataxó; e, finalmente, o Pataxó Hãhãhãe. Ele prefere excluir o Koropó, dada a escassez de registros da língua, aliada à situação da presença de diversos étimos de origem Purí nas listas de palavras dessa língua.

Um ponto levantado pela maior parte dos autores supracitados, se não por todos eles, é a dificuldade em se ter acesso a dados das línguas, já que apenas o Maxakalí ainda é falado e as listas contendo vocabulário das línguas extintas são, no geral, de má qualidade, com transcrições fonéticas impressionísticas e com relativamente poucos itens lexicais. Levando isso em consideração e tendo em vista as classificações apresentadas acima, apresentamos abaixo um Quadro com a classificação interna da família Maxakalí. Longe de querer definir as relações entre as línguas, já que esse não é o objetivo dessa tese, o Quadro 1.4 deve servir somente como um resumo das diversas propostas

levantadas até hoje. Em relação à nomenclatura dos ramos, apesar de se estes serem termos geográficos, elas querem se referem tão somente à localização original das línguas, sem levar em consideração relações linguísticas internas.

QUADRO 1.4 – Classificação das línguas da família Maxakalí

Ramo I	Ramo II	Ramo III	Ramo IV
Ocidental	Oriental ¹¹	Central	Meridional
Maxakalí moderno	† Pataxó	† Malalí	? † Koropó
? † Monoxó			
† Makuní			
† Kapoxó			
† Kumanaxó	† Hãhãhãe		
† Panháme			
† Maxakalí do séc. XIX			
? Maxakalí dos Cantos Rituais			

Nota: Um ponto de interrogação <?> indica dúvida quanto à inclusão da língua/dialeto no agrupamento; uma cruz <†> indica que a língua está extinta.

Sobre o nome de alguns dos povos/línguas dos Ramo I a III é possível formular algumas hipóteses de suas origens.¹² Como vimos na Seção 1.2.1, os Maxakalí modernos se autodenominam *Tikmũũn*. Os falantes da língua contam com a lembrança de alguns dos nomes dos povos/línguas da família, como o Pataxó que se refere a *Putuxop*, que é o Papagaio-Espírito. Patxôhã, que é a língua revivida e revitalizada dos Pataxó, segundo os próprios Pataxó, é uma mescla das palavras *Pataxó*, *atxohã*, que significa ‘língua’, e *xôhã* que por sua vez significa ‘guerreiro’ (BOMFIM, 2012, p. 71).¹³ Nimuendaju (1958, p.

¹¹ Gostaríamos de salientar aqui que consideramos como extintos o Pataxó e o Hãhãhãe tal qual eram falados originalmente. Hoje, as etnias que falavam estas línguas estão em busca de retomar sua língua ancestral, com o nome de Patxôhã (BOMFIM, 2012; NELSON, 2018). Os registros do Pataxó e do Hãhãhãe antes da perda de falantes nativos são deveras escassos, constituindo-se de uma série de listas de palavras coletadas, em grande parte, no século XIX. Estas listas servem de base para o Patxôhã, porém, há quem defenda que línguas revitalizadas têm uma grande influência da língua materna dos agentes revitalizadores, no caso, o português (ver Zuckermann, 2009, para uma discussão sobre a revitalização do hebraico). Assim sendo, do ponto de vista linguístico, talvez o Patxôhã não possa ser classificado como uma língua da família Maxakalí, mas fazemos questão de mencionar nesta nota a sua existência como língua de retomada.

¹² Paraíso (1994, p. 183) apresenta um quadro relacionando os diversos povos falantes de línguas da família Maxakalí com alguns grupos ritualísticos, porém não é apresentado nenhum critério linguístico nem antropológico para justificar as escolhas da autora.

¹³ O nome Pataxó, como vimos, vem de *putuxop* e significa ‘Papagaio-Espírito’. Pode ser decomposto em um morfema *putux* ‘pássaro’, o qual no estágio atual da língua Maxakalí não ocorre isoladamente, mas é encontrado, por exemplo, em *putuxnãg* ‘pássaro’ e que vem do Proto-Maxakalí-Krenák **pryc*, tendo por cognatos Pataxó Hãhãhãe *pəkaj* e Proto-Jê Setentrional **prô* ‘pena’, e *xop* ‘ASSOC’ (NIKULIN e SILVA,

54) ao visitar os Maxakalí em 1939, afirma que eles chamavam os Pataxó de *Keyg-cobm* ('povo da sapucaia', *Kexxop* na ortografia atual do Maxakalí).

Ainda no mesmo relatório, Nimuendaju (1958, p. 54) explica que os Maxakalí se autodenominavam *Monacóbm* e os relaciona aos Monoxó descritos por Saint-Hilaire, dizendo que pelo vocabulário tomado pelo viajante francês, os dois povos são aparentados, mas não os mesmos. Ele explica que *Monacóbm* significa 'Os que voltaram para casa', tendo como base o imperativo *mônây* 'entra!'. Nos nossos dados, *Mônâyxop* aparece com o significado de 'antepassados'. Acreditamos que a origem dos nomes Monoxó e *Monacóbm* possa vir mesmo de *Mônâyxop*. Uma outra possibilidade é que Monoxó venha de *Mũnâyxop* 'Veados-Espíritos', um grupo ritual Maxakalí. Levantamos essa possibilidade pois, em seu mito do dilúvio (*Kônâgxexka*), é dito que os Maxakalí descendem da união de um antepassado que sobreviveu à inundação com um veado-fêmea.

De acordo com Isael Maxakalí (comunicação pessoal), uma liderança da Aldeia Verde, o nome Makuní viria de *Mâgkônñn*. De acordo com ele "quando a jaca vai formar, não forma normal. Aí fica tipo um umbigo. O nome na língua é *mâgkônñn*". Ele segue dizendo que *Mâgkônñn* foi o nome de um pajé muito poderoso, o que torna a hipótese plausível. Ele segue dizendo que Kapoxó vem de *Kopoxop*, nome de outro grupo ritual, hipótese esta também crível. Kumanaxó, por sua vez, viria de *Kômâgxop*, grupo ritual relacionado às relações de compadrio.¹⁴ Apesar de não excluirmos essa possibilidade,

no prelo). Já o item para 'língua' *atxohã* aparece como [ãʃũhũ] na lista do Pataxó coletada por Wilbur Pickering com o senhor Tšitšia, de 45 anos à época, em 1961 (MEADER, 1974, a transcrição foi adaptada por nós para o IPA) e como <atxohã> na lista coletada em 1982 com a (provável) última falante do Pataxó Hãhãhãe, Bahetá (SILVA, SANTOS e LUZ, 1983). É possível cognato do Maxakalí /ã-ʃ-ũccũk/ 2-TH-língua 'sua língua', com possíveis correspondências fonéticas regulares (URBAN, 1985. Para comentários sobre o étimo do Maxakalí, ver nota de rodapé 65, na Seção 2.3.2 do presente trabalho). Finalmente, *xôhã* 'guerreiro' esteja talvez relacionado com Pataxó [iʃʰəhãkeb] 'lança' (MEADER, 1974, também com transcrição aqui adaptada ao IPA), sendo a porção [keb] provável cognata de Maxakalí /kip/ 'perna, osso, poste'.

¹⁴ Álvares (1992, p. 78-84) define *kômãg* (grafado como *kômây* no trabalho da autora) como uma "relação ritual entre pares de sexo oposto e não-parentes [...] que perpassa todo o sistema de parentesco sobrepondo-se a este". Esta relação, portanto, envolve um casal que não possui parentesco entre si e que "trocará alimentos entre si e passará a se tratar apenas por este termo [isto é, *kômag*], respeitando o comportamento de evitação e solidariedade." O *kômãg* de um indivíduo é responsável pelos serviços funerários e também é quem preferencialmente coordena os cantos para a cura de doenças do seu par. O termo *kômãg*, apesar de descrever uma relação similar à de compadrio e ter uma forma similar ao português *comadre*, não é um empréstimo. Caso fosse um empréstimo, esperar-se-ia uma coda dental final, resultando em **kômân*, que não ocorre em nossos dados. A coda final tampouco é palatal (ortograficamente *kômây*), como aparece em uma série de trabalhos (por exemplo, Popovich (1976a), Álvares (1992), Maxakalí e Rosse (2011) e Campelo (2018), dentre outros), pois se fosse este o caso, a vogal da última sílaba seria produzida foneticamente como [ã], que também não consta em nossas gravação. Para a alofonia das vogais motivada

acreditamos ser pouco provável esta origem, já que um [ŋ] em coda ser adaptado ao português como [na] (a vogal seria epentética) não ocorre em outras adaptações. Por fim, ele diz que Panháme viria de *Patyãm*, um tipo de palmeira com espinhos. Mais especificamente, *patyãm* é o nome dado pelos Maxakalí para espécies dos gêneros *Astrocaryum* e *Bactris*, ambas palmeiras com espinhos (FERREIRA, 2012, p. 83).¹⁵ O mesmo Ferreira (2012) menciona que João Bidé, uma liderança da aldeia ãmãxux, da T. I. Água Boa, mencionou que *patyãm*, além de dar nome a essas palmeiras, é uma palavra antiga que significava ‘ordem, lei’ e também ‘dono da floresta’.

No estágio atual do conhecimento histórico-etimológico das línguas da família Maxakalí, podemos somente hipotetizar sobre a origem dos nomes Maxakalí e Malalí, requerendo mais estudos para confirmar as propostas lançadas aqui. Nossa hipótese aponta para uma origem endógena à família desses dois etnônimos. Em Maxakalí, o nome do criatura mitológica do Caboclo d’Água aparece ora como *Xapakxexkanix* (ÁLVARES, 1992; ANDRADE, 2017), ora como *Kotxexkanix* (CAMPELO, 2018),¹⁶ nomes os quais podem ser divididos em três possíveis morfemas cada: *xapak* / *kot*, sem significados conhecidos por nós;¹⁷ *xexka*, significando grande; e *nix* (foneticamente [ˈdij]), morfema o qual pode ser uma forma anterior a /tik/ ‘gente, pessoa’, caso esta provenha de um Proto-Maxakalí-Krenák **rik* ~ **rêk*. O nome Maxakalí poderia ser, então, composto de um elemento *ma*¹⁸ seguido por *xexkanix*, significando, portanto, ‘gente do *ma* grande’. Por sua vez, o etnônimo Malalí seria, ainda dentro desta proposta etimológica, composto pelo mesmo *ma* de Maxakalí, assim como pelo mesmo *nix* final. A sílaba *la* pode ser cognata do sufixo diminutivo Maxakalí *-nãg*, cuja origem no Proto-Maxakalí pode ser **nãŋ* ou **rãŋ*. Os Malalí, caso estejamos corretos, seriam, portanto, ‘o povo do *ma* pequeno’.

pelo ponto de articulação da coda, remetemos o leitor à Seção 2.3, mais especificamente à subseção 2.3.5 que trata da posteriorização das vogais baixas centrais /a, ã/.

¹⁵ O item *patyãm* pode ser decomposto em *pat* ‘costela’, o qual também aparece em *patxap* ‘coco’ por exemplo, e *yãm* ‘espinho’ (alternando em alguns casos com *xãm*, indicando que provavelmente a primeira consoante advém de um **j* do Proto-Macro-Jê) e que pode ser encontrado em outras palavras como *mĩmyãm* ‘espinho (de planta)’.

¹⁶ Não sabemos se, de fato, se trata de dois nomes para uma mesma criatura ou se são criaturas diferentes, das quais o nome é traduzido igual pelos Maxakalí.

¹⁷ *Xapak* não pode estar relacionado com os homófonos ‘paca’ e ‘pus’, já que estes não possuem uma coda final: *xapa* /capa/. Talvez esteja relacionado com *-pak* /-pak/ ‘ouvir’. No caso de *kot*, há uma raiz /kut/ em Maxakalí significando ‘mandioca’, mas achamos pouco provável que esteja relacionado à figura do Caboclo d’Água.

¹⁸ Possíveis candidatas são as raízes *mãm* ‘peixe’, *mãg* ‘intestino’ e, pouco provável, *mã* ‘comer’.

O etnônimo Hãhãhãe também segue sem propostas concretas de etimologia, mas pode ser que esteja relacionado a ‘terra’, que em Maxakalí é *hãm* ~ *hãhãm*¹⁹ e em Pataxó é [hahãm] (MEADER, 1974),²⁰ e ‘buraco’, que aparece na lista de Bahetá como <uhãi> (SILVA, SANTOS e LUZ, 1983), logo, ‘buraco da terra’. Sobre o nome Koropó não sabemos qual sua origem, nem temos hipóteses acerca da etimologia.

1.2.3 – Características Tipológicas

O Maxakalí é uma língua Macro-Jê prototípica, se levarmos em conta as características tipológicas das línguas do tronco levantadas por Rodrigues (1999) e Ribeiro (2006). De um modo geral, as línguas Macro-Jê têm mais vogais do que as línguas de outros agrupamentos das terras baixas sul-americanas, sendo que a presença de vogais nasais que regem a alofonia de consoantes é comum nessas línguas. Além disso, é comum haver três níveis de anterioridade nas vogais (anterior, central e posterior) e o acento ser previsível. O Maxakalí conta com todas essas características, ainda que, dentro do tronco, conte com relativamente poucas vogais (cinco orais e cinco nasais, na maior parte das análises). O Maxakalí conta com o fenômeno de espraçamento de nasalidade (que será descrito e analisado com mais detalhes no Capítulo 3), raro no Macro-Jê. A estrutura silábica máxima é relativamente simples, descrita por todos os autores como /CVC/, mas analisada por nós como /CCVC/ (ver seção 2.2.2), de modo semelhante a algumas línguas das famílias Jê, Jabutí, Karirí e Krenák. Dois aspectos tipológicos raros do Maxakalí são a ausência de consoantes fonológicas das classes fricativas (com exceção da glotal /h/), líquidas e *glides*²¹ e a pré-vocalização (a ser discutida na seção 2.2.3) de todas as consoantes fonológicas que ocorrem na coda silábica.

Morfologicamente, o Maxakalí tem um perfil que tende ao isolante. Apesar de Ribeiro (2006) afirmar que essa língua, assim como outras do mesmo filo, flexiona apenas para marcação de pessoa, na nossa pesquisa achamos alguns sufixos flexionais marcadores de modo *realis* e *irrealis* em alguns verbos; um sufixo diminutivo que acompanha tanto nomes quanto verbos (CAMPOS, 2009a); e dois tipos de marcadores de contiguidade, sendo que pelo menos um deles é reconstruível para o Macro-Jê (RODRIGUES, 1999) e que glosamos neste trabalho como consoante temática. Há

¹⁹ A alternância entre formas longas e curtas em nomes é discutida por Silva (no prelo) e no Capítulo 4 do presente trabalho.

²⁰ A transcrição utilizada por Meader (1974) foi adaptada ao IPA por mim aqui neste trabalho.

²¹ Neste trabalho, consideramos os termos *glide* e *aproximante* como sinônimos.

também outros afixos, de natureza derivacional, como o causativo, já discutido em Campos (2009a) e em Pereira (2011, 2012). Ainda assim, a maior parte das categorias gramaticais, como tempo, aspecto, alguns modos (reflexivo, por exemplo), a posse alienável (ou indireta, nos termos utilizados por Campos, 2009a) e o plural associativo (NEVINS e SILVA, no prelo) são marcadas pelo uso de partículas. De maneira similar às línguas das famílias aparentadas, o Maxakalí não conta com classificadores e marca a posse inalienável (ou direta) no nome com o mesmo prefixo utilizado para concordância do verbo com o argumento absoluto.

De acordo com Rodrigues (1999) e Ribeiro (2006), a maior parte das línguas Macro-Jê tem uma ordem de constituintes SOV (POPOVICH, 1985) e alinhamento ergativo (CAMPOS, 2007, 2009a, 2009b, 2009c). Como numerais e adjetivos (CAMPOS, 2009a) pertencem à classe dos verbos no Maxakalí²², esses são pospostos ao nome, assim como as adposições, isto é, existem posposições, mas não preposições. Algumas relações entre orações no Maxakalí são indicadas por *Switch Reference*, ou seja, as partículas que relacionam orações vão marcar se o sujeito de uma oração é o mesmo ou não (PEREIRA, no prelo). Essas partículas seguem um alinhamento nominativo, já que sempre concordam com o sujeito, independentemente de a oração principal ser intransitiva ou transitiva (POPOVICH, s/d, 1986).

1.3 – Metodologia

Para a coleta de dados, foram realizadas sete viagens a campo, variando em duração de alguns dias a dois meses e meio. A maior parte desse tempo foi passada na Aldeia Verde, logo a maioria dos dados foi coletada com os moradores de lá. Também foram coletados dados no Pradinho, ainda que menores em quantidade, já que a viagem para essa terra foi consideravelmente mais curta. O Quadro 1.5 resume os períodos de coleta de dados e locais de estadia:

²² A classe de adjetivos é inexistente no Maxakalí. Palavras descritivas, as quais são expressas por adjetivos no português, são expressas por verbos no Maxakalí. Como indicativos disso, estão, primeiramente, o fato de que “adjetivos” e verbos sofrem o espraçamento de nasalidade para a base quando sufixados com o diminutivo (ver Seção 3.3 no Capítulo 3 deste trabalho); o fato de apenas alguns “adjetivos” e verbos, mas nunca nomes, poderem receber um dos prefixos de adjacência *ã-* / *xu-* (ver Capítulo 4); além de “adjetivos” e verbos serem pospostos aos nomes, enquanto demonstrativos são prepostos. Por fim, “adjetivos”, assim como verbos e nomes inalienáveis, podem receber uma marca de concordância de pessoa.

QUADRO 1.5 – Viagens a campo para coleta de dados

Local	Data	Período
Aldeia Verde	15/05/2015 a 22/05/2015	8 dias
	09/11/2015 a 14/11/2015	6 dias
	03/03/2016 a 15/05/2016	75 dias
Pradinho	16/05/2016 a 22/05/2016	7 dias
Aldeia Verde	30/06/2016 a 03/07/2016	4 dias
	10/08/2016 a 15/08/2016	6 dias
	23/07/2017 a 28/07/2017	6 dias
	04/04/2019 a 14/04/2019	11 dias
Total		123 dias

Nesses campos, coletamos principalmente dados de fala espontânea, totalizando treze horas e quarenta minutos de gravações. Cabe mencionar aqui que, por se tratar de gravações de pessoas em seu cotidiano, em muitos momentos não há fala dos participantes que foram gravados. Se considerarmos apenas o tempo de fala, o valor de quase quatorze horas cairá bastante. Essas gravações foram feitas com dezoito falantes, quinze da Aldeia Verde e três do Pradinho. Da Aldeia Verde, tivemos a oportunidade de gravar seis mulheres, duas entre 16 e 30 anos de idade, três entre 31 e 45 e uma idosa, com idade entre 61 e 75 anos. Já em relação aos homens da mesma aldeia, foram gravados nove pessoas, tendo quatro deles entre 16 e 30 anos de idade, outros quatro entre 31 e 45 anos e um com mais de 75. No Pradinho, por termos de adiantar o fim do campo como mencionado acima, gravamos apenas três homens: um na faixa de 16 a 30 anos, outro na faixa de 31 a 45 e um último na faixa de 46 a 60 anos de idade. As gravações de fala espontânea foram transcritas e traduzidas com o auxílio de dois falantes nativos da Aldeia Verde, sendo um deles professor de língua Maxakalí em uma das escolas da localidade.

Na viagem à aldeia realizada em agosto de 2016, fizemos uso de uma outra metodologia para a aquisição de dados acústicos sobre a nasalidade. Utilizamos a metodologia criada por Stewart e Kohlberger (2017), a qual utiliza fones de ouvido para a gravação de um canal de áudio para capturar as oscilações produzidas pelo fluxo de ar solto pelo nariz, juntamente com um microfone convencional para a obtenção do áudio

oriundo da cavidade oral. As faixas são processadas posteriormente para a análise, através de um *script* disponibilizado pelos autores do método. Algumas das vantagens do uso de fones de ouvido são o baixo custo para aquisição do equipamento se comparado com as máscaras de medição de fluxo de ar nasal tradicionalmente usadas nesse tipo de estudo e a praticidade de transporte do equipamento. Alguns dos resultados dessas gravações podem ser encontrados no artigo de Nevins e Silva (2017), no qual é discutida a metodologia dos fones de ouvido com exemplos do Maxakalí. Essas gravações serviram de base para parte da nossa análise da nasalidade presente no Capítulo 3.

Quando percebemos ser necessário, também utilizamos de entrevistas e do julgamento de gramaticalidade, principalmente para os dados concernentes à morfologia, que serão discutidos mais detalhadamente no Capítulo 4. Também aproveitamos, quando conveniente, dados coletados durante nosso histórico de pesquisa com o povo Maxakalí: mais especificamente, usamos os dados da minha monografia de conclusão de graduação (SILVA, 2011) e da minha dissertação de mestrado (SILVA, 2015).

As gravações foram todas realizadas utilizando um gravador modelo Zoom H4n, com seu microfone embutido e, na maior parte dos casos, com um microfone sem fio JWL Brasil, modelo U585. Para o áudio da medição de nasalidade, foi necessário o uso de um microfone com fio, já que houve interferência do sinal do microfone sem fio no sinal do fone de ouvido. O microfone utilizado nesse caso foi um CSR Pro 2.1 e o fone de ouvido foi um Samsung, com pontas de silicone e de baixa impedância (~ 27 ohms). As mídias foram salvas em discos Micro SD no formato .wav e os *softwares* utilizados nas análises foram o *Praat* v. 6.0.28, desenvolvido por Paul Boersma e David Weenink da Universidade de Amsterdã, para análise acústica e o *R* v. 3.1.1, desenvolvido por Ross Ihaka e Robert Gentleman, para a análise dos dados acústicos da nasalidade.

Por se tratar de um trabalho descritivo, não trabalharemos com uma teoria específica, mas recorreremos a conceitos já bem estabelecidos nos estudos linguísticos, principalmente aqueles de matriz formalista. Noções já assentadas da linguística, como a noção de fonema, estrutura silábica, morfema etc., as quais vêm de uma tradição surgida com o estruturalismo, passando pelo gerativismo até chegar em teorias autosegmentais serão utilizadas nesta tese. Para conceitos menos consensuais, forneceremos definições, sempre que possível, no intuito de que não haja ambiguidades, dúvidas ou imprecisões.

1.4 – Organização do trabalho

Este trabalho está dividido em cinco capítulos. No primeiro e presente capítulo, apresentamos os problemas apresentados pela pesquisa, assim como descrevemos um pouco do contexto em que a língua Maxakalí está situada. Falamos brevemente sobre o povo Maxakalí, sua história, organização social e atual situação e expusemos a classificação genética da língua, desde as primeiras descrições da língua até as propostas mais recentes. Também apresentamos características tipológicas gerais da língua e apresentamos a metodologia de coleta de dados.

O segundo capítulo traz nossa proposta de análise dos segmentos consonantais e vocálicos do Maxakalí, assim como comentários sobre a fonotaxe da língua. Apresentamos, também, uma série de alofonias e epênteses. Além disso, descrevemos a pré-aspiração de consoantes e o acento lexical.

O terceiro capítulo conta com a descrição de fenômenos relacionados à nasalidade. Discutimos o estatuto da série de consoantes vozeadas e sua relação com a nasalidade, os vários tipos de espraçamento de nasalidade (no nível do morfema a partir da margem direita, no nível do morfema a partir da margem esquerda e aquele derivado da sufixação de diminutivo em verbos), assim como o não-paralelismo do fonema velar /g/ em relação aos demais segmentos sonoros do sistema e uma possível motivação para fonologização da distinção entre consoantes nasais e orais.

No quarto capítulo temos a morfofonologia de nomes e verbos. Damos especial atenção à alternância de formas curtas e longas em nomes e verbos. Lá falamos sobre o estatuto de alguns clíticos verbais, assim como alguns aspectos básicos do alinhamento morfosintático de verbos. Neste último ponto focamos mais na morfologia que é utilizada para distinguir os diferentes tipos de alinhamentos presentes na língua e menos na descrição da sintaxe, já que este não é o objetivo principal do trabalho.

Por fim, o Capítulo Cinco traz as considerações finais, retomando os principais pontos desta tese, assinalando as implicações dos achados aqui descritos, e apontando encaminhamento para pesquisas futuras. Há no fim do texto um Apêndice em que apresentamos alguns pontos básicos sobre a ortografia utilizada na língua Maxakalí.

Ao longo da tese, utilizamos o Alfabeto Fonético Internacional para as transcrições fonológicas e fonéticas. Também apresentamos em notas de rodapé, quando achamos relevante, informações etimológicas dos exemplos, principalmente em casos de

compostos que se tornaram morfologicamente opacos no decorrer da história da língua e de casos de homofonia que abundam na língua, devido a uma série de fusões ocorridas no percurso de mudança. A maior parte desses dados foi retirada de Nikulin e Silva (no prelo).

CAPÍTULO 2 – FONOLOGIA

Neste segundo capítulo, apresentaremos o inventário fonológico do Maxakalí, assim como diversas alofonias e epênteses. Trataremos também da estrutura silábica e do acento. Como veremos, o Maxakalí, por ter um inventário fonológico restrito, tem em seu léxico diversos homófonos. Isso se deu por diversas neutralizações fonológicas que ocorreram na história do Maxakalí. Não discutiremos, neste capítulo, as mudanças pelas quais a língua passou, mas traremos informações etimológicas nas notas de rodapé sempre que crermos necessário. Porém, antes de apresentar nossa descrição, mostraremos as análises feitas anteriormente, por outros autores. Mais especificamente, discutiremos as propostas do inventário fonológico de acordo com Popovich e Popovich (1960b), Gudschinsky, Popovich e Popovich (1970), Rodrigues (1981), Araújo (2000) e Wetzels (2009), sendo que, no caso dos três últimos trabalhos, também serão discutidos brevemente fenômenos relacionados à nasalidade. Também apresentaremos um breve resumo de Wetzels (1995), que versa sobre as consoantes intrusivas, e Silva (2011), que fala sobre a sílaba no Maxakalí. Num momento posterior, analisaremos as consoantes e as vogais, juntamente com a discussão sobre a estrutura silábica, e, por fim, traremos uma discussão sobre as epênteses vocálicas e consonantais, a pré-aspiração de consoantes e o acento.

2.1 – Descrições anteriores

Apresentaremos nessa seção um resumo sobre alguns trabalhos sobre a fonologia da língua Maxakalí, principalmente sobre aqueles que tratam dos inventários fonético e fonológicos da língua. Como veremos, os primeiros trabalhos de análise linguística da língua se iniciaram na década de 1960 e, até o início da década de 1990, a maior parte desses artigos foi escrita pelo casal de missionários Popovich. Nos últimos 30 anos, como já mencionado anteriormente, tivemos um aumento no número de trabalhos e um maior número de pesquisadores trabalhando com a língua.

2.1.1 – Popovich e Popovich (1960b)

A primeira descrição fonológica do Maxakalí, de autoria de Popovich e Popovich (1960b), traz uma série de pares mínimos, os quais os autores utilizam para chegar ao quadro fonêmico da língua. Nessa primeira análise, eles ainda consideram as pré-vogais das consoantes em coda, assim como os *glides* de transição das vogais nucleares (ver Seções 2.2.3.3 e 2.3.4), como vogais fonológicas, proposta a qual, em trabalhos seguintes,

é modificada. Há uma seção no manuscrito dedicada somente a esses *clusters* vocálicos e sua distribuição fonotática. Como os autores consideram essas vogais alofônicas como fonológicas, eles afirmam que o acento pode recair tanto na última quanto na penúltima sílaba. Essa por sua vez, dentro dessa primeira proposta, tem uma estrutura máxima /CVVC/.

Outro ponto de destaque dessa primeira análise é o fato de eles fazerem uma distinção fonológica entre consoantes nasais e oclusivas orais, algo que também é descartado em análises posteriores. Eles apontam que todas as consoantes podem ocorrer em início de palavra, com exceção das oclusivas vozeadas. Oclusivas vozeadas pré-nasalizadas fonéticas são apresentadas nessa análise como alofones das nasais. Por outro lado, dentro dessa proposta, oclusivas vozeadas ocorrem somente entre vogais. Os quadros fonológicos de consoantes e vogais dessa primeira análise fonológica da língua são apresentados abaixo²³:

QUADRO 2.1 – Inventário consonantal de acordo com Popovich e Popovich (1960b)

	Labial	Alveolar	Palatal	Velar	Glotal
Não-vozeado	p	t	tʃ	k	ʔ
Vozeado Oral	b	d	dʒ	g	
Nasal	m	n	ɲ	ŋ	
Contínuo					h

Fonte: Popovich e Popovich (1960b, p. 4).

QUADRO 2.2 – Inventário vocálico de acordo com Popovich e Popovich (1960b)

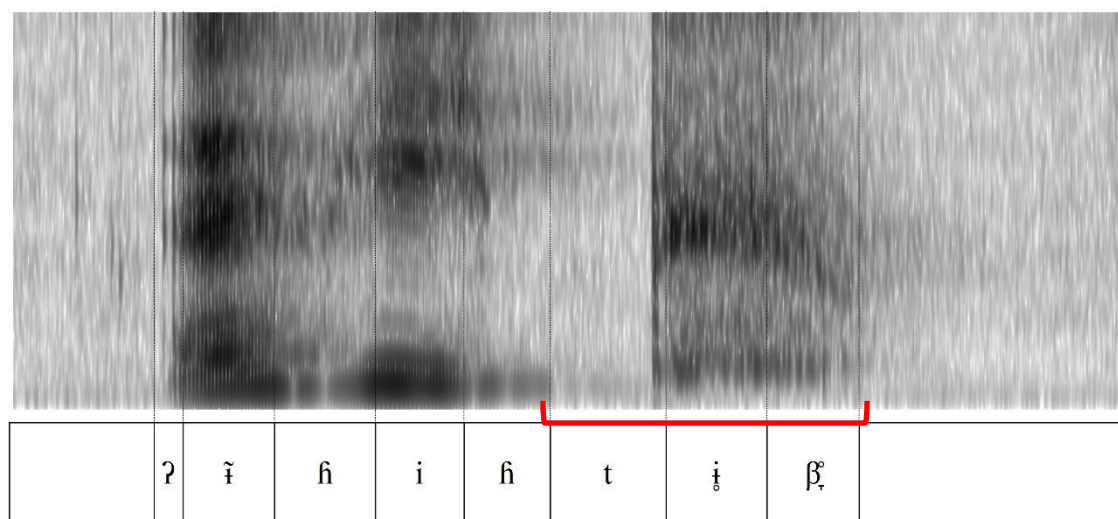
Arredondado				
o õ				
Não-arredondado				
	Anterior		Posterior	
Alto	i	ĩ	u	ũ
Baixo	ε	ẽ	a	ã

Fonte: baseado em Popovich e Popovich (1960b, p. 4).

²³ No original, os símbolos fonéticos de Popovich e Popovich (1960b) foram transcritos utilizando o sistema de transcrição americanista. Nestes e nos próximos quadros, quando necessário, alteramos os símbolos para aqueles do Alfabeto Fonético Internacional.

Um último ponto dessa breve análise feita pelo casal de missionários tem a ver com aspectos prosódicos. Primeiramente, eles dizem que compostos têm dois (ou mais) acentos, um referente a cada um dos elementos que os compõem. Outro ponto é aquele que se refere às estratégias para ênfase: uma é descrita como um alongamento da vogal tônica e que é relativamente frequente em nossos dados, e a outra que é descrita como uma “fricção desvozeada” (*voiceless friction*) (p. 27) também ocorrendo na sílaba tônica e da qual temos apenas uma ocorrência em nossos dados. A palavra registrada é /ĩ-hitip/ ‘feliz, saudável’ (glosa: 3-feliz), produzida por uma mulher de 34 anos à época da gravação, num contexto de elicitación de palavras, e tem seu espectrograma e transcrição fonética apresentados na Figura 2.1. Nela podemos perceber que, de fato, a segunda sílaba, indicada pelo colchete vermelho acima da transcrição, é totalmente desvozeada, incluindo aí o núcleo. Essa sílaba desvozeada parece ser produzida com um grande escape de ar num estreito espaço, causando fricção, não parecendo a descrição feita por Popovich e Popovich longe do que encontramos em nossos dados. Porém, como só temos o áudio desse som, sem medidas articulatórias mais precisas, não definiremos esse som, ficando ele passível de estudos e medições mais específicas.

FIGURA 2.1 – Espectrograma e transcrição de [ʔĩhi^hˈt̪iβ̞] enfático



2.1.2 – Gudschinsky, Popovich e Popovich (1970)

Uma segunda descrição fonológica do Maxakalí é apresentada em Gudschinsky, Popovich e Popovich (1970). Nesse trabalho, diversos pontos da análise são modificados em comparação ao trabalho apresentado nos parágrafos anteriores: o quadro de fonemas

e as discussões sobre seus alofones e sobre a estrutura silábica passou a ser muito mais próximo do que seria tratado como consenso nos estudos da língua.

Primeiramente, em relação às consoantes, os autores passaram a analisar o inventário sem a série de oclusivas vozeadas, passando a língua a contar com dez consoantes. Isso foi possível, pois, de acordo com a descrição dada por eles, oclusivas vozeadas podem somente ocorrer antes de vogais orais e consoantes nasais apenas quando o núcleo da sílaba é nasal. Veremos, no Capítulo 3, que existe ao menos um caso, envolvendo a morfologia, em que essa alofonia não se aplica, além de alguns empréstimos do português nos quais essa regra também conta com exceções. De qualquer maneira, em raízes nativas, a regra é válida. Eles também fazem uma distinção entre consoantes laringais e não-laringais (nos termos utilizados no artigo, laringais e consoantes, respectivamente). O quadro abaixo traz o inventário consonantal, de acordo com a proposta de Gudschinsky, Popovich e Popovich (1970):

QUADRO 2.3 – Inventário consonantal de acordo com Gudschinsky, Popovich e Popovich (1970)

	Labial	Alveolar	Palatal	Velar	Laringal
Não-vozeado	p	t	c	k	ʔ
Nasal	m	n	ɲ	ŋ	
Contínuo					h

Fonte: baseado em Gudschinsky, Popovich e Popovich (1970, p. 80).

Sobre a distribuição dos fonemas, destaco alguns pontos: eles afirmam que a única laringal capaz de ocorrer na posição de coda silábica é a oclusiva, quando marcando a terceira pessoa. Ainda sobre as laringais, eles afirmam que foneticamente o /h/ é realizado como uma versão surda da vogal do núcleo, logo, /ha/ é realizado como [ʔaa]. Veremos na Seção 2.2.1 que é possível uma realização [h] fonético no *onset* silábico²⁴, quando a consoante se encontra entre vogais.

Outro ponto levantado por Gudschinsky, Popovich e Popovich (1970) referente à distribuição de fonemas diz respeito à nasal velar /ŋ/. Primeiramente, como discutiremos no próximo capítulo, esse fonema não segue a distribuição das outras nasais: na posição de ataque silábico ela sempre ocorre com seu alofone oral [g], independentemente do

²⁴ Neste trabalho, utilizaremos os termos sinônimos ‘*onset*’, vindo do inglês, e ‘ataque’, nativo do português, visto que ambos são correntes na literatura linguística no Brasil.

valor de nasalidade da vogal. Eles também notam que esse fonema, quando em *onset*, só ocorre antes das vogais /a, ã, õ/. Em nossos dados temos alguns casos em que ocorrem antes de outras vogais, como /e/ e /o/, porém todas elas se tratam ou de onomatopeias como [gɛ'ʔæj] ‘fritar’²⁵ e [gɔj'gɔj] ‘ziguezaguear’ ou empréstimos como [gu'fɛɔ] ‘governo’.

Ainda sobre nasais, Gudschinsky, Popovich e Popovich (1970) descrevem que, em início de palavra, quando num contexto oral, as consoantes podem ser opcionalmente pré-nasalizadas, como em [ᵐb, ᵑd, ᵑdʒ, ᵑg]. Quando precedidas por outra nasal, o que ocorre em fronteiras de morfemas, elas podem ser parcialmente desvozeadas, logo sequências como, por exemplo /n#m/, são realizadas foneticamente com uma transição desvozeada entre elas, como [nᵐm].

Sobre consoantes oclusivas não-vozeadas,²⁶ Gudschinsky, Popovich e Popovich (1970) afirmam que a consoante /c/ têm os alofones [tʃ] e [ʃ] em *onset*, sendo que, no nosso *corpus*, essa segunda realização é mais comum na fala de pessoas mais velhas. Já na coda, os autores dizem que os alofones de /c/ são [ʃ] e [j]. Eles postulam o fonema como uma consoante oclusiva para manter o paralelismo do sistema.

Os autores apresentam algumas transcrições de uma vogal anterior seguida por consoante velar, algo que não ocorre nos nossos dados. Nesse contexto, as consoantes são palatalizadas, como veremos mais à frente. Sobre a pré-vocalização de consoantes, uma discussão mais detalhada será feita na seção 2.2.3.3, mas cabe aqui notar que, ao contrário de Popovich e Popovich (1960b), que, como dito anteriormente, analisavam as pré-vogais das consoantes como vogais fonológicas plenas, Gudschinsky, Popovich e Popovich (1970) já as analisam como alofones das consoantes em coda. Tal proposta se mostrou correta e é aceita por todos os autores que trabalharam com o Maxakalí posteriormente.

A proposta para as vogais não se diferencia substancialmente em relação àquela do trabalho anterior, exceto pelo fato já mencionado de que alofones vocálicos das consoantes eram analisados como vogais fonológicas e depois do artigo de 1970 não mais. Essa classe, no Maxakalí, possui uma rica alofonia, porém em ambos os trabalhos, apesar

²⁵ O *status* de [gɛ'ʔæj] como onomatopeia é duvidoso: se por um lado, alguns falantes têm a percepção desse item como a representação do barulho da fritura, por outro lado, ele não possui o comportamento morfossintático de verbos onomatopaicos. Para a distinção entre a morfossintaxe de verbos onomatopaicos e emprestados em oposição à de verbos nativos, ver o Capítulo 4 e Silva e Nikulin (no prelo).

²⁶ Neste trabalho tomaremos os termos *não-vozeado* e *surdo* como sinônimos. O mesmo vale para o par de termos *vozeado* e *sonoro*.

de os autores listarem os alofones, não descrevem os contextos de sua ocorrência. Essa alofonia, que não foi explicada em trabalho algum, o será na seção 2.3. A única diferença substancial dos trabalhos ora resenhados em relação aos nossos próprios dados é o fato de que frequentemente ocorre uma vogal alta²⁷ posterior arredondada [u], enquanto nos mesmos itens nos dois trabalhos esse som é transcrito como [o], como em [ɲɔʒokoba] ‘embaixo’ (GUDSCHINSKY, POPOVICH e POPOVICH, 1970, p. 78) que ocorre nos nossos dados como [ɲɔʒuku'bo] ‘embaixo (com contato)’. Abaixo, segue a proposta do quadro vocálico de acordo com Gudschinsky, Popovich e Popovich (1970):

QUADRO 2.4 – Inventário vocálico de acordo com Gudschinsky, Popovich e Popovich (1970)

	Anterior		Não-Anterior			
	i	ĩ	u		ũ	
Alto						
	Anterior		Central		Posterior	
	e	ẽ	a	ã	o	õ
Baixo						

Fonte: Gudschinsky, Popovich e Popovich (1970, p. 80).

2.1.3 – Rodrigues (1981)

Outro trabalho sobre a fonologia do Maxakalí, de autoria de Aryon Rodrigues, foi publicado mais de uma década depois, em 1981. Nesse breve artigo, Rodrigues (1981) trata de um fenômeno que posteriormente seria alvo de diversos trabalhos, que é o espraçamento de nasalidade. Para ele, a proposta de Gudschinsky, Popovich e Popovich (1970) é extremamente redundante quanto à nasalidade e, visando proporcionar uma análise mais econômica, ele propõe uma reanálise no sistema consonantal do Maxakalí com três regras que explicariam não só a nasalidade em palavras nativas, como também em empréstimos do português. Essa proposta por ele apresentada justifica-se pelo fato de que muitas línguas indígenas das terras baixas sul-americanas terem como *default* a nasalidade em fronteiras de palavra. O quadro abaixo mostra a proposta feita por Rodrigues (1981, p. 305-306):

²⁷ Utilizaremos nesta tese como sinônimos os termos alto / fechado e baixo / aberto nas descrições de vogais.

QUADRO 2.5 – Inventário consonantal de acordo com Rodrigues (1981)

	Labial	Alveolar	Palatal	Velar	Laringal
Não-vozeado	p	t	c	k	ʔ
Vozeado	b	d	j	g	
Contínuo					h

Fonte: baseado em Rodrigues (1981, p. 305-306).

Dentro da proposta de Rodrigues (1981), não havendo consoantes nasais e, com vogais nasais restritas a contextos em que não há uma consoante que justifique sua nasalidade, resta a aplicação da seguinte regra que indica que a consoante final de uma palavra se nasaliza, justificada pela fronteira nasal *default*:

$$(2) \quad [+ \text{vozeado}] \rightarrow [+ \text{nasal}] / \_ \#$$

C

(RODRIGUES, 1981, p. 307.)

Ao nasalizar a consoante final de palavra, aplica-se uma regra iterativamente em que todos os segmentos vozeados são nasalizados até se chegar à margem esquerda da palavra ou até encontrar um segmento não-vozeado, que bloqueia esse espriamento. Para essa análise, os segmentos laringais são transparentes para o espriamento, o que é indicado na segunda regra, aqui apresentada em (3):

$$(3) \quad [+ \text{vozeado}] \rightarrow [+ \text{nasal}] / \_ ([- \text{consonantal}, - \text{vozeado}]) [+ \text{nasal}]$$

(RODRIGUES, 1981, p. 308.)

Gudschinsky, Popovich e Popovich (1970) derivam [mĩhĩm] ‘árvore’ a partir de /mĩhĩm/. Por outro lado, com essas duas regras, Rodrigues (1981) deriva tal forma fonética a partir de uma forma subjacente /bihib#/: com a aplicação da primeira regra tem-se uma forma intermediária bihim e, posteriormente, com a aplicação iterativa da segunda regra tem-se bihĩm > bĩhĩm > [mĩhĩm]. Rodrigues (1981, p. 308) diz que essa regra também se aplica ao final de morfema, porém como não havia até então “nenhum estudo disponível da intonação do Maxakalí”, ele diz não ser “possível decidir sobre a necessidade de distinguir entre fronteira de tema e fronteira de palavra” (RODRIGUES, 1981, p.310).

Finalmente, para a pré-nasalização em início de palavras, ele apresenta a regra em (4), a qual é aplicada opcionalmente. Nesse caso, a nasalidade da fronteira inicial de

palavra é mais “fraca” e não nasaliza totalmente a consoante e, conseqüentemente, não espalha o traço [+ nasal] para os segmentos à direita. Ainda, como essa nasalização é mais restrita, ela não ocorre na margem esquerda do segundo elemento de um composto.

$$(4) \quad [+ \text{vozeado}] \rightarrow ([+ \text{nasal} / - \text{nasal}]) / \# \_\_\_ [- \text{nasal}]$$

C

V

(RODRIGUES, 1981, p. 308.)

2.1.4 – Araújo (2000)

A proposta dos segmentos fonológicos de Araújo (2000) difere das demais pelo fato de que ele postula que há consoantes nasais, mas não oclusivas vozeadas, e que não há vogais nasais, sendo a nasalidade destas, derivada do traço nasal das consoantes. Uma outra diferença crucial na proposta de Araújo é o fato de que ele afirma haver consoantes glotais na coda, ao contrário do que é dito por Gudschinsky, Popovich e Popovich (1970) e que essas glotais impedem o espalhamento da nasalidade, diferentemente do que Rodrigues (1981) propõe.

Por utilizar a Teoria da Otimalidade como *background* teórico, Araújo propõe o ranqueamento das seguintes restrições como suficientes para explicar a nasalidade do Maxakalí e conseqüentemente parte de seu inventário fonológico:

$$(5) \quad \text{SPREAD-L} \gg * \text{NASOBS} \gg * \text{NV}_{\text{oral}} \gg * \text{V}_{\text{nas}} \gg \text{IDENT-IO} [\text{NAS}]$$

(ARAÚJO, 2000, p. 87.)

A restrição mais alta no *ranking*, SPREAD-L, indica que, para cada elemento à esquerda de um segmento nasal que não seja nasalizado, conta-se uma violação. A segunda, marca uma violação para cada obstruente nasal no *output* e a terceira proíbe sequências de uma consoante nasal com uma vogal oral. Por fim, $* \text{V}_{\text{nas}}$ proíbe vogais nasais e no final desse ranqueamento está IDENT-IO [NAS], que tem a função de garantir que o valor de nasalidade do *input* e do *output* sejam os mesmos. Com essas restrições, chega-se a um inventário consonantal idêntico ao de Gudschinsky, Popovich e Popovich (1970) e um inventário vocálico com apenas cinco vogais orais /i, u, e, o, a/ e nenhuma vogal nasal, presentes somente na forma fonética.

Entretanto, a análise de Araújo (2000) é muito problemática. Primeiramente, ele afirma que, em alguns casos, a fricativa glotal bloqueia o espalhamento nasal, mas que

em outros não, porém não explica em quais contextos isso ocorre. A hipótese de que a nasalidade de vogais no Maxakalí advém das consoantes também cai por terra quando se olha mais atentamente para o léxico: há palavras sem consoante nasal alguma, mas que têm suas vogais nasais como /hã/ ‘INS’ e /ĩhã/ ‘quando, enquanto’, por exemplo. Além disso, em relação à oclusiva glotal, ele afirma que ela sempre ocorre foneticamente em final de palavras que, de outra maneira, terminariam em vogal, para que haja a formação de um pé moraico binário (ARAÚJO, 2000, p. 60-64). Isto é verdade até certo ponto: numa fala menos monitorada e com uma taxa de elocução mais alta, os falantes frequentemente apagam essa oclusiva. Como veremos na seção 2.2.4, há evidências que corroboram a hipótese de que a oclusiva glotal em final de palavra está relacionada com uma delimitação da frase fonológica e não para dar peso silábico, como proposto por Araújo (2000).

2.1.5 – Wetzels (2009)

A análise de Wetzels (2009) toma como ponto de partida aquela feita por Rodrigues (1981), que, como visto acima, afirma não haver consoantes nasais subjacentes no Maxakalí. Porém, diferente da análise de Rodrigues, Wetzels demonstra que as vogais nasais não são restritas a apenas alguns casos, mas são a fonte da nasalidade. Essas vogais, ocorrendo na última sílaba da palavra, espriam o traço nasal para a coda, quando ela estiver presente, e iterativamente da direita para a esquerda em todos os segmentos com o traço [+ voz], isto é, vogais e consoantes vozeadas. Glotais, por não serem especificadas, seriam transparentes ao espraio de nasalidade.

A análise de Wetzels (2009), portanto, explica como itens terminados fonologicamente em vogal como /hã/ ‘INST’ e /jaɣã/ ‘avô, sogro’ (as respectivas realizações fonéticas, derivadas a partir da proposta do autor, são [hã] e [ɲã'ɲã?]) podem ter suas realizações nasais, apesar de não terminarem em uma consoante subjacentemente vozeada. O trabalho de Wetzels (2009) apresenta alguns itens como tendo uma oclusiva glotal que bloqueia o espraio de nasalidade, porém estes não foram encontrados por nós em campo. Nesses itens há sim o espraio de nasalidade, como em [kiʔũn] ‘linhas paralelas’ (2009, p. 246), que ocorre como [kĩ'ʔĩĩ] ‘listrado’ em nossos dados. Outro ponto de discordância entre os dados presentes em Wetzels (2009) e nossos próprios dados, é o fato de que diversos itens lexicais ou estão transcritos de maneira errônea, como no exemplo anterior, em que as vogais estão invertidas, ou estão com uma tradução equivocada como [tokã], que em nossos dados ocorre como [tu'kãĩ], e que, no

artigo de Wetzels, é dado como um empréstimo do português e traduzido como ‘tucano’, mas nos nossos dados conta com o significado de ‘galinha d’angola’, sendo o nome desse animal dado pela onomatopeia do ruído produzido por ele. Esses problemas de transcrição e tradução provavelmente são motivados pelo uso, por parte do autor, de dados retirados de um dicionário Maxakalí-inglês (POPOVICH e POPOVICH, 2005). O trabalho também não explica casos de uma aparente nasalização que se espraia da esquerda para a direita em raízes iniciadas por vogais (SILVA, NEVINS e WHITE, no prelo). Apesar de alguns problemas dessa natureza, a análise proposta pelo autor é capaz de explicar em grande parte o comportamento da nasalidade em palavras nativas do Maxakalí e de empréstimos do português.

2.1.6 – Wetzels (1995) e Silva (2011)

Para procedermos a nossa análise dos segmentos e da sílaba no Maxakalí, ainda comentaremos dois trabalhos, o de Wetzels (1995) que trata das oclusivas intrusivas em encontros consonantais heterossilábicos e a monografia de Silva (2011) que trata brevemente sobre a sílaba e os *glides* de transição nessa língua. Esses dois trabalhos serão citados aqui pois tentam explicar a alofonia de consoantes e vogais, sendo essas alofonias apresentadas nas seções 2.2 e 2.3, respectivamente.

2.1.6.1 – Wetzels (1995)

Wetzels (1995) trata das consoantes intrusivas em encontros consonantais não-homorgânicos. Em encontros de consoante nasal seguida por consoante não-vozeada, há entre elas uma consoante fonética de mesmo ponto que a primeira e de mesma voz que a segunda. Esquemáticamente, pode dizer que /MT/ → [MPT], sendo M uma consoante nasal, T uma consoante surda com outro ponto de articulação e P a consoante intrusiva que compartilha o ponto de articulação da primeira e o estado de glote da segunda. De maneira similar, consoantes surdas em coda, quando num encontro com consoantes nasais, geram uma consoante intrusiva de mesmo ponto que a primeira e mesma nasalidade que a segunda, com um vozeamento opcional da consoante original da coda. Utilizando a mesma notação, diz-se que /PN/ → [PMN] ou [BMN].

Essa consoante intrusiva se originaria por conta de “[...] um *retiming* sistemático dos movimentos articulatorios envolvidos na produção do grupo hospedeiro” (p. 86). Porém, ao contrário do que já havia sido proposto por outros autores, Wetzels afirma que essa epêntese não tem a ver diretamente com a articulação do véu palatino, mas com um

retardamento na soltura da oclusão da primeira consoante do encontro. Essa explicação é formalizada por uma regra em que há uma ligação da cavidade oral da primeira consoante do encontro com a nódulo de raiz da segunda. Essa regra consegue unificar os dois fenômenos, isto é, o de assimilação de ponto e o de assimilação de voz.

2.1.6.2 – Silva (2011)

Por fim, Silva (2011), ao analisar padrões silábicos fonológicos /CVC/ que são realizados foneticamente como [CVGVC], afirma, em consonância com Gudschinsky, Popovich e Popovich (1970), que esse padrão de duas sílabas fonéticas é tomado como apenas uma sílaba num nível abstrato pelos falantes do Maxakalí. O autor ainda demonstra que há duas sílabas fonéticas, já que a segunda vogal, alofone da consoante em coda, tem *pitch*, intensidade e duração mais baixos que a da vogal nuclear.

Nesse trabalho também são demonstrados como vogais átonas são mais curtas que tônicas, mas contam com intensidade e *pitch* mais altos. No caso desse último parâmetro, Popovich (1985) mostra que o enunciado, seja de qual tamanho for, tem uma queda global ao longo do tempo. Como foram analisados apenas itens individuais elicitados no trabalho de Silva (2011), talvez *pitch* não seja um correlato de acento, mas, provavelmente, um efeito da entoação da língua.

2.2 – Sistema consonantal

Na presente seção, descreveremos as consoantes do Maxakalí e seus alofones. Dentro de nossa proposta, a língua conta com nove consoantes fonológicas. Há outras quatro consoantes que estão passando por um processo de fonologização, devido a um contato cada vez maior dos falantes de Maxakalí com a língua portuguesa. O inventário de consoantes é apresentado no quadro abaixo:

QUADRO 2.6 – Inventário consonantal do Maxakalí

	Bilabial	Dental	Palatal	Velar	Glotal
Oclusiva não-vozeada	p	t	c	k	
Oclusiva vozeada	b	d	ɟ	g	
Nasal	(m)	(n)	(ɲ)		
Fricativa					h
Lateral		(l)			

Como pode-se ver no quadro anterior, o Maxakalí conta com quatro consoantes oclusivas não-vozeadas e quatro oclusivas vozeadas, além de uma fricativa. Há também uma série de consoantes nasais, as quais estão em distribuição complementar com as oclusivas vozeadas em palavras nativas, porém são contrastivas em empréstimos. Por fim, a lateral dental é cada vez mais frequente em empréstimos do português.

As consoantes do Maxakalí, como já bem observado em trabalhos anteriores (POPOVICH e POPOVICH, 1960b; GUDSCHINSKY, POPOVICH e POPOVICH, 1970; ARAÚJO, 2000), é descrito como tendo cinco pontos de articulação: bilabial, alveolar, palatal, velar e laringal. Os nossos dados indicam que há de fato cinco pontos, mas as consoantes descritas como alveolares são dentais,²⁸ comprovando a hipótese proposta por Operstein (2010), que, discutindo a diferença entre pré-vogais de dentais e alveolares, afirma que o corpo da língua daquelas é mais posteriorizado que destas. Sobre as pré-vogais das alveolares do Maxakalí, aqui descritas como dentais, ela diz: “A qualidade centralizada de suas (pré)vogais e seu efeito posteriorizador no /a/ sugerem ambos que essas coronais têm uma posição de língua retraída. Isso, por sua vez, parece ser um argumento de realizações dentais ou talvez dento-alveolares” (p. 165, tradução nossa).²⁹

2.2.1 – Consoantes em onset simples

Todas as consoantes ocorrem na posição de *onset* silábico simples. Em *onsets* ramificados o primeiro elemento deve ser ocupado por uma consoante periférica, isto é, labial ou velar, enquanto a segunda consoante deve ser uma dental, havendo uma única exceção em que a segunda consoante é uma palatal não-vozeada: /pcet/ ‘um, sozinho’. Apresentaremos a motivação para postular *onsets* complexos no Maxakalí na seção 2.2.2.

²⁸ Apesar de não termos realizado medidas com um palatógrafo, dois motivos nos forçam a fazer essa afirmação. O primeiro deles é de que ao perguntar para falantes nativos em qual posição eles articulavam as consoantes ora em discussão, eles nos diziam que a ponta da língua encostava na parte posterior dos dentes superiores. O segundo se relaciona com uma alofonia da consoante não-vozeada /t/: em alguns raros casos, como veremos na Seção 2.2.3.3, consoantes não-vozeadas em coda podem se fricativizar. No caso de /t/ o alofone é uma fricativa dental [θ], mantendo, assim, o mesmo ponto de articulação, e não uma alveolar [s] como seria de se esperar caso a consoante fosse uma alveolar como descrito por Gudschinsky, Popovich e Popovich (1970). Medidas palatográficas certamente serão de grande valia para confirmar a afirmação por nós feita aqui.

²⁹ No original: “The centralized quality of their (pre)vowels and their backing effect on /a/ both suggest that these coronals have a retracted tongue body position. This, in turn, seems to argue for their dental or perhaps dentalveolar realization.”

Apresentaremos os pares mínimos de consoantes em *onset* a seguir, destacados em negrito. Em (6), tem-se a distinção entre as diversas consoantes oclusivas não-vozeadas. Incluímos também a oposição entre esse grupo de consoantes e zero, pois como veremos mais adiante, esse será um diagnóstico para demonstrarmos que a oclusiva glotal [ʔ] não é fonológica no Maxakalí.

- (6) a. /p/ vs. Ø
- | | |
|-----------------------------|-------------------------------|
| /pa/ [ˈpʊʔ] ‘pegar.SG.INAN’ | /a=/ [ʔa] ‘NEG’ |
| /pãp/ [ˈpãβ] ‘pão’ | /ãp/ [ãβ] ‘NMZ’ ³⁰ |
- b. /p/ vs. /t/
- | | |
|--------------------------|--|
| /-pat/ [ˈpɑʔ] ‘costela’ | /tat/ [ˈtɑʔ] ‘pegar.MASS’ |
| /pup/ [ˈpuβ] ‘macaco.FC’ | /tup/ [ˈtuβ] ‘voar.SG.IRR’, ‘gordura, gordo’ ³¹ |
- c. /p/ vs. /c/
- | | |
|--|-------------------------------|
| /-pit/ [ˈpiʔ] ‘macho, irmão de ego feminino’ | /cit/ [ˈtɛiʔ] ‘linha, fio’ |
| /puc/ [ˈpuj] ‘flecha.FC’ | /-cuc/ [ˈtɛuj] ‘dente, ponta’ |
- d. /p/ vs. /k/
- | | |
|-------------------------------|-------------------------------|
| /pi-k/ [ˈpij] ‘lavar-REAL’ | /ki-k/ [ˈkiʔ] ‘matar.PL-REAL’ |
| /pit/ [ˈpiuʔ] ‘pegar.SG.ANIM’ | /-kit/ [ˈkiuʔ] ‘piolho’ |
- e. /t/ vs. Ø
- | | |
|-----------------------------------|------------------|
| /ta/ [tɑ] ‘TOP.DIF’ ³² | /a=/ [ʔa] ‘NEG’ |
| /tuk/ [ˈtʊu] ‘epa!, ops!’ | /uk/ [ʔʊu] ‘INT’ |

³⁰ O nominalizador /ãp/ alterna com /hãp/. A forma sem *onset* não é mais produtiva e ocorre em alguns poucos itens como /ãp=bdik/ ‘noite’ < NMZ=preto e /ãp=bik/ ‘comida’ < NMZ=cozinhar. Já a forma com *onset* é altamente produtiva.

³¹ Os dois itens têm origem etimológica diferente, apesar da homofonia: ‘voar.SG’ tem sua origem em Proto-Maxakalí-Krenak *tôp, enquanto ‘gordura’ se origina da proto-forma *tum (NIKULIN e SILVA, no prelo).

³² A conjunção /ta/ tem uma função semântica de mudança de cena, participante, localização e/ou tempo nos termos de Popovich (s/d, 1986). Pereira (no prelo) concorda, explicando que esse morfema serve para indicar a mudança de Situação Tópica.

f.	/t/ vs. /c/		
	/-tak/ [ˈt̪au̯] ‘pai’	/cak/ [ˈt̪eau̯] ‘cortar em pedaços grandes.SG’, ‘pedir, escolher’, ‘colocar sentado.PL’ ³³	
	/-t̪ip/ [ˈt̪iβ̞] ‘novo’	/cip/ [ˈt̪eiβ̞] ‘chupar’, ‘pendurar.SG’ ³⁴	
g.	/t/ vs. /k/		
	/-tuc/ [ˈt̪u̯] ‘longo’	/-kuc/ [ˈku̯] ‘buraco, furo’	
	/t̪i/ [t̪i] ‘LOC’, ‘e.SS’	/ki/ [ˈkiʔ] ‘lenha.FC’	
h.	/c/ vs. Ø		
	/ca/ [t̪ea] ‘2.OBL’	/a=/ [ʔa] ‘NEG’	
	/c̪ik/ [ˈt̪ei̯ŋ] ‘como’, ‘cinco’ ³⁵	/-ik/ [ˈʔi̯ŋ] ‘falar’	
i.	/c/ vs. /k/		
	/ci/ [t̪ei] ‘e’	/ki/ [ˈkiʔ] ‘matar.PL.IRR’	
	/c̪ep/ [ˈt̪eβ̞] ‘chefe’	/k̪ep/ [ˈk̪eβ̞] ‘peito, tórax’	
j.	/k/ vs. Ø		
	/ka/ [ka] ‘PROH’	/a=/ [ʔa] ‘NEG’	
	/kac/ [ˈka̯j] ‘ruído’	/=ac/ [ʔa̯j] ‘FUT’	

Em (7) abaixo, apresentamos os contrastes entre os segmentos vozeados, destacando mais uma vez em negrito os segmentos relevantes. Em palavras nativas, /b, d, ɟ/ são realizados em *onset* como [m, ɱ, ɲ], respectivamente, quando precedendo vogal nasal.

(7)	a.	/b/ vs. Ø	
		/b̥-k/ [ˈm̥õũ̯] ‘ir-REAL’	/Ø-ũk/ [õũ̯] Ø-GEN > ‘teu’

³³ A abundância de significados do item /cak/ se dá por se tratar de homófonos. Ainda que não saibamos a etimologia dos itens, /cak/ ‘cortar em pedaços grandes.SG’ tem como forma no modo *irrealis* /cak/. Já /ca-k/ ‘pedir, escolher’, tem por *irrealis* /ca-c/. Não sabemos a forma do *irrealis* do verbo /cak/ ‘colocar sentado.PL’. No Capítulo 4 descrevemos as alternâncias entre o modo *realis* e *irrealis* em uma série de verbos no Maxakalí.

³⁴ O verbo para ‘chupar’ tem origem no Proto-Maxakalí-Krenák *cyp, enquanto ‘pendurar.SG’ vem de *cyp (NIKULIN e SILVA, no prelo).

³⁵ O interrogativo ‘como’ tem origem nativa, enquanto ‘cinco’ é um empréstimo do português.

- b. /b/ vs. /d/
 /bik/ [ˈmbəu] ‘cozinhar’, ‘besuntar’ /-ci-**d**ik/ [tɛiˈd̪əu] ‘liso’
 /bãc/ [ˈmãj̃] ‘mãe.VOC’ /**d**ãc/ [ˈɲãj̃] ‘esperar.IMP’
- c. /b/ vs. /j/
 /pip**b**a/ [piːˈbɔ] ‘cada’ /pi**j**a/ [piˈd̪a] ‘onde’³⁶
 /bĩp/ [ˈmĩβ̃] ‘árvore, madeira.FC’ /-**j**-ĩp/ [ˈnĩβ̃] ‘braço, mão’
- d. /b/ vs. /g/
 /bahap/ [ˈmbaˈɦaβ̃] ‘girar.FL’ /**g**ahap/ [ˈgaˈɦaβ̃] ‘garrafa’
 /bũc/ [ˈmõj̃] ‘ALL.IMP’ /-**g**ũc/ [ˈgõj̃] ‘fumaça’
- e. /d/ vs. Ø
 /dãp/ [ˈɲãβ̃] ‘COMPL’³⁷ /ãp/ [ãβ̃] ‘NMZ’
- f. /d/ vs. /j/
 /-**d**ak/ [ˈd̪au] ‘seco’ /**j**ak/ [ˈj̪d̪au] ‘jaca’
 /dũk/ [ˈɲõũ] ‘acabar’ /**j**-ũk/ [ˈj̪õũ] TH-GEN > ‘meu’
- g. /d/ vs. /g/
 /dãc/ [ˈɲãj̃] ‘esperar.IMP’ /-**g**ãc/ [ˈgãj̃] ‘bravo’
- h. /j/ vs. Ø
 /-**j**uk/ [ˈd̪ou] ‘reto’ /uk/ [ou] ‘INT’
 /jã/ [ˈj̪ã] ‘ENF’ /ã/ [ã] ‘1.SG.OBL’
- i. /j/ vs. /g/
 /jãc/ [j̪ãj̃] ‘REFL’ /-**g**ãc/ [ˈgãj̃] ‘bravo’
- j. /g/ vs. Ø
 /kãgac/ [kãˈgaj̃] ‘cangalha’ /kaac/ [kaˈʔaj̃] ‘fim’

³⁶ Ainda não nos é clara a distinção entre os pronomes interrogativos locativos /pija/ e /pia/. Há outras duas formas, estas já compreendidas por nós: /ja/, que é uma forma reduzida de /pija/, e /hija/ que pode ser traduzida como ‘para onde, aonde’

³⁷ Ao contrário do que Campos (2009a, p. 220-222 e 228-230) afirma, o clítico /dãp/ (escrito *nãm* na ortografia Maxakalí) não significa ‘todo(a)(s)’ e não tem escopo sobre o nome, mas é indicativo do aspecto completivo e tem escopo sobre o verbo, como pode ser percebido pelos exemplos em (i) e (ii) abaixo, elicitados por um Maxakalí da Aldeia Verde:

(i)	<i>Ũg-gãy nãm</i> 1-bravo COMPL ‘Eu estou completamente bravo’	(ii)	<i>kayak puxet ã-xu-ta nãm</i> camisa um 3-NCTG-vermelho COMPL ‘Uma camisa está totalmente vermelha’

Como pode-se depreender dos dados em (6), os alofones de /p, t, c, k/ em *onset* simples são [p, t̚, t̚, k], respectivamente. O fonema palatal /c/ ainda conta com um alofone [ç] presente na fala dos mais velhos. Já em (7), percebe-se que em palavras nativas, /b, d, ɣ/ em *onset* contam com alofones cujas realizações dependem do contexto: quando precedendo vogais nasais, os alofones são [m, n̥, ŋ] e quando precedem vogais orais os alofones são [b, d̥, d̥]. Em contextos orais em início de palavra, normalmente as consoantes vozeadas ocorrem com uma pré-nasalização [^mb, ^{n̥}d̥, ^ŋd̥], porém também há ocorrências sem a fase nasal, isto é, são realizadas da mesma maneira que em meio de palavra. Também se vê em (7) que /g/ em *onset* sempre é oral, independentemente da nasalidade da vogal. Em início de palavras, de maneira similar às outras consoantes sonoras, /g/ pode ser pré-nasalizado [^ŋg]. Pode-se formalizar as alofonias das consoantes em *onset* dos exemplos em (7) pela seguinte regra:

(8) [+ consonantal, + vozeado] > [+ nasal] / ____ [+ silábico / + nasal]

Os empréstimos em (7d, f, j), ‘garrafa’, ‘jaca’ e ‘cangalha’, respectivamente, foram utilizados pois a frequência de tipo das oclusivas vozeadas fonéticas é relativamente baixa se comparada com consoantes nasais em palavras do léxico nativo (NIKULIN e SILVA, no prelo). Pelo mesmo motivo, em (7j) temos um par análogo e não um par mínimo. Em (9), apresentamos alguns exemplos de empréstimos,³⁸ nos quais há a ocorrência de consoantes oclusivas vozeadas (com exceção da velar /g/, sobre a qual discutiremos mais adiante) seguidas por vogais nasais, com a sílaba relevante para a discussão destacada em negrito:

(9)	a. [bã'ɛ̃]	‘banheiro’	*[mã'ɛ̃]
	b. [nũ'bẽβ]	‘novembro’	*[nũ'mẽβ]
	c. [ɖa'ɖĩ]	‘laranja’	*[ɖa'ŋĩ]
	d. [paɖa'ɖĩ]	‘Pradinho’	*[paɖa'ŋĩ]
	e. [t̚ɛɖɛbi'dzãβ]	‘televisão’	*[t̚ɛɖɛbi'pãβ]
	f. [paɖzẽ'ɖɛ̃]	‘fazendeiro’	*[paɖzẽ'ɖɛ̃]

Em (9), vê-se que a distribuição complementar presente em itens nativos não vale para empréstimos, sendo a ocorrência da consoante oral ou nasal antecedendo vogais nasais imprevisível. Note que alofones consonantais nasais jamais ocorrem precedendo

³⁸ Remetemos o leitor interessado para o artigo de Silva, Nevins e White (no prelo), no qual os autores discutem mais a fundo as estratégias de adaptação da nasalidade em empréstimos do português no Maxakalí.

vogais orais. Logo, sílabas como *[na] ou *[mi] são agramaticais em Maxakalí, tanto no léxico nativo quanto em empréstimos. Há um outro caso, que será discutido mais a fundo no capítulo 3, em que consoantes orais em *onset* podem ser seguidas por vogal nasal, dentro do léxico nativo. Trata-se do espriamento de nasalidade do sufixo diminutivo para a base de verbos que contam com *onsets* orais vozeados. Contudo, a ocorrência de consoante oral surda seguida por vogal nasal, nesse caso, é totalmente previsível.

Em (10) apresentamos os contrastes relevantes que distinguem oclusivas não vozeadas de suas contrapartes vozeadas:

- (10) a. /p/ vs. /b/
 /pik/ ['pəu] ‘queimar.INTR’, /bik/ ['^mbəu] ‘cozinhar’, ‘besuntar’
 ‘assoviar’
 /pĩt/ ['pĩũĩĩ] ‘pular.ONOM’ /bĩt/ ['mĩũĩĩ] ‘PRIV’
- b. /t/ vs. /d/
 /-tak/ ['ṭau] ‘pai’ /-dak/ ['ḍau] ‘seco’
 /-tĩt/ ['ṭũĩĩ] ‘mãe’ /-dĩt/ ['ḍũĩĩ] ‘vir.REAL’
- c. /c/ vs. /j/
 /cuk/ ['təu] ‘animal’, /-juk/ ['dʒəu] ‘reto’
 ‘morrer.SG’, ‘plantar’
 /cĩk/ ['təĩĩ] ‘como’, ‘cinco’ /jĩk/ ['nĩĩ] ‘falar.REAL’
- d. /k/ vs. /g/
 /-kãc/ ['kãĩĩ] ‘valentão, espertalhão’ /-gãc/ ['gãĩĩ] ‘bravo’
 /-kuc/ ['kũj] ‘buraco’ /gucguc/ ['gũjgũj] ‘ziguezaguear’

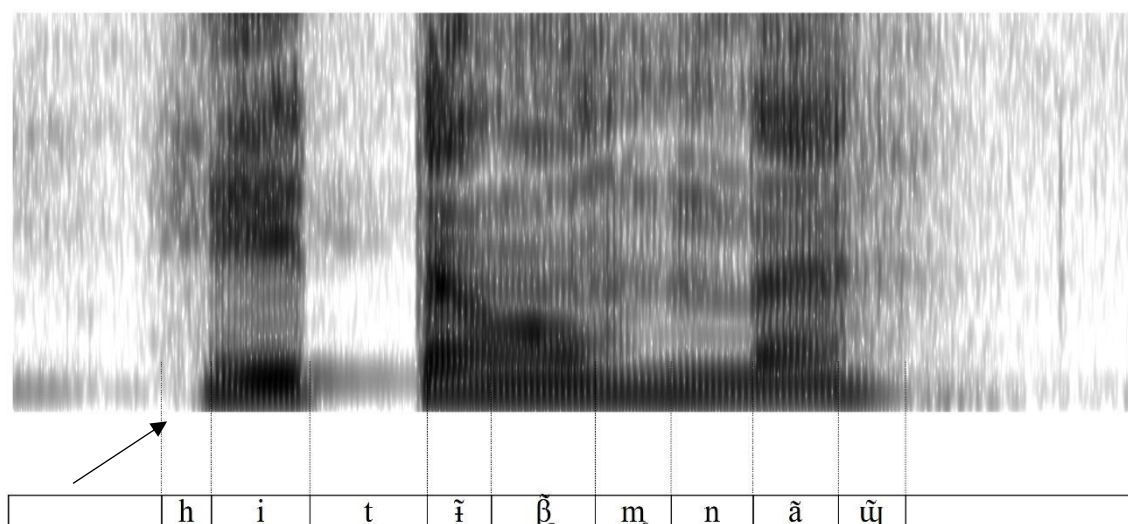
O segundo exemplo em (10b), ‘mãe’ e ‘vir’, é um par análogo. Ele foi selecionado por motivo semelhante àquele exposto em (7): a frequência de tipo de consoantes oclusivas surdas seguidas por vogal nasal é mais baixa que as de oclusivas vozeadas seguidas por vogais orais (NIKULIN e SILVA, no prelo).

Para finalizar a apresentação dos contrastes entre consoantes, temos a seguir, em (11), a oposição de /h/ com os demais segmentos do Maxakalí:

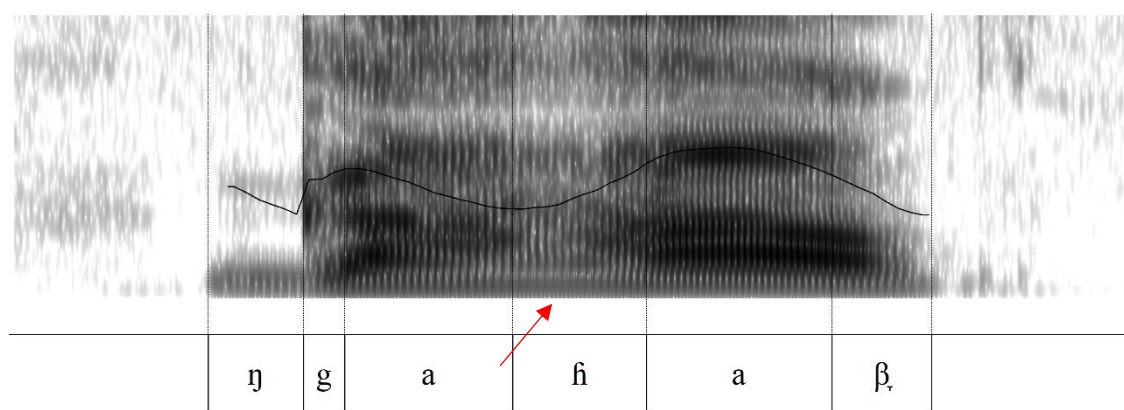
- (11) a. /h/ vs. Ø
 /hã/ [hã] ‘INS’ /ã/ [ã] ‘1.SG.OBL’
 /hac/ [ˈhɑj] ‘cheirar’ /=ac/ [ˈʔɑj] ‘FUT’
- b. /h/ vs. /p/
 /hũp/ [ˈhũβ̃] ‘dar’ /pũp/ [ˈpũβ̃] ‘EXORT’
 /-hɛp/ [ˈhɛβ̃] ‘líquido’ /-ci-pɛp/ [tɛiˈpɛβ̃] ‘sair.SG, chegar.SG’
- c. /h/ vs. /b/
 /hac/ [ˈhɑj] ‘cheirar’ /-bac/ [ˈbɑj] ‘falso, pseudo-’
 /hã/ [hã] ‘INS’ /bã/ [ˈmã] ‘comer.TRANS.FC’
- d. /h/ vs. /t/
 /-hɛk/ [ˈhɛj] ‘fêmea, irmã de ego masculino’ /tɛk/ [ˈtɛj] ‘chuva.FC’
 /-hi/ [ˈhi] ‘vivo’ /ti/ [ˈti] ‘estar na vertical.PL’
- e. /h/ vs. /d/
 /hũp/ [ˈhũβ̃] ‘dar’ /dũp/ [ˈɳũβ̃] ‘estar na horizontal.PL’, ‘esse.FC’
 /hip/ [ˈhiβ̃] ‘esperar’ /dĩp/ [ˈɳĩβ̃] ‘separar’, ‘cru’
- f. /h/ vs. /c/
 /hac/ [ˈhɑj] ‘cheirar’ /-cac/ [ˈtɛɑj] ‘casca, pele’
 /hĩk/ [ˈhĩj̃] ‘amarrar.SG’ /cĩk/ [ˈtɛĩj̃] ‘como’, ‘cinco’
- g. /h/ vs. /ʝ/
 /huk/ [ˈhou] ‘NEG, PROH’ /-juk/ [ˈdʒou] ‘reto’
 /hã/ [hã] ‘INS’ /jã/ [ˈjã] ‘ENF’
- h. /h/ vs. /k/
 /hac/ [ˈhɑj] ‘cheirar’ /kac/ [ˈkɑj] ‘ruído’
 /hĩk/ [ˈhĩj̃] ‘amarrar.SG’ /kĩk/ [ˈkĩj̃] ‘amarrar.PL’
- i. /h/ vs. /g/
 /hubɛt/ [huˈbɛɁ] ‘Roberto’ /guhɛt/ [guˈfɛɁ] ‘governo’

Em (11), apresentamos os contrastes de /h/. Pode-se depreender dos exemplos que esse fonema em início de palavra se realiza como surdo [h], enquanto entre vogais ele se realiza como sonoro [ɦ]. Como veremos mais adiante, o fonema /h/ só ocorre na posição de onset e que aspirações pós-vocálicas, que foram consideradas como fonêmicas por Araújo (2000), são ocorrências previsíveis que levam em conta a altura da vogal, o onset da sílaba seguinte e a posição da sílaba na palavra. Ela pode ainda ser nasalizada quando há o espraçamento de nasalidade, como demonstrado por Nevins e Silva (2017, p. 1025-1028). A Figura 2.2, mostra o item /hitip-dãh/ ‘felizinho’ (feliz-DIM), gravada por um homem de 25 anos à época em um contexto de elicitación de itens e exemplifica o [h] em início de palavra, indicado pela seta.

FIGURA 2.2 – Espectrograma e transcrição de [hi'ʔβ̃m̃nãũ]



Já a Figura 2.3 abaixo mostra o empréstimo /gahap/ ‘garrafa’, gravado por um senhor de 80 anos à época da gravação, num contexto de elicitación de itens pedidos pelo pesquisador. Pode-se notar pela curva do *pitch* nessa imagem, indicado pela seta vermelha, que a fricativa entre vogais é vozeada [ɦ]. O fato de ela conter alguns formantes vocálicos é uma outra característica desse som, de acordo com Machač e Skarnitzl (2009, p. 51).

FIGURA 2.3 – Espectrograma, *pitch* e transcrição de [ʔga'fəβ]

Cabe aqui ainda mencionarmos o estatuto marginal do fone lateral dental [ɭ], o qual aparece em empréstimos do português e é cada vez mais frequente. O inventário fonológico nativo do Maxakalí não conta com líquidas e, originalmente, empréstimos que tinham uma lateral alveolar [l] ou um tepe [r] na língua fonte eram (e ainda são em certa medida) adaptados em *onset* como [ɖ, ɳ], a depender da nasalidade da vogal. Porém, hoje é cada vez mais frequente o uso de [ɭ] nessa posição silábica. Ainda não se pode dizer que essa lateral se fonologizou, pois ela ainda alterna em alguns casos com as dentais nativas do Maxakalí. Contudo, a sua frequência cada vez maior, principalmente na fala dos jovens indica que esse som pode se fonologizar na língua num futuro não muito distante. Em (12a-b) temos exemplos de *onsets* que foram adaptados com [ɖ, ɳ] e que nunca ocorrem em nossos dados com [ɭ]. Já (16c-d) temos exemplos em que há uma alternância entre [ɖ] e [ɭ] e (12e) um outro exemplo em que (quase) sempre ocorre a lateral [ɭ]. Os contextos relevantes estão destacados em negrito>.

- (15) a. [ɖa'ɖĩ] < [la'rẽʒə] 'laranja'
 b. [tɛatã'ɳẽẽ] < [sãte'lẽnə] 'Santa Helena (de Minas)'
 c. [tɛɖɛbi'dzãβ̃] ~ [tɛɭɛbi'dzãβ̃] < [televi'zãõ] 'televisão'
 d. [tɛɖu'ɖa] ~ [tɛɭu'ɭa] < [selu'lah] 'celular'
 e. [tɛuku'ɭaɔ] < [ʃoko'lafɿ] 'chocolate'

Em coda, porém, o [ɭ] nunca ocorre, sendo a lateral e o tepe do português sempre adaptados como /t/, concordando em nasalidade com o núcleo silábico e que frequentemente se enfraquece para [Ɂ] (13a-b) e [Ƀ] (13c-d), respectivamente:

- (13) a. [tɛa'kuɁ] < [sa'kolə] 'sacola'
 b. [ɿj'puɁ] < [is'pɔrə] 'espora'

do *onset* que a precede. Demonstraremos, aqui, uma posição contrária à dos dois autores, sugerindo que [i] é uma vogal epentética que serve para, em determinados contextos, desfazer o *onset* complexo.

Para Wetzels (1995) e Campos (2009a), a vogal central alta necessita de uma série de pré-requisitos para sofrer a queda. Apresentamos tais condições em (14):

- (14) Critérios para a queda de vogal central alta:
- a. A vogal deve estar em uma sílaba com *onset* labial ou velar;
 - b. A vogal deve estar numa sílaba sem coda
 - c. A vogal deve estar na primeira sílaba do morfema
 - d. O *onset* da sílaba seguinte deve ser uma consoante alveolar (dental, dentro de nossa proposta)
 - e. O morfema em questão deve ser precedido por um morfema/palavra terminado em vogal.

Dados esses critérios, os autores acima mencionados conseguem explicar a queda da vogal central alta, como exemplificado em (15):

- (15) a. [ki. 'tæj] ‘cantar’
 b. [ʔak. 'tæj.ʔa] ‘não cantar’ (NEG + cantar + NEG)

Em (15a), temos uma raiz cuja vogal da primeira sílaba é uma alta central. O *onset* dessa sílaba é uma consoante velar e não há uma coda. A consoante do *onset* seguinte é uma dental. Em (15b), ao adicionarmos o morfema descontínuo de negação /a= ... =a/, criamos um contexto em que a raiz verbal é precedida por uma vogal, favorecendo a queda de [i]. Cabe notar aqui que a consoante velar é ressilabificada como coda da vogal que a precede.

Porém, há pelo menos duas raízes as quais, apesar de contar com todos pré-requisitos apresentados em (14), nunca sofrem a queda da vogal:

- (16) a. /bidĩc/ [mĩ' p̥ĩj] ‘veado’
 b. /pitik/ [pi' t̥əu] ‘parecer, ser igual’

Os itens em (16) nunca ocorrem como *[m. 'p̥ĩj] e *[p. 't̥əu], mesmo quando precedidos por vogais. Como explicar o fato de algumas raízes sofrerem a queda da vogal, enquanto outras parecem opacas a essa regra? Se não considerarmos que essa é uma distinção lexical, se torna impossível explicar o porquê de algumas raízes se manterem

“intactas”. Porém, se postularmos que a vogal central alta é epentética, pode-se explicar a diferença entre os dois grupos e há uma série de argumentos que comprovam esta hipótese, alguns deles já apresentados em Silva (no prelo).

Em nossa proposta, um *onset* /CC/ deve ter sempre como primeira consoante uma labial ou velar, isto é, consoantes periféricas. Além disso, a segunda consoante deve ser uma dental.³⁹ Temos em (17), exemplos de raízes com *onset* ramificado:

- (17) a. /pt/ + vogal oral
 /ptuc/ ‘cabeça’
 /ptat/ ‘caminho’
- b. /bd/ + vogal nasal
 /bdīt/ ‘formiga’
- c. /kt/ + vogal oral
 /ktuk/ ‘filho(a)’
 /ktuc/ ‘podre’
- d. /kd/ + vogal nasal
 /kdāt/ ‘tucano’
 /kdīp/ ‘quati’
- e. /kd/ + vogal oral
 ? /kdit/ ‘grilo’⁴⁰
- f. /pd/ + vogal oral
 /pduk/ ‘branco’⁴¹

³⁹ Há uma única exceção em nossos dados, em que a segunda consoante do *onset* ramificado é uma palatal e não uma dental: /pçet/ ‘um, sozinho’. Pode-se argumentar, fazendo uma generalização maior, que a segunda consoante do ataque ramificado deve ser coronal, classe que abarca dentais e palatais, porém, o fato de haver um e apenas um *onset* complexo com o segundo elemento palatal nos leva a crer que este caso seja, de fato, uma exceção.

⁴⁰ A forma de elicitção para ‘grilo’ é [kĩḍi’fiḡ], a qual, como veremos no capítulo 4, pode ser derivada de /kdit/. Sabemos que há a alternância entre a forma longa e uma forma curta [kĩ’ḡiḡ], mas não sabemos se existe uma forma sem a vogal central alta [k.ḡiḡ], a qual serviria de diagnóstico definitivo para se chegar a forma subjacente. De qualquer maneira, se de fato este item contar com um *onset* complexo /kd/, ele seria o único em nossos dados com a sequência consoante velar surda seguida por dental sonora e vogal oral.

⁴¹ De maneira similar ao item em (17e), /pduk/ ‘branco’ é o único com uma consoante bilabial seguida por consoante dental sonora. O item em (17f) também se diferencia dos demais pelo fato de a vogal epentética não ser uma central alta, mas uma vogal alta posterior arredondada [u], cópia da vogal núcleo da sílaba fonológica. Vale notar a estratégia de cópia de vogal para desfazer um *onset* complexo é a mesma utilizada em empréstimos vindos do português, como em [taḡa’tou] < [tra’toh] ‘trator’.

g. /pc/ + vogal oral

/pcet/ ‘um, sozinho’ (exceção, ver nota de rodapé 39)

Ao olharmos os cognatos destes itens em outras línguas Macro-Jê, notaremos que todos eles contam com um encontro consonantal de uma consoante periférica (ou seja, bilabial ou velar) seguido de um tepe. Em ‘formiga’ (21b), por exemplo, há um cognato no Krenák /prik/, com correspondências sonoras regulares (NIKULIN e SILVA, no prelo). O mesmo pode ser dito para (21c), em que temos Krenák /kruk/, Proto-Jê *kra e Proto-Jabuti *krəj ‘filho’ e Proto-Cerrado⁴² *kroj ‘podre’ (NIKULIN e SILVA, no prelo).

Por outro lado, itens como /bĩdĩc/ ‘veado’ e /pitik/ ‘parecer, ser igual’ não contam com *onsets* complexos no Maxakalí e nem em seus cognatos externos. Estes são, respectivamente, Proto-Jê Central *mãrãj ‘mata’ (NIKULIN, comunicação pessoal) e Proto-Jê Setentrional *pyrək ‘parecer’ (NIKULIN e SILVA, no prelo). Como veremos mais detidamente no capítulo 4 raízes monossilábicas nominais e verbais no modo *irrealis* se alongam quando não formam um pé fonológico. Isto ocorre com alguns itens apresentados em (17), mas nunca com os itens em (16), o que é mais um indicativo de que estes são dissilábicos.

Em suma, ainda que nunca ocorram foneticamente como *onsets* complexos, palavras com encontros consonantais tautossilábicos podem ser postuladas levando em conta critérios diacrônicos e sincrônicos (como o alongamento de algumas raízes. Sobre isso, ver as Seções 4.1.3 e 4.3). Quando são precedidos por silêncio (18a) ou por consoante fonológica (18b), esses morfemas sofrem uma epêntese e posterior ressilabificação. Já quando são precedidos por um morfema terminado em vogal, a primeira consoante do *onset* é ressilabificada como coda da sílaba anterior e não ocorre a epêntese (18c).

- (18) a. /ptip/ [pi. 't̥iβ] ‘querer’
 b. /cit+ptip/ [t̥eiʝ.pi. 't̥iβ] ‘querer comer’
 c. /bũ=cipa+ptip/ [mũ.t̥ei.paβ. 't̥iβ] ‘querer correr’

Estes encontros consonantais nunca ocorrem foneticamente como *onsets* de uma sílaba devido à hierarquia de sonoridade e à Generalização de Sequência de Sonoridade

⁴² O Proto-Cerrado, chamado por alguns autores de Proto-Jê Amazônico, dentro da proposta classificatória do Macro-Jê, é a proto-língua que deu origem às famílias Jê Setentrional e Jê Central.

(*Sonority Sequencing Generalization*) (SELKIRK, 1984). Por serem ambas as consoantes do *onset* complexo fonologicamente oclusivas, tendo portanto um baixíssimo nível de sonoridade, a língua Maxakalí evita tais encontros e os resolve ora inserindo uma vogal epentética, como em (18a-b), ou ressilabificando a primeira consoante do encontro como uma coda da sílaba à sua esquerda, como em (18c).

Na próxima subseção discutiremos as consoantes na posição de coda silábica. Como veremos, as alofonias na coda não são triviais como aquelas do *onset* e requerem uma análise mais detida.

2.2.3 – Consoantes em coda

Nesta subseção discutiremos as consoantes na posição de coda silábica. Veremos que todos os contrastes, com exceção daquele de ponto de articulação, são neutralizados. Também discutiremos a pré-vocalização dessas consoantes, a qual frequentemente ocorre na língua, além do alongamento compensatório de vogal, fatos esses intimamente ligados à coda silábica.

2.2.3.1 – Trabalhos anteriores

O primeiro trabalho que descreve as codas no Maxakalí é o de Popovich e Popovich (1960b; ver Seção 2.1.1). Nele, os autores, como visto anteriormente, consideram que as pré-vogais e os *glides* de transição são fonológicos e não alofones das consoantes em coda. Eles afirmam que as consoantes oclusivas surdas /p, t, c, k/ e nasais /m, n, ɲ, ŋ/ podem ocorrer em codas mediais e finais enquanto as glotais /h, ʔ/ ocorrem somente em codas mediais. Diversas ocorrências de pré-aspiração e nasais surdas (ver Seção 2.5) são analisadas como sendo uma fricativa glotal /h/ em coda.

Também de caráter mais descritivo, temos o trabalho subsequente de Gudschinsky, Popovich e Popovich (1970), em que as mesmas consoantes, com exceção da fricativa glotal, são descritas como ocorrendo na posição de coda. Eles ainda afirmam que a oclusiva glotal ocorre nessa posição somente como um alomorfe da marca de terceira pessoa (GUDSCHINSKY, POPOVICH E POPOVICH, 1970, p. 79-80). É também nesse trabalho que os autores propõem uma análise das pré-vogais como sendo alofones das consoantes em coda, com sua saliência sendo variável de acordo com o contexto. Eles dizem: “[A] variação na proeminência dos alofones vocálicos das consoantes aparentemente está condicionada pela posição das sílabas pico ou não-pico das unidades

maiores da hierarquia [fonológica], e também por estilos especiais como chamamento ou repetição pedante” (GUDSCHINSKY, POPOVICH E POPOVICH, 1970, p. 81, tradução nossa).⁴³ Como demonstrado por Silva e Nevins (2014), Silva (2015, 2016) alguns contextos favorecem uma maior vocalização das consoantes em coda: no nível da palavra, codas finais tendem a se enfraquecer mais frequentemente que codas mediais. Codas em fim de enunciado também seguem a mesma tendência de se enfraquecer se comparadas com codas no meio do enunciado. Além disso, consoantes coronais (dentais e palatais) sofrem lenição com uma maior frequência do que consoantes periféricas (labiais e velares). Por fim, critérios estilísticos e etários também são relevantes na (pré-)vocalização de consoantes: uma fala mais monitorada é mais conservadora, assim como a fala de indivíduos idosos o é, o que, de acordo com Silva (2015, p. 99-101; 2016, p. 180-181) pode ser um indicativo de que a fala dos anciãos é tomada como padrão de referência de um bom falar.

Uma proposição teórica para a pré-vocalização de consoantes dentro de um modelo formal é aquela apresentada por Wetzels (1993). Dentro de um modelo de Geometria de Traços, há a proposta de que as consoantes supralaringais no Maxakalí contam, todas elas, com uma articulação vocálica secundária. As pré-vogais surgiriam pela fissão do nó raiz, em que o novo nó à esquerda da consoante conta com os traços da articulação secundária. No caso de consoantes articuladas com o corpo da língua, isto é, palatais e velares, a articulação vocálica coincide em ponto com as consoantes, porém no caso de labiais e alveolares (dentais na nossa análise) haveria uma inequivalência. De acordo com Wetzels (1993) a afirmativa de Gudschinsky, Popovich e Popovich (1970, p. 88) de que no Maxakalí os “alofones vocálicos têm a mesma posição horizontal de língua que os alofones consonantais [...]” (tradução nossa),⁴⁴ estaria equivocada, já que seria então esperado que as pré vogais de labiais e alveolares fossem [u] e [i], respectivamente. Porém encontra-se, de acordo ainda com Wetzels, [ɤ] e [ə]. A explicação proposta por ele é de que no caso de consoantes anteriores, o corpo da língua tem uma maior possibilidade de configurações para a articulação vocálica secundária, e que, ainda que incomum, os alofones vocálicos do Maxakalí não seriam um problema dentro da teoria.

⁴³ No original: “For example, variation in the prominence of the vocalic allophones of the consonants appears to be conditioned by position in the peak or non-peak syllables of the larger units of the hierarchy, and also by special styles such as calling or pedantic repetition”.

⁴⁴ No original: “Vocalic allophones have the same horizontal tongue position as the consonantal allophones [...]”

Posição próxima à de Wetzels (1993) é aquela apresentada por Operstein (2010), ainda que utilizando uma outra proposta teórica: a Fonologia Articulatória. Os dois autores concordam em relação ao fato de que todas as consoantes têm uma articulação vocálica secundária e que, no caso do Maxakalí, é esta articulação secundária que dá origem às pré-vogais. A diferença reside no fato de que enquanto na proposta de Geometria de Traços em Wetzels (1993) há a criação de um novo nó raiz, na Fonologia Articulatória ocorre que há uma redução temporal do gesto na camada consonantal, fazendo com que uma fase do gesto da camada vocálica não fique sobreposta.

Outra proposta próxima a de Wetzels (1993) é a de Wetzels e Sluyters (1995): a principal diferença entre as duas é que na segunda, as consoantes não contam com uma articulação vocálica secundária. Nessa proposta, após a fissão do nó raiz, o ponto-de-V da nova raiz é desligado e então os traços do ponto-de-C se espalham para a esquerda. Isso explicaria, dentro do paradigma teórico utilizado pelos autores, o fato de a pré-vogal de labiais ser labializada, mas não arredondada e o fato de a pré-vogal de alveolares ser um *schwa*. Neste último caso, como a consoante é subespecificada para traços de ponto de constricção, a pré-vogal também o é, gerando assim uma vogal “neutra”, isto é, um [ə].⁴⁵

Por fim, citamos aqui o trabalho de Araújo (2000). Como mencionado na Seção 2.1.4, esse autor utiliza a Teoria da Otimalidade para explicar os fatos do Maxakalí. Ele explica o surgimento de *glides* de transição e da pré-vocalização pela ordenação das três restrições: N-CONTIG (um núcleo pode ocorrer como uma vogal seguida de um *glide*) >> C-CONTIG (uma coda pode ocorrer como uma pré-vogal seguida de consoante) >> *Cissão (marca uma violação para cada item do *input* que tiver mais de um correspondente no *output*) (ARAÚJO, 2000, p. 35-37). Através do ranqueamento de uma série de restrições da família IDENT-F (principalmente IDENT-PLACE) em que se deve contar uma violação para cada não-correspondência de um dado traço do *input* com o *output*, ele consegue postular quais pré-vogais correspondem a quais consoantes (ARAÚJO, 2000, p. 38-41).

⁴⁵ Recomendamos também leitura da proposta feita por Nevins (2015) em sua resenha da obra de Operstein (2010), dentro da Fonologia de Elementos (*Element Theory*). Na proposta deste autor, a pré-vocalização pode ser descrita como uma desnuclearização (*unheading*) de elementos consonantais, os quais contam com elementos nucleares (*headedness*). Logo, um segmento /t/ é composto por um elemento [A] (o sublinhado indica que é um elemento com núcleo), que perde seu núcleo, se tornando [A], e dando origem a uma pré-vogal [ə].

2.2.3.2 – Neutralização de modo

Há na coda em Maxakalí uma neutralização dos contrastes de modo, isto é, apenas os pontos de articulação são distintivos nessa posição silábica. Temos em (19) exemplos que demonstram que a coda sempre deve concordar em nasalidade com o núcleo (WETZELS, 2009; SILVA, NEVINS e WHITE, no prelo). A glotal fonológica /h/ nunca ocorre na posição de coda.

- (19) a. codas labiais
- | | | | |
|----------------|-----------|---------------|-------------------------|
| /-cap/ ['tɛaβ] | ‘semente’ | /-kip/ ['kiβ] | ‘perna, osso, poste’ |
| /hũp/ ['hũβ] | ‘dar.SG’ | /bãp/ ['mãβ] | ‘peixe.FC’, ‘sentar.PL’ |
- b. codas dentais
- | | | | |
|-----------------|------------|---------------|--------------|
| /tīt/ ['t̥iɥə] | ‘bolsa.FC’ | /tat/ ['t̥aɔ] | ‘pegar.MASS’ |
| /j-ūt/ ['jũw̃ɔ] | ‘defecar’ | /dāt/ ['ɲãɔ] | ‘urucum.FC’ |
- c. codas palatais
- | | | | |
|------------------|----------------|---------------|----------|
| /-cuc/ ['tɛuwij] | ‘dente, ponta’ | /=pac/ [pɔj] | ‘ITER’ |
| /bãc/ ['mãj] | ‘mãe.VOC’ | /-gũc/ ['gõj] | ‘fumaça’ |
- d. codas velares
- | | | | |
|----------------|-----------|--------------|-------------|
| /-tak/ ['t̥aɥ] | ‘pai’ | /huk/ ['hoɥ] | ‘NEG, PROH’ |
| /bũ-k/ ['mõũ] | ‘ir-REAL’ | /-dāk/ [ɲãũ] | ‘DIM’ |

Empréstimos do português também são muito esclarecedores em relação a essa neutralização. *Onsets* surdos em palavras da língua fonte, ao serem adaptadas como codas no Maxakalí, devem necessariamente se nasalizar, caso a vogal também seja nasal:

- (20) a. ['ɖãβ̃] < ['lɔ̃.pə.də] ‘lâmpada’
- b. ['bõũ̃] < ['bõ.ku] ‘banco (instituição financeira)’
- c. [kã. 'ɲãj̃] < [ka. 'nɛ.kə] ‘caneca’⁴⁶

Decidimos representar essa neutralização de modo da coda com a série das oclusivas desvozeadas, pois estas são tipologicamente mais comuns nessa posição (BLEVINS, 2004, 2006; ver também SINGERMAN, 2016, o qual descreve para o Tuparí (família Tuparí, tronco Tupí, localizado no estado de Rondônia) o mesmo tipo de

⁴⁶ A palatalização de consoantes velares em coda será tratada na seção seguinte.

neutralização encontrada no Maxakalí).⁴⁷ Contudo, veremos no capítulo 3 que há indícios de que, pelo menos algumas dessas consoantes, foram em algum momento pretérito nasais fonológicas.

2.2.3.3 – *Lenição de consoantes em coda*

Uma das características mais discutidas na literatura da língua Maxakalí é a lenição das consoantes em coda silábica, as quais variam na fala de um mesmo falante. Uma mesma pessoa ora realiza alofones que contam com uma estrutura maior, ora realiza alofones com uma estrutura menor (GUDSCHINSKY, POPOVICH E POPOVICH, 1970; WETZELS, 1993; WETZELS E SLUYTERS, 1995; ARAÚJO, 2000; CAMPOS, 2009a; OPERSTEIN, 2010; SILVA, 2011, 2015 e 2016; SILVA e NEVINS, 2014). As consoantes na posição final de sílaba podem se enfraquecer até o ponto de serem detectadas somente através de um alongamento compensatório da vogal nuclear. Nesta subseção, apresentaremos os principais alofones consonantais que são encontrados em coda, deixando para a subseção 2.2.3.6 a questão do alongamento de vogais.

Concordamos com Carr (2008) que define lenição como “[...] qualquer processo no qual **consoantes se tornam mais fracas, no sentido de se tornar vozeada e/ou passar por uma diminuição na estrutura**” (grifo e tradução nossos).⁴⁸ Ora, como veremos a seguir, é exatamente isso que ocorre com as consoantes em coda do Maxakalí: as consoantes podem se fricativizar ou pré-vocalizar, chegando em casos extremos em que a consoante é realizada somente como um *glide*. Em (21), temos exemplos de realizações de uma coda velar:

(21)	/-dak/	‘seco’
a.	[ˈdakʰ]	coda aplosiva ⁴⁹
b.	[ˈdak]	coda com oclusiva com soltura
c.	[ˈdax]	coda fricativa
d.	[ˈdaukʰ]	coda com pré-vocalização e aplosiva
e.	[ˈdau]	coda com <i>glide</i>

⁴⁷ Apesar de, tipologicamente, codas sonoras finais comumente se desvozearem (BLEVINS, 2004, 2006), não acreditamos ser esse o caso, já que codas mediais no Maxakalí, quando precedidas por vogais orais, são também surdas.

⁴⁸ No original: “[...] any process whereby consonants become weaker, in the sense of becoming voiced and/or undergoing a diminution in stricture.”

⁴⁹ Aplosivas também são chamadas na literatura de consoantes sem soltura ou consoantes sem soltura audível.

f. ['da:] sem coda, com alongamento compensatório da vogal

As realizações encontradas em (21) são muitas vezes definidas por critérios fonológicos, mas fatores extralinguísticos também estão ativos. Silva e Nevins (2014) e Silva (2015, 2016) mostram como falantes mais velhos tendem a realizar alofones com maior estrutura (21a-d) se comparado com adultos e jovens, ainda que nenhum dos grupos seja categórico quanto à escolha. Ele também demonstra que, por ser a fala dos mais velhos o padrão de correção, estes alofones também ocorrem numa fala mais monitorada.

Dentro dos critérios fonético-fonológicos, temos que codas finais tendem a serem aplosivas (21a) ou se enfraquecerem (21c-e) enquanto codas mediais se enfraquecem com uma frequência menor e, quando realizadas como oclusivas plenas, normalmente têm soltura, como em (21b) (SILVA, 2015). A presença do alongamento compensatório (21f) é previsível e, como dito acima, será discutida na seção 2.2.3.6.

Abaixo apresentamos o Quadro 2.7, com o *continuum* de lenição das consoantes em coda oral no Maxakalí.

QUADRO 2.7 – Alofones das consoantes em coda oral

		/p/	/t/	/c/	/k/
I	aplosiva	[pʰ]	[tʰ]	-	[kʰ]
II	oclusiva	[p]	[t]	-	[k]
III	fricativa	[ɸ]	[θ]	[ç]	[x]
IV	tepe	-	[r]	-	-
V	pré-vocalização	[βpʰ] ~ [βp]	[ɣtʰ] ~ [ɣt]	[jc] ⁵⁰ ~ [jç]	[ɰkʰ] ~ [ɰk]
VI	<i>glide</i>	[β]	[ɣ]	[j]	[ɰ]
VII	alongamento compensatório	[V:]	[V:]	[V:]	[V:]

Os alofones com oclusão total (I e II) ocorrem cada vez menos como demonstrado por Silva (2015), principalmente na série das coronais (dentaís e palataís). A aplosiva palatal não foi atestada: nos contextos em que seria esperada (coda final), encontra-se a

⁵⁰ Gudschinsky, Popovich e Popovich (1970, p. 84) transcrevem esse som como uma consoante oclusiva alveolar surda palatalizada [tʰ], já Araújo (2000, p. 16 e 112) como uma oclusiva alveolar sonora palatalizada [dʰ].

realização fricativa. A oclusiva palatal por sua vez só foi atestada por nós precedida por um *glide*. Mais comum que os alofones com oclusão total são as realizações com *glide* (V e VI) A realização fricativa (III) é pouquíssimo frequente, exceto pela palatal [ç], a qual aparece nos mesmos contextos em que as obstruintes dos demais pontos de articulação possuem uma realização aplosiva. Também é rara a realização de tepe [ɾ] da dental (IV), a qual ocorre somente na fala de velhos em coda final seguida por vogal, como em (22) abaixo:

(22) /ĩ-ci-cet=ac/ [ĩtẽtẽɾɑj] 3-NCTG-chamar_se=NMZ > ‘nome dele’⁵¹

Como dito na seção 2.2.3.2, os elementos da rima silábica, ou seja, o núcleo e a coda, devem concordar em nasalidade. Os alofones nasais da coda têm comportamento parecido com aqueles orais: consoantes coronais se enfraquecem mais frequentemente que consoantes periféricas e consoantes em coda final tendem a sofrer uma maior lenição se comparadas a codas mediais (SILVA, 2015; SILVA e NEVINS, 2014). Os alofones em coda nasal podem ser vistos no Quadro 2.8:

QUADRO 2.8 – Alofones das consoantes em coda nasal

		/p/	/t/	/c/	/k/
I	aplosiva nasal	[m̥]	[t̥]	[ç̥]	[ŋ̥]
II	nasal	[m]	[t̪]	[ɲ]	[ŋ]
III	pré-vocalização	[β̃m]	[ð̃t̪]	[ʝ̃ɲ]	[ũ̃ŋ]
IV	<i>glide</i>	[β̥]	[ð̥]	[ʝ̥]	[ũ̥]
V	alongamento compensatório	[ĩ̃:]	[ĩ̃:]	[ĩ̃:]	[ĩ̃:]

Não foi registrado tepe nasal em nossos dados. As pré-vogais/*glides* são articuladas nos mesmos pontos das consoantes das quais têm origem. Elas compartilham a posição da língua e, no caso da bilabial, não há arredondamento de lábios, como demonstrado instrumentalmente por Silva (2015, p. 82-84). Operstein (2010, p. 57, tradução nossa) diz que na “produção de labiais e coronais de ponta da língua, [...], todo o corpo da língua, ou uma parte considerável dele, se encontra livre para assumir uma

⁵¹ Ainda que a base /-ci-cet/ não ocorra nunca como verbo, hipotetizamos que ela exista no léxico do Maxakalí, já que a palavra em (22) precisa, necessariamente, receber um clítico nominalizador.

variedade de formatos coarticulatórios”.⁵² Sobre a posição da língua na articulação de consoantes, Gudschinsky, Popovich e Popovich (1970, p. 88, tradução nossa) dizem: “Se as consoantes do Maxakalí fossem rearranjadas em termos de posição de língua, a ordem seria palatal, alveolar, labial, velar. [...] Nas consoantes labiais, a língua inativa se encontra em uma posição posterior relativamente relaxada”.⁵³ Portanto, os alofones pré-vocálicos nada mais são que uma redução extremada da estrutura no trato oral, com a língua se mantendo na mesma posição das consoantes no eixo horizontal.

2.2.3.4 – *Palatalização progressiva de coda velar*

Consoantes velares se palatalizam na posição de coda silábica quando o núcleo é uma vogal anterior. Não há em nossos dados nenhum caso das vogais /i, ĩ, ε, ẽ/ seguidas por consoantes foneticamente velares em fim de sílaba. Portanto, a partícula comitativa *mũtix*, por exemplo, que é transcrita por Gudschinsky, Popovich e Popovich (1970) como [mũ'tik], ocorre nos nossos dados como [mĩ^hɥj].

Para demonstrar que o que ocorre é uma palatalização de velares e não uma sequência de vogal anterior e consoante palatal, vejamos os dados em (23):

(23)	a.	[nĩ ^h 'koj]	‘boca’
		[nĩ ^h kuɲã' hã]	‘imitar’ (boca + CAUS)
	b.	['gãĩ]	‘estar bravo’
		[gãɲã' hã]	‘deixar bravo’ (bravo + CAUS)
	c.	[tɛa'tɛouɥ]	‘esquecer’
		[tɛateugã' hã]	‘perder’ (esquecer + CAUS)
	d.	[nĩ'mõũ]	‘saber, entender, aprender’
		[nĩmĩgã' hã]	‘ensinar’
	e.	[pəuɥ'pæj]	‘quente’
		[pəuɥpɛgã' hã]	‘esquentar’ (calor + CAUS)

⁵² No original: “In the production of labial and tongue tip coronals, [...], the whole or a considerable part of the tongue body is free to assume a variety of coarticulatory shapes.”

⁵³ No original: “If the consonants of Maxakalí were re-arranged in terms of tongue position, the order would be palatal, alveolar, labial, velar. [...] In the labial consonants, the inactive tongue is in a relatively lax back position.”

f.	[ˈɲĩ]	‘falar’
	[ɲĩgãˈhã]	‘fazer falar’

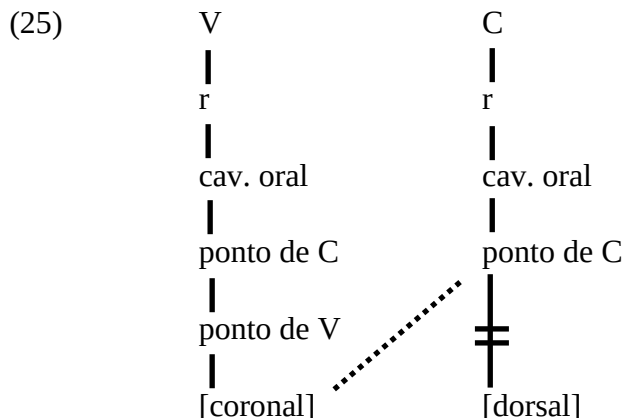
Um dos sufixos causativos do Maxakalí têm uma forma subjacente /-dã/, que em alguns casos se alonga para [-ɲãhã] e que assimila o ponto da sua consoante nasal com a da consoante final da base (CAMPOS, 2009a, p. 288-294). Em sílabas com vogais não-antiores, nas quais não ocorre a palatalização da consoante velar, a consoante nasal do sufixo assimila o ponto palatal (23a-b) ou velar (23c-d) da coda final da base, de acordo com o valor dessa consoante. Porém, palavras terminadas por consoantes foneticamente palatais precedidas por vogais anteriores têm sistematicamente seu sufixo causativo iniciado por uma consoante velar (23e-f), demonstrando assim a assimilação de ponto da consoante em coda com aquele da vogal núcleo da sílaba. Esta consoante velar é realizada como [g] devido a um não-paralelismo do sistema, que proíbe uma nasal velar [ŋ] em posição de ataque silábico (ver Seção 3.2, no próximo Capítulo).

Além disso, como será apresentado na Seção 4.2.8, alguns verbos contam com uma distinção formal entre o modo *realis* e o modo *irrealis*. A maior parte dos verbos que fazem esta distinção, recebe no *realis* um sufixo /-k/, enquanto no *irrealis*, não há o sufixo, como em /bũ-k/ [ˈmõũ] ‘ir-REAL’ e /bũ-Ø/ [ˈmũ] ‘ir-IRR’. Vários verbos, todos eles com uma vogal anterior em seu núcleo, também contam com uma alternância similar, em que a coda foneticamente palatal é realizada no modo *realis*, mas não no *irrealis*, como por exemplo [ˈpij] ‘lavar-REAL’ e [ˈpi] ‘lavar-IRR’. Ora, se considerarmos que há uma coda velar subjacente, a qual se palataliza quando precedida por vogal anterior, podemos unificar ambos tipos em uma só classe. No exemplo de ‘lavar’, teríamos respectivamente nos modos *realis* e *irrealis* as representações subjacentes /pi-k/ e /pi-Ø/.

Novamente, empréstimos são elucidativos quanto à essa palatalização. Além do exemplo em (20c), que aqui é repetido como (24a), listamos em (24) alguns exemplos de *onsets* velares do português que, ao serem adaptados como coda no Maxakalí, se palatalizam quando precedidos por vogal anterior.

- (24) a. [kã.ˈɲãĩ] < [ka.ˈnɛ.kə] ‘caneca’
 b. [tã.ˈɦĩj] < [ta.ˈhi.ku] ‘ser rico’ (< ‘tá rico’)
 c. [põ.ɲã.ˈmãĩ] < [fla.ˈmẽ.gu] ‘Flamengo’
 d. [ˈɖɛ.ɖu.bĩj] < [ɖʒi.ə.du.ˈmĩ.gu] ‘domingo’ (< *dia domingo*)

Pode-se formalizar a palatalização de consoantes velares em coda com a seguinte regra:



Por fim, correspondências com o Krenák reforçam o fato de que consoantes velares se palatalizam em coda no Maxakalí, no contexto de núcleo silábico preenchido por vogal anterior. Nikulin e Silva (no prelo) demonstram que as codas Maxakalí dentais, palatais e velares correspondem respectivamente a velares, dentais e velares no Krenák.⁵⁴ Apresentamos alguns exemplos abaixo:

(26)	Maxakalí	Krenák	
a.	/bdĩt/ [mĩ'ḡĩḡ]	/pri ~~k~~ /	‘formiga’
b.	/cuc/ [‘təʊj]	/jun/	‘dente’
c.	/bũ-k/ [‘mõũḡ]	/mũ-ŋ/	‘ir.REAL’
d.	/cɛ-k/ [‘tɛæj]	/jek/	‘colocar na horizontal’

Em (26a), temos uma correspondência de coda dental no Maxakalí e velar no Krenák. Já em (26b), a coda em Maxakalí é indiscutivelmente palatal, tanto no nível fonético quanto fonológico, já que é precedida por uma vogal não-anterior. A correspondência no cognato em Krenák, como esperado é uma consoante alveolar.⁵⁵ A coda velar do Maxakalí em (26c) também é precedida por vogal não-anterior, logo é realizada foneticamente como velar e tem como correspondente em Krenák uma consoante velar. Por fim, a consoante foneticamente palatal em coda do Maxakalí apresentada em (26d) tem como correspondente em Krenák uma consoante velar. Se

⁵⁴ As diferenças de nasalidade das codas entre os cognatos do Maxakalí e Krenák são passíveis de reconstrução, porém não as discutiremos aqui, já que são irrelevantes para a discussão proposta. Para o leitor interessado, indicamos a leitura de Nikulin e Silva (no prelo).

⁵⁵ Não sabemos se no Krenák a série de consoantes descritas como alveolares (SILVA, 1986; PESSOA, 2012) são dentais como no Maxakalí, logo, as descreveremos seguindo o que foi dito nos demais trabalhos sobre a língua.

postularmos que há uma palatalização progressiva no Maxakalí, têm-se uma regularidade nas correspondências entre essa língua e o Krenák.

2.2.3.5 – Alongamento compensatório de vogais

Trabalhos anteriores que tratam da pré-vocalização de consoantes em coda (GUDSCHINSKY, POPOVICH e POPOVICH, 1970; WETZELS, 1993; WETZELS E SLUYTERS, 1995; ARAÚJO, 2000; SILVA, 2011 e 2015) afirmam que num encontro heterossilábico de consoantes homorgânicas, isto é, de mesmo ponto de articulação, a primeira delas é pré-vocalizada ou vocalizada plenamente, não contando com uma fase de oclusão. Gudschinsky, Popovich e Popovich (1970, p. 82, tradução nossa) dizem que “[e]m geral o alofone básico é substituído por um vocoide completamente silábico, com pouco ou nenhum fechamento consonantal, na coda silábica antes de uma consoante homorgânica”.⁵⁶ De maneira similar, Wetzels (1993, p. 42-47) e Wetzels e Sluyters (1995, p.107-112) afirmam que antes de consoante homorgânica há uma vocalização plena da consoante em coda. Além disso, eles também afirmam que quando há um *glide* de transição (ver seção 2.3.4), consoantes coronais (dentais e palatais) podem se vocalizar plenamente.

Alguns exemplos dados por Gudschinsky, Popovich e Popovich são apresentados em (27). As transcrições foram normalizadas para o Alfabeto Fonético Internacional, as separações silábicas foram adicionadas por nós.

(27)	a. /-kep.pa/ [kæ̥.pa]	‘em frente’ (p. 83)
	b. /kot+tuup/ [kowə.tuɹ̥p]	‘mandioca nova’ (p. 83)
	c. /ku.cak.kuk/ [ku.ɬau.kuɹ̥]	‘capivara’ (p. 84)
	d. /mĩ.kac.cap/ [mĩ.kai.ɬaɹ̥p]	‘pedra’ (p. 84)

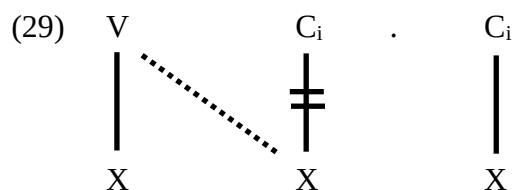
Porém, em nossos dados, esse tipo de ocorrência não pôde ser encontrado.⁵⁷ Em casos como esse, o que encontramos é um alongamento da vogal que precede a coda. Em (28) apresentamos os mesmos itens de (27), porém de acordo com as ocorrências em nossos dados:

⁵⁶ No original: “In general, the basic allophone is replaced by a fully syllabic vocoid, with little or no consonantal closure, in syllable coda before a homorganic consonant”

⁵⁷ Ao contrário dos contextos de encontros heterossilábicos de consoantes homorgânicas, a vocalização plena atestada por Wetzels (1993) e Wetzels e Sluyters (1995) pôde ser atestada quando da presença do *glide* de transição (ver Seção 2.3.4).

- (28) a. /-kɛp-pa/ [kɛ:. 'pɐ] 'em frente'
 b. /kut+tip/ [ku:. 'tʲɪβ] 'mandioca nova'
 c. /ki.cak.kik/ [ki.tɛa:. 'kəu] 'capivara'
 d. /bĩ.-kac.-cap/ [mĩ.ka:. tɛaβ] 'pedra'⁵⁸

Há nos exemplos em (28) o apagamento dos traços da consoante em coda, mas a manutenção do tempo da consoante, resultando assim num alongamento compensatório. Isto é formalizado em (29), em que o índice subscrito i indica que as consoantes contam com o mesmo ponto de articulação:



Esta regra é pós-lexical: se dá após o ordenamento das palavras na sintaxe, aplicando-se sempre que houver um contexto favorável. O exemplo em (28b) demonstra um sintagma verbal composto por nome /kut/ 'mandioca' e verbo descritivo /tip/ 'novo'. O item do exemplo (30) é formado por um clítico seguido por uma raiz nominal:

- (30) /ik=ktuk/ > [ɛ:.ki. 'tɔu]
 1.SG=filho > 'meu filho'⁵⁹

A queda da coda homorgânica com posterior alongamento da vogal ocorre no nível pós-lexical pois, caso contrário, não seria esperada a epêntese de vogal alta para desfazer o *onset* complexo da raiz. Nesse cenário hipotético, a vogal longa forneceria um contexto para a ressilabificação da primeira consoante do *onset* ramificado como coda, tendo como forma fonética agramatical *[ɛ:ũ. 'tɔu].

⁵⁸ O item em (28a) é claramente um composto de /-kɛp/ 'tórax' e /-pa/ 'formativo de advérbios de lugar'. Já (28d) é composto por /bĩ-kac/ 'faca' e /-cap/ 'semente, objeto redondo'. Por sua vez, 'faca' tem um primeiro elemento /bĩp/ 'árvore, madeira', o qual aparece em alguns compostos sem a coda, seguido por /-kac/, do qual não sabemos o significado.

⁵⁹ O clítico de 1.SG tem como forma subjacente /=k/ e a vogal alta nasal que a antecede é epentética, mas para efeito de discussão, consideraremos que ele tem a forma /ik=/. No Capítulo 4, discutiremos a epêntese vocálica em clíticos. Definitivamente esse clítico não é, como afirma Araújo (2000, p. 105-106) e repetido por Wetzels (2009, p. 247, 251), um prefixo /iN-/ com vogal anterior alta e em que a consoante nasal assimila o ponto de articulação da consoante seguinte, assim como os marcadores de segunda e terceira pessoas – estes sim prefixos – não têm uma estrutura /aN-/ e /uN-/ que também assimilariam o ponto da consoante seguinte, mas /ã-/ e /ĩ-/ , respectivamente.

Não descartamos, é certo, a possibilidade que o cenário descrito por Gudschinsky Popovich e Popovich (1970) e repetido pelos demais pesquisadores da língua Maxakalí ocorresse no passado, tendo em vista que o casal Popovich começou a coletar dados em 1958 (POPOVICH e POPOVICH, 2005), ou seja, há mais de 60 anos.

2.2.4 – Estatuto da oclusiva glotal

Em trabalhos anteriores (POPOVICH e POPOVICH, 1960b; GUDSCHINSKY, POPOVICH e POPOVICH, 1970; RODRIGUES, 1981; ARAÚJO, 2000; e WETZELS, 2009), descreve-se que o Maxakalí conta com duas consoantes glotais (em alguns desses trabalhos utiliza-se o termo laringal, o qual será tomado como sinônimo de glotal na presente discussão) /h/ e /ʔ/.

Como pudemos ver anteriormente, há fartos indícios para se postular a existência de uma fricativa glotal em Maxakalí. Porém o mesmo não pode ser dito em relação à oclusiva glotal, que é considerada um fonema pelos demais autores, mas não o é por nós. Em nossa análise, a presença da oclusiva glotal é tão somente um recurso fonético para demarcar algumas fronteiras fonológicas.

Devemos levar em consideração que a oclusiva glotal, no Maxakalí, não tem contraste com zero. Isto é, não há pares mínimos entre [ʔ] e zero no Maxakalí, ao contrário do que ocorre em línguas como o havaiano (tronco Austronésio, família Polinésia, falado no Havaí), em que a glotal tem valor distintivo em oposição à ausência de segmentos, como por exemplo /ala/ ‘estrada’ e /ʔala/ ‘cheiroso’ ou /kai/ ‘oceano’ em oposição a /kaʔi/ ‘guiar’ (ELBERT e PUKUI, 1979, p. 10). Num ritmo mais rápido de fala no Maxakalí, muitas vezes a oclusiva glotal é apagada, principalmente entre vogais.

Além disso, todas as ocorrências da oclusiva glotal no Maxakalí são previsíveis, ou seja, tal consoante se trata de um segmento epentético: tal fone pode ocorrer no início e fim de palavras, iniciadas ou terminadas em vogal, respectivamente, ou então entre vogais, como forma de se desfazer um hiato. Há no alemão padrão (tronco Indo-Europeu, família Germânica, falado em grande parte na Alemanha, Áustria) a inserção de uma oclusiva glotal em início de palavras e raízes iniciadas por vogal (KOHLER, 1994). A presença de uma oclusiva glotal em fim de palavras é atestada no Krenák, por exemplo (SILVA, 1986). Já a inclusão de uma consoante glotal para evitar um hiato é encontrada novamente no Krenák e em alguns dialetos do inglês (tronco Indo-Europeu, família Germânica), tais como aquele falado na África do Sul (SHIN, 2013). Essa previsibilidade,

apesar de não ser prova definitiva sobre o estatuto da oclusiva glotal como marcador de fronteiras, reforça o argumento.

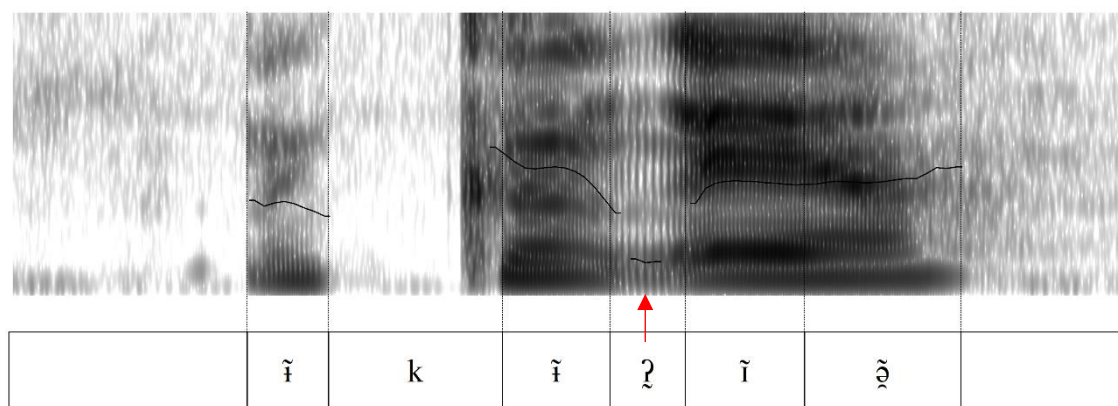
Outro fato notável, ainda que sozinho também não seja decisivo, é o de que os próprios Maxakalí raramente grafam essa consoante. Na ortografia proposta pelo casal de missionários Popovich, a oclusiva glotal deve ser grafada com um apóstrofo <'>, porém até onde pudemos perceber, apenas um professor faz uso consistente desse grafema, sendo que outros professores considerados tão hábeis na ortografia quanto aquele ignoram quase que completamente o uso do <'>. Por outro lado, não há, por parte dos falantes nativos, tal comportamento em relação à grafia das outras consoantes, o que pode ser um indicativo de que eles tratam o fone [ʔ] de maneira diferente dos demais sons consonantais.

2.2.4.1 – Oclusiva glotal intervocálica para marcar o hiato

Entre vogais, o fone que tradicionalmente é descrito como sendo uma oclusiva glotal não conta de fato com uma oclusão total da glote. Esse segmento pode ser nasalizado e é transparente ao espreadamento de nasalidade. Ele é similar foneticamente ao que Ladefoged e Maddieson (1996, p. 76-77) descrevem para a língua Gimi (tronco Trans-Nova Guiné, família Goroka) da Papua Nova Guiné como sendo **foneticamente** uma aproximante glotal com voz crepitante (*creaky voice*) e que **fonologicamente** se comporta como uma contraparte vozeada da oclusiva glotal nesta língua.⁶⁰ A Figura 2.4 mostra um exemplo de como há uma redução no *pitch* na produção dessa consoante (indicado pela seta vermelha), mas que não há um desvozeamento completo.

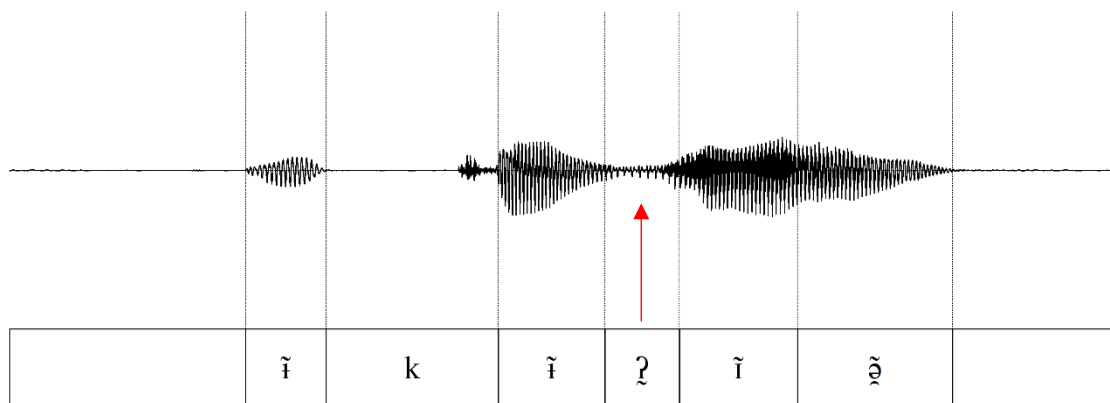
⁶⁰ Os autores utilizam um símbolo *ad hoc* [*], porém, pela descrição feita por eles e para uma maior legibilidade, utilizamos aqui o símbolo [ʔ] em concordância com o sugerido por Kehrein e Golston (2004).

FIGURA 2.4 – Espectrograma e transcrição de [ĩkĩ'ʔĩĩ]



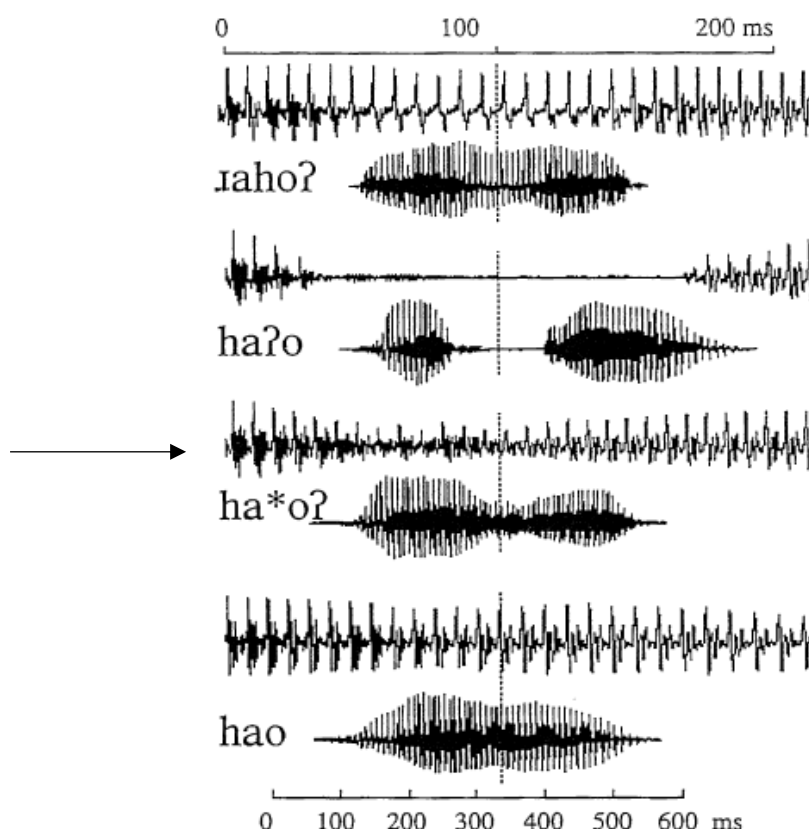
A gravação que deu origem às Figuras 2.4 (e 2.5, a seguir) foi realizada por uma jovem de aproximadamente 18 anos à época da gravação num contexto de elicitación de palavras. O item apresentado no exemplo é /ĩ-kĩĩt/ ‘listrado’ (glosa: 3-listrado), realizado foneticamente como [ĩkĩ'ʔĩĩ]. Note-se que há um abaixamento do *pitch* na consoante glotal, apontado pela seta vermelha, mas que em grande parte de sua duração ela conta com movimento de glote.

FIGURA 2.5 – Forma de onda de [ĩkĩ'ʔĩĩ]



Comparando a forma de onda da glotal da mesma palavra do Maxakalí (Figura 2.5, acima) com a apresentada por Ladefoged e Maddieson (1996) para o Gimi (terceiro item da Figura 2.6 abaixo, indicado pela seta), pode-se perceber que se trata do mesmo fone [ʔ].

FIGURA 2.6 – Formas de onda de palavras do Gimi



Fonte: Ladefoged e Maddieson (p. 77, 1996). “Uma versão expandida da porção intervocálica se encontra acima da forma de onda da palavra inteira, alinhada temporalmente como indicado pela linha tracejada” (Tradução nossa, a seta na imagem foi adicionada por nós).

Note que a consoante glotal intervocálica do Maxakalí, exemplificada na Figura 2.5, conta, assim como a do Gimi, com uma diminuição na amplitude de onda da vibração de glote (terceiro exemplo da Figura 2.6), e não com uma oclusão completa (segundo exemplo da mesma figura). A onda tampouco mantém a amplitude encontrada nas vogais como no caso de [h] (primeiro exemplo) e de um hiato (quarto exemplo).

Para entendermos o porquê da presença desse fone para a marcação de hiatos, tomaremos como ponto de partida a definição de vozeamento dada por Ladefoged e Maddieson (1996, p. 50), que dizem que “a posição fisiológica para a voz modal pode ser considerada como uma na qual as cartilagens aritenoides estão numa posição neutra para a fala, nem afastadas nem juntas umas das outras” (tradução nossa)⁶¹, isto é, numa posição ótima em que tensão da glote e o fluxo de ar pulmonar façam as pregas vocais ter o

⁶¹ No original: “The physiological position for modal voice can be regarded as one in which the arytenoid cartilages are in a neutral position for speech, neither pulled apart nor pushed together”.

máximo de vibração. Já a fonação laringal (*creaky voice*) ocorre, ainda de acordo com os mesmos autores, como:

“[...] um modo de vibração das pregas vocais no qual as cartilagens aritenoides estão muito mais próximas umas das outras do que na voz modal. A voz laringal também envolve uma maior tensão na musculatura laríngea intrínseca, fazendo com que as pregas vocais não vibrem mais como um todo” (LADEFOGED e MADDIESON, 1996, p. 53, tradução nossa)⁶²

Tanto a fonação modal (vozeamento) quanto a laringal (*creaky voice*) fazem parte de um contínuo, no qual em um extremo há uma passagem total do ar, sem vibrar as cordas vocais (desvozeamento), passando por uma vibração mínima (murmúrio ou, em inglês, *breathy voice*) e depois a fonação modal, laringal e, na outra ponta, um bloqueio total do ar⁶³.

A função dessa glotal intervocálica no Maxakalí é a de desfazer o hiato. A epêntese da aproximante glotal ocorre, portanto, para aumentar o contraste na transição dos formantes das vogais que compõem o hiato e, conseqüentemente, marcar a fronteira entre as sílabas. Em outras palavras, acreditamos que ao inserir a consoante entre vogais fonológicas, há uma maior proeminência perceptual entre as vogais, facilitando a distinção entre elas e realçando que são núcleos de sílabas diferentes. Tendo em vista que muitas vezes consoantes em coda se vocalizam, talvez esse seja um recurso para indicar que duas vogais pertencem a sílabas distintas.

2.2.4.2 – Oclusiva glotal em fronteira de palavra para marcar a frase fonológica

As oclusivas glotais em início e fim de palavras iniciadas por vogais, assim como aquela em hiato, frequentemente são apagadas. Acreditamos que ela se faz presente no início e fim de frases fonológicas com a função de marcar a fronteira desses constituintes. Em elicitación de palavras isoladas, por a frase fonológica coincidir com a palavra, a glotal se faz presente quando há o contexto favorável ao seu aparecimento. Cabe notar que aplosivas ocorrem também em fim de frase fonológica, o que acreditamos não ser coincidência.

⁶² No original: “[...] a mode for vibration of the vocal folds in which the arytenoid cartilages are much closer together than in modal voice. Creaky voice also involves a great deal of tension in the intrinsic laryngeal musculature, so that the vocal folds no longer vibrate as a whole.”

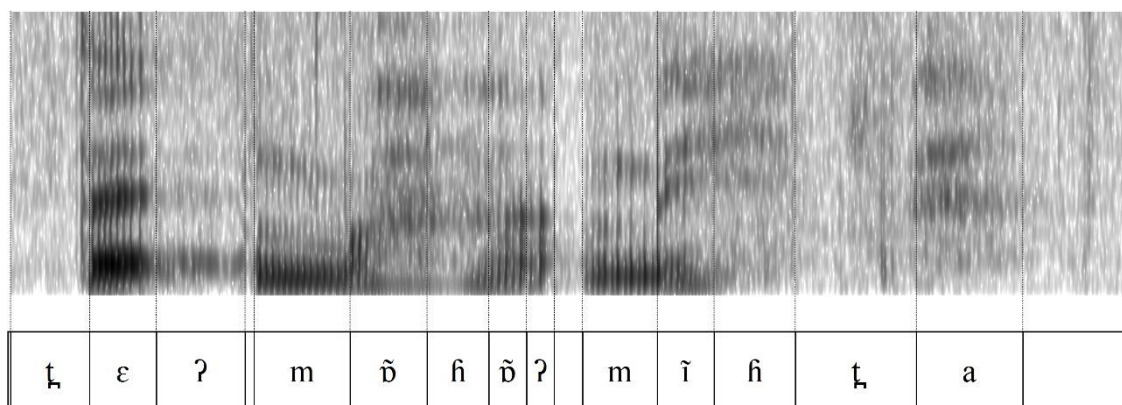
⁶³ Ladefoged e Maddieson (1996) ainda reconhecem outros tipos de fonação dentro do contínuo e que são usados nas línguas do mundo com valor fonológico, porém para a discussão dos fatos do Maxakalí somente os apresentados acima bastam.

Algumas línguas não-aparentadas do Maxakalí podem servir como comparativo por mostrarem um comportamento parecido. No Tailandês (tronco Kra-Dai, família Tai, falado na Tailândia), oclusivas glotais podem ser apagadas em posições não-acentuadas (TINGSABADH e ABRAMSON, 1993, p. 26) e em posições que não sejam a de início e fim de enunciado (HARRIS, 1972, p. 14). Além disso, consoantes oclusivas simples (não-aspiradas) em coda são descritas como não tendo soltura, isto é, são aplosivas (TINGSABADH e ABRAMSON, 1993, p. 26). Já no Karitiana (tronco Tupí, família Arikém, falado em Rondônia; STORTO e DEMOLIN, 2002, p. 491-492) e também no Fuquienês, falado na China (em inglês *Fukienese* ou *Hokkien*; pertencente ao tronco Sino-Tibetano, família Sinítica) (SAWASHIMA e HIROSE, 1983, p. 32-33), quando uma aplosiva em coda é seguida por outra oclusiva surda em *onset* a primeira é realizada com soltura, isto é, deixa de ser uma aplosiva. Levemos em consideração também o que ocorre no Tuparí, língua na qual codas surdas são realizadas como aplosivas e que, de acordo com Singerman (2016, p. 474), “[e]m fala lenta, antes de uma pausa ou durante a elicitación, os falantes inserem oclusivas glotais não-fonêmicas no fim de palavras terminadas em vogal” (tradução nossa).⁶⁴ Todos estes comportamentos podem ser observados no Maxakalí: o apagamento de glotais em posições mediais; oclusivas finais sem soltura audível, mas oclusivas mediais com soltura perceptível e uma mudança de não-soltura para soltura quando do encontro de duas oclusivas não-vozeadas.

Tendo isso em vista e considerando que, no Tailandês, de acordo com Abramson (1972, p. 2) e Tingsabadh e Abramson (1993, p. 26), há indícios de que o conjunto de oclusivas não-vozeadas não-aspiradas possa ser realizado em posição final com um fechamento glotal simultâneo ao do fechamento da cavidade oral, podemos postular que o mesmo ocorre no Maxakalí. Considere-se também que estudos da fonética do coreano (língua isolada, falada na península coreana) indicam que as aplosivas finais são caracterizadas por uma pequena abertura da glote (SAWASHIMA *et al.*, 1980, p. 130), e que no Fuquienês, aplosivas finais também são realizadas com uma glotalização (SAWASHIMA e HIROSE, 1983, p. 32-33). Portanto, estamos fazendo aqui a previsão de que oclusivas finais do Maxakalí também contam com um gesto glotal simultâneo à articulação na cavidade oral.

⁶⁴ No original: “In slow speech, before a pause, or during elicitation, speakers even insert non-phonemic glottal stops at the end of vowel-final words”.

FIGURA 2.8 – Espectrograma e transcrição de [tɛʔ | mɔ̃'hɔ̃ʔ | mĩ'hɔ̃ʔ]



Por outro lado, na Figura 2.8 os itens [tɛʔ] e [mɔ̃'hɔ̃ʔ] contam com uma oclusiva glotal final, já que ambos se encontram na fronteira da frase fonológica. Infelizmente, por se tratar de uma gravação de fala espontânea, coletada na aldeia, na segunda instância de [mĩ'hɔ̃ʔ] há um ruído de fundo que impede a verificação da glotal no espectrograma, logo não é possível afirmar pela análise espectrográfica que há uma consoante glotal. Apesar disso, é possível comparar a segunda ocorrência de [mɔ̃'hɔ̃ʔ], já que ela precede uma consoante nasal, com a primeira ocorrência de [mĩ'hɔ̃ʔ] (Figura 2.7), que da mesma maneira precede uma consoante nasal, excluindo assim, a possibilidade de uma possível influência dos segmentos adjacentes na realização da consoante glotal.

Como essa é uma hipótese, medidas outras se fazem necessárias para se confirmar ou não a existência desse gesto glotal em conjunto com as oclusivas. De qualquer maneira, como visto anteriormente com estudos sobre diversas outras línguas, existe uma motivação tipológica para se postular a presença dessa oclusão.

Em casos de ocorrência da oclusiva glotal em início de palavras começadas por vogais, pode-se postular que também é utilizado para marcar o início de algum constituinte prosódico, provavelmente a mesma frase fonológica.

2.3 – Sistema vocálico

O Maxakalí tradicionalmente é descrito possuindo cinco vogais orais e cinco vogais nasais (POPOVICH e POPOVICH, 1960b; GUDSCHINSKY, POPOVICH e POPOVICH, 1970; WETZELS, 2009). A única proposta que difere disso é aquela encontrada em Araújo (2000), a qual não prevê a presença de vogais nasais fonológicas. Na presente análise, também defenderemos a posição de que há no Maxakalí dez vogais, porém uma diferença importante se dá em relação ao valor das vogais. Desde a primeira

descrição fonológica da língua em 1960, as vogais do Maxakalí são descritas como sendo duas altas /i, u/ (e suas contrapartes nasais) e três não-altas /ε, a, o/ (além das correspondentes nasais). Como veremos a seguir, acreditamos serem três as vogais altas /i, ĩ, u/ e duas as não-altas /ε, a/, além é claro, novamente, de suas contrapartes nasais. O que para os demais autores se trata de vogais posteriores altas não-arredondadas /u, ũ/ para nós são vogais centrais /i, ĩ/. Além disso, as únicas vogais arredondadas do sistema, na nossa análise, são altas /u, ũ/ e não médias /o, õ/. As vogais no Maxakalí não contrastam fonologicamente em duração: como visto na seção 2.2.3.5, o alongamento compensatório das vogais se dá pela queda de uma consoante em coda seguida por onset homorgânico. O inventário fonológico das vogais do Maxakalí de acordo com nossa proposta pode ser encontrado no Quadro 2.9:

QUADRO 2.9 – Inventário vocálico do Maxakalí

	Anterior		Central		Posterior	
Alto	i	ĩ	i	ĩ	u	ũ
Baixo	ε	(ẽ)	a	ã		

A justificativa para essa análise diferente daquela proposta pelo casal Popovich e repetida de maneira acrítica pelos demais autores se dá pela alofonia das vogais. Em Gudschinsky, Popovich e Popovich (1970), eles apresentam os alofones das vogais, porém não o contexto em que elas ocorrem. Apresentaremos nessa seção alguns dos argumentos que validam nossa hipótese. Um outro argumento será apresentado na seção em que se discute as pré-aspirações (Seção 2.5).

2.3.1 – Vogais orais

O Maxakalí tem em seu inventário fonológico cinco vogais orais: três altas e duas baixas. Em (32) abaixo demonstramos os contrastes entre estas vogais:

- (32) a. /i/ vs. /ĩ/
- | | |
|--|--|
| /-pĩt/ [ˈpijə] ‘macho, irmão de
ego feminino’ | /pĩt/ [ˈpiɰə] ‘pegar.SG.ANIM’ |
| /cip/ [ˈtɛiβ] ‘estar em pé.SG’ | /cip/ [ˈtɛiβ̃] ‘chupar’, ‘pendurar.SG’ |

b. /i/ vs. /u/

/cip/ ['tɕiβ] 'estar em pé.SG'

/pi-p/ ['piβ] 'estar deitado.SG'

/cup/ ['tɕuβ] 'ASSOC'

/pup/ [puβ] 'macaco.FC'

c. /i/ vs. /ɛ/

/ti/ ['tɕiʔ] 'estar em pé.PL'

/ci/ [tɕi] 'e'

/tɛ/ [tɕɛ] 'ERG'

/cɛ/ [tɕɛ] 'cabelo', 'novamente'

d. /i/ vs. /a/

/ci/ [tɕi] 'e'

/ki/ ['ki] 'matar.PL.IRR'

/ca/ [tɕa] '2.OBL'

/ka/ [ka] 'PROH'

e. /i/ vs. /u/

/tit/ ['tɕiʔ] 'bolsa.FC'

/-ptic/ [pi'tɕij] 'pesado'

/tut/ ['tɕuwə] 'abóbora.FC'

/ptuc/ [pi'tɕuj] 'cabeça'

f. /i/ vs. /ɛ/

/pi/ [pi] 'DAT'

/hip/ ['hiβ] 'vergonha'

/pɛ/ [pɛ] 'ou'

/-hɛp/ ['hɛβ] 'líquido'

g. /i/ vs. /a/

/kic/ ['kij] 'acabar', 'testa'

/tik/ [tɕi] 'crescer'

/kac/ ['kaj] 'ruído'

/-tak/ [tɕaj] 'pai'

h. /u/ vs. /ɛ/

/-tup/ [tɕuβ] 'gordo, gordura'

/pu/ [pu] 'chorar.IRR.FC'

/tɛ-p/ [tɕɛβ] 'o quê'

/pɛ/ [pɛ] 'ou'

i. /u/ vs. /a/

/cuk/ [tɕu] 'animal',

'morrer.SG', 'plantar'

/hitup/ [hi'h'ɕuβ] 'em vão'

/cak/ [tɕau] 'cortar em pedaços

grandes.SG', 'pedir, escolher',

'colocar sentado.PL'

/hitap/ [hi'h'ɕaβ] 'antigo'

j. /ɛ/ vs. /a/

/-pɛt/ [pɛt] 'lar'

/tɛ/ [tɕɛ] 'ERG'

/-pat/ [pɛt] 'costela'

/ta/ [ta] 'TOP.DIF'

Foneticamente as vogais exemplificadas pelos pares mínimos em (32) podem variar muito, mas como veremos adiante, nas seções 2.3.3 e 2.3.5, essas realizações variadas são previsíveis de acordo com o contexto em que ocorrem. A maior parte dessas alofonias está condicionada pela consoante presente na coda.

2.3.2 – Vogais nasais

Simetricamente ao sistema das vogais orais, o Maxakalí conta com cinco vogais nasais fonológicas. Elas ocorrem (quase) sempre na última sílaba de um morfema⁶⁵ e são responsáveis pelo espraçamento da nasalidade em direção à margem esquerda da palavra (ver Capítulo 3). A vogal anterior baixa fonológica /ẽ/ praticamente não ocorre em itens nativos, encontramos apenas uma raiz com essa vogal em nossos dados: /kibẽp/ ‘embrulhar’. Portanto, a maior parte das ocorrências de /ẽ/ se encontra em onomatopeias e empréstimos do português, porém, dado o fenômeno do espraçamento, é possível encontrar um [ẽ] fonético (assim como sua versão abaixada [ã]) em palavras nativas. Trazemos os pares mínimos e os pares foneticamente semelhantes em (33):

- (33) a. /ĩ/ vs. /ĩ̃/
- | | |
|------------------------------|---------------------------|
| /-j-ĩp/ [ˈjĩβ̃] ‘braço, mão’ | /jĩp/ [ˈjĩβ̃] ‘sentar.SG’ |
| /bĩ-k/ [ˈmĩ̃] ‘fazer-REAL’ | /bĩk/ [ˈmõũ̃] ‘mostrar’ |
- b. /ĩ/ vs. /ũ̃/
- | | |
|--------------------------|-----------------------------|
| /-dĩp/ [ˈpĩ̃β̃] ‘cru’ | /dũp/ [ˈpũ̃β̃] ‘esse.FC’ |
| /-j-ĩt/ [ˈjĩ̃ʒ̃] ‘carne’ | /j-ũt/ [ˈjũ̃w̃ʒ̃] ‘defecar’ |

⁶⁵ Uma aparente exceção é a palavra para ‘língua’ [jũ:ˈtẽũ̃], a qual é monomorfêmica e em que a consoante desvozeada [tẽ] parece não bloquear o espraçamento da nasalidade. Nikulin e Silva (no prelo) reconstroem para o Proto-Maxakalí-Krenák a proto-forma *ñũCcôk como dando origem à palavra Maxakalí (em Krenák temos /jicôk/). Outros cognatos externos seriam Proto-Cerrado *ñõjto, Proto-Jê-Meridional *nũnã e Proto-Jabutí *nũtã, sendo que a nasalidade de *ã em Proto-Jê-Meridional é um desenvolvimento posterior ao Proto-Jê. Sendo etimologicamente apenas a primeira vogal nasal, por algum motivo o qual ainda nos é desconhecido, a segunda vogal se nasalizou em Maxakalí. Talvez por ser uma palavra monomorfêmica e a nasalidade ter origem nas vogais tônicas, este item, por analogia às demais tenha mudado. De qualquer maneira, proporemos (ao menos provisoriamente) uma representação subjacente com /j-ũccũk/, com ambas vogais especificadas com o traço [+nasal]. Destaco aqui, ainda, o fato de que essa palavra está em estágio avançado de desuso, sendo substituída por /j-ĩk+cũk/ [jĩ:ˈtẽũ̃]: o primeiro elemento claramente vem por analogia à raiz /j-ĩk/ ‘falar’ e que está presente em diversos compostos relacionados ao campo semântico de ‘boca’ por vezes com queda da coda: /j-ĩ-kuc/ ‘boca’, /j-ĩ-dit/ ‘barba’, dentre outros. Portanto, a forma inovadora é, de um ponto de vista sincrônico, parcialmente analisável morfológicamente. Ver também a discussão empreendida na Seção 3.1.2.

c. /ĩ/ vs. /ẽ/

/j-ĩk/ [ˈjĩ] ‘falar’

/jẽk/ [ˈjẽ] ‘calar-se’

/cĩk/ [ˈtẽĩ] ‘como’, ‘cinco’

/cẽk/ [ˈtẽẽ] ‘cem’

d. /ĩ/ vs. /ã/

/bĩp/ [ˈmĩβ̃] ‘árvore, madeira’

/bãp/ [mãβ̃] ‘peixe.FC’, ‘sentar.PL’

/-dĩp/ [ˈɲĩβ̃] ‘cru’

/dãp/ [ˈɲãβ̃] ‘COMPL’

e. /ĩ/ vs. /ũ/

/bĩ-c/ [ˈmĩ] ‘segurar-IRR,
agarrar-IRR’

/bũc/ [ˈmũ] ‘ALL.IMP’

/bĩ-k/ [ˈmũũ] ‘segurar-REAL,
agarrar-REAL’

/bũ-k/ [ˈmũũ] ‘ir-REAL’

f. /ĩ/ vs. /ẽ/

/apcĩk/ [ãβ̃pˈtẽũũ] ‘bicho-de-pé’⁶⁶

/cẽk/ [ˈtẽẽ] ‘cem’

/pĩt/ [ˈpĩũũ] ‘pular.ONOM’

/bẽt/ [ˈmẽũũ] ‘metro’

g. /ĩ/ vs. /ã/

/bĩ-c/ [ˈmĩ] ‘segurar-IRR,
agarrar-IRR’

/bãc/ [ˈmã] ‘mãe.VOC’

/dĩ-t/ [ˈɲĩũũ] ‘vir-REAL’

/dãt/ [ˈɲãũũ] ‘urucum.FC’

h. /ũ/ vs. /ẽ/

/bũ/ [ˈmũ] ‘ir-IRR’

/bẽ/ [ˈmẽ] ‘meia’

i. /ũ/ vs. /ã/

/-gũc/ [ˈgũũ] ‘fumaça’

/-gãc/ [ˈgãũũ] ‘bravo’

/-dũc/ [ˈɲũũ] ‘outro, irmã(o)

/-dãc/ [ˈɲãũũ] ‘esperar.IMP’

do mesmo gênero de ego’

⁶⁶ Há no Maxakalí uma nasalização espontânea da margem esquerda do morfema, a qual ainda está, em grande medida, ativa na língua, aplicando-se inclusive em empréstimos (SILVA, NEVINS e WHITE, no prelo). Como não sabemos se /apcĩk/ é composto por dois morfemas (ou seja, /ãp-cĩk/), preferimos manter a representação da vogal inicial sem nasalidade subjacente. Para mais detalhes sobre a nasalidade na margem esquerda da palavra, ver o Capítulo 3.

j. /ẽ/ vs. /ã/

/jẽk/ [ˈjɛ̃k] ‘calar-se’

/jãk/ [ˈjɒ̃k] ‘pedaço, lasca’

/bẽt/ [ˈmɛ̃t] ‘metro’

/bãt/ [ˈmɒ̃t] ‘estourar.ONOM’

Além dos contrastes entre as vogais nasais, temos em (34) os contrastes entre as vogais orais e suas contrapartes nasais:

(34) a. /i/ vs. /ĩ/

/cik/ [ˈtɛij] ‘colocar na vertical.SG’

/cĩk/ [ˈtɛĩ̃] ‘como’, ‘cinco’

/pi-p/ [ˈpiβ] ‘estar deitado.SG-REAL’

/bĩp/ [ˈmĩ̃β] ‘árvore, madeira’

b. /i/ vs. /ĩ/

/pit/ [ˈpiɰə] ‘pegar.SG.ANIM’

/pĩt/ [ˈpĩɰ̃ə] ‘pular.ONOM’

/-tĩt/ [ˈɰ̃ɰ̃ə] ‘mãe’

/dĩ-t/ [ˈɰ̃ɰ̃ə] ‘vir.REAL’

c. /u/ vs. /ũ/

/-ptuc/ [piˈtɰj] ‘cabeça’

/-ptũc/ [piˈtɰ̃j] ‘barro’

/uk/ [oɰ] ‘INT’

/ũk/ [õɰ̃] Ø-GEN > ‘teu’

d. /ɛ/ vs. /ẽ/

/cɛk/ [ˈtɛæj] ‘pintar’

/cẽk/ [ˈtɛæ̃j] ‘cem’

/-pɛt/ [ˈpɛɔ̃] ‘lar’

/bẽt/ [ˈmɛ̃t] ‘metro’

e. /a/ vs. /ã/

/ha/ [ha] ‘ALL’, ‘e.DS’

/hã/ [hã] ‘INS’

/-cap/ [ˈtɛaβ] ‘semente’

/-cãp/ [ˈtɛã̃β] ‘espinho, coluna’

Há uma dificuldade de se encontrar pares mínimos entre vogais orais e nasais, a qual se dá por motivos diacrônicos. Na seção 2.2 afirmamos que consoante surda seguida de vogal nasal e consoantes orais são menos frequentes no sistema fonológico do Maxakalí. De fato, Nikulin e Silva (no prelo) demonstram que aproximadamente 85% dos *onsets* simples (com exceção de sílabas iniciadas por /h/) são compostos ou por consoantes surdas seguidas de vogais orais ou por consoantes foneticamente nasais seguidas por vogais nasais. Nikulin (no prelo) afirma que em algum momento pretérito da história do Maxakalí havia apenas uma série de consoantes **p*, **t*, **c*, **k*, com alofones oclusivos surdos em contextos orais e alofones nasais quando precedendo uma vogal nasal, de maneira similar ao que ocorre atualmente com as codas. Ainda de acordo com

Nikulín (no prelo), a entrada de consoantes oclusivas sonoras teria se dado por empréstimos de uma ou mais línguas da família Maxakalí num primeiro momento e do português posteriormente. Dessa maneira, entende-se que o baixo número de raízes com *onset* preenchido por consoante surda, seguido por vogal nasal e, conseqüentemente, o baixo número de pares mínimos em (34) é resultante de neutralizações fonológicas durante o percurso histórico do Maxakalí.

Na próxima subseção iniciaremos a discussão sobre os contextos de alofonias das vogais, iniciando pelo abaixamento de vogais condicionado pela coda.

2.3.3 – Abaixamento de vogais

Todas as vogais do Maxakalí, com exceção das centrais baixas /a, ã/ podem se abaixar dependendo da coda consonantal, como logo veremos. A posição da vogal na palavra não parece ser relevante para o abaixamento, com exceção de /ĩ/ final. Vejamos os exemplos em (35):

- (35) a. /i, ĩ/
- | | |
|---------------------------------------|--------------------------------|
| /ki/ ['kiʔ] ‘matar.PL.IRR’ | /bĩ-cic/ [mĩ'tɛiɰij] ‘folha’ |
| /pi-p/ ['piβ] ‘estar deitado.SG-REAL’ | /bĩp/ ['mĩβ] ‘árvore, madeira’ |
| /cit/ ['tɛijə] ‘fio’ | /bũ=ʒidĩt/ [mũɲĩ'ɲĩʒ] ‘fechar’ |
| /pi-k/ ['pij] ‘lavar-REAL’ | /bĩ-k/ ['mĩj] ‘fazer-REAL’ |
- b. /i, ĩ/
- | | |
|--------------------------------|--|
| /pi/ [pi] ‘DAT’ | /dĩ/ ['ɲĩʒ] ‘este.FC’, ‘vir.IRR’ |
| /hip/ ['hiβ] ‘vergonha’ | /tikĩp/ [tĩʰ'kĩβ] ‘filha.VOC’ ⁶⁷ |
| /-kit/ ['kiɰə] ‘piolho’ | /dĩ-t/ ['ɲĩũĩʒ] ‘vir-REAL’ |
| /kic/ ['kiɰ] ‘acabar’, ‘testa’ | /bĩ-c/ ['mĩj] ‘segurar-IRR, agarrar-IRR’ |
| /tik/ ['tĩɰ] ‘crescer’ | /ʒibĩk/ [ɲĩ'mĩũĩj] ‘saber, entender, aprender’ |

⁶⁷ Esse vocativo ocorre na fala dos mais velhos. Adultos e jovens o reduzem para /kĩp/.

c. /u, û/

/ci-ku/ [tɕi'kuʔ] 'coçar.REAL'

/pup-ta/ [puβp'taʔ] 'jenipapo'

/kut/ ['kuwə] ~ ['kuɔ]

'mandioca.FC'

/-tuc/ ['tɔj] ~ ['tuwɪ] 'longo,
comprido'

/-pduk/ [pu'dou] 'branco'

d. /ɛ, ê/

/-cɛ/ ['tɛɛ] 'cabelo'

/pɛp/ ['pɛβ] 'servir.SG'

/-ci-tɛt/ [tɕi'tɛɔ] 'pintado,
com pintas'

/tɛk/ ['tɛj] 'chuva.FC'

/bû/ ['mû] 'ir.IRR'

/ûp/ [ûβ] 'aquele.FC'

/hût-hâ/ [hũɔ'hâ] 'hoje, agora'

/-dûc/ ['dũɔ] 'outro, irmã(o) do
mesmo gênero de ego'

/bû-k/ ['mõũ] 'ir-REAL'

/bê/ ['mê] 'meia'

/kibêp/ [kĩ'mêβ] 'embrulhar'

/kdêt/ [kɛ'dêɔ] 'evangélico'⁶⁸

/jêk/ ['jêj] 'calar-se'

Pode-se depreender dos dados em (35) que sílabas com codas palatais ou velares desencadeiam um abaixamento das vogais. Uma coda palatal fonética faz com que /i, ɪ, u, ɛ/ sejam realizados como [ɪ, ɪ̞, ʊ, æ], respectivamente, enquanto uma coda velar abaixa as vogais altas /i, u/ para médias-fechadas [ə, ɔ]. O mesmo ocorre com as contrapartes nasais. A ausência de coda, ou uma coda labial ou dental não desencadeia o abaixamento das vogais, exceto, como dito anteriormente, pela ausência de coda final após /ĩ/. Comentaremos sobre essa exceção mais à frente.

Numa fala mais pausada, os falantes tendem a não produzir a alofonia, principalmente aquela desencadeada pela consoante palatal. Os *glides* intrusivos, que serão discutidos na próxima subseção, também bloqueiam o abaixamento, talvez por ocorrerem mais frequentemente num contexto de fala monitorada.

É importante frisar também que o abaixamento de vogais ocorre após a palatalização de coda consonantal, apresentada na Seção 2.2.3.4. Como não há vogais anteriores seguidas de codas fonéticas velares, o abaixamento de /i, ɪ, u, ɛ, ê/ se dá somente em um nível, à semelhança do abaixamento de /i, ɪ, u, û/ diante de codas palatais. Se o

⁶⁸ Empréstimo do português *crente*. A vogal epentética é uma cópia da segunda, porém não há o espraçamento da nasalidade.

ordenamento das regras fosse o contrário (abaixamento antes da palatalização), seria esperado que /ik, ɛk/ tivessem realizações *[ej, ak], já que teríamos, primeiro, o abaixamento de /i, ɛ/ para [e, a] para, em seguida, a palatalização se aplicar somente na vogal anterior [e], mas não na vogal baixa [a]. Porém, as formas fonéticas *[ej, ak] derivadas de /ik, ɛk/ não ocorrem nunca em nossos dados, ou seja, são agramaticais. O Quadro 2.10 resume os contextos de abaixamento de vogais:

QUADRO 2.10 – Abaixamento de vogais no Maxakalí

coda	/ɛ, ẽ/	/i, ĩ/	/i, ĩ/	/u, ũ/
_Ø, _p, _t	[ɛ, ẽ]	[i, ĩ]	[i, ĩ]	[u, ũ]
_c	[æ, æ̃]	[ɪ, ɪ̃]	[ɪ, ɪ̃]	[ʊ, ʊ̃]
_k	n/a		[ə, ẽ]	[o, õ]

O paralelismo entre as vogais altas /i, i, u/ e da vogal baixa /ɛ/ (e suas nasais correspondentes) em que quanto mais posterior a consoante, mais baixa a realização da vogal, nos faz crer que as vogais arredondadas do Maxakalí são altas /u, ũ/ e não médias /o, õ/, como afirmam Popovich e Popovich (1960b)⁶⁹ e demais autores de trabalhos sobre a fonologia da língua. Ora, se houvesse no Maxakalí uma vogal média subjacente /o,õ/, seus reflexos esperados /ɔ, ɔ̃/ diante de vogais palatais e /ɒ, ɒ̃/ diante de velares.

O abaixamento de vogais altas adjacentes a consoantes posteriores, como uvulares, é um fenômeno comum nas línguas do mundo, por exemplo, no Groenlandês (tronco Esquimó-Aleuta, família Inuit, falado na Groenlândia) em que /i, u/ são realizados respectivamente como [e, o] quando precedendo consoantes uvulares (FORTEESCUE, 1984, p. 335-336; SADOCK, 2003, p. 2), ou como [ɐ, ɔ] no mesmo contexto de acordo com Hagerup (2011, p. 43-44); e no Quéchua (língua isolada, falada na região andina da Argentina, Bolívia, Chile, Equador e Peru; WEBER, 1989, p.458) e no Aimara (família

⁶⁹ É necessário salientar que tanto em Popovich e Popovich (1960b) quanto em Gudschinsky, Popovich e Popovich (1970), as vogais arredondadas que são analisadas por eles como /o, õ/ são **sempre** transcritas foneticamente como [o, õ], respectivamente. Hoje, porém, essas vogais estão restritas ao contexto ora descrito e a algumas poucas exceções que serão apresentadas mais à frente. Essa diferença pode ter duas justificativas: a primeira é que esses autores fizeram uma transcrição fonética equivocada, possibilidade a qual acreditamos ser pouco provável, dada a qualidade das transcrições feitas por esses linguistas e o fato de eles terem vivido por aproximadamente trinta anos junto aos Maxakalí. A segunda justificativa é a de que houve uma mudança nessas vogais nas últimas décadas, o que não é, de maneira nenhuma, estranho. De qualquer maneira, considerando o estado atual da língua, permanecemos firmes em nossa análise de que há um abaixamento das vogais altas posteriores oral e nasal.

Aimarana, falada na região andina de Bolívia, Chile e Peru; HARDMAN, 2001, p.19) em que as consoantes altas se abaixam para [e, o] e [ɛ, ɔ], respectivamente, quando precedendo ou seguindo consoantes uvulares. A explicação para esse abaixamento é um adiantamento do recuo da raiz da língua para a produção da consoante uvular, consequentemente abaixando a língua e produzindo uma vogal mais aberta. Nas Geometrias de Traços, pode-se analisar esse fenômeno como um espraçamento do traço [-ATR] da consoante uvular para a vogal.

No Maxakalí, o abaixamento aqui descrito é em parte semelhante às do Groenlandês e do Aimara, em que pese que as vogais altas (e as baixas anteriores oral e nasal) se abaixam quanto mais posterior é a consoante. Porém, uma diferença crucial é o fato de que nessa língua não há consoantes uvulares e que esse efeito já pode ser percebido quando há uma coda palatal, sendo mais saliente ainda quando o fim de sílaba é ocupado por uma consoante velar. Ou seja, a motivação, no caso do Maxakalí, é que há uma dissimilação de altura, em que consoantes em coda com o traço [+alto], ou seja, palatais e velares, fazem com que vogais com esse traço passem a ter o traço [-alto].

A vogal central alta nasal /ĩ/ é uma exceção, já que em final de palavra ela se comporta como se houvesse uma consoante velar em coda. Um exemplo pode ser encontrado em (35b), repetido como (36a). Outros exemplos são dados em (36), abaixo:

(36)	a. /dĩ/ [ˈɲĩʔ]	‘este.FC’, ‘vir.IRR’
	b. /ɟ-ũk-dĩ/ [ɲõũɲĩ ɲĩʔ]	TH-GEN-?este.FC > ‘meu’ (usado como predicado)
	c. /pac-dĩ/ [pajĩ ɲĩʔ]	pegar.SG.INAN-vir.IRR > ‘trazer.SG.INAN.IRR’ ⁷⁰
	d. /teũtdĩ/ [teũĩ ɲĩʔ]	‘filho.VOC’
	e. /hiĩ/ [hĩĩ ʔĩ]	‘sim, ãhãm’

⁷⁰ Nikulin e Silva (no prelo) glosam /pac-/ como um **causativo comitativo**, o qual claramente tem uma relação etimológica com /pa/ ‘pegar.SG.INAN’ e com /=pac/ ‘ITER’. Essa relação pode ser demonstrada pelos exemplos em (i):

(i)	/pa/ ‘pegar.SG.INAN’	/pac-dĩ-t/ ‘trazer.SG.INAN’	/pac-bũ-k/ ‘levar.SG.INAN’
	/pit/ ‘pegar.SG.ANIM’	/pit-dĩ-t/ ‘trazer.SG.ANIM’	/pit-bũ-k/ ‘levar.SG.ANIM’
	/pup/ ‘pegar.PL’	/pup-dĩ-t/ ‘trazer.PL’	/pup-bũ-k/ ‘levar.PL’

Apesar de /pa/ ‘pegar.SG.INAN’ nunca ocorrer com uma coda, o paradigma em (i) demonstra que /pa/ e /pac-/ tem uma origem em comum. O fato de que ambos morfemas contam com uma vogal vozeada na língua dos cantos rituais Maxakalí é outro indício de que os dois termos são etimologicamente originados de uma mesma raiz. Por fim, a presença de cognatos externos (NIKULIN e SILVA, no prelo) são uma última prova de que a origem dos dois morfemas é a mesma.

A maior parte das ocorrências de /ĩ/ final sem coda ocorre em sílaba com o *onset* dental /d/, com uma exceção sendo (36e), uma interjeição. Não temos registrados em nossos dados palavras terminadas com esta vogal, mas com *onsets* diferentes, porém como em contextos em meio de palavra essa vogal é sempre realizada como [ĩ] (caso não haja uma coda silábica), pode ser que o valor da consoante em *onset* esteja também relacionada à alofonia. Tampouco sabemos, por ora, qual é a motivação do abaixamento exemplificado em (36). Talvez ele esteja envolvido em uma mudança fonológica maior em que os alofones [ə, ẽ] são percebidos como derivados de /ε, ẽ/: pessoas alfabetizadas, mas consideradas menos proficientes na escrita frequentemente grafam os exemplos em (36) como <nêhẽ> (ortografia da forma longa de /dĩ/), <yõgnẽ>, <paxnẽ> e <xõnnẽ> ao invés de <nũhũ>, <yõgnũ>, <paxnũ> e <xõnnũ>.⁷¹ Esta variação na ortografia também ocorre em outros casos como, por exemplo <kekmax> ao invés de <kukmax> (foneticamente [kəuɸ'baɰ] ~ [kəuɸŋ'baɰ] </kik-bac/) ‘tartaruga’.

Há ainda três exceções a se fazer menção, em que há um abaixamento de vogal inesperado: em alguns empréstimos recentes do português como [kupuɽa'do] ‘computador’ seria esperado uma vogal [u] pela ausência de coda, porém os empréstimos entraram no Maxakalí com a mesma vogal [o] do português. Mesmo assim, há empréstimos com o sufixo *-dor/-tor* tônico final do português que são adaptados com uma coda velar final, provavelmente uma estratégia para manter a altura média da vogal: /kubɛduk/ > [kubɛ'douɸ] ‘cobertor’. Acreditamos que este grupo tenha entrado no léxico do Maxakalí em um momento anterior. Uma outra palavra com o mesmo padrão no português e que acreditamos que tenha sido emprestada ainda antes é ‘doutor’ que é adaptada como /dutut/ > [ɖu'tuɽ], e que apesar de não ser uma exceção, demonstra que provavelmente o <r> final do português ainda era realizado como tepe [ɾ] ou vibrante [r] quando da entrada no Maxakalí.

A segunda exceção se encontra no verbo ‘ser listrado’ /kiĩt/ > [kĩ'ʔĩĩ] que, apesar de ter uma coda final dental, comporta-se como se tivesse uma coda palatal, já que a vogal fonética frequentemente é relaxada [ĩ] e não tensa [i], como seria de se esperar. Porém, essa realização não ocorre na pronúncia de todos falantes: alguns realizam a vogal anterior como esperado.

⁷¹ Os grafemas <e, ẽ, u, ã> são utilizados para grafar os fonemas /ε, ẽ, i, ã/, respectivamente. Alofones nasais das vogais orais, as quais surgem a partir do espraçamento da nasalidade, também são grafadas com til. Para mais detalhes sobre a ortografia do Maxakalí, consultar o Apêndice.

A última exceção é a palavra para ‘fumo’ /kuhuk/, a qual é realizada foneticamente como [ko'fhou], com o abaixamento esperado na segunda vogal devido à coda velar, mas inesperado na primeira. Veremos no Capítulo 4 que, em palavras em que há a alternância entre formas curtas e longas, a vogal que surge do alongamento da raiz é uma cópia exata da vogal acentuada, incluindo aí o abaixamento. Se ‘fumo’ tivesse uma forma subjacente /kuk/, a forma fonética longa [ko'fhou] seria de fato esperada, porém esse não é o caso

2.3.4 – Glides de transição

Ainda relacionada às consoantes em coda, encontra-se a epêntese de *glides*, chamada na literatura do Maxakalí de *glides* de transição. A primeira descrição dessa alofonia foi feita por Gudschinsky, Popovich e Popovich (1970, p. 82-83). Eles afirmam que “[u]ma transição consonantal pode se desenvolver entre certas vogais e as variantes silábicas de /t, n, c, ñ/ [...]”. A qualidade da transição é determinada pela vogal nuclear [...]” (tradução nossa).⁷² Gudschinsky, Popovich e Popovich (1970) demonstram que sílabas fonéticas [CVGVC] são analisadas pelos falantes nativos de Maxakalí como /CVC/, com o caráter dissilábico fonético sendo comprovado instrumentalmente por Silva (2011). O valor do *glide* de transição [G] é definido pela vogal nuclear /V/, enquanto a segunda vogal fonética é resultante da pré-vocalização da consoante em coda. O Quadro 2.11 resume a proposta de Gudschinsky, Popovich e Popovich (1970).⁷³

Com os dados do quadro a seguir, Gudschinsky, Popovich e Popovich (1970) derivam, por exemplo, [mĩmptuɣət̃] de /mĩmtut/ (grifo nosso). A análise deles está em grande parte correta, mas não é suficiente em alguns pontos, como veremos pouco mais adiante.

⁷² No original: “A consonantal transition may develop between certain vowels and the syllabic variants of /t n c ñ/ [...]. The quality of transition is determined by the nuclear vowel [...]”

⁷³ Veremos logo adiante que os segmentos epentéticos descritos por Gudschinsky, Popovich e Popovich (1970) como sendo um *glide* ou uma consoante com certo grau de constrição (a depender do contexto) são sempre aproximantes.

QUADRO 2.11 – Transição consonantal de acordo com Gudschinsky, Popovich e Popovich (1970)⁷⁴

Vogal nuclear	Consoante na coda	
	/t/ [ə]	/c/ [i]
/i/	j	—
/a/	ɣ	—
/u/	ɣ	ɣ
/o/	w	w
	/n/ [ɛ]	/ɲ/ [i]
/ĩ/	ɟ	—
/ũ/	ŋ	ŋ
/õ/	ɰ	ɰ

Fonte: Gudschinsky, Popovich e Popovich (1970, p. 83).

Gudschinsky, Popovich e Popovich (1970) afirmam que os falantes nativos do Maxakalí não analisam essa estrutura [CVGVC] como dissilábica, já que na escrita em momento algum é utilizado outra estrutura que não <CVC>. Já Silva (2011), ao pedir para seu informante dividir em sílabas estruturas como essa, recebe resposta negativa, dizendo que não é possível fazer uma silabação do tipo [CV.GVC] nem [CVG.VC].

Um último indício de que essa estrutura fonética é de fato tratada como uma sílaba apenas, vem da atribuição de acento na língua. O acento lexical no Maxakalí, como veremos ainda neste capítulo, recai (quase) sempre na última sílaba da palavra. Quando esta tem a estrutura [CVGVC], ela recai na vogal nuclear, resultando em ['CVGVC] e nunca na segunda vogal *[CV'GVC].

Wetzels e Sluyters (1995, p. 131-132) preveem que a descrição das consoantes transicionais feita por Gudschinsky, Popovich e Popovich (1970) conta com um problema, já que o esperado seria que ao invés de [ɣ, ŋ], houvesse segmentos vocálicos, já que estes segmentos epentético compartilham com a vogal um nódulo vocálico. De fato, essa previsão teórica estava correta: Silva (2015, p. 85-88) mostra através de análise espectrográfica que esses segmentos se tratam de aproximantes [ɥ, ʉ], respectivamente.

Um outro problema na análise de Gudschinsky, Popovich e Popovich (1970)⁷⁵ é defectividade no paradigma das vogais baixas /a, ɛ/. Não é explicado o porquê de o *glide*

⁷⁴ Normalizamos a transcrição do artigo de Gudschinsky, Popovich e Popovich (1970) para o Alfabeto Fonético Internacional.

⁷⁵ Problema este também encontrado indiretamente em Wetzels (1993) e Wetzels e Sluyters (1995), já que estes autores utilizam como base principal da análise a descrição de Gudschinsky, Popovich e Popovich (1970).

e. /uc, ũc/

/cuc/ ['teuɪj] ~ ['teuɪ] ~

['teɔj] ‘dente’

/kuc/ ['kuɪj] ~ ['kuɪ] ~

['koj] ‘buraco’

/dũc/ ['ṽũwĩĩ] ~ ['ṽũwĩ] ~ ['ṽõĩ]

‘outro, irmã(o) do mesmo gênero’

/-gũc/ ['gũwĩĩ] ~ ['gũwĩ] ~ ['gõĩ]

‘fumaça’

f. /ac/

/-cac/ ['tɛqj] / *['tɛauɪj] ‘casca, pele’

/hac/ ['hɔj] / *['hauɪj] ‘cheiro, cheirar’

g. /ik, ãk/

/pi-k/ ['pij] / *['pijɪj] ‘lavar-REAL’

/tik/ ['tɪj] / *['tɪjɪj] ‘dois’,

‘homem.FC’⁷⁷

/bĩ-k/ ['mĩj] / *['mĩjɪj] ‘fazer-REAL’

/hĩk/ ['hĩj] / *['hĩjɪj] ‘amarrar.SG’

Como pode se depreender dos dados em (37a-e), há uma variação na inserção do *glide* de transição. Quando ele ocorre, a vogal originada da consoante em coda é realizada como uma vogal plena foneticamente (ver SILVA, 2011 para uma demonstração instrumental). A consoante pode ou não ocorrer nesses casos, como descrito por Wetzels (1993) e Wetzels e Sluyters (1995). Por outro lado, nos casos em que o *glide* de transição não ocorre em sílabas com coda palatal, há a o abaixamento da vogal, como descrito em 2.3.3. As realizações com o *glide*, isto é, do tipo [CVGV] ~ [CVGV] são mais comuns em uma fala pausada e/ou monitorada, enquanto formas sem a transição, como [CVC], são mais recorrentes numa fala distensa.

Por outro lado, não temos em nossos dados a ocorrência de *glide* de transição em sílabas com o núcleo preenchido por uma vogal baixa /a/, como exemplificado em (37f). Em (37g) demonstramos exemplos que explicam por que não há um *glide* de transição com vogais anteriores altas /i, ã/. O fato de a coda ser uma velar que somente depois se palataliza (ver seção 2.2.3.4), impede a formação de *glides* de transição nesses casos. O

⁷⁷ Os homófonos ‘dois’ e ‘homem’ provavelmente têm origem etimológica distinta. O primeiro vem da proto-forma *riK ~ *riC do Proto-Maxakalí-Krenák (NIKULIN e SILVA, no prelo), enquanto a origem do segundo ainda permanece desconhecida. A distinção também é normalmente feita na ortografia do Maxakalí, em que ‘dois’ é grafado como <tix> e ‘homem’ como <tik> (<x> é utilizado para grafar o fonema /c/ e <k> é usado para grafar /k/). Em outros casos, a palatalização da coda velar costuma oscilar na ortografia, ainda que o grafema <x> seja mais frequente nesses casos: <tex> ~ <tek> para /tek/ ‘chuva’, <mĩy> ~ <mĩg> para /bĩ-k/ ‘fazer’, dentre outros. Para mais detalhes sobre a ortografia do Maxakalí, ver o Apêndice.

Quadro 2.12, resume os contextos de epêntese da aproximante, de acordo com nossa proposta.

QUADRO 2.12 – *Glides de transição*

Vogal nuclear	Consoante na coda	
	/Vt/ [ə]	/Vc/ [i]
/i/	j	–
/ĩ/	ɰ	ɰ
/u/	w	w
	/Ṽt/ [ə̃]	/Ṽc/ [ĩ]
/ĩ/	ĩ	–
/ĩ̃/	ũ	ũ
/ũ/	ũ̃	ũ̃

Esta subseção e a anterior trataram das alofonias das vogais altas /i, ĩ, i, ĩ, u, ũ/ e das vogais baixas /ɛ, ɛ̃/. A próxima subseção mostrará as alofonias de /a, ã/, as quais ocorrem em contextos substancialmente diferente das demais.

2.3.5 – Posteriorização de vogal central baixa

As vogais /a, ã/ contam com três alofones: [a, ɑ, ɒ] e [ã, ɞ̃, ɔ̃], respectivamente. Os contextos para realização de alofones orais e nasais são os mesmos, como veremos adiante. Apresentamos em (38) exemplos com esses alofones.

(38) a. [a, ã]

/bĩ-ta/ [mĩ^h'tãʔ] ‘fruta’

/kaɟã/ [kã'nãʔ] ‘cobra’

/-cɛkka/ [tɛæj'kaʔ] ‘grande’⁷⁸

/dã/ [ɲã] ‘ver.IMP’

⁷⁸ Esta palavra, hoje analisada como monomorfêmica, foi em algum momento bimorfêmica: /cɛk-ka/. Pode-se encontrar o primeiro morfema na lista de palavras do século XIX intitulada *Capoxô, Cumanachô, Panháme* (MARTIUS, 1867, p. 171) o item <schej>, traduzido como ‘grande’. Em muitos cantos rituais Maxakalí a palavra /cɛk/ também é traduzida como ‘grande’. Não sabemos a origem ou função do segundo morfema, mas em alguns cantos rituais é encontrado itens com uma reduplicação parcial do tipo XVC-Ca-XVC, traduzidos como aumentativos: /cɛk-ka-cɛk/ ‘muito grande’, /pduk-ka-duk/ ‘muito branco’, /duc-ca-duc/ ‘muito longo’ (<Maxakalí moderno /tuc/), /pidik-ka-dik/ ‘parecido’ (<Maxakalí moderno /pitik/), etc. (TUGNY, 2009a, 2009b). Esta palavra ainda permanece com a coda medial na fala dos mais velhos. Adultos (e conseqüentemente as gerações subsequentes) analisam essa raiz como /cɛka/. Na Seção 2.6 sobre acento, veremos que a origem bimorfêmica dessa palavra ainda conta com um reflexo na língua atual.

b. [a, ã]

/-cap/ [-'tɕaβ] ‘semente’	/bãp/ ['mãβ̃] ‘peixe.FC’, ‘sentar.PL’
/kip-tap/ [kiβp'taβ] ‘urubu’	/dãp/ ['ɲãβ̃] ‘COMPL’
/-tak/ ['t̥au] ‘pai’	/-dãk/ [ɲãũ] ‘DIM’
/cak/ ['t̥eau] ‘cortar em pedaços grandes.SG’, ‘pedir, escolher’, ‘colocar sentado.PL’	/hãp+Jãk/ [hãβ̃'ɲãũ] ‘dançar’

c. [ɑ, ã]

/tat/ ['t̥ɑ̃] ‘pegar.MASS’	/dãt/ ['ɲã̃] ‘urucum.FC’
/ptat/ [pi't̥ɑ̃] ‘caminho.FC’	/kdãt/ [kĩ'ɲã̃] ‘tucano.FC’
/hac/ ['hɑ̃j] ‘cheiro, cheirar’	/Jãc/ [ɲã̃j] ‘REFL’
/=pac/ ['pɑ̃j] ‘ITER’	/-gãc/ ['gã̃j] ‘bravo’

d. [ɐ, õ]

/pa/ ['pɐʔ] ‘pegar.SG.INAN’	/bã/ ['mõʔ] ‘comer.TRANS.FC’, ‘vir.IMP’
/kupa/ [ku'pɐʔ] ‘dentro’	/hubã/ [hũ'mõʔ] ‘há muito tempo’

Os exemplos em (38) são elucidativos quanto às alofonias das vogais baixas não-antérieures. (38a-b), cujos alofones apresentados são [a, ã], traz itens em que não há coda (38a) ou que tenha uma consoante periférica (labial ou velar) na posição de fim de sílaba (38b). (38c) conta com morfemas com codas coronais, isto é, dentais e palatais. Neste caso, há um recuo do corpo da língua na produção da vogal, dando origem a [ɑ, ã]. Por fim, em (38d) temos também morfemas sem coda. Porém, há uma diferença fundamental entre estes itens e os apresentados em (38a): aqueles do último exemplo têm um *onset* labial. O ataque silábico /p, b/ é responsável pela labialização do núcleo da sílaba, a qual deve necessariamente não ter a coda preenchida (ver, por exemplo, /bãp/ ['mãβ̃] ‘peixe.FC’, ‘sentar.PL’ em 38b).⁷⁹

Para explicar a alofonia em sílabas com coda dental, recorremos a Operstein (2010, p. 59), a qual afirma que consoantes dentais, além de terem um gesto produzido pela ponta

⁷⁹ Medidas exatas de f2, o qual é correlato de anterioridade / posterioridade, podem demonstrar se há de fato uma posteriorização da vogal em sílabas com *onsets* labiais e sem coda ou se o que ocorre é apenas uma labialização da vogal, permanecendo esta em uma posição mais centralizada. Deixaremos este ponto em aberto para pesquisas futuras, porém nesta tese transcreveremos este alofone com o símbolo da vogal posterior arredondada (e sua correspondente nasal): [ɐ, õ].

da língua, contam frequentemente com uma retração do corpo da língua. Dessa maneira, explica-se a posteriorização de /a, ã/ diante de consoantes dentais: o movimento do corpo da língua necessário para produzir a consoante dental é adiantado, se sobrepondo àquele da vogal.

Porém outra explicação deve ser dada para a alofonia em relação ao recuo das vogais /a, ã/ com coda palatal, já que não há um avanço do corpo da língua, mas, ao contrário, há uma posteriorização. Neste caso, acreditamos que esteja ativo o Princípio do Contorno Obrigatório (em inglês, *Obligatory Contour Principle*). Postulado primeiramente por Leben (1973) em estudos de tonologia, aplicamos este princípio aqui para explicar a incompatibilidade, no Maxakalí, de um avanço da língua na produção das vogais baixas /a, ã/ quando seguido por uma coda palatal. Por outro lado, em ambos os casos é possível explicar a alofonia considerando que /a, ã/ são vogais com o traço [coronal, - anterior]. Elas passam a ter, então, o traço [dorsal] diante de consoantes em coda com o traço [coronal].

Historicamente, pode-se hipotetizar a origem dessa alofonia, em que codas dentais e palatais forçam uma realização fonética [a, ã] das vogais, ao comparar a mudança das codas do Krenák a partir do Proto-Maxakalí-Krenák. Coincidentemente ou não, são exatamente as codas coronais as quais sofreram um rearranjo no ponto de articulação no Krenák, a qual é a língua mais próxima geneticamente do Maxakalí e da qual se têm descrições de qualidade mais apurada. As codas **p* e **k* do Proto-Maxakalí-Krenák se mantiveram como tais no Krenák, enquanto as codas **t* e **c* mudaram para **k* e **t*, respectivamente (consoantes nasais no Krenák tiveram um desenvolvimento igual em relação ao ponto de articulação, já o Maxakalí preserva apenas os pontos de articulação das consoantes em coda da proto-língua) (NIKULIN e SILVA, no prelo). É possível que os fatos que deram origem a situação tanto do Krenák como do Maxakalí já estivessem latentes na língua mãe: por um lado, **c* pode ter avançado para /t/ no Krenák, forçando o recuo de língua de **t* para /k/, para evitar uma grande concentração de itens com codas alveolares e possíveis homofonias. O fato de a língua contar com um recuo na produção de consoantes dentais, como mencionado acima (OPERSTEIN, 2010), pode ter facilitado o processo. Nesse cenário hipotético, provavelmente a frequência de tipo de codas velares era mais baixo que a de dentais, justificando a posteriorização da dental para a posição velar. No caso do Maxakalí, a mudança teria parado no recuo de língua de **c*, que se

manteve como /c/ (ou já estaria presente no Proto-Maxakalí-Krenák que teria inovado nesse sentido a partir do Proto-Macro-Jê).

2.4 – Outras epênteses

Descreveremos nesta seção as epênteses que ainda não foram tratadas nas seções anteriores. Em 2.2.2 pudemos ver a epêntese de vogal alta central em *onsets* complexos no léxico nativo e em 2.2.3.3 e 2.3.4 apresentamos as pré-vogais de consoantes e os *glides* de transição, respectivamente. Exporemos abaixo a epêntese em empréstimos, as consoantes intrusivas em encontros consonantais heterossilábicos e, por fim, a epêntese de consoante dental em coda na sufixação de diminutivo em verbos.

2.4.1 – Epêntese em onsets complexos de empréstimos do português

Vimos na Seção 2.2.2 que o Maxakalí tem em sua estrutura fonotática a possibilidade de ataques ramificadas, os quais sofrem uma epêntese de vogal central alta, caso esse ataque complexo seja precedido por uma consoante. Vimos também que em ao menos um item nativo, /pduk/ ‘branco’, a vogal inserida é uma cópia da vogal núcleo antes de sofrer o abaixamento vocálico motivado pela consoante em coda: [pu'ḍou] (ver nota de rodapé 41 na Seção 2.2.2).

Empréstimos do português contam com comportamento semelhante ao de /pduk/. *Onsets* complexos advindos de palavras do português são desfeitos com a epêntese de vogal cópia do núcleo silábico, como demonstrado em (39).

- (39) a. Português. ['prato] > Maxakalí [pṇ'ḍaṛ] ‘prato’
 b. Port. [prezi'dẽʃi] > Mxk. [pɛḍɛdzi'dẽṣ] ‘presidente’
 c. Port. [tra'toh] > Mxk. [ṭaḍa'tou] ‘trator’
 d. Port. ['krẽʃi] > Mxk. [kɛ'dẽṣ] ‘evangélico’ (< *crente*)
 e. Port. [mikro'fõni] > Mxk. [mĩkuḍu'pũṣ] ‘microfone’

Ao contrário do que aconteceu no percurso histórico do Proto-Macro-Jê para o Maxakalí, em empréstimos do português, o tepe em posição de ataque silábico é adaptado como uma oclusiva dental vozeada [ḍ]. O português, ao contrário da maioria das línguas Macro-Jê, aceita *onsets* com duas consoantes coronais, por exemplo /tr-/ e /dr-/. O Maxakalí, ao pegar emprestado palavras com esse tipo de encontro consonantal tautossilábico, assim como encontros do tipo /pr-/ , /kr-/ etc., insere uma vogal copiada do núcleo. Assim como em /pduk/, as alofonias das vogais são aplicadas após a epêntese,

como no exemplo em (39a), que tem uma vogal epentética labializada por causa da sílaba com ataque labial e sem coda. A nasalidade, como pode ser visto em (39d), é bloqueada pela segunda consoante do *onset* original, indicando que o espraçamento do traço [+ nasal] ocorre após a epêntese.

2.4.2 Consoantes Intrusivas

Outro tipo de epêntese que ocorre no Maxakalí e que já foi discutida na literatura (WETZELS, 1995) é a de consoantes intrusivas. Elas surgem em encontros consonantais heterossilábicos, seja no encontro de dois morfemas para formar um composto, seja na junção de palavras. Essas consoantes intrusivas surgem apenas quando há uma realização fonética da consoante em coda. Como existe, hoje, uma tendência forte das consoantes em coda se enfraquecerem, essa realização é mais facilmente percebida na fala dos mais velhos. Primeiramente descreveremos as intrusivas não-vozeadas e depois as vozeadas nasal e oral.

2.4.2.1 Consoante intrusiva não-vozeada

As consoantes intrusivas não-vozeadas, como bem descrito por Gudschinsky, Popovich e Popovich (1970) e Wetzels (1995) surgem quando do encontro heterossilábico de uma coda nasal com um ataque surdo. Wetzels (1995) compara o que ocorre no Maxakalí com algo semelhante no inglês, em que uma nasal em coda, quando adjacente a uma fricativa em *onset* dá origem a uma oclusiva não-vozeada de mesmo ponto de articulação que a nasal: so[mpθ]ing (WETZELS, 1995, p. 87). Pode-se formalizar da seguinte maneira: /N.P/ > [NTP], em que N é uma consoante nasal em coda, P é uma consoante surda com ponto de articulação diferente e em posição de *onset* e T é a consoante intrusiva, a qual compartilha o ponto com a consoante nasal e o modo com a consoante do ataque silábico. Em (40), apresentamos alguns exemplos, com a consoante intrusiva marcada em negrito nas transcrições fonéticas:

- (40) a. /bĩp-tit/ [mĩmp^ʔtiɥə] ~ [mĩβmp^ʔtiɥə] ~ [mĩβ̃^ʔtiɥə]
 madeira-mãe > ‘casa’
- b. /kibĩp+ciĩk/ [kĩmĩmp^ʔteĩĩ] ~ [kĩmĩβmp^ʔteĩĩ] ~ [kĩmĩβ̃^ʔteĩĩ]
 sono+doer > ‘estar com sono’

Consoantes intrusivas nasais podem se originar do encontro de consoante surda seguida de oral ou do encontro de consoante surda e nasal.

As nasais intrusivas do primeiro tipo são menos frequentes em nossos dados por serem condicionados a contextos de ocorrência mais rara. Gudschinsky, Popovich e Popovich (1970) afirmam que o resultado desse encontro é um alofone vozeado da consoante surda em coda, porém em nossos dados pode ocorrer também a inserção de uma nasal intrusiva. Pode-se formalizar a alofonia como /T.B/ > [DB] ~ [JDB] ~ [JDNB], em que T é uma consoante surda na posição de coda silábica; B uma consoante oral em ataque silábico com ponto de articulação diferente; D é um alofone vozeado da consoante em coda; J a pré-vogal da coda e N o alofone pré-nasalizado do *onset*. As nasais intrusivas normalmente ocorrem num ritmo de fala mais pausado e exemplos delas seguem abaixo, marcadas em negrito:

- (41) a. /kip-dak/ [kiβb'dau] ~ [kiβ**bm**'dau]

osso-seco > ‘magro’

- b. /kik-bac/ > [kəg'baɪ] ~ [kəuɪg**ŋ**'baɪ]

pedra-falso, pseudo > ‘tartaruga’⁸¹

Uma oclusiva não-vozeada seguida por nasal, de acordo com Gudschinsky, Popovich e Popovich (1970) e Wetzels (1995), assim como no caso anterior, fornece o contexto para não somente a epêntese de uma consoante intrusiva nasal de mesmo ponto que a consoante da coda, mas também o vozeamento da coda. Gudschinsky, Popovich e Popovich (1970) ainda afirmam que a coda pode permanecer surda, porém não temos ocorrências desse tipo em nossas gravações. Formalizamos essa inserção como /T.M/ > [DM] ~ [DNM], em que T é uma consoante surda em fim de sílaba, M uma consoante nasal de ponto de articulação distinto da coda, D um alofone vozeado da coda e N uma consoante intrusiva nasal a qual compartilha, assim como nos casos anteriores, o ponto de articulação da coda e o modo do *onset*. Exemplos são dados em (42).

- (42) a. /pup-dĩ-t/ [puβb'ɲĩũɔ̃] ~ [puβ**bm**'ɲĩũɔ̃]

pegar.PL-vir-REAL > ‘trazer.PL.REAL’

⁸¹ Campos (2012, p. 95), em artigo sobre a formação morfológica da zoonímia e fitonímia no Maxakalí, afirma que esse elemento /kik/ pode ser utilizado com o significado de ‘pedra’, ainda que a palavra usada para designar esse referente, na língua atual, seja /bĩ-kac-cap/.

b. /kut-jūt/ [kuwəd'jũwẽṅ] ~ [kuwədⁿ'jũwẽṅ]
 mandioca.FC-? farinha > ‘farinha de mandioca’

c. /kukek-dāk/ [kukæjɹ'ṅãũ] ~ [kukæjⁿ'ṅãũ]
 cachorro-DIM > ‘cachorrinho’

d. /cuk+j-ĩt/ > [təuɣ'jĩṅ] ~ [təuɣg'jĩṅ] ~ [təuɣⁿ'jĩṅ]
 animal+TH-carne > ‘carne (de animal)’

Realizações de codas consonantais coronais como em (42b-c) são muito raras, já que essas consoantes estão em um estágio avançado da mudança de realização oclusiva para realização vocálica (SILVA e NEVINS, 2014; SILVA, 2015). Novamente, elas podem ser ouvidas na fala dos mais velhos, mas mesmo aqui, esses alofones têm ocorrência pouco frequente.

Como visto na Seção 2.2.3.2, as codas no Maxakalí devem sempre concordar em nasalidade com o núcleo, portanto, não se encontra oclusivas vozeadas fonéticas na posição final de sílaba (WETZELS, 2009; SILVA, NEVINS e WHITE, no prelo), exceto, é claro, nos casos mencionados acima. Além disso, codas nasais não formam consoantes intrusivas com ataques vozeados, ao contrário do que afirma Araújo (2000, p. 99). O encontro de duas consoantes nasais heterossilábicas será discutido na Seção 2.5.2.

2.5 – Pré-aspiração

Há no Maxakalí uma série de contextos que dão origem a uma pré-aspiração, os quais serão discutidos nesta seção. Essa pré-aspiração ocorre no nível da palavra fonológica e acreditamos que esteja relacionada também ao ensurdecimento de nasais, descrita por Gudschinsky, Popovich e Popovich (1970). Araújo (2000) a descreve como uma fricativa glotal fonológica na posição coda, mas veremos que os contextos de ocorrência são previsíveis, logo, a pré-aspiração se trata tão somente de um fenômeno fonético.

2.5.1 – Pré-aspiração no contexto de vogal alta e consoante não-vozeada

Talvez o contexto mais frequente em que ocorra a pré-aspiração no Maxakalí é aquele em que uma vogal alta átona, oral ou nasal, é seguida por uma consoante não-vozeada na posição de ataque da sílaba seguinte. Apresentamos exemplos em (43), abaixo:

- (43) a. /i, ĩ/
 /hãp=hipa/ [hãβhi^h pɔʔ] ‘dentro da mata’ —⁸²
 /-hitip/ [hi^h t̪iβ] ‘feliz, saudável’ /bĩ-ta/ [mĩ^h ʔaʔ] ‘fruta’
 /icũk/ [i^h t̪eõũ] ~ [ĩ^h t̪eõũ] /jĩ-cic/ [ɲĩ^h t̪eiũɲ] ‘verde, azul’
 ‘pássaro’⁸³
 /tikujik/ [t̪i^h ku d̪əũ] ‘três’ /-j-ĩ-kuc/ [ɲĩ^h kuj] ‘boca’
 b. /i, ĩ/
 /bũ=kipi-k/ [mũki^h pi] ‘ler-REAL, contar-REAL’ /dĩpa/ [ɲĩ^h pɔʔ] ‘fugir.PL’
 /pitik/ [pi^h t̪əũ] ‘parecer, ser igual’ /dĩ-t̪e/ [ɲĩ^h t̪ɛ] ‘aqui’⁸⁴
 /kicɛk/ [ki^h t̪æj] ‘Kuxex, casa de religião’ /dĩ=cu-k/ [ɲĩ^h t̪eow] ‘derramar-REAL’
 /cikiç/ [t̪ei^h kiç] ‘avó, sogra’⁸⁵ /dĩ=kidã/ [ɲĩ^h ki ɲã] ‘enviar.FC (em direção ao falante)’
 c. /u, ũ/
 /kupa/ [ku^h pɔ] ‘dentro’⁸⁶ /bũ=pit/ [mũ^h piũɔ] ‘tocar, encostar’
 /puta/ [pu^h ʔaʔ] ‘chorar-REAL.FC’ /dũ-t̪e/ [ɲũ^h t̪ɛ] ‘aí’⁸⁷
 /kucit/ [ku^h t̪eiũɔ] ‘tatu’ /ĩt-bũ-ca/ [ĩt̪mũ^h t̪eaʔ] ‘*Īnmõxa*’⁸⁸
 /kukek/ [ku^h k̪æjç] ‘cachorro’ /bũk-bũk-a/ [mõũɲ̃mũ^h kaʔ] ‘gavião’

⁸² Não encontramos em nossos dados exemplos de vogal nasal /ĩ/ seguida por uma consoante labial /p/ heterossilábica em *onset*.

⁸³ Há uma variação entre falantes quanto à realização da primeira vogal. Enquanto alguns a produzem como [i] oral, outro a realizam nasal [ĩ]. Não sabemos a motivação dessa variação.

⁸⁴ Formado pelo demonstrativo /dĩ/ ‘este’ e pelo formativo locativo não mais produtivo /-t̪e/ homófono da posposição ergativa. Porém enquanto a posposição tem seu étimo reconstruído como *t̪é, o formativo tem origem em *-re, ambos advindos do Proto-Maxakalí-Krenák. (NIKULIN e SILVA, no prelo)

⁸⁵ Provavelmente bimorfêmico /ci-kic/. Comparar com /ktu-ã-kic/ ‘cunhada (de ego feminino)’ por um lado e por outro com /jã-jã/ ‘avô, sogro’, /ci-jã/ ‘dono’ e /ktu-ã-jã/ ‘cunhado (de ego masculino)’.

⁸⁶ Historicamente /kupa/ era composto por dois morfemas: não sabemos a origem do primeiro morfema /ku-/. O segundo, /-pa/, é utilizado na formação de diversos advérbios locativos.

⁸⁷ Ver a nota 84 acima. O primeiro elemento é o demonstrativo /dũp/ ‘esse’, com uma queda da coda. (NIKULIN e SILVA, no prelo)

⁸⁸ O *Īnmõxa* é um ser que, de acordo com os Maxakalí, surge dos corpos de não-indígenas mortos e de pessoas as quais não passaram adequadamente pelos ritos funerários. É um ser descrito como altamente mortífero, com garras que cortam como metal e pele dura. Seus pontos fracos são os orifícios do seu corpo (boca, ânus, umbigo, etc.). Etimologicamente, é provável que tenha sua origem em /ĩt/ ‘carne’ e /bũ=ca/ ‘sair.PL’.

Os exemplos em (43) demonstram um contexto para o desencadeamento da pré-aspiração: vogais altas átonas, orais e nasais, seguidas por qualquer uma das quatro consoantes surdas em *onset* de uma sílaba átona (ver ‘três’ em 46a) ou não. A vogal central alta epentética, vista na Seção 2.2.2, também fornece contexto para a pré-aspiração: /ptat/ > [pɪʰˈtɑɔ] ‘caminho.FC’. Vogal alta átona seguida de *onset* vozeado, como em /-kɪbɪk/ [kɪˈbɔw] ‘ruim’; vogal baixa seguida de consoante desvozeada em *onset*, como em /kaka/ [kaˈka] ‘embaixo (sem contato)’; e, obviamente, vogal baixa seguida de consoante sonora em *onset*, por exemplo, /kaba/ [kaˈbɔ] ‘também’, não são realizados como *[kɪʰˈbɔw], *[kaʰˈka] e *[kaʰˈbɔ] nos nossos dados, sendo essas realizações agramaticais.

Veremos, a seguir, outro contexto para o aparecimento da pré-aspiração e a relação desta com consoantes nasais desvozeadas.

2.5.2 – Pré-aspiração e o desvozeamento de consoantes nasais

Outro contexto em que a pré-aspiração ocorre é em encontros de morfemas em que o primeiro é um nome que termine em vogal oral e o segundo é o diminutivo, o qual se inicia por consoante nasal. Neste caso, tanto vogais altas quanto baixas fornecem o contexto necessário para a pré-aspiração.

(44)	a. /cɛ-dāk/ > [ˈtɛɛʰɲãũ]	cabelo-DIM > ‘cabelinho’
	b. /pɛtɛ-dāk/ > [pɛtɛʰˈɲãũ]	???-DIM > ‘pimenta’
	c. /bĩ-ta-dāk/ > [mĩtɔʰˈɲãũ]	madeira-maduro-DIM > ‘frutinha’
	d. /cii-dāk/ > [tɕiiʰˈɲãũ]	palha-DIM > ‘arroz’

Note que causativos terminados em /-dã/ não contam com a pré-aspiração. Alguns exemplos desse processo morfofonológicos podem ser vistos em (45):

(45)	a. /kuɛ-dã/ > [kuɛˈɲã] / *[kuɛʰˈɲã]	torto-CAUS > ‘entortar.FC’
	b. /kɪpi-dã/ > [kɪpiˈɲã] / *[kɪpiʰˈɲã]	caçar.INTR-CAUS > ‘caçar.TRANS.FC’
	c. /pɛ-dã/ > [pɛˈɲã] / *[pɛʰˈɲã]	ver-CAUS > ‘ver’ ⁸⁹

⁸⁹ O verbo /pɛdã/ é monomorfêmico no Maxakalí moderno: o sufixo se fundiu à base e a leitura originalmente causativa se perdeu. Porém, é possível reconstruir a história desta palavra, já que o verbo /pip/ ‘ver’ em Krenák é um provável cognato, podendo-se reconstruir a proto-forma *pɛp para o Proto-Maxakalí-Krenák (NIKULIN e SILVA, no prelo). A não-assimilação da coda reconstruída na base (ver a discussão sobre os exemplos em (27) na Seção 2.2.3.4), dando origem a uma forma não atestada *[pɛˈmã], se explica pelo fato de que quando essa construção se tornou opaca, a assimilação de ponto de articulação do *onset* do sufixo causativo ainda não operava na língua. Um de nossos colaboradores, um respeitado pajé

Ao contrário dos dados apresentados em Gudschinsky, Popovich, Popovich (1970, p. 80-81) e Wetzels (2009, p. 251), o sufixo diminutivo /-dāk/ espraia a nasalidade somente para bases verbais e nunca para bases nominais, portanto, *[tɛ̃h'ṇãũ] é agramatical. Essa diferença de comportamento do sufixo diminutivo foi apontada primeiro por Campos (2009a, p. 281-287).

Acreditamos que essa pré-aspiração seja a fricativa glotal à qual Araújo (2000, p. 76) se refere quando argumenta que consoantes glotais podem bloquear o espraçamento de nasalidade. Esse autor dá alguns exemplos como [topahnãg] ‘troféu’, em que a nasalidade não se espraia para a base nominal, ainda que ele afirme que seja a fricativa glotal [h] a responsável pelo bloqueio de nasalidade. Porém, vejamos alguns exemplos (46) antes de continuar nossa argumentação:

- (46) a. /tap-bɛp-dāk/ > [ta:'bẽṇṇãũ] furar.PL-DIM > ‘furadinhos’
 b. /tuc-dāk/ > ['tũṇṇãũ] longo-DIM > ‘compridinho, longinho’
 c. /piik-dāk/ > [pĩ'ṇṇãũ] fraco-DIM > ‘fraquinho’

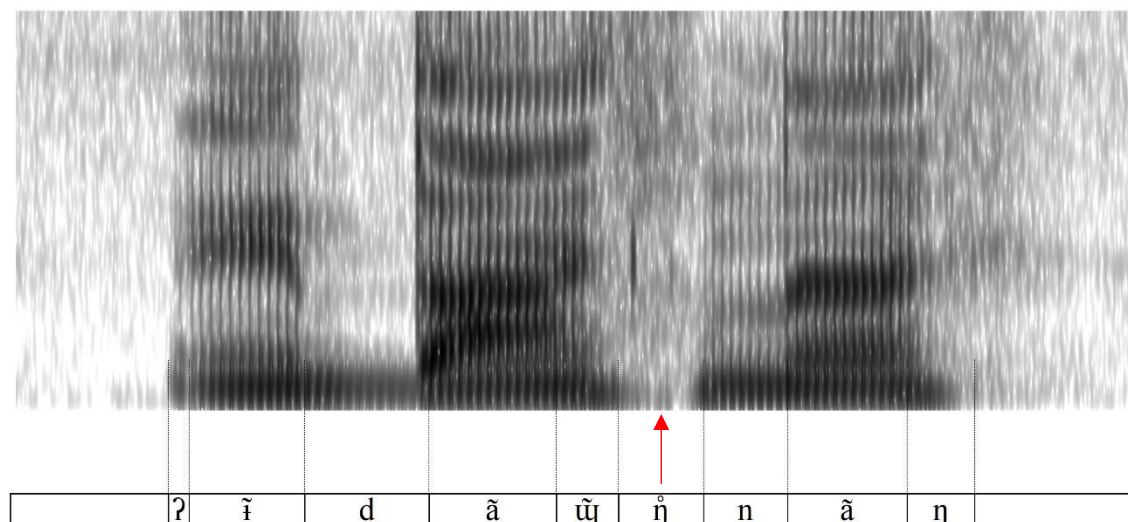
Quando do espraçamento de nasalidade para a base verbal, oriunda do sufixo diminutivo, a coda final do verbo se desvozeia. Acreditamos que o desvozeamento de nasais apresentado em (46) e a pré-aspiração em (44) sejam faces da mesma moeda: a margem esquerda do morfema diminutivo /-dāk/ contaria com uma pré-aspiração / desvozeamento suprasegmental, o qual se realizaria de uma maneira ou outra, a depender do segmento final da base.

Gudschinsky, Popovich e Popovich (1970) dizem que o encontro heterossilábico de duas consoantes nasais heterorgânicas sempre resulta no desvozeamento da segunda consoante, exceto em consoantes palatais. O mesmo ocorreria, de acordo com os autores, com um encontro de heterorgânico de consoante surda em coda seguido por nasal em *onset*. Nossos dados apresentam um cenário ligeiramente diferente. Primeiramente, a consoante a se desvozear é aquela em coda e não a do ataque silábico. Além disso, temos atestações, como aquela exemplificada em (46b), de que palatais nasais podem se desvozear. Por fim, em encontros de surdas seguidas de nasais, não temos ocorrência do desvozeamento de nasais, como em /-tak-dũc/ [tauṽṇũ] / *[tauṽṇũ] pai-outro > ‘irmão

da Aldeia Verde, nos afirmou que na língua utilizada nos cantos rituais há construções como essa, sem a assimilação de ponto: /kut-pɛk/ ‘beiju’ + /dã/ ‘CAUS’ > Língua dos Cantos Rituais [kuɔpɛ'ṇã] ‘fazer beiju’, sem assimilação. Compare-se com o mesmo verbo no Maxakalí moderno [kuɔpɛ'gã], que conta com assimilação.

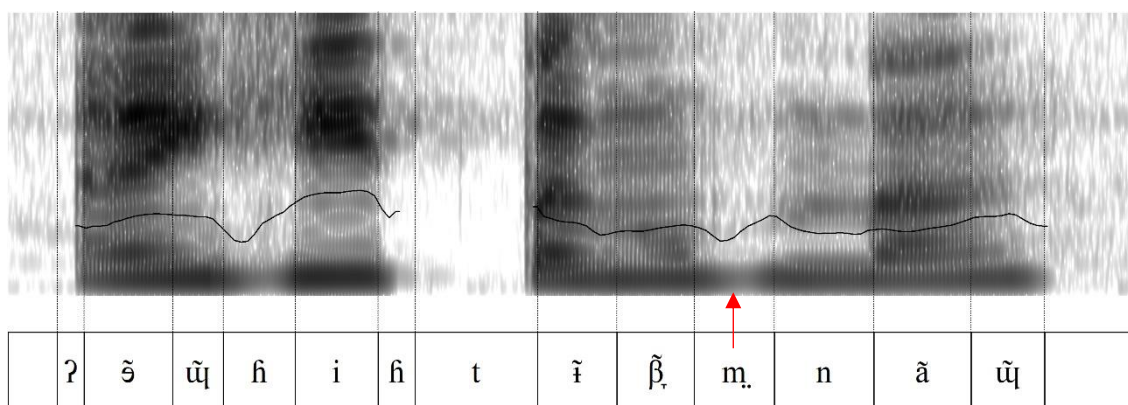
‘sequinho’ e na Figura 2.10 temos [ʔõũfi^hʔĩβ̃mnãũ] < /ik=hitip-dāk/ 1.SG=feliz-DIM ‘eu estou felizinho’. As setas vermelhas apontam para os segmentos ora discutidos:

FIGURA 2.9 – Espectrograma e transcrição de [ʔĩ'ḍãũŋḍãŋ]



A Figura 2.9 acima, elicitada por um jovem que tinha entre 25 e 30 anos à época da gravação, mostra uma consoante nasal velar surda. É possível perceber que não há barra de vozeamento (f0) no espectrograma do segmento indicado pela seta, o que demonstra que a consoante é surda. Vejamos agora a Figura 2.10 abaixo:

FIGURA 2.10 – Espectrograma, *pitch* e transcrição de [ʔõũfi^hʔĩβ̃mnãũ]



Finalmente, a Figura 2.10, gravada por uma falante de aproximadamente 27 anos e constante de uma elicitación de lista de palavras, mostra que segmentos nasais surdos, por vezes podem ser realizados como murmurados já que a todo momento há uma vibração das cordas vocais, ainda que ligeiramente menor que a de segmentos com uma fonação modal, além de uma menor nitidez dos formantes da consoante nasal. Note-se que a barra de voz do murmúrio não se trata de alguma interferência de fundo da gravação,

- (49) a. Português [a'sukəh] > Maxakalí [ã^h'teou] 'açúcar'
 b. Port. [mah'telo] > Mxk. [mã^h'tɛɔ] 'martelo'

A nasalidade da vogal inicial de (49a) será explicada com mais detalhes no próximo capítulo. Já o exemplo em (49b) é mais interessante: o fato de ocorrer a alofonia da vogal /ã/ > [ã^h], que ocorre em sílabas sem coda, demonstra que a aspiração não está presente na representação subjacente, mas é derivada do contexto fonológico. Assim como os itens em (48c-d), não descartamos a possibilidade de que a consoante glotal em coda no item na língua-fonte possa ter alguma influência na adaptação do empréstimo no Maxakalí.

2.6 – Acento lexical

No Maxakalí, o acento lexical é previsível: ele incide, na maior parte dos casos, na última sílaba da palavra fonológica. Ele tem caráter dinâmico, isto é, o *pitch*, intensidade e duração de sílabas acentuadas são, em geral, mais elevados que o de sílabas não acentuadas.

Os exemplos em (50) abaixo mostram diversos contextos morfofonológicos que indicam que o acento no Maxakalí recai sobre a última sílaba da palavra. (50a-b) mostra duas formas verbais (*irrealis* em 50a e *imperativo* em 50b) monossilábicas, nas quais o acento lexical recai, logicamente, na única sílaba da palavra. Já em (50c-d), como veremos mais detalhadamente no Capítulo 4, conta com dois nomes em que há a alternância entre formas curtas e longas. Nas formas curtas, o acento cai, assim como em (50a-b) na única sílaba da palavra, enquanto na forma longa, a última sílaba é acentuada. Raízes dissilábicas (50e-f) também têm como sílaba acentuada a última, sendo este o mesmo caso de raízes prefixadas (50g-h). Compostos, exemplificados em (50i-j), recebem o acento, novamente, na última sílaba. O acento também recai em clíticos pospostos a raízes pronominais (50k-l), verbais (50m) e nominalizadas (50n).

- (50) a. /bũ/ ['mũ] ir.IRR > 'vá!'
 b. /bã/ ['mõ] vir.IMP > 'venha!'
 c. /dãt/ ['ṇãṇ] ~ [ṇã^h'hãṇ] 'urucum'
 d. /tik/ ['tɨj] ~ [tɨ^h'hɨj] 'homem'
 e. /bidĩc/ [mĩ^h'ṇĩ] 'veado'
 f. /kukɛk/ [ku^h'kæjç] 'cachorro'

g. /ã-tak/ [ã'tau]	2-pai > 'seu pai'
h. /ĩ-pata/ [ĩpɔ'ta]	3-pé > 'pé dele'
i. /kipik-kuc/ [kipɔ:'kɔj] ~ [kipɔ:'kuwɨj]	machado-buraco > 'espingarda'
j. /pit-dĩ-t/ [piɯɔ'tĩũɔ]	pegar.SG.ANIM-vir-REAL > 'trazer.SG.ANIM.REAL'
k. /ca=tɛ/ [tɛa'tɛ]	2.OBL=ERG
l. /ptɛ=p=hã/ [ptɛβ'hã]	WH=INDF=INST > 'com o quê?' ⁹³
m. /bãp=ac/ [mãβ'ʔaj]	sentar.PL=FUT > 'sentará'
n. /ĩ-cit=ac/ [ĩtɛɨʔ'ʔaj]	3-comer.INTR=NMZ > 'alimento dele'

Vogais alofônicas surgidas da coda consonantal (Seção 2.2.3.3), ainda que foneticamente possam ser núcleo de uma sílaba (SILVA, 2011), não recebem acento já que fonologicamente não possuem esse estatuto. (50i-j) temos que o acento é atribuído, respectivamente, às vogais [u] e [ĩ] e não a [ɪ] e [ẽ], já que estas últimas são alofones de /c/ e /t/ em fim de sílaba. Isto indica que a lenição de consoantes em coda é pós-lexical.

Como visto na Seção 2.5.1 e exemplificado aqui em (50f), consoantes surdas em *onsets* precedidos imediatamente por vogais altas átonas, sofrem uma pré-aspiração. A pré-aspiração, nesse e em outros contextos, sempre surge em sílabas átonas, como discutido na Seção 2.5.

2.6.1 – Casos de acento não-final

Há no Maxakalí ao menos dois casos de acento que não recai sobre a última sílaba da palavra fonológica. Contudo, em um destes casos, o acento é previsível e no outro uma mudança em curso da língua está regularizando a atribuição de acento. Porém, antes de discutirmos estas aparentes exceções, faz-se necessário um breve comentário sobre o alongamento de vogais utilizado em ênfases.

Um recurso utilizado no Maxakalí para indicação de ênfase é o alongamento da vogal acentuada (POPOVICH e POPOVICH, 1960b, p. 27; SILVA, 2011), como exemplificado em (51):

⁹³ O interrogativo /ptɛ=p/ 'quem, o quê' é frequentemente reduzido para [tɛβ] ~ [tɛʔĩβ], ou seja, ocorre a queda da primeira consoante do *onset* complexo. Outro interrogativo que sofre uma redução é /pija/ que é comumente realizado como [ɖza], sem a realização da primeira sílaba.

- (51) a. /hãp-tuc/ [hãβ̃'ɬɔj] ‘longe’ > [hãβ̃'ɬɔ::j] ‘muito longe, loooonge’
 b. /kac/ ['kəj] ‘assoviar’ > ['ka::j] ‘assoviar longamente’

Verbos sufixados para o diminutivo (ver Capítulo 3) contam com o acento não no sufixo /-dãk/ como seria esperado, mas na última sílaba da raiz. Um indício, além de a vogal do sufixo contar com *pitch* e intensidade mais baixos que o da última vogal da raiz, se encontra alongamento de ênfase. Não é a vogal /ã/ do diminutivo que se alonga, mas a última vogal da base, como exemplificado em (52):

- (52) a. /hãp-tuc/ [hãβ̃'ɬɔj] ‘longe’
 /hãp-tuc-dãk/ [hãβ̃'ɬõ̃ɲãũ] longe-DIM > ‘longinho’
 [hãβ̃'ɬõ::ɲãũ] ‘extremamente longe’
 b. /-cɛɛ/ [tɛɛ'ʔɛ] ‘verdadeiro’
 /-cɛɛ-t-dãk/ [tɛɛ'ʔẽ̃ɲãũ]⁹⁴ verdadeiro-EPENT-DIM > ‘de verdade’
 [tɛɛ'ʔẽ::ɲãũ] ‘de verdade mesmo’
 c. /-pɪk/ [pɪ'ʔəɥ] ‘fraco’
 /-pɪk-dãk/ [pɪ'ʔũ̃ɲãũ] fraco-DIM > ‘fraquinho’
 [pɪ'ʔũ::ũ̃ɲãũ] ‘muito fraquinho’

Como pode-se perceber a partir dos exemplos em (52), o sufixo diminutivo /-dãk/ não atrai o acento em verbos⁹⁵. O mesmo pode ser dito de verbos que etimologicamente derivam de diminutivos como em (53a) e de nomes no diminutivo, analisáveis sincronicamente (53b) ou não (53c). No caso dos nomes, não temos ocorrência em nossos dados de alongamento enfático, mas assim como nos verbos, o *pitch* e a intensidade da vogal final da base são maiores que o da vogal do sufixo.

⁹⁴ Como veremos no próximo capítulo, raízes verbais terminadas em vogal recebem uma coda epentética /-t/ quando sufixados com o diminutivo. Como o sufixo é iniciado por consoante homorgânica, a vogal se alonga (ver Seção 2.2.3.5), porém não tanto quando o alongamento de ênfase aqui discutido.

⁹⁵ Demonstraremos nas Seções 3.3 e 4.2.1.1.2 que no Maxakalí não há uma classe de adjetivos, mas de verbos intransitivos descritivos.

- (53) a. */-ktik/ > /-ktik-dâk/ [ki^h't̪ĩɲãũ] ‘pequeno’⁹⁶
[ki^h't̪ĩ::ɲãũ] ‘pequenininho, muito
pequeno’
b. /kukək/ ‘cachorro’ > /kukək-dâk/ [ku^h'kæjɲãũ] ‘cachorrinho’
c. */ptic/ > /ptic-dâk/ [pi^h't̪ijɲãũ] ‘pássaro’⁹⁷

O segundo caso de acento não-final é exemplificado em (54):

- (54) a. /-cekka/ [ˈtɛɐ̯jka] ‘grande’
[ˈtɛɐ̯::jka] ‘muito grande, enorme’
b. /-ceka/ [tɛɛˈka] ‘grande’
??? [tɛɛˈka::] ‘muito grande, enorme’

Como mencionado na nota de rodapé 78 (Seção 2.3.5), o item em (54) é originalmente bimorfêmico: /cɛk-ka/, com o segundo morfema de significado ainda não descoberto. Sincronicamente, este item sofre variação: na fala dos mais idosos, encontra-se a forma conservadora, com coda medial e passível de alongamento da primeira vogal, originalmente a única de uma raiz monossilábica, para a ênfase (54a). Porém, jovens e adultos frequentemente não realizam a coda medial e passam o acento para a vogal final (54b). Isto é fruto de uma reanálise em curso do verbo: originalmente havia o verbo /cɛk/ que podia ser sufixado. Esse sufixo, assim como o diminutivo, não atraía o acento. Os idosos de hoje passam, então, a analisar este item como monomorfêmico, porém a atribuição do acento ainda não foi reanalisada. Finalmente, a atual geração de adultos além de analisar o verbo como monomorfêmico, passa também a atribuir o acento na última sílaba (além de não produzir mais a coda medial).

⁹⁶ A forma não-atestada */ktik/ muito provavelmente significava originalmente ‘pequeno’ e a construção no diminutivo /ktik-dâk/, a qual se opacizou e é a única encontrada hoje, deveria significar ‘pequenininho’. Uma maior frequência da forma no diminutivo pode ter feito com que a forma sufixada tenha substituído a forma original, de maneira semelhante ao que está ocorrendo no português brasileiro com os itens *só* e *sozinho*. A existência de uma forma não-sufixada é possível ser postulada, além do ponto de vista sincrônico aqui apresentado, a partir de um ponto de vista diacrônico. Possíveis cognatos deste item não contam com sufixo: Proto-Cerrado **ngrê* ‘pouco’ e Proto-Jê-Meridional **ngrê* ‘peneirar’ (NIKULIN e SILVA, no prelo).

⁹⁷ De maneira similar ao exemplo em (53a), sincronicamente não ocorre em nossos dados o nome */ptic/ (embora haja um verbo homófono /ptic/ com o significado de ‘pesado’). Mas, novamente, é possível depreender a existência dessa raiz em um momento pretérito da língua, já que há cognatos dentro da família Maxakali (Língua dos Cantos Rituais /pdic-cup/ ‘espírito-papagaio’ e Hãhãhãe *pəkaj* ~ *pəkāj* ‘pena, pássaro’, Malali <po> ?[pij], todos com correspondências fonológicas regulares) e, talvez fora da família, com Proto-Jê-Setentrional **prâ* ‘pena’ (NIKULIN e SILVA, no prelo).

2.6.2 – Itens duvidosos quanto ao acento

As palavras em (55) ainda nos são duvidosas quanto à atribuição de acento, já que ora parecem ter o acento na penúltima sílaba, ora na última. Ao contrário dos itens nas subseções anteriores, não realizamos medidas fonéticas.

- (55) a. /ciĩk/ ?[ˈtɛĩĩ] ~ ?[tɛĩˈĩ] ‘doer’
 b. /bai/ ?[ˈbɔj] ~ ?[ˈbɔi] ~ ?[bɔˈi] ‘bom, bonito’
 c. /daik/ ?[ˈɖaj] ~ ?[ɖaˈij] ‘pote’
 d. /cii/ ?[ˈtɛij] ~ ?[ˈtɛii] ~ ?[tɛiˈi] ‘capim, palha’
 e. /hãp-cɛuk/ ?[hãβˈtɛou] ~ ?[hãβtɛˈou] ‘pátio’
 f. /cabaũk/ ?[tɛãˈmõũ] ~ ?[tɛãmõˈũ] ‘sabão’ (< Português *sabão*)

Os falantes sempre analisam e escrevem as palavras em (55a-d) como dissílabos e em (55e-f) como trissílabos. De oitiva, nos parece que em um ritmo normal de fala o acento recai na penúltima sílaba, mas em uma elicitação mais pausada recai na última. Coincidentemente ou não, praticamente nunca ocorre a inserção da glotal [ʔ] para desfazer o hiato nestes itens (ver Seção 2.2.4.1). O alongamento de ênfase no verbo em (55a) ocorre na primeira sílaba, o que indicaria um acento não-final, mas no verbo em (55b) o alongamento acontece na vogal final. Análises fonéticas detalhadas poderão, futuramente, dirimir as incertezas quanto ao acento desses itens.

2.6.3 – Acento e empréstimos

Finalmente, um outro indício de que o acento lexical no Maxakalí (normalmente) recai sobre a última sílaba pode ser verificado na adaptação de empréstimos. Os itens do português, ao entrarem no léxico do Maxakalí, sofrem, com raríssimas exceções, uma queda de todo o material fonético até o *onset* da sílaba seguinte à tônica.⁹⁸ O ataque silábico original é então analisado como a coda final da palavra. Em (56) temos alguns exemplos de adaptações de itens do português no Maxakalí.

- (56) a. [sow.ˈda.dɔ] > so.ˈdad > /cu.dat/ [tɛu.ˈɖaɖ] ‘policial’ (< *soldado*)
 b. [ʃa.ˈrɔ.pi] > ʃa.ˈrɔp > /cadup/ [tɛa.ˈɖuβ] ‘suco artificial’ (< *xarope*)

⁹⁸ Sabemos de duas exceções: [ˈmezə] que é adaptado como [mẽːˈɖza] ‘mesa’, ao invés do esperado *[ˈmãẽ], e [ˈmosə] que entrou no Maxakalí como [mũːˈtɛa] ‘moça’ e não como *[ˈmõĩ]. Porém, vale notar que o equivalente das vogais tônicas do português (átonas no Maxakalí) nesses dois casos se alongam. Ainda que haja alguns exemplos de empréstimos monossilábicos (como [ˈmẽ] ‘meia’, [ˈɔj] ‘oito’, [ˈɖɛau] ‘jaca’, dentre outros), o Maxakalí, como veremos no Capítulo 4, tende a evitar itens lexicais monossilábicos na superfície.

- c. [ka.'nɛ.kə] > ka.'nɛk > /kadẽk/ [kã'ṇãẽ] 'copo' (< *caneca*)
- d. ['lõ.pə.də] > 'lõp > /dãp/ ['ḍãḅ] 'lâmpada, lanterna' (< *lâmpada*)
- e. [ka.ra.'bĩ.nə] > ka.ra.'bĩn > /kadabĩt/ [kaḍa'bĩḅ] 'espingarda' (< *carabina*)

Em (56) abstraímos algumas adaptações por motivos de clareza na discussão. Pode-se ver nos exemplos que o acento do português é mantido na sílaba equivalente das adaptações do Maxakalí. No entanto, como todo o material pós-tônico é apagado, com exceção do *onset* original que se torna uma coda na língua recipiente, todos os empréstimos se tornam oxítonos, seguindo assim o padrão acentual da língua.

2.7 – Considerações sobre o Capítulo

Descrevemos neste capítulo alguns aspectos da fonologia segmental do Maxakalí, assim como alguns detalhes da fonologia suprasegmental, a saber: a estrutura silábica e o acento lexical. Alguns pontos, como apresentado, já foram amplamente discutidos na literatura da língua, porém outros são apresentados pela primeira vez aqui.

Quanto ao sistema consonantal da língua, concordamos com Rodrigues (1981) e Wetzels (2009) de que o Maxakalí conta com a oposição entre uma série de consoantes oclusivas surdas e uma outra série de oclusivas sonoras, além de uma fricativa glotal /h/. Consoantes fonéticas nasais são derivadas da série de sonoras, porém, devido ao contato com a língua portuguesa esta distinção parece estar se fonologizando.⁹⁹ Outro fone que parece estar mudando de estatuto na língua devido a um maior contato com o português é a lateral dental [ɭ].

Vimos também que a oclusiva glotal, a qual é considerada como fonema por todos os autores, não o é na nossa descrição. Por ter contextos previsíveis e não contrastar com a ausência de um segmento, consideramos que oclusivas glotais são tão somente como um marcador de fronteiras fonológicas.

Neste trabalho, fala-se pela primeira vez sobre a possibilidade de haver *onsets* complexos, herdados do Proto-Macro-Jê. Alguns argumentos para essa hipótese foram dados neste capítulo, mas outros ainda serão explorados no Capítulo 4. Além disso, até onde nos consta, apresentou-se aqui pela primeira vez a palatalização de consoantes

⁹⁹ Retornaremos à fonologização da distinção entre consoantes oclusivas sonoras orais e consoantes nasais no próximo capítulo, apresentando mais alguns argumentos a favor desta hipótese.

velares em coda silábica, seguidas por vogais anteriores e a neutralização de modo das consoantes em coda, as quais se distinguem nessa posição silábica apenas pelo ponto de articulação.

Já em relação às vogais, argumentamos, também em oposição a todas outras análises anteriores da língua, que o Maxakalí conta com seis vogais altas (três orais e três nasais) e quatro vogais não-altas (duas orais e duas nasais). Os principais argumentos para defendermos essa análise diferenciada são a alofonia de vogais, em que as vogais arredondadas /u, ũ/ se comportam como as demais vogais altas, além da presença da pré-aspiração em contextos de vogais altas átonas, seguidas por consoante surda.

Apresentamos ainda, a descrição de uma série de epênteses, assim como uma breve discussão sobre o acento lexical. Neste segundo caso, vimos que o acento nem sempre incide na última sílaba da palavra, ainda que este seja o caso na maioria das vezes. Nem por isso o acento, no Maxakalí, está presente na representação subjacente, já que mesmo nos casos restritos em que ele não recai sobre a última sílaba é possível prever sua posição.

No próximo capítulo, discutiremos alguns fatos referentes à nasalidade, com uma discussão um pouco mais aprofundada sobre a relação entre segmentos orais e nasais. Apresentaremos uma discussão acerca do espraçamento de nasalidade, com dados que demonstram que ele ocorre tanto a partir da margem esquerda do morfema, como já bastante discutido em trabalhos anteriores, mas também a partir da margem direita do morfema, algo ainda não explorado na literatura da língua. Mostraremos, ainda, como a série de consoantes sonoras não segue um paralelismo entre seus componentes e falaremos um pouco mais sobre a fonologização da distinção entre consoantes sonoras orais e nasais.

CAPÍTULO 3 – NASALIDADE

A discussão sobre os segmentos do Maxakalí, feita no capítulo anterior, levou em consideração o estatuto da nasalidade nessa língua. Discutiu-se brevemente o que é dito sobre segmentos nasais nos trabalhos de Popovich e Popovich (1960b), Gudschinsky, Popovich e Popovich (1970), Rodrigues (1981), Araújo (2000) e Wetzels (2009) já que um ponto levantado por esses trabalhos é se o Maxakalí conta com vogais nasais ou não e se conta com consoantes nasais ou não.

Retomando rapidamente o que é dito nesses trabalhos, Popovich e Popovich (1960b) dizem que o Maxakalí conta com uma série de consoantes oclusivas vozeadas e com uma série de consoantes nasais, além de uma oposição entre vogais orais e nasais. As oclusivas orais, de acordo com os autores, ocorrem apenas em *onsets* mediais, antes de vogais orais. Já as consoantes nasais podem ocorrer em todas as posições, antes de vogais nasais. Quando em início de palavra, precedendo vogais orais, elas teriam uma ocorrência pré-nasalizada.

Numa análise posterior, o casal Popovich, juntamente com Sarah Gudschinsky, propõe que as consoantes vozeadas orais não fazem parte do repertório fonológico do Maxakalí, mas são também alofones das consoantes nasais. Resumidamente, as consoantes nasais quando precedendo vogais orais, são realizadas como oclusivas vozeadas. Caso estejam em início de palavra, elas podem ser opcionalmente pré-nasalizadas (GUDSCHINSKY, POPOVICH e POPOVICH, 1970).

Já Rodrigues (1981) relata que a proposta do artigo de 1970 é redundante, pois a nasalidade é previsível na maior parte dos casos. Excetuando-se casos em que morfemas terminam em uma vogal nasal, o linguista brasileiro afirma que uma regra de nasalização de consoante em coda final, assim como o espreadimento dessa nasalidade é suficiente para explicar os fatos do Maxakalí. Logo, essa proposta altera o inventário fonológico da língua: ao invés de uma série de consoantes nasais, tem-se uma série de oclusivas vozeadas. Além disso, a ocorrência de vogais nasais fonológicas é restrita somente a alguns morfemas que não possuem coda. Em todos os outros casos, a nasalidade da vogal é dada por uma regra iterativa na qual um segmento vozeado assimila a nasalidade de um segmento a sua direita.

Araújo (2000), por sua vez, argumenta o contrário de Rodrigues (1981): o Maxakalí teria, ao seu ver, uma série de fonemas consonantais nasais, mas não contaria

com vogais nasais fonológicas. Através de uma série de restrições, esse autor explica como as consoantes nasalizam as vogais. A análise desse autor, porém, tem um problema, já que não explica de onde surgiria a nasalidade de morfemas sem consoantes nasais, mas com vogais que tenham esse traço, como por exemplo, [hã] ‘INS’ ou os prefixos [ã-] e [ĩ-], marcadores de segunda e terceira pessoa, respectivamente.

Por fim, temos em Wetzels (2009) uma retomada da proposta de Rodrigues (1981), porém, dessa vez, dentro de um paradigma da Geometria de Traços. Wetzels, assim como Rodrigues, afirma haver somente segmentos consonantais orais no Maxakalí. Porém, ao invés de afirmar que a nasalidade provém de uma regra que nasaliza a última consoante do morfema, ele propõe que uma vogal acentuada nasal espraia o traço de nasalidade tanto para a coda, quando há uma, quanto para o ataque silábico, caso este seja vozeado. De maneira semelhante à proposta de Rodrigues (1981), o traço [+nasal] se espraia da direita para a esquerda até encontrar um segmento desvozeado. Além disso, segmentos glotais são invisíveis para esse espraçamento já que eles não contam com um Ponto de C.

Na primeira subseção deste capítulo, discutiremos o estatuto das consoantes e vogais orais e nasais do Maxakalí mais detidamente. Como visto no capítulo anterior, defendemos que a nasalidade é contrastiva somente nas vogais, sendo a nasalidade das consoantes advinda do espraçamento de nasalidade das vogais. Portanto, nossa descrição se baseará na proposta de Wetzels e Nevins (2018) para argumentar que as consoantes do Maxakalí não são nasais em sua origem.

Ao apresentarmos dados históricos do Maxakalí que mostram que provavelmente houve uma mudança do modo de articulação da coda, demonstraremos que, em primeiro lugar e seguindo a tipologia proposta por Wetzels e Nevins (2018), o Maxakalí passou de um estágio em que havia um blindagem nasal (*nasal shielding*) para um escape nasal (*nasal venting*) e, em segundo lugar, hoje há uma neutralização da nasalidade na rima.

Mostraremos também casos de nasalidade que ocorrem na margem esquerda da palavra, como a pré-nasalização e a alta frequência de morfemas que se iniciam por vogais nasais. Depois, apresentaremos o comportamento diferenciado da consoante velar /g/ em relação às demais consoantes vozeadas. Como veremos, essa consoante nunca pode ser realizada como nasal na posição de *onset*, ao contrário das demais. Ainda discutiremos, ao fim, casos que sugerem uma possível fonologização que está ocorrendo no Maxakalí, na qual consoantes nasais aparentemente estão se distinguindo das orais.

3.1 – Nasalidade dos segmentos

Como visto rapidamente nas Seções 2.1 e 2.2, no capítulo anterior, e agora na introdução deste capítulo, o Maxakalí foi analisado de diversas maneiras quanto ao estatuto da nasalidade, tanto de suas consoantes quanto de suas vogais. Nós concordamos em grande parte com a proposta de que na língua há uma série de fonemas oclusivos surdos /p, t, c, k/ com uma série de fonemas oclusivos orais /b, d, ʝ, g/. Mais especificamente, seguiremos, na Seção 3.1.1, a tipologia apresentada em Wetzels e Nevins (2018), não somente por motivos sincrônicos apresentados nesse artigo e que serão retomados com mais profundidade aqui, mas também devido a indícios diacrônicos de que o Maxakalí passou em sua história recente (provavelmente na primeira metade do século XX) por um rearranjo no sistema fonológico.

3.1.1 – *Escape nasal como um indicador de oralidade*

Wetzels e Nevins (2018) propõem uma tipologia para definir a origem de consoantes de contorno nasais pré-/pós-/circum-oralizadas e consoantes orais vozeadas pré-nasalizadas. De um ponto de vista fonético, eles dizem ser fácil distinguir estes tipos de contornos em oposição a sequências de consoante nasal seguida de consoante oral. Contudo, para se verificar se um dado segmento é originalmente nasal com uma fase oral derivada ou o contrário, a fonética não é de grande ajuda, ainda que estes contornos surjam por motivações fonéticas perceptuais em um caso e articulatórias no outro.

Em ambos os casos (nasais que se oralizam parcialmente ou orais vozeadas que se nasalizam parcialmente), o que ocorre são realces fonéticos (*phonetic enhancement*) de diferentes tipos. Por realce, entende-se o uso de um traço não-contrastivo em um dado contexto de uma dada língua para aumentar a distinção entre dois segmentos. Eles discutem então três tipos de realces utilizados pelas línguas do mundo para explicar a origem de contornos nasais.

O primeiro deles, a blindagem nasal (*nasal shielding*) tem uma motivação perceptual e se origina de consoantes subjacentemente nasais que se oralizam parcialmente. Este tipo de realce ocorre em línguas com um contraste entre vogais nasais e orais, tendo por objetivo prevenir que uma vogal oral se nasalize quando adjacente a uma consoante nasal, isto é, para que uma sílaba hipotética /ma/ não se realize como [mã]. A blindagem nasal pode dar origem a segmentos pré-oralizados do tipo [ᵐm], pós-oralizados [mᵇ] ou circum-oralizados [ᵐmᵇ] (WETZELS e NEVINS, 2018, p. 838). A

presença deste último numa língua pressupõe a presença do segundo, que por sua vez pressupõe a presença do primeiro, isto é, uma língua com circum-oralização necessariamente terá segmentos pós-oralizados e pré-oralizados, enquanto uma língua com segmentos pós-oralizados terá necessariamente segmentos pré-oralizados, mas não necessariamente terá segmentos circum-oralizados e assim por diante (WETZELS e NEVINS, 2018, p. 843).

O segundo tipo de realce, o qual faz parte do sistema do Maxakalí, é o escape nasal (*nasal venting*). Esse tipo de realce está presente em línguas em que há uma distinção no sistema fonológico entre consoantes oclusivas orais sonoras e surdas, mas em que não haja a presença de consoantes nasais subjacentes. Ele se caracteriza por ter uma motivação articulatória, em que segmentos orais vozeados subjacentes necessitam de um hipervezeamento para se distinguir de segmentos orais surdos. Esse hipervezeamento é possível pela pré-nasalização do segmento oral sonoro, já que

“[...] para manter o fluxo de ar através da glote que é necessário para a vibração das pregas vocais na produção de oclusivas sonoras, uma diferença na pressão do ar (de alta a baixa) é exigida entre as áreas sub- e supra-glóticas. Na produção de obstruintes, a pressão de ar aumenta rapidamente na área supra-glotal posterior ao fechamento. [...] o abaixamento do véu palatino durante o intervalo de oclusão previne o aumento de pressão no trato vocálico e permite um vozeamento contínuo, o qual pode levar à produção de uma consoante nasal plena, a não ser que o véu se levante novamente antes da soltura da consoante, resultando portanto em uma consoante com uma fase nasal e outra oral.” (WETZELS e NEVINS, 2018, p. 839-840. Tradução nossa.)¹⁰⁰

Por se tratar de um realce com motivação articulatória, o escape nasal normalmente ocorre em início de enunciado ou palavra, menos comumente em contexto intervocálico e nunca em fim de sílaba, já que a distinção de vozeamento é mais dificilmente percebida em contextos prosódicos iniciais. Por fim, pode haver variação no ponto de articulação em que ocorre o escape: consoantes dorsais tendem a se pré-nasalizar com mais facilidade que coronais, que por sua vez tendem a se tornar segmentos de contorno mais frequentemente que labiais (WETZELS e NEVINS, 2018, p. 839-842).

Por fim, há um terceiro tipo de realce, aparentemente menos frequente, em que línguas que contam com um contraste entre oclusivas desvozeadas e nasais (excluindo,

¹⁰⁰ No original: “[...] in order to maintain the airflow through the glottis that is necessary for the vibration of the vocal cords in the production of voiced stops, a difference in air pressure (from high to low) is required between the sub- and supra-glottal areas. In the production of obstruents, air pressure quickly builds up in the supraglottal area behind the closure. [...] lowering the velum during the closure interval prevents pressure build-up in the vocal tract and allows continuous voicing, which may lead to the production of a plain nasal consonant, unless the velum is raised again before the consonant is released, in which case the resultant consonant has a nasal and an oral phase.”

portanto, a possibilidade de escape nasal) e sem contraste de nasalidade em vogais (afastando a possibilidade de blindagem nasal) permitem a pós-oralização de nasais. Este ajuste é feito para que haja um maior contraste perceptual do ponto de articulação destas consoantes em contextos que elas precedem um rótico tautossilábico, isto é, em que sílabas como /mrV/ ou /nrV/ se realizem como [m^brV] e [n^drV], respectivamente (WETZELS e NEVINS, 2018, p.854-858).

Como proposto por Wetzels e Nevins (2018, p. 840-841) e dito por nós acima, o Maxakalí conta sincronicamente com um realce de escape nasal. Seguindo a proposta de Wetzels (2009) de que o Maxakalí conta com uma série de consoantes oclusivas orais vozeadas em oposição a uma série desvozeada, os autores argumentam (ao nosso ver, corretamente) que o escape nasal pode ser postulado pelo fato de que há a pré-nasalização opcional em início de palavras iniciadas por consoante oral sonora, inclusive em empréstimos do português. Já o mesmo não ocorre em contexto intervocálico: somente alofones completamente orais ocorrem entre vogais. Estes fatos são demonstrados instrumentalmente por Nevins e Silva (2017) e serão discutidos mais a fundo nas próximas subseções.

3.1.1.1 – Indícios de uma mudança do tipo de realce

Como bem argumentado por Wetzels e Nevins (2018, p. 851, 858-859), o Maxakalí provavelmente passou em algum momento de sua história por uma reanálise, em que, num primeiro momento, o que era uma blindagem nasal, passou a ser reanalisado como um escape nasal. O fato de haver uma harmonia nasal no nível do morfema, iniciada a partir da vogal tônica (RODRIGUES, 1981; WETZELS, 2009. Ver também as Seções 2.1.3, 2.1.5 e 3.1.2), faz com que o local por excelência para o contraste entre nasalidade e oralidade se dê nestes segmentos. Daí os falantes passam a analisar o que antes era um /m/ [m^b] (em início de palavras) como /b/ [m^b], e, posteriormente, a pré-nasalização passa a ser opcional (WETZELS e NEVINS, 2018, p. 859).

Forneceremos aqui, mais três argumentos que reforçam a hipótese de que o Maxakalí tenha passado por uma reanálise em seu sistema. Um deles é apresentado por Wetzels e Nevins (2018), porém o reformularemos aqui. Os outros dois podem ser encontrados em registros anteriores da língua.

3.1.1.1.1 – *Realces nasais em outras línguas Macro-Jê*

Primeiramente, diversas outras línguas do tronco Macro-Jê aparentemente contam com a blindagem nasal. Wetzels e Nevins (2018, p. 845-847) utilizam o Kaingáng (família Jê, ramo Jê Meridional, falado nos estados de São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul) como um estudo de caso para exemplificar a blindagem. Essa língua conta com um contraste entre consoantes oclusivas surdas e nasais, além de um contraste entre vogais orais e nasais. A blindagem no Kaingáng produz, não somente codas pré-oralizadas e ataques silábicos pós-oralizados, mas também consoantes ambissilábicas circum-oralizadas.

Outra língua Macro-Jê citada numa nota de rodapé por Wetzels e Nevins (2018, p. 851, nota 19) é o Krenák. Citando a tese de Pessoa (2012), em que a língua teria um contraste quádruplo entre consoantes oclusivas e nasais, ambas as classes podendo ser surdas e sonoras (PESSOA, 2012, p. 103)¹⁰¹, eles afirmam que o Krenák seria uma língua com escape nasal, à semelhança do Nikák (família Nikák-Kakua, não relacionada com o tronco Macro-Jê e falado na Amazônia colombiana). No Krenák, codas podem ser completamente nasais ou pré-oralizadas, havendo variação entre as duas. Na proposta de Wetzels e Nevins (2018) haveria uma nasalização de codas que posteriormente passariam por uma blindagem, gerando assim codas pré-oralizadas. Pode-se depreender da argumentação deles a seguinte derivação:

(57) Realce em Krenák, depreendido da proposta de Wetzels e Nevins (2018):

- a. onset seguido por vogal oral
/bV/ > *escape* [ᵐbV]
- b. coda precedida por vogal oral
/Vb/ > *nasalização* Vᵐ > *blindagem* [Vᵐb]

Porém, se tomarmos como princípio a análise de Nikulin e Silva (no prelo), em que o Krenák tem uma oposição somente entre consoantes orais surdas e nasais (sonoras e surdas), podemos afirmar que a proposta em (57) é incorreta. Dentro dessa segunda hipótese, o Krenák teria somente o processo de blindagem, que, na posição de final de sílaba, seria opcional: quando a blindagem falha em ocorrer, há um espraçamento da

¹⁰¹ As nasais surdas do Krenák não são relevantes para a questão levantada aqui e, portanto, não serão discutidas detalhadamente. Orientamos o leitor interessado na fonologia da língua a consultar os trabalhos de Silva (1986), Pessoa (2012) e Nikulin e Silva (no prelo).

nasalidade da coda para a vogal. A proposta aqui delineada, baseada na análise de Nikulin e Silva (no prelo), pode ser vista em (58) abaixo:

(58) Realce em Krenák, a partir da proposta de Nikulin e Silva (no prelo):

a. *onset* seguido por vogal oral

/mV/ > *blindagem* [m^bV]

b. coda precedida por vogal oral

/Vm/ > *blindagem* [V^bm]

Em falhando a *blindagem* na coda > /Vm/ > [Ṽm]

Como demonstrado por Nikulin e Silva (no prelo) e apresentado na Seção 1.2.2.2, a família Krenák forma juntamente com a família Maxakalí um grupo mais próximo geneticamente das demais línguas Macro-Jê. O que a proposta em (58) nos mostra é que a reanálise pela qual o Maxakalí passou ocorreu num momento posterior à separação das duas famílias, já que o Krenák conserva a estrutura do Proto-Macro-Jê. Por fim, duas hipóteses podem ser levantadas para esse caráter opcional da pré-oralização de codas no Krenák. Por um lado, a língua, dado seu avançado estágio de obsolescência, como apontado por diversos autores (SILVA, 1986; SEKI, 2002; PESSOA, 2012; NIKULIN e SILVA, no prelo), estaria sofrendo uma interferência do português, que é a língua mais utilizada atualmente nas comunidades Krenák. Por outro, o Krenák pode estar passando por um estágio de reanálise, assim como o Maxakalí passou. De qualquer maneira, o fato de o Krenák ser uma língua conservadora no tocante aos realces nasais nos leva aos próximos dois argumentos, apresentados na subseção a seguir.

3.1.1.1.2 – Dados históricos do Maxakalí e a reanálise do realce nasal

Um primeiro indicativo de que o Maxakalí passou por uma reanálise, pode ser encontrado na lista de palavras coletada por Curt Nimuendaju em 1939 (NIMUENDAJU, 1939 [1958]; ARAÚJO, 1996). Nela há algumas ocorrências de contornos nasais em final de palavra como *i-hěb(m)* ‘sangue’ e *mibtíg(adn)* ‘casa dos homens’¹⁰², dentre outros. O próprio povo Maxakalí, de acordo com seu relatório de 1939 e publicado em 1958, se autoidentificaria como *Monacóbm*¹⁰³. Ora, como visto na Seção 3.1.1, Nevins e Wetzels

¹⁰² Nos nossos dados essas palavras ocorrem como /ĩ-hep/ [ĩ'hɛβ] 3-líquido > ‘sangue dele’ e /bĩp-tit/ [mĩβmp'ɰuɰə] ‘casa’. O item para ‘casa dos homens’ ocorre como /kicek/.

¹⁰³ Nimuendaju (1939 [1958], p. 54) diz: “A autodenominação é Monacóbm (o – postpalatal, c – tch, o – ô, bm – reduzido). O final em -cobm se encontra frequentemente em nomes de tribos desta família lingüística”. É possível afirmar, com absoluta certeza de que esse final corresponde a /cup/ [tɕuβ] ASSOC.

(2018) afirmam que **nunca** ocorre uma pós-nasalização [b^m] em línguas com escape nasal. Por outro lado, línguas com blindagem nasal **sempre** contam com uma pré-oralização do de coda, como por exemplo [b^m].

Outro indicativo de caráter histórico pode ser depreendido através da análise do Maxakalí dos Cantos Rituais (ver Seção 1.2.2.3). Em pelo menos dois cantos do *Mõgmõka* (Gavião-Espírito), Tugny (2009b, p. 366 e 368) transcreve um encontro de consoante em coda, seguido por uma outra palavra iniciada por vogal com uma consoante nasal entre os dois segmentos. Estes exemplos, assim como a representação no Maxakalí moderno podem ser encontrados em (59) abaixo:

(59) a.

Transcrição do canto: *putuxkup mǎnanana* ‘coruja corada dada dada’¹⁰⁴

Provável forma na Língua dos cantos: */pɲic-kim#ã-na/ [pɪ.ɖij.kibm.ã. 'ɖa]¹⁰⁵

Forma cognata no Maxakalí moderno: /ptic-kip#ã-ta/ [pɪ.tij.kiβ.ã. 'ɖa]

b.

Transcrição do canto: *putuxkup mǎmix mixmix* ‘coruja listrada ada ada’

Provável forma na Língua dos cantos: */pɲic-kim#ã-mik/ [pɪ.ɖij.kibm.ã. 'bij]

Forma cognata no Maxakalí moderno: /ptic-kip#ã-ta/ [pɪ.tijkiβ.ã. 'bij]

A Língua dos Cantos Rituais Maxakalí, de acordo com os nossos colaboradores, seria a língua falada por seus antepassados e que ainda é utilizada no contexto religioso e parece ser a mesma língua registrada por viajantes na primeira metade do século XIX (MARTIUS, 1867b; CAMPOS 2011b; NIKULIN e SILVA, no prelo). Não sendo mais falada como língua nativa, é esperado que haja interferência do Maxakalí moderno, como pode ser depreendido do uso de /t/ ao invés do esperado /n/ [ɖ] etimológico, no *onset* complexo da primeira sílaba. Essa mudança é discutida *en passant* na Seção 2.2.2 e mais detalhadamente em Nikulin e Silva (no prelo).

Como demonstrado por Silva (2015), a pré-vocalização de consoantes em coda é menos frequente na fala de idosos, sendo a fala destes a forma de prestígio. Sendo os rituais um dos contextos mais formais de uso da língua Maxakalí, não surpreende o fato de que a taxa de lenição de coda seja muito mais baixa nos cantos do que no uso cotidiano.

¹⁰⁴ A transcrição e a tradução foram fielmente mantidas do original de Tugny (2009b), nos dois exemplos.

¹⁰⁵ O asterisco em (59a) e (59b) indicam uma forma reconstruída, com base na transcrição do canto e nas formas cognatas do Maxakalí moderno.

Essa menor frequência de lenição é facilmente perceptível ao ouvir as gravações dos cantos disponíveis em Tugny (2009a, 2009b).

Levando isso em consideração, o mais importante para a presente discussão é a coda labial nos exemplos em (59). A possível coda originalmente nasal /m/, realizada com blindagem gerando um segmento de contorno [ʰm] e seguida por uma sílaba sem *onset*, foi analisada pelos falantes modernos de Maxakalí como um encontro consonantal heterossilábico: a primeira fase (oral) da consoante de contorno continua fazendo parte da coda, enquanto a segunda fase (nasal) é reanalisada como *onset* da sílaba seguinte, iniciada por vogal. Descarta-se ainda a possibilidade de que esse *onset* labial fosse subjacente, já que ele ocorre somente nesses contextos. Além disso há inúmeros exemplos tanto nos cantos quanto na língua moderna de [ã'ɖa] (nos cantos), [ã'ta] (no Maxakalí moderno) e [ã'bɨ] (em ambos), mas nenhum de *[mã'ɖa], *[mã'ta] e *[mã'bɨ] (salvo nos exemplos em (62), obviamente).

Em suma, provavelmente o Maxakalí tinha, assim como o Kaingáng, o Krenák e, possivelmente, outras línguas Macro-Jê, um realce de blindagem nasal, para aumentar a distinção perceptual da oralidade da vogal. A reanálise das consoantes nasais como segmentos orais, fez com que o realce nasal no Maxakalí mudasse de função, passando a reforçar a articulação de vozeamento de consoantes vozeadas através do escape nasal. Essa mudança, dados os argumentos apresentados nesta subseção, provavelmente se deu em algum momento entre a primeira metade do século XIX, época em que provavelmente a Língua que hoje é usada nos cantos era usada como língua corrente do dia a dia, e a primeira metade do século XX, quando do registro feito por Nimuendaju. Estudos comparativos, principalmente com o Krenák, podem esclarecer mais a história deste aspecto específico da fonologia do Maxakalí.

3.1.1.2 – A consoante intrusiva nasal: um outro argumento a favor do escape nasal ou um caso de retenção de blindagem?

Há ainda um último ponto a ser discutido sobre a história e estatuto da nasalidade dos segmentos consonantais do Maxakalí, mas para o qual ainda não temos uma posição definitiva a ser defendida. Seria a consoante intrusiva nasal, apresentada na Seção 2.4.2.2, um outro indicativo de que o Maxakalí conta com segmentos orais subjacentes estando, deste modo, sujeito ao escape nasal ou seria uma retenção histórica de um estágio anterior

da língua, em que os segmentos consonantais se dividiam entre oclusivas surdas e nasais? Para o início dessa breve discussão, repetimos abaixo os dados em (41) como (60):

- (60) a. /kip-dak/ [kiβb'dau] ~ [kiβbm'dau]
 osso-seco > ‘magro’
- b. /kik-bac/ > [kəg'baj] ~ [kəuɣŋ'baj]
 pedra-falso, pseudo > ‘tartaruga’

Pode-se depreender dos dados acima, que num encontro consonantal heterossilábico entre uma consoante desvozeada e uma vozeada, ocorre o vozeamento da primeira (com uma possível pré-vocalização) e, por vezes, há a intrusão de uma consoante nasal de mesmo ponto de articulação da primeira consoante. Há, portanto, duas possibilidades, sobre as quais, repetimos, não temos ainda uma opinião de qual seria a correta.

Há uma primeira possibilidade de que este é um contexto em que há, assim como em outros no presente momento da língua, um escape nasal. Para manter o vozeamento da segunda consoante do encontro, ocorreria a pré-nasalização. É necessário ainda postular uma regra em que há a assimilação de ponto por parte da nasal/pré-nasalização a partir da consoante em coda, o que enfraquece essa hipótese.

Por outro lado, se postulamos que este fenômeno esteja relacionado a uma retenção da blindagem nasal, de maneira similar ao que ocorre com a circum-oralização do Kaingáng, não teríamos dificuldades em formalizar essa “pré-oralização”. Um problema dessa segunda hipótese é o fato de que o Maxakalí não conta, sincronicamente, com uma série de consoantes nasais, a qual é pré-requisito para que ocorra a blindagem.

Por se tratar de um contexto pouco frequente, já que poucos morfemas no Maxakalí se iniciam por consoante vozeada oral, uma decisão definitiva se torna ainda mais difícil. Como ambas as hipóteses contam com argumentos pró e contra, preferimos por ora, manter a discussão em aberto para estudos futuros.

3.1.2 – Harmonia nasal e espraçamento de nasalidade

O Maxakalí, dentro de nossa proposta descritiva, conta com uma série de quatro consoantes oclusivas sonoras, as quais podem se nasalizar, na maioria dos casos, quando

à esquerda de vogais nasais. O Maxakalí conta também com cinco vogais orais e cinco nasais, sendo estas o gatilho para a nasalização de consoantes.

Concordamos aqui com a análise proposta por Wetzels (2009) que afirma que uma vogal nasal tônica é a responsável por desencadear um espraçamento de nasalidade. Na proposta dele, há dois espraçamentos da nasalidade advindas da vogal: um em direção à direita, responsável pela nasalização de uma coda e outro que se aplica iterativamente da direita para esquerda, nasalizando segmentos [+vozeado]. Isso explicaria o porquê de a nasalidade ser “barrada” quando encontra um segmento surdo /p, t, c, k/. Os exemplos em (61) dão uma noção desses dois tipos de espraçamento.¹⁰⁶

(61)	a. /bĩp/	‘árvore, madeira’
	bĩm	<i>nasalização da coda</i>
	mĩm	<i>nasalização de segmento [+vozeado] à esquerda</i>
	['mĩm]	
	b. /-dak/	‘seco’
	n/a	<i>nasalização da coda</i>
	n/a	<i>nasalização de segmento [+vozeado] à esquerda</i>
	['ḍak]	
	c. /jabĩk/	‘espírito’
	jabĩṇ	<i>nasalização da coda</i> ¹⁰⁷
	jamĩṇ	<i>nasalização de segmento [+vozeado] à esquerda</i>
	jãmĩṇ	<i>idem</i>
	ṇãmĩṇ	<i>idem</i>
	[ṇã 'mĩṇ]	
	d. /kukũt/	‘pigarrear’
	kukũn	<i>nasalização da coda</i>
	n/a	<i>nasalização de segmento [+vozeado] à esquerda</i>
	[ku 'kũṇ]	

¹⁰⁶ Nos exemplos em (61) não representaremos a lenição de consoantes em coda, a alofonia de altura das vogais, pré-aspiração e consoantes intrusivas por estes serem fatos irrelevantes para a presente discussão.

¹⁰⁷ Aqui já representamos também a palatalização de consoante velar em coda, precedida por vogal anterior.

e. /baãc/	‘jacaré’
baãŋ	<i>nasalização da coda</i>
bããŋ	<i>nasalização de segmento [+vozeado] à esquerda</i>
mããŋ	<i>idem</i>
[mã'ʔãŋ] ¹⁰⁸	
f. /kdūt/	‘barata’
kídūt	<i>epêntese para desfazer o onset complexo</i>
kídũn	<i>nasalização da coda</i>
kĩnũn	<i>nasalização de segmento [+vozeado] à esquerda</i>
kĩnũn	<i>idem</i>
[kĩ'ŋũŋ]	
g. /bĩp+kuc/	‘canoa’ (< madeira + buraco)
bĩm+kuc	<i>nasalização da coda</i>
mĩm+kuc	<i>nasalização de segmento [+vozeado] à esquerda</i>
[mĩm'kuc] ~ [mĩmp'kuc]	

Os exemplos em (61) são elucidativos em diversos aspectos do espraio da nasalidade. Em (61a), temos um caso simples de morfema em que há tanto a nasalização da coda que segue a vogal nasal, quanto do elemento [+vozeado] à esquerda dessa mesma vogal. Já em (61b), o mesmo não ocorre, dado que a vogal tônica é oral, não havendo, portanto, motivação para o espraio do traço [+nasal] já que ele está ausente. Em (61c), temos um morfema dissilábico: além da nasalização da coda, todos os segmentos à esquerda da vogal nasal se nasalizam, já que todos são segmentos vozeados. O morfema dissilábico em (61d) também não apresenta dificuldades na análise: a vogal não espraia sua nasalidade para a esquerda pois a consoante do ataque silábico é surda. Isso impede que a outra vogal receba o traço [+nasal].¹⁰⁹

Cabe aqui destacar que como proposto por Wetzels (2009) e discutido a fundo por Silva, Nevins e White (no prelo), a nasalização se dá por passos, ou seja, iterativamente, um segmento por vez. Como evidenciado por esses últimos autores, a adaptação de empréstimos do português no Maxakalí elucida esse comportamento

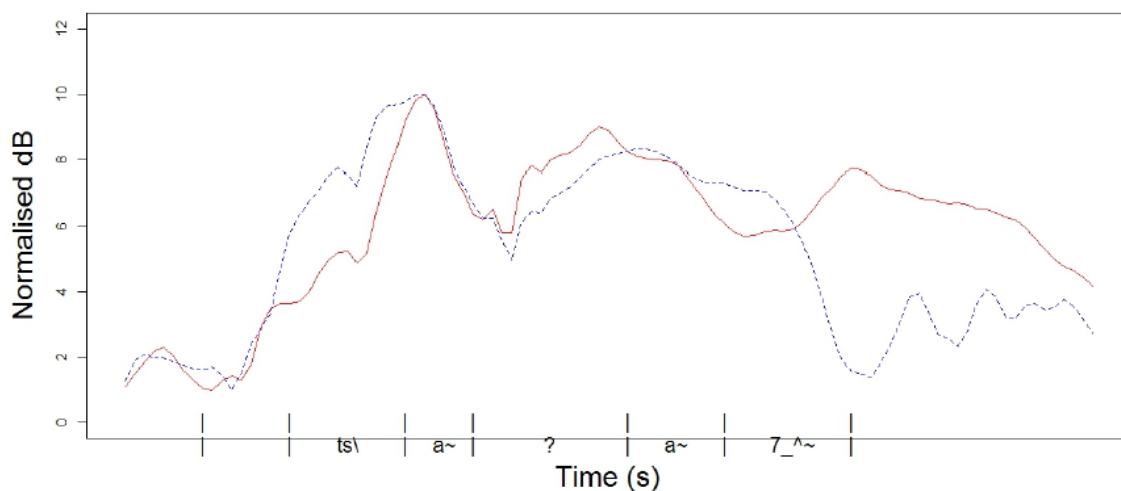
¹⁰⁸ A inserção da glotal entre vogais se dá para marcar o hiato, como já discutido na Seção 2.2.4.1.

¹⁰⁹ Ver a nota de rodapé 65, na Seção 2.3.2.

iterativo, já que o quão mais alto na hierarquia fonológica está um constituinte, maior a resistência dele a sofrer o espraçamento. Eles demonstram, por exemplo, que 100% das rimas se nasalizam (como em [ãm]), enquanto 76% dos *onsets* concordam em nasalidade com o núcleo (por exemplo [mã]) e apenas 42% de vogais não-finais concordam em nasalidade com uma consoante nasal heterossilábica que as seguem (por exemplo [ã.m̃]) (SILVA, NEVINS e WHITE, no prelo).

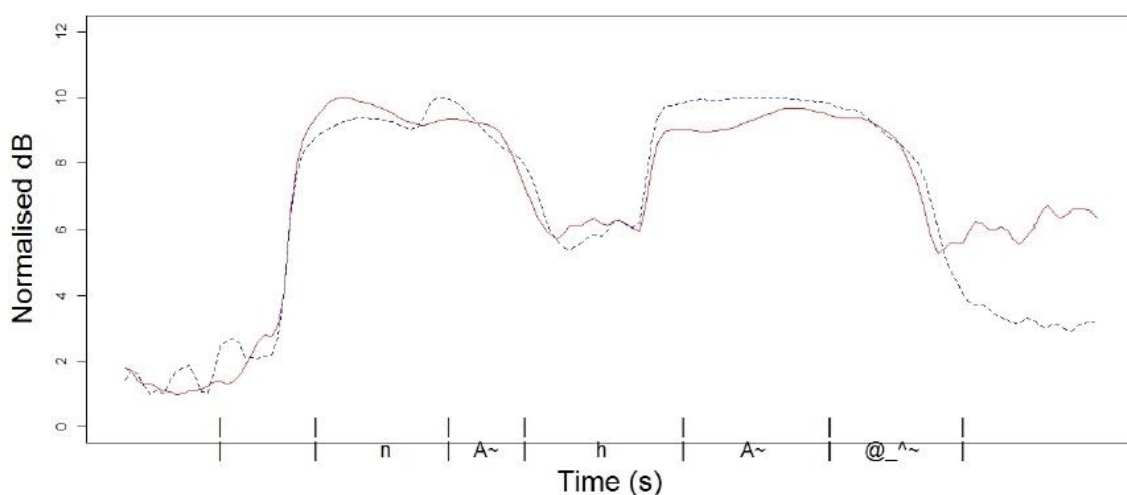
(61e) nos apresenta um caso trivial: há, como em (61b) um espraçamento de nasalidade para todos segmentos à esquerda da vogal, já que todos eles são vozeados. Como não postulamos a existência de uma consoante oclusiva glotal /ʔ/ subjacente, não há como haver um bloqueio, sendo, portanto, o ponto levantado por Wetzels (2009, p. 253-254) irrelevante, dado que parte de premissas falsas. Ele cita o trabalho Araújo (2000), dizendo que em palavras com a alternância entre formas longas e curtas (sobre isso, ver o Capítulo 4) a consoante glotal varia livremente entre [h] e [ʔ], o que não foi encontrado em nossos dados. A escolha por uma ou outra consoante é dada lexicalmente nos nomes e somente naqueles que contam com vogais não-anteriores na raiz. Além disso, diversos exemplos dados por Wetzels (2009), como [kiʔũn] ‘linhas paralelas’, [caʔãm] ‘lesma’ e [mãʔãp] ~ [mãhãp] ‘jacaré’ não só não ocorrem nos nossos dados, mas também quando perguntados sobre sua existência a falantes nativos, estes dizem ser agramaticais. Estas palavras ocorrem em nossos dados respectivamente como [kĩ'ʔĩp], [tẽ'ʔãm] e [mã'ʔãp].¹¹⁰ Além disso, como demonstrado instrumentalmente por Nevins e Silva (2017, p. 1025-1028), glotais fonéticas [h] e [ʔ] são transparentes quanto à nasalidade. As Figuras 3.1 e 3.2, são claras quanto a isso:

¹¹⁰ Abstraímos aqui, novamente, fatos como pré-vocalização, alofonia de vogais, etc., interessando para a discussão apenas a nasalidade ou oralidade dos segmentos.

FIGURA 3.1 – Medição de nasalidade de [tɛã'ãβ]¹¹¹

Fonte: Nevins e Silva (2017, p. 1026).

FIGURA 3.2 – Medição de nasalidade de [nã'hã̃]



Fonte: Nevins e Silva (2017, p. 1026).

A linha vermelha nas Figuras 3.1 e 3.2 acima indica a saída de ar nasal, enquanto a linha tracejada azul indica a saída de ar pela boca. Percebe-se que tanto as vogais em [tɛã'ãβ] quanto em [nã'hã̃] são nasais já que as linhas vermelhas e azuis estão muito próximas umas das outras. O mesmo raciocínio vale para [ʔ] e [h]: ainda que as linhas

¹¹¹ Os itens desta e da Figura seguinte estão transcritas no sistema X-SAMPA. Os equivalentes ao Alfabeto Fonético (IPA) são os seguintes:

X-SAMPA	IPA
ts\	tɛ
ʔ	ʔ
7_^	ɹ̃
A	ɑ
@_^	ə̃

Um til após um segmento indica, no X-SAMPA, que ele é nasalizado. Nevins e Silva (2017) transcrevem como [ɹ̃] (e sua contraparte nasal) o que transcrevemos aqui como [β] (e a respectiva nasal).

estejam mais baixas do que as das vogais, indicando uma passagem menor de ar pelo nariz e boca, as duas estão próximas o bastante entre si, indicando a nasalidade. É possível comparar, por exemplo, com o segmento [tɛ] da Figura 3.1, em que a linha azul indica um fluxo maior de ar saindo pelo trato oral, indicando (corretamente) que [tɛ] é um segmento oral, ou ainda, após os itens, em que a linha vermelha está mais alta que a azul, indicando que os colaboradores estavam expirando o ar após a elicitación.

Continuando com o exemplo em (61f), temos que a epêntese de vogal para a quebra do *onset* complexo se dá antes do espraçamento da nasalidade, já que, como pode ser visto no exemplo, ela é foneticamente nasal. Caso contrário, esperaríamos uma forma fonética *[kĩ'ṇũṇ], a qual não ocorre em nossos dados. Ressalta-se também que a vogal epentética não é nasal, já que em contextos orais, ela surge como vogal oral, como por exemplo, /ktɛt/ [kĩ'tɛt] 'bambu.FC' e não *[kĩ'tɛt].

Por fim, em (61g), podemos ver que a nasalidade não se espraia para o morfema à sua direita. O segmento do segundo morfema, permanece surdo e, em alguns casos, pode ser realizado inclusive com uma consoante intrusiva surda. Como não contamos em nossos dados com compostos em que o primeiro morfema tenha uma vogal tônica nasal e o segundo se inicie por consoante vozeada oral, não podemos fazer afirmações sobre o espraçamento do traço nasal para a direita em compostos. Porém, encontramos itens desse tipo na Língua dos Cantos e levando em conta que o comportamento da nasalidade nesse outro registro da língua é muito parecido com o do registro comum, podemos postular que o espraçamento do traço nasal, de fato, esteja restrito ao nível do morfema. Temos nos cantos, por exemplo, /bĩ-da/ [mĩ'da] 'fruta' ([mĩ'ta] no Maxakalí moderno) e não *[mĩ'ṇã] demonstrando assim, que, ao menos na Língua dos Cantos Rituais, a nasalidade não se espraia para um segundo morfema à direita.

A localidade do espraçamento, restrita ao nível do morfema, já foi apontada por Rodrigues (1981). Ainda que a análise desse autor tenha alguns problemas, como vimos no capítulo anterior e na introdução deste capítulo, ela prevê corretamente (com algumas poucas exceções, as quais veremos logo adiante, nas Seções 3.1.2.2 e 3.3) que a nasalidade de um dado segmento pode se espraçar somente no morfema do qual faz parte. Esta característica é útil principalmente em estudos diacrônicos da língua, já que muitas vezes palavras monomorfêmicas no estágio atual da língua e com valores diferentes de nasalidade podem ser entendidos como tendo uma origem plurimorfêmica. Um exemplo é a palavra para 'anta', a qual é sincronicamente monomorfêmica: [ãmã'teiuɿj]

< ?/abãcic/, mas pode ser analisada como provavelmente advinda de um composto, talvez /ãp-bã-cic/ NMZ-comer.TRANS-folha, isto é, literalmente, ‘comedor de folhas’.

3.1.2.1 – Neutralização de nasalidade na rima

No capítulo anterior apresentamos a neutralização de nasalidade na rima. No Maxakalí, foneticamente, as rimas podem ser orais ou nasais, sendo a oralidade/nasalidade definida pelo núcleo silábico. Núcleos compostos por vogais orais licenciarão uma coda oral, enquanto núcleos nasais só permitem a ocorrência de codas nasais (WETZELS, 2009; SILVA, NEVINS e WHITE, no prelo). Representamos as consoantes em coda como surdas, já que, como mencionado na Seção 2.2.3.2, tipologicamente é mais comum encontrar codas oclusivas surdas do que codas oclusivas sonoras, mas vimos que algumas dessas codas provavelmente foram nasais em algum estágio anterior da língua (Seção 3.1.1.1). Apresentaremos aqui uma possível motivação para essa neutralização de modo nas codas do Maxakalí, com base na argumentação de Singerman (2016) e Wetzels e Nevins (2018).

Singerman (2016, p. 468-470) ao falar sobre consoantes oclusivas desvozeadas como bloqueadores do espriamento da nasalidade no Tuparí, cita uma “aparente” exceção. Quando os segmentos /p, t, k/ estão na posição de coda silábica, precedendo vogais nasais, elas são realizadas como consoantes nasais [m, n, ŋ], respectivamente. O sistema de nasalidade do Tuparí é extremamente similar ao do Maxakalí: apesar de afirmar que /b, dʒ, g/ estão em oposição a /m, n, ŋ/, as realizações fonéticas de [b, dʒ, g] ocorrem sempre em contextos orais ou quando derivadas de /p, tʃ, k/, enquanto os fones [m, n, ŋ] ocorrem em contextos nasais. Portanto, o Tuparí, provavelmente, conta somente com as oclusivas e africadas, /p, t, tʃ, k, b, dʒ/, as quais teriam uma distribuição similar à do Maxakalí. Além disso, as oclusivas surdas em posição de coda são realizadas sem soltura audível, isto é, são aplosivas, assim como a realização fonética totalmente consonantal cada vez mais rara do Maxakalí. O fato do sistema fonológico do Tuparí ser tão parecido neste aspecto com o do Maxakalí, uma língua não-aparentada,¹¹² e se comportar de maneira igualmente parecida é indicativo de que nossa descrição, assim como a análise de Singerman (2016), não estão equivocadas.

¹¹² Não são aparentadas num nível mais baixo da genealogia. Para a hipótese de as línguas dos troncos Macro-Jê e Tupí, ao qual pertence o Tuparí, serem aparentados, sugerimos a leitura de Rodrigues (2009), Nikulin (2015) e Nikulin e Carvalho (2018).

Também cabe aqui citarmos Wetzels e Nevins (2018, p. 843) que dizem que:

“[...] é interessante considerar o fato de que em uma ampla gama de línguas sul-americanas, codas nasais não possuem soltura (ver, por exemplo, Singerman, 2016). Supondo que nasais sem soltura na posição de coda contam com uma percepção de nasalidade mais fraca e que a observação de Kawasaki que a nasalização de vogais adjacentes é ainda mais forte próxima a nasais fracas, se torna imperativo produzir a blindagem pré-oralizada na coda.” (Tradução nossa)¹¹³

Os mesmos autores, numa nota de rodapé, ainda afirmam que:

“Num estudo da nasalização de coda do Tuparí, em que consoantes vozeadas, desvozeadas e nasais são todas realizadas como consoantes nasais depois de núcleos nasais, Singerman (2016) argumenta que essa fusão é favorecida pelo caráter de não-soltura das obstruintes em coda [...]. De maneira similar, Clements e Osu (2002) demonstram que oclusivas vozeadas não-plosivas do Ikwere nasalizam em oposição às oclusivas plosivas. [...]” (WETZELS e NEVINS, 2018, p. 852, nota 20. Tradução nossa)¹¹⁴

Vê-se, portanto, que o fato de segmentos aplosivos se encontrarem em posição de coda pode favorecer a nasalização (ou manutenção da nasalidade em segmentos subjacentemente nasais) dado um contexto de núcleo silábico nasal, fazendo com que contrastes se neutralizem. O Maxakalí, de maneira similar ao Tuparí e ao Ikwere (tronco Níger-Congo, família Volta-Níger, falado na Nigéria), conta com um fenômeno que, ainda segundo Wetzels e Nevins (2018, p. 852) na mesma nota, merece mais estudos. Isto é, a neutralização da nasalidade em coda no Maxakalí seria devida ao caráter de as consoantes nessa posição silábica serem aplosivas, quando realizadas com oclusão.

3.1.2.2 – Sufixo causativo /-a/ e a nasalidade

O Maxakalí conta com dois sufixos causativos: um extremamente produtivo, de forma subjacente /-dã/ e que, como visto na Seção 2.2.3.4, pode se alongar e sofre a assimilação de ponto da consoante inicial com a coda da base. O outro sufixo, já descrito por Campos (2009a, p. 140; 222-230) não é produtivo e tem ocorrência restrita. Como bem observado por Campos (2009) ele ocorre em bases terminadas por consoante velar como pode ser visto em (62):

¹¹³ No original: “[...] it is interesting to consider the fact that in a wide range of South American languages, coda nasals are unreleased (see e.g. Singerman 2016). Assuming that unreleased nasals in coda position have a weaker percept of nasality and Kawasaki’s observation that adjacent vowel nasalization is even stronger next to weak nasals, it becomes all the more imperative to produce preoralized shielding in a coda.”

¹¹⁴ No original: “In a study on coda nasalization in Tupari, where voiced, voiceless, and nasal consonants are all realized as nasal consonants after nasal nuclei, Singerman (2016) argues that this merger is favored by the nonreleased character of coda obstruents [...]. Similarly, Clements and Osu (2002) demonstrate that the nonexplosive voiced stops of Ikwere nasalize as opposed to the explosive ones. [...]”

(62)	a. /kibik/ [ki'bəu]		‘ruim’
	/kibik-a/ [kibi'a]	ruim-CAUS	‘estragar’
	b. /ci-dik/ [tei'dəu]		‘deslizar’
	/ci-dik-a/ [teiɖi'a]	deslizar-CAUS	‘alisar, esfregar’
	c. /juk/ ['dʒəu]		‘reto, levantar-se’
	/juk-a/ [dʒu'a]	reto-CAUS	‘erguer, colocar algo de pé’
	d. /dik/ ['dʒəu]		? ‘ir fazer algo, movimentar’
	/dik-a/ [ɖi'a]	? movimentar-CAUS	‘ordenar, mandar’
	e. /dūk/ [ɲõũ]		‘acabar’
	/dūk-a/ [ɲũ'ã]	acabar-CAUS	‘terminar’
	f. /di-dūk/ [ɖi'ɲõũ]		‘limpo (mato, roça), capinado’
	/di-dūk-a/ [ɖiɲũ'ã]	limpo-CAUS	‘limpar (mato, roça), roçar’
	g. /kica-dūk/ [kitea'ɲõũ]		‘assustar-se’
	/kica-dūk-a/ [kiteaɲũ'ã]		‘assustar’
	h. /tik-dūk/ [tɕəu'ɲõũ]		‘cansado, preguiçoso’
	/tik-dūk-a/ [tɕəuɲũ'ã]		? ‘preocupar’

Observando atentamente os exemplos em (62), pode-se notar que o sufixo causativo /-a/, além de causar a queda da consoante velar em coda final da base e atrair o acento, concorda em nasalidade com a vogal nuclear da sílaba acentuada da base. As bases em (62a-d) têm vogais orais, portanto, o sufixo é realizado como [-'a]. Por outro lado, (62e), assim como os compostos em (62f-h) contam com uma realização fonética nasal [-'ã] do sufixo. Percebe-se, então, que a nasalidade da base em (62e-h) se espraia também para o sufixo, sendo este caso o único em nossos dados de um espraio em direção a outro morfema à direita da base. Em (62f-g), apesar de o primeiro morfema dos compostos terminar em vogal, a nasalidade fica restrita ao nível do segundo morfema /dūk/.

À lista de oito exemplos em (62) provavelmente também pode-se adicionar /kuk-a/ [ku'a] ‘soltar’, da qual não sabemos se sincronicamente existe uma base hipotética e */kuk/ nem seu significado, caso exista; além de /cibik-a/ [teĩmĩ'ã] ‘zombar, brincar’ que talvez seja um causativo de /cibik/ [teĩ'mĩ] ‘acertar’.

3.1.2.3 – Nasalização na margem esquerda da palavra

Rodrigues (1986b, 2003) descreve uma forte relação que ocorre nas línguas das terras baixas da América do Sul entre o silêncio e a nasalidade. Em diversas línguas dessa região, dentre elas o Maxakalí, há uma ocorrência frequente de segmentos nasais ou pré-nasais em início de enunciado. O argumento proposto pelo autor para explicar esse fato é de que a posição neutra para o silêncio é o trato vocálico fechado e o véu palatino abaixado para que haja a respiração. Ao se iniciar um enunciado, haveria então um retardamento no levantamento do véu palatino, causando assim, uma fase nasal em segmentos vozeados. Em algumas línguas, como no Pirahã (família Mura, falado no estado do Amazonas), esse retardamento do movimento seria tão grande que após o silêncio, os fonemas /b, g/ são realizados como [m, n] (RODRIGUES, 2003, p. 13). Já em outras línguas, como já vimos que é o caso do Maxakalí, haveria uma opcionalidade entre uma realização parcialmente nasal [^mb, ⁿɖ, ⁿɗ, ⁿg] ou totalmente oral [b, ɖ, ɗ, g] em palavras iniciadas por consoantes oclusivas sonoras, demonstrando que em Maxakalí a demora no levantamento do véu palatino seria temporalmente menor que no Pirahã.

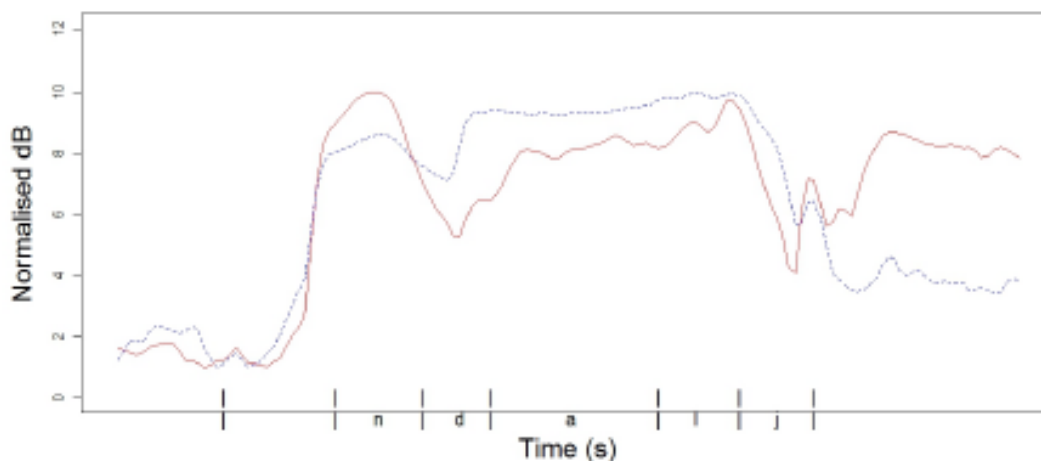
Sândalo e Abaurre (2010), ao também discutirem dados do Pirahã, propõem que nesta e em outras línguas sul-americanas o *default* de segmentos subespecificados é a nasalidade e que oclusivas surdas devem ser especificadas para o traço [-nasal]. Isto é, a nasalidade seria o parâmetro não-marcado nestas línguas. As duas autoras argumentam ainda que no Pirahã há um espraçamento de oralidade a partir das consoantes, já que vogais são subespecificadas para o traço [nasal], enquanto em línguas (Macro-)Jê a oralidade surgiria de ambas consoantes e vogais, pois esta segunda classe, ao contrário do Pirahã, são especificadas quanto à nasalidade.

Como vem sendo discutido neste capítulo, o Maxakalí conta com dois alofones para as consoantes /b, d, ɟ, g/ em *onset* de sílaba oral em início de enunciado, a saber: consoantes pré-nasalizadas [^mb, ⁿɖ, ⁿɗ, ⁿg] ou totalmente orais [b, ɖ, ɗ, g], exemplificadas em (63) abaixo:

- (63) a. /bɛp/ > [^mbɛβ] ~ [bɛβ] ‘cortar em pedaços grandes.PL’
 b. /daik/ > [ⁿɖa'ij] ~ [ɖa'ij] ‘pote’
 c. /ɟuɟuc/ > [ⁿɗu'ɗuɟ] ~ [ɗu'ɗuɟ] ‘vagina’
 d. /gɛɛk/ > [ⁿgɛ'ɟæj] ~ [gɛ'ɟæj] ‘fritar’

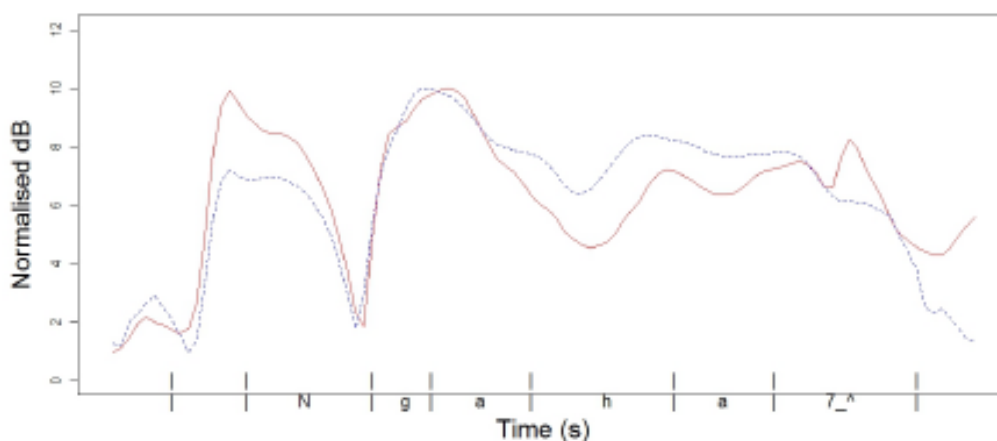
Nevins e Silva (2017) demonstram instrumentalmente essa pré-nasalização de consoantes, tanto em palavras nativas quanto em empréstimos do português. As Figuras 3.3 e 3.4 abaixo mostram como há, de fato, a pré-nasalização dos segmentos orais em *onset*:

FIGURA 3.3 – Medição de nasalidade de [ˠda'ij]¹¹⁵



Fonte: Nevins e Silva (2017, p. 1023).

FIGURA 3.4 – Medição de nasalidade de [ˠga'fiaβ]



Fonte: Nevins e Silva (2017, p. 1024).

¹¹⁵ Os itens desta e da Figura seguinte estão transcritas no sistema X-SAMPA. Os equivalentes ao Alfabeto Fonético (IPA) são os seguintes:

X-SAMPA	IPA
I	ɪ
N	ŋ
ɾ_ʌ	ɾ̥

Nevins e Silva (2017) transcrevem como [ɾ̥] o que transcrevemos aqui como [β]. O alofone intervocálico de /h/ que neste trabalho transcrevemos como [h̥], é transcrito como [h] na Figura 3.4

Os itens representados nas Figuras 3.3 e 3.4 claramente contam com uma pré-nasalização das consoantes em início de elicitção: o escape de ar nasal, indicado pela linha vermelha, conta com um nível mais elevado que o escape de ar do trato oral, indicado, por sua vez, pela linha azul. O fato de a linha azul se aproximar ou passar a linha vermelha, logo após a primeira porção dos itens elicitados demonstra que o véu palatino se fechou, passando o segmento a sua porção oral. Isto ocorre em palavras nativas, como o exemplo da Figura 3.3 /daik/ > [ᵐḍa'ij] ‘pote’, assim como em empréstimos, exemplificado na Figura 3.4 pelo item /gahap/ > [ᵐga'ħaβ] ‘garrafa’. Vejamos agora alguns empréstimos em (64) abaixo:

- (64) a. [ã'teou] < ?/ãcuk/ ‘açúcar’
 b. [ã'gʊj] < ?/ãguc/ ‘agosto’
 c. [ĩ'pæj] < ?/ĩkpæk/ ‘vidro, espelho’ (< Port. *espelho*)
 d. [ũḡi'bɛɔ] < ?/ũḡibet/ ‘Oliveira’

Como explicar o aparente surgimento espontâneo de nasalidade nos empréstimos? As palavras em português não contam com nenhum segmento nasal, portanto, não se pode dizer que a nasalidade provém da língua-fonte. Também faz-se importante dizer que praticamente todos os itens nativos iniciados por vogal no Maxakalí têm sua vogal inicial nasal, mesmo quando etimologicamente ela venha de uma vogal oral, como é o caso do índice prefixal de segunda pessoa /ã-/ , que pode ser reconstruído para o Proto-Maxakalí-Krenák (e provavelmente também para o Proto-Macro-Jê) como *a- (NIKULIN e SILVA, no prelo). Vogais epentéticas [i] à esquerda dos clíticos /k=/ ‘1.SG’ e /p=/ ‘INDF’ (ver Capítulo 4) também se nasalizam, dando origem a [ĩḡ=] e [ĩḡ=], respectivamente.

As únicas exceções que encontramos em nossos dados são alguns clíticos e partículas como /a=...=a/ ‘NEG’, /=ac/ ‘FUT’, /aca/ ‘REP’ e /uk=/ ‘INT’, sendo este último item possivelmente relacionado com /huk/ ‘NEG, PROH’ e com /=uk-dāk/ ‘PRIV’, também iniciado por vogal oral; algumas interjeições como /iga/, indicadora de dúvida, e /ɛħɛ/, indicadora de surpresa; e somente três itens lexicais nativos, dos quais pelo menos um oscila entre realizações com uma primeira vogal nasal: [i'teõũ] ~ [ĩ'teõũ] < ? /icũk/ ‘pássaro’, /aḡã/ [a'jḡã] ‘verificar.FC’¹¹⁶ e /igã/ [i'gã] ‘sujar’. Há também empréstimos

¹¹⁶ Não excluimos a hipótese de o verbo ‘verificar’ ser um causativo construído a partir do clítico indicador de tempo de futuro /=ac/. Como vimos na Seção 2.2.3.4, o causativo /dã/ assimila o ponto da coda final da base a qual sofre queda. Além disso, a nasalidade de CAUS não se espraia para a base. Caso esta hipótese esteja correta, a forma subjacente deste verbo seria melhor representada como /ac-dã/ FUT-CAUS > ‘verificar’.

iniciados por vogal oral, como /ikkut/ [ɪjç'kuwə] ‘escola’ (substituindo o item nativo /tappet-pet/ ‘papel-lar’), /ikput/ [ɪjç'puwə] ‘espora’, /udup/ [u'ɖuβ] ‘(abelha) europa’, /ucpitap/ [ɔjpi'taβ], dentre outros.

O que argumentaremos aqui é que tanto a pré-nasalização de consoantes quanto a nasalização “espontânea” em empréstimos fazem parte de um só fenômeno. A descrição de consoantes pré-nasalizadas em início de enunciado é descrita na maior parte dos trabalhos sobre a fonologia do Maxakalí (GUDSCHINSKY, POPOVICH e POPOVICH 1970; RODRIGUES, 1981; ARAÚJO, 2000; NEVINS e SILVA, 2017; SILVA, NEVINS e WHITE, no prelo). Nevins e Silva (2017), assim como Nikulin e Silva (no prelo) e Silva, Nevins e White (no prelo), por sua vez, já haviam percebido o fato de a maior parte das palavras em Maxakalí e aí incluídos alguns empréstimos se iniciam por vogal nasal. Porém, nenhum desses trabalhos relaciona pré-nasalização de consoantes com vogais nasais iniciais.

Seguindo a linha proposta por Rodrigues (1986b, 2003) e Sândalo e Abaurre (2010), acreditamos que a margem esquerda do Maxakalí tem por *default* a nasalidade. Haveria um traço nasal que se espraia da esquerda à direita, mas ao contrário do espraio advindo da vogal tônica nasal e formalizado por Wetzels (2009), este seria barrado por qualquer segmento [-vocálico]. Segmentos com o traço [+vozeado] seriam alvos desse espraio: no caso de vogais elas se nasalizam por completo, no caso de segmentos [-vocálico, +vozeado], isto é, consoantes sonoras, há uma nasalização na primeira porção da consoante, dando origem a segmentos pré-nasalizados. O exemplo apresentado em (64d), em que há também a nasalização da consoante no *onset* da segunda sílaba, pode ser explicado pelo fato de que, na língua-fonte, tal consoante é uma líquida [l], o qual não barraria o traço nasal de se espraio: a configuração tanto fonética quanto fonológica das laterais, na maioria, se não em todas teorias, é muito próxima da de vogais. Ao encontrar um segmento obstruinte [v] da língua-fonte o espraio se encerra ali. Vale notar que em alguns empréstimos, provavelmente de entrada mais antiga na língua, as fricativas (ou ao menos a fricativa palatal sonora [ʒ]) do português não bloqueiam o espraio e, conseqüentemente, se nasalizam, independentemente da direção do espraio, como pode ser visto em (65):

- (65) a. nasalidade da direita para a esquerda, a partir da vogal tônica
 /pejũk/ [pe'jũũ] / *[pe'ɟũũ] 'feijão'
- b. nasalidade da direita para esquerda, devido ao início de enunciado
 ? /jũda/ [jũ'ɟa] / *[ɟũ'ɟa], *[ɟũ'ɟa] 'ajudar'¹¹⁷

Acreditamos ainda que um maior número de empréstimos no Maxakalí iniciados por vogal oral se dá por uma fonologização da distinção entre consoantes nasais e orais sonoras (ver Seção 3.3). Sândalo e Abaurre (2010) argumentam que o *default* nasal estaria presente em sistemas linguísticos com poucas consoantes obstruintes, já que, nestes casos, o véu palatino não teria de subir várias vezes, sendo, portanto, menos custoso ao falante mantê-lo abaixado. Na fonologização em curso no Maxakalí, o número de obstruintes não está aumentando, já que as consoantes nasais [m, n, ɲ] é que estão alçando ao estatuto de fonemas. Porém, a distinção entre oralidade e nasalidade está ficando cada vez mais saliente nessa língua, logo, fazendo com que a percepção dos falantes nativos quanto à nasalidade das vogais iniciais de empréstimos do português fique mais sensível. Essa maior sensibilidade faz com que os falantes façam adaptações de empréstimos mais “fiéis” à língua-fonte.

3.2 – Não-paralelismo da consoante velar /g/

O sistema das consoantes do Maxakalí demonstra, como pudemos ver no Capítulo 2, um paralelismo em diversos aspectos. Há quatro consoantes oclusivas surdas /p, t, c, k/ em oposição a quatro consoantes oclusivas sonoras /b, d, ɟ, g/. Há ainda uma neutralização de modo na posição de coda silábica, na qual as oclusivas se distinguem somente em ponto, isto é, as rimas devem ser totalmente orais, com consoantes surdas em coda ou totalmente nasais. Porém há um ponto em que não há paralelismo no sistema. Vejamos os dados em (66):

- (66) a. /bɛp/ > ['^mbɛβ] ~ ['bɛβ] 'cortar em pedaços grandes.PL'
- b. /-dak/ > ['ⁿɟau] ~ ['ɟau] 'seco'

¹¹⁷ Em Popovich (1976b) é possível encontrar algumas ocorrências de <âyũnat>. cremos que esta forma provavelmente se refira à uma forma fonética [âjũ'ɟa] e que pode ter sido um estágio anterior à forma que ocorre nos nossos dados, com a vogal inicial do português ainda presente no empréstimo. Popovich, em diversos trabalhos (1976b sendo apenas um exemplo dentre vários), tende a incluir uma coda final de maneira irregular em diversas palavras que não a possuem, inclusive em itens em que etimologicamente sua presença não se justifica. Tendo isso em vista, acreditamos que a coda final no item acima possa ser ou uma retenção do português /R/ que caiu posteriormente no Maxakalí, ou mais provável, que seja uma dessas inclusões aparentemente aleatórias feitas pelo autor.

c. /juk/ > [' ^ɲ dzou] ~ ['dzou]	‘reto’
d. /gɛɛk/ > [ʔgɛ'ʔæj] ~ [gɛ'ʔæj]	‘fritar’
e. /bũ-k/ > ['mõũ]	‘ir.REAL’
f. /dãc/ > [ʔã̃]	‘esperar.IMP’
g. /jãc/ > [ɲã̃]	‘REFL’
h. /-gãc/ > [ʔgã̃] ~ ['gã̃]	‘bravo’

Os exemplos em (66a-d) são iniciados, na representação subjacente, por *onsets* oclusivos sonoros seguidos por vogais orais, resultando em alofones orais (pré-nasalizados ou não) da consoante em início de sílaba, como já mostrado diversas vezes no decorrer deste trabalho. Já nos exemplos em (66e-h), as vogais nucleares são nasais. Isto resulta em alofones das consoantes em *onset* igualmente nasais, exceto pelo exemplo em (66h). No caso da consoante velar /g/ em posição de início de sílaba, os únicos alofones possíveis são ou aquele pré-nasalizado [ʔg] ou aquele totalmente oral [g], independentemente do valor de nasalidade da vogal que se segue. O Quadro 3.1 resume a distribuição dos alofones em *onset* dos fonemas orais:

QUADRO 3.1 – Distribuição dos alofones de consoantes sonoras em *onset*

núcleo	/b/	/d/	/j/	/g/
X_V	[b]	[ɖ]	[ɗ]	[g]
#_V	[^m b] ~ [b]	[^ɲ ɖ] ~ [ɖ]	[^ɲ ɗ] ~ [ɗ]	[^ɲ g] ~ [g]
_Ṽ	[m]	[ɲ]	[ɲ]	

A segunda linha do Quadro 3.1 acima mostra que os alofones das consoantes oclusivas vozeadas são inteiramente orais, quando estas são precedidas por qualquer segmento (representado por X) e seguidas por vogais orais (representadas por V). Já em início de enunciado (representado por #, na linha seguinte), precedendo vogais orais, como mostrado por diversas vezes na Seção 3.1, há uma variação entre alofones pré-nasalizados e completamente orais. Por fim, na última linha, em contextos em que os núcleos silábicos são nasais (representado por Ṽ), independentemente da posição da sílaba na palavra, os alofones são completamente nasais, com exceção de /g/. Vale lembrar que as consoantes oclusivas sonoras não ocorrem na posição de coda. Em sendo o núcleo nasal, as consoantes /p, t, c, k/ se nasalizam em [m, ɲ, ɲ, ɲ] ou em seus diversos outros alofones indicativos de lenição (ver Quadro 2.8, na Seção 2.2.3.3 do Capítulo 2).

Acreditamos que essa assimetria no sistema tem por motivação questões articulatorio-perceptivas. Em se referindo a velares nasais /ŋ/ **fonológicas**, numa amostra de 469 línguas do mundo, 235 delas, ou seja 50,11%, não contam com esta consoante em seu inventário fonológico. Das outras 234 línguas (49,89%), 147 (31,34% do total) permitem o fonema /ŋ/ em início de palavra, enquanto 87 (18,55%) não permite (ANDERSON, 2013).

Além disso, línguas como o Filipino (tronco Austronésio, família Filipina, falado nas Filipinas) e o Tailandês, ambas contando com um contraste entre /m/, /n/ e /ŋ/, tem uma distribuição da velar nasal em *onset* consideravelmente menor se comparada com as outras duas consoantes: 11% e 6% das ocorrências, para o Filipino e Tailandês, respectivamente (NARAYAN, 2008, p. 194-195). Ainda no mesmo estudo, Narayan (2008) demonstra que, primeiro, a distância acústica entre [ma] e [na] produzido por falantes de Filipino é maior que aquela entre [na] e [ŋa]. Ele fornece evidências que tanto falantes de inglês quanto de Filipino conseguem distinguir com facilidade o contraste entre [ma] e [na], mas não entre [na] e [ŋa], apesar de /ŋ/ em *onset* estar presente na segunda língua. Por fim, o autor ainda demonstra que falantes de Filipino conseguem distinguir os pares [ma] e [ŋa] com igual facilidade que diferenciam [ma] e [na]. Ao se questionar do porquê o par /m/ vs. /n/ ser mais comum translinguisticamente que /m/ e /ŋ/, sendo ambos pares igualmente “distinguíveis”, Narayan (2008) lança mão da noção de marcação: consoantes dentais/alveolares (na discussão, /n/), por serem menos marcadas que velares, se encontram com maior frequência nos sistemas linguísticos.

Percebe-se, assim, que existe uma maior complexidade de produção e percepção da velar nasal [ŋ] em comparação às nasais bilabial [m] e dental [n]. Acreditamos que a consoante [ŋ] não ocorre em *onset* no Maxakalí por este e por um segundo motivo: para a articulação de [g] é necessário somente um gesto de alçamento do dorso da língua, como articulador ativo, em direção ao véu palatino, que está fechado. Por outro lado, a articulação de [ŋ] exige dois gestos: o mesmo gesto necessário para a produção da consoante velar oral, assim como um abaixamento do véu palatino, para que o ar possa passar pela cavidade nasal. O fato de o véu palatino ser, no caso da nasal velar, o alvo do gesto do dorso da língua e um articulador ativo, para a produção de nasalidade, faz com que seja necessário um maior controle motor para a produção de tal fone. Essa maior complexidade explicaria, portanto, a ocorrência de [g], mas não [ŋ] em *onsets* do Maxakalí, mesmo precedendo vogais nasais. Por fim, a primeira fase nasal de [ŋg], que

ocorre em início de enunciados e após silêncio, é possível pois o véu palatino já está abaixado para a respiração. A articulação da consoante palatal [ɲ], em semelhança à de [m] e [ɱ], não conta com uma trajetória da língua em direção ao véu palatino, possibilitando a sua produção plenamente nasal, apesar de também ser um segmento marcado e tipologicamente mais raro se comparado às demais nasais aqui discutidas.

3.3 – Fonologização das consoantes vozeadas orais e nasais

Mencionamos em diversos pontos desta tese que está ocorrendo uma fonologização da distinção entre consoantes vozeadas orais e nasais no Maxakalí. Esta fonologização pode ser vista em empréstimos do português, em que consoantes vozeadas orais [b, d, dz] (e suas versões pré-nasalizadas, quando em início de palavra) podem ocorrer na posição de ataque silábico precedendo tanto vogais orais, como ocorre nas palavras nativas, como precedendo vogais nasais. Antes, porém, discutiremos um caso em que estas consoantes orais também precedem vogais nasais, no léxico nativo.

3.3.1 – Consoantes orais sonoras precedendo vogais nasais e o sufixo /-dāk/

No Maxakalí há um sufixo /-dāk/ que tem, quando posposto a raízes nominais, uma função de diminutivo e, quando posposto a raízes verbais, uma função de intensificador.¹¹⁸ Em ambos os casos, neste trabalho, glosaremos este sufixo como DIM. Vejamos os exemplos em (67), em que há a sufixação de /-dāk/:

(67)	a. /kukek/ [ku ^h 'kæj]	‘cachorro’
	/kukek-dāk/ [ku ^h 'kæjɲãũ]	‘cachorrinho’
	b. /capip/ [tɛa'piβ]	‘porco’
	/capip-dāk/ [tɛa'piβɲãũ]	‘caititu’
	c. /bidĩj/ [mĩ'ɲĩũĩj]	‘veado’
	/bidĩj-dāk/ [mĩ'ɲĩũĩjɲãũ]	‘veadinho’
	d. /ĩkdik/ [ĩj'ɖij]	‘neto.VOC, genro.VOC’
	/ĩkdik-dāk/ [ĩj'ɖijɲãũ]	‘netinho.VOC, genrinho.VOC’

¹¹⁸ Esta é uma leitura similar à que ocorre em português quando da sufixação do diminutivo <-inho> em adjetivos, como por exemplo em ‘rápido’ vs. ‘rapidinho’, ‘baixo’ vs. ‘baixinho’ ou ‘só’ vs. ‘sozinho’, dentre vários outros exemplos possíveis.

e. /-cɛ/ [ˈtɛɛʔ]	‘cabelo’
/-cɛ-dāk/ [ˈtɛɛʰṽṽṽ]	‘cabelinho’
f. */ptic/ [pɪʰˈtɪɪɪ]	‘pássaro’ ¹¹⁹
/ptic-dāk/ [pɪʰˈtɪɪɪṽṽṽ]	‘pássaro, passarinho’
g. /-piik/ [pɪˈʔɪɪ]	‘fraco’
/-piik-dāk/ [pɪˈʔɪɪṽṽṽ]	‘fraquinho’
h. /-kauk/ [kaˈʔɪɪ]	‘forte’
/-kauk-dāk/ [kãˈʔɪɪṽṽṽ]	‘fortinho’
i. /-kiit/ [kɪˈʔɪɪ]	‘litrado (na vertical)’
/-kiit-dāk/ [kɪˈʔɪɪṽṽṽ]	‘litrado (na vertical)’
j. /-ptic/ [pɪʰˈtɪɪɪ]	‘pesado’
/-ptic-dāk/ [pɪʰˈtɪɪṽṽṽ]	‘pesadinho’
k. /-kuɛ/ [kuˈhɛ]	‘torto’
/-kuɛ-t-dāk/ [kũˈhɛṽṽṽ]	‘tortinho’

Em (67a-f) temos exemplos de bases nominais que recebem o sufixo /-dāk/. Nestes nomes, a nasalidade do sufixo fica restrita ao nível do morfema, como na maioria dos casos no Maxakalí. Em (67b) a sufixação do diminutivo cria um outro referente, já que /capip/ se refere ao porco doméstico (*Sus scrofa*) e /capip-dāk/ ao caititu (*Pecari tajacu*). No exemplo de (67e), o fato de a raiz nominal terminar em vogal, faz com que haja a epêntese de uma pré-aspiração, a qual impede o espraçamento da nasalidade para a base (Ver seção 2.5.2).¹²⁰

(67g-k) apresenta, por outro lado, o sufixo diminutivo agregado a bases verbais. Nota-se que há um espraçamento da nasalidade da base, já observada por Campos (2009a, p. 281-287). O espraçamento da nasalidade segue iterativamente da direita para a esquerda até encontrar um *onset*. Este espraçamento fica muito claro em (67g-h) e (67j-k), dado

¹¹⁹ Como mencionado nas notas 13 e 97, a raiz /ptic/ não aparece por si só no Maxakalí moderno, mas pode ser reconstruída para o Proto-Macro-Jê. A forma originalmente com o sufixo diminutivo se opacizou e ainda ocorre na fala dos Maxakalí.

¹²⁰ Uma possível exceção, presente no título deste trabalho, é o nome /cahi/ ‘pedaço’, que, quando sufixada com DIM, conta com uma realização fonética [tɛaˈhɪṽṽṽ]. Aparentemente a nasalidade do sufixo se espraia para a última sílaba da base, mas não continua espraçando, apesar de o *onset* da sílaba final da base ser uma glotal /h/.

que a base verbal de (67i) já conta com uma vogal nasal tônica. O sufixo /-dāk/ também fornece indícios de que consoantes glotais (fonológicas ou não) são transparentes ao espraçamento: nos exemplos (67g-h, k) o espraçamento de nasalidade afeta não somente as vogais tônicas das bases, mas também as vogais das sílabas anteriores a estas. Por fim, torna-se ainda mais claro que o sufixo em discussão espraia a nasalidade para raízes verbais, ao se comparar as raízes homófonas nominal em (67f) e verbal em (67j). Na primeira delas, a nasalidade é restrita ao morfema DIM, enquanto na segunda a nasalidade “contamina” a raiz. O fato de haver, em (67j), um *onset* complexo explica o porquê de a vogal da primeira sílaba da raiz não se nasalizar. Fornecemos mais exemplos em (68) abaixo:

(68)	a. /tap-bɛp/ [ta:ˈbɛβ]	‘furar.PL’
	/tap-bɛp-dāk/ [ta:ˈbɛβ̃ɱɱãũ]	‘furadinho.PL’
	b. /jĩbap/ [ɲĩˈbaβ]	‘girar, rodar’ ¹²¹
	/jĩbap-dāk/ [ɲĩˈbãβ̃ɱɱãũ]	‘dar uma giradinha’
	c. /-dak/ [ˈɖau]	‘seco’
	/-dak-dāk/ [ˈɖãũɱɱãũ]	‘sequinho’
	d. /-juk/ [ˈɖɔu]	‘reto’
	/-juk-dāk/ [ˈɖõũɱɱãũ]	‘retinho’

Como se pode notar dos exemplos acima, há casos em itens nativos do Maxakalí em que há um encontro de consoante sonora oral na posição de *onset* seguido por uma vogal nasal, ainda que nestes casos, seus contextos de ocorrência sejam predizíveis. A nasalidade do sufixo /-dāk/ segue espraçando para a raiz da direita para a esquerda até encontrar um *onset*. Ao contrário do espraçamento de nasalidade que fica restrito ao morfema e que nasaliza uma consoante sonora que ocupa a posição de *onset* (como ocorre no próprio sufixo DIM, por exemplo), neste caso, o espraçamento segue só até a vogal núcleo da sílaba.¹²² O ataque silábico não é alvo desta nasalização, mesmo que esteja

¹²¹ Certamente este verbo é historicamente bimorfêmico. Sincronicamente, não sabemos se ainda é analisado como tal pelos falantes de Maxakalí ou se foi reanalisado como um morfema só. Dada a incerteza, preferimos transcrever como um item monomorfêmico.

¹²² Agradecemos a Carlo Sandro de Oliveira Campos que, durante a arguição da defesa da presente tese, mencionou alguns casos em que o sufixo DIM espraia sua nasalidade para a base, porém não é realizado foneticamente, como, em [hiˈɣ̃β̃] < /-hitip-(dāk)/ ‘felizinho’. O fato de a nasalidade proveniente do sufixo se espraia para a base permite recuperar a leitura de tal morfema. Este tipo de dado não ocorre em nosso

preenchido por uma consoante oral. Esta restrição faz com que seja possível a ocorrência das consoantes [b, d, dz] seguidas por vogais nasais. Nos nossos dados, o único verbo com *onset* complexo em que a segunda consoante é uma dental sonora, se comporta da mesma maneira: a nasalidade se espalha pela base até encontrar o *onset*, o qual não se nasaliza. Este verbo é exemplificado em (69):

- (69) /pduk/ [pu'dou] 'branco'
 /pduk-dāk/ [pu'dõũṁṁãũ] 'branquinho'

No exemplo em (69) a vogal epentética também não se nasaliza, mesmo ela não sendo uma vogal central alta [i], como mencionado nas Seções 2.2.2 e 2.4.1. Dois verbos descritivos (ver Capítulo 4), exemplificados em (70), contam com um comportamento diferenciado, sobre o qual não temos uma justificativa:

- (70) a. /bai/ ['bɔj] ~ ['bɔi] ~ [bɔ'i] 'bom'
 /bai-dāk/ [bɔ'iṁṁãũ] ~ [mõ'ĩ:ṁṁãũ] / *[bõ'ĩ:ṁṁãũ] 'bonzinho'
 b. /kibik/ [ki'bəu] 'ruim'
 /kibik-dāk/ [ki'bəuṁṁãũ] ~ [kĩ'mõũṁṁãũ] / *[ki'bõũṁṁãũ] 'ruinzinho'

Ambos exemplos em (70) têm duas variantes quando sufixadas pelo diminutivo: uma que se comporta como nomes, isto é, em que não há o espraçamento de nasalidade para a base, e outra em que a nasalidade nasaliza todos os segmentos, inclusive aqueles em posição de *onset*. Esta segunda variante não nasaliza a consoante inicial do exemplo em (70b), pois esta é uma velar surda /k/.

3.3.1.1 Inserção de consoante dental em coda no diminutivo de verbos

Quando da sufixação das com o diminutivo em raízes verbais terminadas em vogal, há a inserção de uma consoante dental em coda, entre a base e o sufixo. Apresentamos alguns exemplos em (71)

- (71) a. /-cɛɛ/ [tɛɛ'ʔɛʔ] 'verdadeiro'
 /-cɛɛ-t-dāk/ [tɛẽ'ʔẽ:ṁṁãũ] 'verdadeiro mesmo'

corpus, porém já tivemos oportunidade de escutá-lo no dia a dia da aldeia. Mais pesquisas devem ser empreendidas para entender a motivação para a queda do sufixo.

b. /-patu/ [pɔ'ʔuʔ]	‘molhado’
/-patu-t-dāk/ [pɔ'ʔũ:ŋãũ]	‘molhadinho’
c. /-cuhi/ [tɕu'hiʔ]	‘muito’
/-cuhi-dāk/ [-tɕũ'hĩ:ŋãũ]	‘bastante, muito mesmo’
d. /-ci-ta/ [tɕiʰ'tɕaʔ]	‘vermelho’
/-ci-ta-t-dāk/ [tɕiʰ'tɕã:ŋãũ]	‘vermelhinho’

Os exemplos em (71) são muito esclarecedores quanto à epêntese de uma consoante dental /-t-/ entre a base e o sufixo. Em primeiro lugar, no diminutivo destes verbos terminados em vogal, há um alongamento desta, demonstrando que há a epêntese na coda de uma consoante de mesmo ponto da consoante do *onset* do sufixo (ver Seção 2.2.3.5 sobre o alongamento compensatório de vogais). Em segundo lugar, a presença em (71d) do alofone [ã] para a vogal final baixa não-anterior /a/ (além do alongamento, claro), o qual surge quando há uma consoante dental em coda, é outro indicativo de que há o preenchimento da coda pelo /-t-/ epentético (Sobre a alofonia de vogais, mais especificamente a posteriorização de /a, ã/, ver Seção 2.3.5). No exemplo (70a), apresentado na seção anterior, é possível ver que quando há o espraçamento da nasalidade para a base, a qual termina com vogal, também há o alongamento desta. Na variante que se comporta como nome, ou seja, em que não há o espraçamento da nasalidade para a raiz, não há a inserção de consoante epentética (e subsequente alongamento da vogal).

3.3.2 – A não-previsibilidade da nasalidade de consoantes sonoras em empréstimos do português

Vimos na subseção anterior que, ainda que previsível, é possível encontrar no léxico nativo do Maxakalí consoantes orais sonoras em *onset* seguidas por vogais nasais. Estes encontros, ao nosso ver, licenciam a ocorrência de estruturas similares em empréstimos, porém, no caso de palavras vindas do português não é possível prever a oralidade ou nasalidade na adaptação de uma dada consoante sonora. O Quadro 3.2 mostra as possibilidades, a princípio de como uma consoante oral vozeada em *onset* do português pode ser adaptada no Maxakalí:

QUADRO 3.2 – Adaptações de consoantes sonoras orais do português no Maxakalí

Ponto de Articulação no português	Fone no português	Adaptação no Maxakalí
Labial	[b]	[b, m]
	[v]	[b, m, h]
Alveolar	[d, ɾ, l]	[ɖ, ɳ]
	[z]	[ɗ, ɲ]
Pós-alveolar	[dʒ, ʒ]	[ɗʒ, ɲ]

Depreende-se do quadro acima que as consoantes orais sonoras do português são adaptadas no Maxakalí de acordo com o ponto de articulação, ou seja, labiais são adaptadas como labiais, alveolares como dentais e pós-alveolares como palatais. Uma exceção se dá na adaptação da fricativa labiodental [v] que por vezes tem sua adaptação dada por uma fricativa glotal [h].¹²³ Outra exceção é a fricativa alveolar [z] que é adaptada como consoante palatal no Maxakalí. A africada [dʒ] do português, apesar de ser um alofone do fonema /d/, é adaptada também como palatal, indicando que as adaptações de empréstimos se dão não a partir de uma forma abstrata, como o são as formas fonológicas, mas a partir do que o falante escuta de fato, isto é a partir das formas fonéticas. Em (72) fornecemos alguns exemplos de empréstimos e suas adaptações. Marcamos em negrito os segmentos relevantes para a discussão.

(72) a. [b,v] do português adaptado como [b]

Português	Maxakalí	glosa
[bã'jɛɾɔ]	[bã'ɛɾ]	‘banheiro’
[bã'kɔ]	[bã'ũ]	‘banco’
[avi'õɔ]	[abĩ'nãβ]	‘avião’
[no'vẽbro]	[ɲũ'bẽβ]	‘novembro’
[vẽ'de]	[bɛ'ɖæj]	‘vender’

¹²³ A fricativa labiodental sonora /v/, em alguns dialetos do português brasileiro (como no português falado na cidade de Fortaleza; ver RODRIGUES e ARAÚJO, 2014), sofre também uma debucalização como em /es'tava/ > ['taha] e /'veʎa/ > ['hejə], porém acreditamos que a debucalização no Maxakalí tenha tido um desenvolvimento independente, já que no português rural da região onde se encontram as terras Maxakalí, este fenômeno não ocorre.

b. [b,v] do português adaptado como [m]¹²⁴

[sa' bõõ]	[teãmõ' õũ]	‘sabão
[tade' vẽnõ]	[tãdɛ ^h ' mẽẽ]	‘dever (dinheiro)’

c. [v] do português adaptado como [h] ~ [ɦ]

[vo' ta]	[hu' ɬaʔ]	‘votar’
[gu' vefĩv]	[gu' ɦɛɛ]	‘governo’

d. [d, ɾ, l] do português adaptado como [ɖ]

[pra' ðĩv]	[pɔɖa' ɖĩ]	‘Pradinho’ ¹²⁵
[kũja' ðõõ]	[kũnã' ɖãɸ]	‘Cunhadão (apelido)’
['krẽti]	[kɛ' ɖẽẽ]	‘crente’
[la' rẽzõ]	[ɖa' ɖĩũĩ]	‘laranja’
['lõpɔdõ]	['ɖãɸ]	‘lâmpada’
[fla' mẽgv]	[pɔɖã' mãẽ]	‘Flamengo’ ¹²⁶

e. [ɾ, l] do português adaptado como [ɺ]

[trẽĩdi' fɛɦv]	[tɛɺãĩɖi' pɛʔ]	‘trem’
[ma' rĩnõ]	[mõ' ɺĩõ]	‘Marina’
[maraku' ʒa]	[mõɺãku' dʒaʔ]	‘maracujá’ ¹²⁷
[sõte' lẽnõ]	[teãtẽ' ɺẽẽ]	‘Santa Helena (de Minas)’ ¹²⁸
[fla' mẽgv]	[põɺã' mãẽ]	‘Flamengo’

¹²⁴ Há um outro exemplo de [v] do português sendo adaptado como [m] no Maxakalí que é a palavra para ‘cavalo’: [ka' valõ] em português, [kãmã' ɖou] em Maxakalí. Entretanto, esta palavra, de acordo com Ribeiro (2012a, p. 191), possivelmente entrou no Maxakalí via Tupí *kabarú*, o que certamente influenciou na adaptação do empréstimo.

¹²⁵ Esta palavra deve ter entrado no Maxakalí num momento em que ainda não havia a palatalização de /d/ diante de /i/ no português. Caso contrário, seria esperado como reflexo uma consoante africada [ɖɟ] e não oclusiva [ɖ], como ocorre nos exemplos em (72f). O mesmo pode ser dito para a oclusiva /d/ em ‘trem-de-ferro’ em (72e) e para a oclusiva /t/ do português nas palavras ‘crente’, em (72d), e ‘Belo Horizonte’ em (72f), em que deveria se encontrar, no Maxakalí, consoantes palatais /ɟ/ e /tʃ/, respectivamente, caso tivessem entrado no Maxakalí após a generalização da regra de palatalização do português. Contudo, nestes casos o valor desta consoante não é relevante para a presente discussão.

¹²⁶ Esta palavra conta com uma variação na adaptação, em que ora há uma realização oral da segunda consoante do *onset* complexo em início de palavra (vista aqui neste exemplo) e ora há uma nasalização desta consoante, como pode ser visto logo a frente, em (72e).

¹²⁷ Esse empréstimo está substituindo o item nativo /katkata/.

¹²⁸ O nome dessa cidade está sujeito a variação na adaptação. Temos registrados em nossos dados as seguintes formas, além de [teãtẽ' ɺẽẽ]: [teãtẽ' ɺẽẽ] com a primeira vogal oral; [teãtã' ɺẽẽ] com a primeira vogal oral e o núcleo da segunda sílaba com [ã] ao invés de [ẽ]; [teãtã' ɺẽẽ] com as duas primeiras vogais orais [a]; e [teãtã' ɺẽẽ], com primeira e segunda vogais nasais [ã].

f. [z, dʒ, ʒ] do português adaptado como [ɖ]

[televi'zõũ]	[tɛɖɛbi'ɖzãβ]	‘televisão’
[belori'zõtɪ]	[bɛɖadi'ɖzũwã]	‘Belo Horizonte’
[fazẽ'derɔ]	[pɔɖzẽ'dɛɔ]	‘fazendeiro’
[de'zẽjɔ]	[ɖɛ'ɖzẽ]	‘desenho’
[kũjadʒĩjɔ]	[kũɲã'ɖzĩ]	‘Cunhadinho (apelido)’
[ʒa'nɛlɔ]	[ɖzã'ɲẽɔ]	‘janela’ ¹²⁹
[ʒũjɔ]	[ɖzũwĩ]	‘junho’

g. [ʒ] do português adaptado como [ɲ]

[aʒu'da]	[ɲũ'da]	‘ajudar’
[fe'ʒõũ]	[pẽ'ɲõũ]	‘feijão’

Depreende-se, a partir dos dados em (72) que não há regras categóricas na adaptação de segmentos vozeados orais do português em empréstimos do Maxakalí, mas tão somente tendências. Em (72a-b) temos que a tendência é de que as labiais permaneçam orais, porém há um caso, inclusive em que a vogal foneticamente nasal do português se desnasaliza (‘vender’, em (72a)). Em (72c), vemos que em contextos orais, o [v] do português pode, por vezes, se debucalizar, sendo adaptado como [h].

Em (72d-e) temos em nossos dados que um [d] fonético do português sempre permanece como tal no Maxakalí. Já [r, l] pode ser adaptado das duas maneiras, ora como uma consoante oral seguida por vogal nasal [ɖĩ], ora como uma consoante nasal seguida por vogal nasal [ɲĩ]. Em *onset*, a fricativa [z] e africada [dʒ] do português, nos dados que obtivemos durante nossa pesquisa, sempre são adaptadas como uma consoante oral [ɖ] no Maxakalí (72f), independentemente do valor de nasalidade da vogal. Já [ʒ] ora é adaptado como oral [ɖ] (72f), ora como nasal [ɲ] (72g), apesar de esta segunda possibilidade ser encontrada com menos frequência em nossos dados.

Há também alguns casos, ainda que menos frequentes, em que a consoante originalmente nasal em português se desnasaliza, seja criando contextos de consoante oral seguida por vogal nasal (73a-b), seja criando contextos de consoante e vogal orais (73c).

¹²⁹ Este é outro empréstimo sujeito a variação na adaptação. Em nossos dados ocorrem, além de [ɖzã'ɲẽɔ], as formas [ɖzĩ'ɲẽɔ], [ɖzi'ɲẽɔ] e [tɛĩ'ɲẽɔ].

- (73) a. [li'mẽũ] [ɖi'bãß] 'limão'
 b. [ɖʒiɔɖʒidu'mĩɣu] [ɖɛɖu'bĩ] 'domingo'
 c. [kõni'veti] [kiɖi'beɔ] 'canivete'¹³⁰

Silva, Nevins e White (no prelo), ao tratarem das adaptações de nasalidade em empréstimos do português no Maxakalí, afirmam que em 76% dos casos há uma concordância de nasalidade ou oralidade nas adaptações, com uma preferência geral da língua em nasalizar segmentos orais do que o inverso. Eles já apontam, e repetimos aqui, que a fonologia nativa licencia padrões de adaptação: o fato de haver encontros de consoante sonora oral em *onset* seguida por vogal nasal em derivações morfofonológicas permitiria este mesmo tipo de estrutura silábica nos empréstimos. O que torna este fato interessante do ponto de vista descritivo-analítico é que, nas palavras vindas do português, essas estruturas não são previsíveis, isto é, há uma tendência de que, quanto maior o número de empréstimos, mais saliente se torne a divisão entre consoantes sonoras orais e nasais, tendo o potencial, assim, de uma fonologização desta distinção. É ainda mais interessante o fato de não ocorrer o inverso, nem na morfofonologia nativa nem nos empréstimos, ou seja, uma consoante nasal em *onset* ser seguida por vogal oral. Esta segunda restrição demonstra e dá ainda mais força ao argumento de que as adaptações de empréstimos necessitam (ao menos em um primeiro momento) de estruturas presentes na fonologia nativa.

3.4 – Considerações sobre o capítulo

Neste capítulo vimos diversos aspectos relacionados à nasalidade no Maxakalí. Num primeiro momento discutimos mais profundamente acerca do estatuto da nasalidade dos segmentos da língua. Em concordância com Wetzels (2009) e Wetzels e Nevins (2018) vimos que há no sistema fonológico da língua consoantes sonoras orais, mas não nasais. Por outro lado, em relação às vogais há tanto orais quanto nasais. Chega-se a esta conclusão a partir do comportamento dos realces fonéticos presentes na língua: por ser uma língua com escape nasal, pode-se argumentar que a nasalidade de consoantes no

¹³⁰ É possível, a partir da maneira como este item foi adaptado no Maxakalí, saber que, primeiro, a vogal inicial é nasalizada (e alçada) no dialeto do português da região, já que esta foi adaptada como uma vogal central alta [i] e não como uma central baixa [a] e, segundo, que o último *onset* da forma fonte não sofreu palatalização, já que este foi adaptado no Maxakalí como uma coda final /t/ e não /c/. O item para 'canivete' tem outras adaptações, menos frequentes que esta do exemplo acima. Na fala de alguns Maxakalí escuta-se as formas [kĩɲi'beɔ], com as duas primeiras sílabas nasais, e [kĩɲi'beɔ], também com as duas primeiras sílabas nasais, mas com uma vogal anterior alta na primeira sílaba.

Maxakalí emerge por motivos articulatórios. Porém, como vimos, o Maxakalí, assim como outras línguas do tronco Macro-Jê, provavelmente tinha outro tipo de realce, a blindagem nasal, e passou, no decorrer de sua história, por uma reanálise.

Vimos também que a harmonia nasal na língua decorre a partir de várias implementações fonológicas. Há uma nasalização de coda final que surge a partir de uma vogal tônica nasal. Um espraimento parecido ocorre com o sufixo CAUS /-a/, o qual concorda em nasalidade com a vogal tônica da base. Esta vogal acentuada, quando nasal, também é responsável por um espraimento iterativo que atinge todos os segmentos sonoros à sua esquerda. No caso do sufixo DIM /-dãk/ sufixado a verbos, este espalhamento do traço [+nasal] é ainda mais amplo, já que ignora segmentos desvozeados em posição de coda silábica, nasalizando-os igualmente. Por fim, há um último tipo de nasalidade, mais restrito, que afeta os segmentos vozeados iniciais. Esta nasalidade afeta vogais iniciais e nasaliza parcialmente os segmentos consonantais sonoros.

Observamos ainda que a consoante velar sonora /g/ conta com um comportamento diferente das demais. Ela não se nasaliza quando seguida por vogal nasal e acreditamos que este fato tem por origem tanto fatores perceptuais quanto articulatórios. Por fim, vimos que fenômenos provenientes da interação entre fonologia e morfologia licenciam novos padrões fonotáticos em adaptações de empréstimos. Por sua vez, estes novos padrões, por serem imprevisíveis, dão origem a uma fonologização de uma distinção que antes estava no nível da fonética. No caso em discussão, um maior contato com o português faz com que a diferença entre consoantes sonoras orais e nasais passe a existir num nível mais abstrato, isto é, fonológico, do Maxakalí. No próximo capítulo continuaremos a discutir aspectos da morfofonologia da língua, com destaque para a morfologia nominal e verbal e a alternância entre formas longas e curtas de palavras destas duas classes.

CAPÍTULO 4 – MORFOFONOLOGIA

Neste capítulo trataremos de aspectos da morfologia nominal e verbal, assim como apresentaremos fatos decorrentes da interação entre morfologia e fonologia. Ribeiro (2006) considera o Maxakalí, assim como diversas outras línguas do tronco Macro-Jê, como uma língua com perfil que tende ao isolante. Veremos que a morfologia flexional e derivacional do Maxakalí é um pouco mais complexa do que o apresentado por Ribeiro (2006): ele afirma haver somente marcadores de pessoa, tanto em verbos quanto em nomes, enquanto nós encontramos em nossos dados outros marcadores flexionais e derivacionais como marcadores de contiguidade, consoante temática, marcadores de modo, causativos e diminutivo. A maioria dos afixos podem ocorrer tanto em nomes quanto em verbos, ainda que por vezes, tenham funções diferentes em um caso ou outro.

Apresentaremos também neste capítulo uma descrição sobre a alternância entre formas longas e curtas em nomes e verbos, já discutidas anteriormente por Pereira (1992), Wetzels e Sluyters (1995), Araújo (2000, 2001) e Campos (2009). Todos estes autores tentam explicar o fenômeno a partir de uma mesma motivação, porém veremos que este não é o caso. Enquanto nomes e verbos no modo *irrealis*, de fato, têm motivação similar para se alongar, os verbos no modo *realis* contam com outra justificativa para o alongamento.

4.1 – Morfologia nominal

Nomes no Maxakalí pertencem a duas grandes classes morfológicas, as quais provém de uma motivação semântica, a saber: há nomes inalienáveis e alienáveis. Campos (2009, p. 68) dá os rótulos de *nomes de posse direta* e *nomes de posse indireta*, respectivamente, argumentando que os rótulos ligados a (in)alienabilidade não são “semanticamente uniforme[s], pois um determinado nome que é inalienável em uma língua não o é em outra”. Ele continua argumentando que em muitas línguas “os morfemas marcadores de posse alienável não ocorrem apenas junto a nomes alienáveis. Alguns nomes alienáveis podem ser diretamente possuídos, como os inalienáveis. Esse fato sugere, por isso, que a oposição alienável/inalienável seja determinada antes por fatores lexicais que semânticos.” (CAMPOS, 2009, p. 68). O que ele quer dizer é que em construções como, por exemplo, ‘o osso do cachorro’ que em português é ambíguo quanto à alienabilidade; o osso pode se referir tanto a uma parte constitutiva do animal quanto a

uma parte de outro animal e que é de posse do cachorro. Porém, no Maxakalí, encontra-se a mesma ambiguidade do português, como pode-se ver em (74) abaixo:

- (74) /kukək kɪp/
cachorro osso

‘osso do cachorro’ (podendo ser tanto um osso que faz parte do corpo do cachorro, quanto um osso de outro animal e que o cachorro possui para roê-lo)

Tendo em vista que no Maxakalí, assim como no português, a distinção entre posse direta e indireta é ambígua, rotularemos as diferentes classes de nomes como inalienáveis e alienáveis. A marcação de posse de nomes será descrita mais detalhadamente nas respectivas subseções e essa diferença será crucial para entendermos o alongamento de formas em nomes, daí a necessidade de marcá-las como duas classes distintas.

4.1.1 – Nomes inalienáveis

Nomes inalienáveis são definidos por Crystal (2008, p. 239) como aqueles em que semanticamente há uma relação de relação permanente ou necessária do referente com o seu possuidor. Algumas línguas, como o Maxakalí, marcam obrigatoriamente essa relação de posse, como veremos logo adiante. Nessa língua, entram na classe de nomes inalienáveis partes de um todo como, por exemplo, partes do corpo (cabeça, mão, pé, etc.) (75a-b), partes de uma planta (galho, tronco, casca, fruta, etc) (75c-d), assim como relações de parentesco (pai, mãe, filho, etc.) (75e-f), referentes que necessitam de outro referente para existir (buraco, líquido, etc.) (75g-h), nominalizações de verbos intransitivos que resultam em nomes inanimados (75i-j), além dos itens lexicais ‘nome’ (75k),¹³¹ ‘piolho’ (75l) e ‘lar’ (75m).

- (78) a. /k=ptuc/ [õũpih'tɔj]
1.SG=cabeça
‘minha cabeça’
- b. /ã-pata/ [ãpɔ'ta]
2-pé
‘seu pé’

¹³¹ O item para ‘nome’ é também uma nominalização, porém sincronicamente o verbo que serviu de base para essa formação não é reconhecido como gramatical pelos falantes.

- c. /ĩ-cac/ [ĩ^h'tɛɔj]
3=casca
'casca de algo', 'pele dele'
- d. /bĩp kip/ [mĩβ̃'kiβ̃]
madeira perna, osso, poste
'tronco da árvore'
- e. /jibĩk tak/ [ɲĩmɔũ'tau]
1.INCL pai
'nosso pai'
- f. /kbĩk=ktuk/¹³² [ɔũmɔũki^h'tɔu]
1.EXCL=filho
'nosso filho', 'nossa filha'
- g. /hãp kuc/ [hãβ̃'koj]
terra buraco
'buraco (na terra)'
- h. /pik hep/ [pəu'hɛβ̃]
abelha líquido
'mel'
- i. /jabĩk cit=ac/ [ɲãmĩj'tɛijə'ʔɔj]
yãmĩy comer.INTR=NMZ
'alimento do *Yãmĩy*'
- j. /ĩ-jĩp=ac/ [ĩɲĩβ̃'ʔɔj]
3-sentar.SG=NMZ
'cadeira (dele)'
- k. /ĩ-ci-cɛt=ac/ [ĩtɛi^htɛɛ'ʔɔj]
3-NCTG-chamar_se=NMZ
'nome (dele)'

¹³² Os índices prefixais de primeira pessoa do plural, tanto inclusivo quanto exclusivo e exemplificados em (75e-f), são passíveis de segmentação interna, as quais serão apresentadas mais à frente. Por ora, simplificamos a sua representação pois essa segmentação interna ainda não é relevante neste momento.

- l. /ĩ=kɪt/ [ĩ'kiɯə]
 3-piolho
 'piolho (dele)'
- m. /ĩ=pɛt/ [ĩ'pɛɔ]
 3-lar
 'lar (dele)',¹³³

A característica morfossintática definidora dos nomes inalienáveis no Maxakalí é que, como dito anteriormente, a posse deve ser obrigatoriamente indicada, seja por índices de marcação de pessoa, seja por sintagmas nominais. Em (76) abaixo, apresentamos a estrutura com os morfemas passíveis de ocorrer num nome inalienável. Os constituintes em parênteses não são obrigatórios.

(76)

(índice de pessoa)-(REL)-(TH)-raiz₁+(raiz₂)+(raiz_n)-(DIM)=(NMZ)=(ATTR)=(CLIT)

O nome inalienável no Maxakalí tem como único elemento obrigatório, como pode ser visto no esquema acima, a raiz. Ela comumente é precedida por um índice marcador de pessoa, o qual, como veremos, pode ser um prefixo ou um clítico. Esse índice não ocorre quando o possuidor é indicado por um sintagma nominal. Os prefixos relacionais de contiguidade (REL), apesar de serem característicos das raízes verbais, permanecem nas nominalizações derivadas dessas e serão vistas com mais detalhes na seção sobre a morfologia verbal. A consoante temática (TH) ocorre em uma classe fechada de nomes. Os prefixos de nomes inalienáveis estão, portanto, na esfera da morfologia flexional nominal.

Há a possibilidade da ocorrência de duas (ou mais) raízes em compostos, estratégia a qual é a mais utilizada na formação de novas palavras. Nomes inalienáveis podem ser produzidos a partir nominalizações verbais a partir de um clítico nominalizador. Verbos descritivos com função atributiva (ATTR) seguem o nominalizador e serão descritos na Seção 4.2 sobre morfologia verbal. Por fim, uma série de clíticos (CLIT)

¹³³ Esse item lexical tem o significado de 'lar', ou seja, refere-se à noção abstrata de um local onde uma pessoa mora. Ou seja, uma pessoa pode ter seu /-pɛt/ 'lar' numa casa, no mato, numa caverna, etc. A palavra para 'casa', se referindo à construção, é /bĩp-tit/ madeira-mãe. /-pɛt/ também aparece em compostos indicando local, como por exemplo em /tappɛt-pɛt/ papel-lar > 'escola', /dutut-pɛt/ doutor-lar > 'hospital, enfermária', /caktaka-pɛt/ aranha-lar > teia, /icũk-pɛt/ pássaro-lar > ninho (de pássaro), dentre outros.

podem ocorrer ao fim do nome. Vejamos a seguir os detalhes de cada um dos morfemas constituintes dos nomes inalienáveis no Maxakalí.

4.1.1.1 – Índices de pessoa

Os índices de pessoa são morfemas que, nos nomes inalienáveis, indicarão o possuidor do referente ligado à raiz. Entendemos por índices os marcadores de pessoa que não podem ser classificados como pronomes livres por ocorrerem sempre presos a outro tema, sendo utilizados para codificar os argumentos de nomes inalienáveis e de verbos (HASPELMATH, 2013). Campos (2009) chama estes morfemas de *marca de pessoa* e não discute o estatuto morfológico destes, enquanto Silva e Nikulin (no prelo) demonstram que estes índices podem ser prefixos ou proclíticos, a depender de seu comportamento morfossintático. Os argumentos fornecidos por esses autores se dão a partir da morfologia verbal, a qual conta com esta mesma classe de morfemas para indicar os argumentos internos do verbo, e, por isso, retomaremos ela na Seção 4.2, referente à morfologia verbal. Porém, adiantaremos e apresentaremos os índices abaixo, no Quadro 4.1:

QUADRO 4.1 – Índices de pessoa no Maxakalí

Pessoa	Índice
1.SG	/=k/
1.INCL	/jibĩk/
2.EXCL	/=k=bĩk/
2	/ã-/ , /Ø-/
2.PL	/ã-cup/
3	/ĩ-/ , /Ø-/

Os índices de pessoa, como demonstrado em (76) e exemplificado fartamente em (75), são sempre prepostos à raiz nominal. Os morfemas indicativos de 2ª e 3ª pessoas, /ã-/ e /ĩ-/ , respectivamente, são prefixos, enquanto os índices de 1ª pessoa singular /=k/ e plural exclusivo /=k=bĩk/ são clíticos. O índice de 1ª pessoa plural inclusivo /jibĩk/, por sua vez, se comporta como um nome.¹³⁴ A princípio, a 2ª pessoa não faz distinção de

¹³⁴ Há no Maxakalí, como veremos em 4.1.1.6, um clítico pluralizador /=bĩk/ de nomes animados ainda produtivo. O índice de 1.EXCL é claramente composto pelo clítico de primeira pessoa seguido por esse clítico pluralizador. Já no caso de 1.INCL, é possível também retomar o clítico pluralizador, porém não nos

número. Colocamos no quadro anterior, contudo, um marcador de 2ª pessoa do plural que é utilizado na desambiguação e que tem se tornado cada vez mais frequente na língua: /ã-cup/ ‘2-ASSOC’. Este índice se comporta de maneira semelhante a 1.INCL.

A marcação de 3ª pessoa, assim como a 2ª pessoa, não faz distinção de número, porém é possível utilizar o marcador /ĩ-cuhi/ ‘3-muito’ para a indicação do plural. Este item é tratado como uma marca de pessoa por Campos (2009), mas é utilizado somente em casos em que é necessário se especificar a pluralidade do referente (em casos de ambiguidade por exemplo), sendo um recurso usado bem menos frequentemente do que aquele referente à segunda pessoa.

O alofone /Ø-/ de segunda pessoa ocorre em uma classe fechada de nomes que contam com a consoante temática e será explicado mais detalhadamente na Seção 4.1.1.3. Já o marcador /Ø-/ de terceira pessoa ocorre quando o possuidor do referente é realizado como um outro sintagma nominal, como exemplificado anteriormente em (75g-i).

4.1.1.2 – Prefixo relacional de contiguidade

Há no Maxakalí um par de prefixos relacionais de contiguidade que ocorrem obrigatoriamente em uma classe restrita de verbos. Quando estes verbos são nominalizados, os prefixos permanecem no nome que surge do processo de nominalização. O prefixo /ã-/ indica a contiguidade (CTG) do argumento interno à esquerda do constituinte e o prefixo /ci-/ indica a não-contiguidade (NCTG). Os exemplos em (77) abaixo ilustram nominalizações que surgem a partir de verbos com esses prefixos.

- (77) a. /hãp=ã-ci-dã=ac/ [hãβʔãteĩṇã'ʔaj]
 coisa=CTG-frio-CAUS=NMZ¹³⁵
 ‘geladeira’¹³⁶

é possível recuperar a origem da base hipotética */ji-/. Em se considerando o comportamento deste índice, é provável que essa base tenha sido um nome que passou por um processo de gramaticalização.

¹³⁵ O morfema /hãp/ no Maxakalí tem pelo menos cinco significados, os quais não sabemos se são relacionados etimologicamente. Ele pode ser um nome alienável significando ‘terra’; pode ter o significado de ‘tempo’; pode ser um verbo intransitivo significando ‘trabalhar’; pode ter a função de nominalizador, e neste caso aparece como /ãp/, sem o *onset* glotal, em construções mais antigas como /ãp-bik/ ‘comida’ (< /bik/ ‘cozinhar’); e, finalmente, com o significado de ‘coisa’ como no exemplo acima. A estes dois últimos usos, Nikulin e Silva (no prelo) dão o rótulo de ‘argumento genérico’.

¹³⁶ O termo nativo para ‘geladeira’ é encontrado, hoje, somente na fala dos mais velhos. Os mais novos utilizam o empréstimo do português /ʒedade/ [dʒɛdaˈdɛɔ].

- b. /ĩ-ci-cet=ac/ [ĩteĩ^hteεə'ʔaj]
 3-NCTG-chamar_se=NMZ
 ‘nome (dele)’

Os prefixos relacionais serão apresentados mais profundamente na seção sobre morfologia verbal, já que estão ligados intimamente à classe de verbos. Como veremos mais adiante, na mesma seção, esses prefixos são essenciais para o entendimento do estatuto dos índices de pessoa como prefixos ou clíticos.

4.1.1.3 – Consoante temática

A consoante temática (TH) ocorre em uma classe fechada de nomes inalienáveis no Maxakalí referentes, em sua maioria, a partes do corpo e a nominalizações de verbos que também contam com essa consoante. Do ponto de vista histórico-comparativo, diversos trabalhos tratam dos cognatos desse morfema, dos quais destaco aqui Rodrigues (2009, 2012) e Salanova (2011). Rodrigues (2009, 2012), que chama essa consoante temática de prefixo relacional de contiguidade (a qual não tem relação histórica com aqueles prefixos descritos na subseção anterior), argumenta que ela é um dos principais indicativos não somente da relação entre diversas línguas do tronco Macro-Jê, como também deste tronco com o tronco Tupí e com a família Karíb, já que línguas destes dois filos também têm classes de palavras com prefixos similares, tanto em forma quanto em função.

Rodrigues (2009) divide os relacionais nos três agrupamentos linguísticos (Macro-Jê, Tupí e Karíb) *grosso modo* em duas classes, a saber: Classe A em que a base se inicia por vogal e Classe B em que a base se inicia por consoante. Nas diversas línguas em que os marcadores de contiguidade ocorrem, cada uma dessas classes teria um alomorfe caso o núcleo do sintagma esteja adjacente à esquerda ou não. Em seu trabalho de 2012, ele chama a Classe A de Classe II e a Classe B de Classe I. Para ele (RODRIGUES, 2012, p. 273) o Maxakalí teria fundido as duas classes em uma, na qual o reflexo seria os alofones dos índices de terceira pessoa /i-/ e /Ø-/. Ainda que muitas vezes esses alofones se correlacionem com a contiguidade ou não do constituinte à esquerda, eles não são de fato marcadores de contiguidade. Isto se torna mais claro no caso da prefixação em verbos, como será apresentado na Seção 4.2. Salanova (2011), por sua vez, faz uma análise para línguas Jê em que os ditos prefixos relacionais são

resultantes da “interação entre os prefixos de pessoa e [d]as regras fonológicas” sendo que “isolá-los como categoria é um equívoco” (SALANOVA, 2011, p. 112).

Demonstraremos a seguir que Rodrigues, talvez pela escassez de dados mais detalhados, não percebeu que o cognato, no Maxakalí, dos prefixos de contiguidade é uma consoante /j-/ em contextos nasais e /c-/ em contextos orais. A primeira ainda pode ser analisada na sincronia da língua como um morfema separado. Já a segunda se fundiu às bases, se tornando opaca do ponto de vista sincrônico. Por não se tratar, no estágio atual da língua, de um prefixo de contiguidade, chamaremos este morfema /j-/ de uma consoante temática. Esta consoante tem, hoje, apenas a função de indicar uma classe fechada de nomes inalienáveis e verbos que têm suas raízes iniciadas por uma vogal nasal. Temos no Quadro 4.2 abaixo dois paradigmas de nomes inalienáveis com a consoante temática:

QUADRO 4.2 – Paradigma de nomes inalienáveis com a consoante temática

	/-ĩp/ ‘braço’	/-ũktat/ ‘seio’
1.SG	/k=j-ĩp/ [ẽũ' nĩβ̃] ‘meu braço’	/k=j-ũktat/ [ẽũ'nõũ' ɬaɔ̃] ‘meu seio’
1.INCL	/jibĩk+j-ĩp/ [nĩmẽũ' nĩβ̃] ‘nossos braços’	/jibĩk+j-ũktat/ [nĩmẽũ'nõũ' ɬaɔ̃] ‘nossos seios’
1.EXCL	/k-bĩk=j-ĩp/ [ẽũ'mẽũ' nĩβ̃] ‘nossos braços’	/k-bĩk=j-ũktat/ [ẽũ'mẽũ'nõũ' ɬaɔ̃] ‘nossos seios’
2	/ã-j-ĩp/ [ã' nĩβ̃] ‘seu braço’	/ã-j-ũktat/ ~ /Ø-Ø-ũktat/ [ã'nõũ' ɬaɔ̃] ~ [õũ' ɬaɔ̃] ‘seu seio’
3	/ĩ-j-ĩp/ [ĩ' nĩβ̃] ‘seu braço’	/ĩ-j-ũktat/ [ĩ'nõũ' ɬaɔ̃] ‘seu seio’
N	/tik+Ø-j-ĩp/ [tɰj' nĩβ̃] ‘braço do homem’	/ĩk+Ø-j-ũktat/ [ĩũ'ã'nõũ' ɬaɔ̃] ‘seio da mulher’

Percebe-se a partir dos dados do Quadro 4.2 que a consoante temática é realizada foneticamente como [ɲ] pois se encontra em posição de *onset* seguida por vogal nasal. Ela se encontra entre os índices de pessoa e a base em todos os casos. É de interesse maior,

porém, o caso da segunda pessoa: no exemplo da segunda coluna, a consoante temática se comporta como as demais, mas naquele da terceira coluna há uma variação entre a realização tanto do índice de pessoa quanto da consoante e uma realização /Ø-/ de ambos prefixos. A segunda forma, com realização fonética apenas da base, é a mais antiga, como demonstrado por Nikulin e Silva (no prelo) podendo ser reconstruída para o Proto-Macro-Jê. Por outro lado, a primeira forma, com a realização fonética de ambos prefixos (índice de pessoa e consoante temática) parece ser inovadora e surge a partir do nivelamento desta forma. Isto é, ela emerge por analogia com as demais construções do paradigma.

Pode-se perguntar, porém, porque a raiz /-ũktat/ ‘seio’ é passível de ter a realização zero do índice de pessoa e da consoante temática e a raiz /-ĩp/ ‘braço’ conta somente com uma forma com a realização explícita dos prefixos. A resposta está no tamanho mínimo da palavra no Maxakalí. Como veremos mais detidamente na Seção 4.1.3, a palavra deve ter pelo menos duas sílabas para a boa formação do pé iâmbico. Caso a raiz para ‘braço’ (e qualquer outra subjacentemente monossilábica) não tivesse a realização dos prefixos, seria esperado uma palavra foneticamente monossilábica *[ˈĩβ̃], o que não é permitido na língua. Note que em nomes inalienáveis compostos que têm como primeiro elemento a raiz para ‘braço’, como por exemplo /-ĩp-ktuk/ ‘dedo’, a segunda pessoa pode ser realizada com ou sem os prefixos, seguindo o mesmo paradigma de /-ũktat/ ‘seio’. Por outro lado, uma raiz monossilábica como /-ĩt/ ‘carne’, segue o mesmo paradigma de /-ĩp/ ‘braço’, não podendo ocorrer sem a consoante temática.

Em contextos orais, a consoante temática etimológica se fundiu à base. Pode-se dizer, portanto, que na atual sincronia da língua, a consoante /c-/ faz parte da raiz, como em /-catakuc/ ‘céu da boca, palato’ que provém do Proto-Maxakalí-Krenák **j-oTo-kuñ* ‘boca’ (TH-boca-buraco) (NIKULIN e SILVA, no prelo). Um indicativo dessa opacidade é o fato de que no paradigma deste nome ser possível somente a realização com o prefixo de segunda pessoa /ã-catakuc/ [ãt̪aʈaˈkuwɨj] ‘seu palato’, sendo a forma sem os prefixos etimológicos, isto é **/Ø-Ø-atakuc/* **[aʈaˈkuwɨj]*, agramatical.

4.1.1.4 – Raiz

A raiz, como exposto no exemplo (76) é o único morfema obrigatório a ocorrer nos nomes inalienáveis, ainda que seja muito comum que estes venham juntos com um índice de pessoa. As raízes de nomes inalienáveis, em geral são monossilábicas como em /-ĩp/ ‘braço’, /-ptuc/ ‘cabeça’, /-tĩt/ ‘mãe’, /-kuc/ ‘buraco’, /-kit/ ‘piolho’ dentre vários

outros exemplos possíveis. Raízes com mais de uma sílaba em nomes inalienáveis são menos frequentes e, em muitos casos, eles provêm de compostos que se tornaram opacos. Isto é, na sincronia atual da língua estes nomes não podem mais ser analisados como composições. Exemplos já foram citados anteriormente, como /-catakuc/ ‘céu da boca, palato’ e /-ũktat/ ‘seio’, assim como /-cipip/ ‘nariz’ (NIKULIN e SILVA, no prelo). Há pelo menos dois nomes inalienáveis que são dissilábicos e que têm origem em proto-formas também dissilábicas monomorfêmicas: /-pata/ ‘pé’ e /-j-ũccũk/ ‘língua’.¹³⁷

Por outro lado, ainda há diversos nomes inalienáveis que podem ter sua composicionalidade recuperada, seja totalmente, seja parcialmente. Apresentamos alguns exemplos abaixo:

- (78)
- | | | |
|-----------------|----------------------|--|
| a. /-j-ĩp-ktuk/ | TH-braço-filho | ‘dedo da mão (exceto o polegar)’ |
| b. /-j-ĩp-tit/ | TH-braço-mãe | ‘polegar da mão’ |
| c. /-j-ĩp-kuc/ | TH-braço-buraco | ‘orelha’ |
| d. /-ta-kuc/ | nádega-buraco | ‘ânus’ |
| e. /-pa-kucik/ | rosto-imagem | ‘olho’ ¹³⁸ |
| f. /-bãk-kuc/ | intestino-buraco | ‘umbigo’ |
| g. /-tak-nũc/ | pai-outro | ‘irmão (de ego masculino), tio paterno (de ego masculino)’ |
| h. /-tit-nũc/ | mãe-outro | ‘irmã (de ego feminino), tia materna (de ego feminino)’ |
| i. /-tik-tak/ | ?homem-pai | ‘primo (de ego masculino)’ |
| j. /-tik-tit/ | ?homem-mãe | ‘prima (de ego feminino)’ |
| k. /-ktu-ã-jã/ | filho-???-sogro, avô | ‘cunhado (de ego masculino)’ |
| l. /-ktu-ã-kic/ | filho-???-sogra, avó | ‘cunhada (de ego feminino)’ |

Os exemplos em (78a-h) se referem a nomes inalienáveis formados a partir de compostos em que é ainda possível depreender todos os elementos que os compõem. Já (78i-l) trazem exemplos de compostos em que é possível analisar apenas parcialmente os

¹³⁷ Indicamos no segundo exemplo a consoante temática apenas para que fique claro que este item pertence à classe restrita de nomes iniciados por vogal nasal e que contam com esse prefixo no seu paradigma. Para maiores detalhes sobre esse étimo, ver a nota 65 na Seção 2.3.2.

¹³⁸ É comum se referir ao ‘olho’ somente como /-pa/, porém o falante ache necessário especificar que está se referindo ao ‘olho’ e não ao ‘rosto’, utiliza-se o composto do exemplo. /kucik/ por sua vez pode ter diversos significados, todos relacionados: ‘imagem’, ‘sombra’, ‘alma (de seres que ainda estão vivos)’, ‘fotografia’. É provável cognato do Krenák /kumjək/ ‘sangue’.

seus morfemas, estando esses nomes provavelmente em processo de opacização. Um argumento a favor disso é o fato de que, foneticamente, é comum, principalmente na fala dos mais jovens, a queda da primeira consoante do *onset* complexo inicial dos exemplos em (78k-l). Esta variação ocorre quando esses exemplos são usados no vocativo, podendo (78k) ser escutado tanto como a forma conservadora [kɪ̥ʈuʔã'nã], quanto como a forma inovadora [ʈuʔã'nã] (o mesmo vale para (78l)).

Por fim, há um processo que ocorre em compostos no Maxakalí, mas que não é mais produtivo na língua. Nikulin e Silva (no prelo) descrevem brevemente esse fato como “alguns morfemas monossilábicos com uma vogal alta preenchendo o núcleo [do composto] [...] que perdem sua consoante em coda [...]”. Exemplificamos alguns desses apagamentos de coda em (79) abaixo:

- (79) a. /-j-ĩ-kuc/ ← /-j-ĩk/ ‘falar’ - /-kuc/ ‘buraco’ ‘boca’
 b. /-j-ĩ-dit/ ← /-j-ĩk/ ‘falar’ - /-dit/ ‘flor’ ‘barba, bigode’

Apesar dos poucos exemplos em nomes inalienáveis, veremos na Seção 4.1.2 que esse apagamento de coda em compostos também pode ser encontrado em nomes alienáveis.

4.1.1.5 – Diminutivo

O diminutivo (DIM) é indicado pelo sufixo /-dãk/, como descrito anteriormente por Campos (2009a). Vimos na Seção 3.3.1 que nomes sufixados com DIM não contam com o espraçamento da nasalidade para base. Repetimos o exemplo em (67e) como (80) abaixo:

- (80) /-cɛ/ [ˈtɛɛʔ] ‘cabelo’
 /-cɛ-dãk/ [ˈtɛɛ^hṽãũɔ] ‘cabelinho’

Vê-se que o nome inalienável /-cɛ/ quando sufixado com DIM conta com uma pré-aspiração antes do sufixo, indicando que **não** há a nasalidade na base. Para mais detalhes sobre o sufixo diminutivo, ver a Seção 3.3.1.

4.1.1.6 – Nominalizador enclítico

Verbos intransitivos podem ser transformados em nomes inalienáveis inanimados através do clítico /=ac/ (CAMPOS, 2009a), como exemplificado em (81):

(81)	a. /-ci-cet=ac/	NCTG-chamar_se=NMZ	‘nome’
	b. /-jĩp=ac/	sentar.SG=NMZ	‘cadeira’ ¹³⁹
	c. /-cit=ac/	comer.INTR=NMZ	‘alimento’
	d. /-ka=ac/	?acabar-NMZ	‘fim’

Essas construções são, a princípio, ambíguas, à exceção de (81a), pois o marcador de futuro em verbos também é um clítico /=ac/ (ver Seção 4.2). Logo, é o contexto que vai dizer se se trata de uma nominalização ou de um verbo no tempo futuro. (81a) não é ambíguo apenas pelo fato de que a base /REL-cet/ não é mais produtiva, ocorrendo somente nessa nominalização.

Existe a possibilidade de que (81d) seja uma nominalização irregular, surgida a partir do verbo intransitivo /-kic/ ‘acabar’, porém achamos pouco provável a veracidade desta hipótese. Primeiramente, não sabemos de nenhum outro caso de alofonia no Maxakalí em que haja, não somente a queda da coda da raiz, mas também um abaixamento de vogal central alta /i/ para baixa /a/. Além disso, exclui-se a possibilidade de harmonia vocálica, pois este seria o único caso encontrado na língua. Faz-se necessário, portanto, descobrir se há (ou se houve no passado) uma raiz verbal /ka/.

4.1.1.6 – Outros enclíticos

Finalizando a estrutura morfológica da classe de nomes inalienáveis em Maxakalí, apresentamos três enclíticos encontrados em nossos dados. No entanto, não excluimos a possibilidade de haver mais enclíticos. Eles têm funções variadas e serão apresentados a seguir.

4.1.1.6.1 - Pluralizador

Há no Maxakalí, além de um pluralizador associativo (ASSOC) altamente produtivo /-cup/, o qual é provavelmente um verbo descritivo,¹⁴⁰ um clítico pluralizador aditivo (PL) /=bĩk/ (foneticamente [mõũ]). Ambos têm por restrição se ligar a bases com referente que tem o traço [+animado]. Nevins e Silva (no prelo) não reconhecem este segundo morfema, já que dizem que não há plural aditivo no Maxakalí. Porém, o dado em (82) é esclarecedor quanto à sua existência:

¹³⁹ Também há um empréstimo do português com mesmo significado: /kadet/ [ka'dɛt] < *cadeira*.

¹⁴⁰ O argumento que embasa tal afirmação será fornecido na Seção 4.1.2.

- (82) /tik=bĩk bũ-k/
homem-PL ir-REAL
‘Os homens foram’ / *‘O homem foi’

O estatuto de clítico de PL pode ser definido a partir do exemplo em (83):

- (83) /pajɛ cup=bĩk bũ-k pa-jã=k cip/
pajé ASSOC=PL ir-REAL mas-ENF=1 estar_de_pé.SG
‘Os pajés foram, mas eu fiquei’

O fato de /-cup/ ‘ASSOC’ ser um verbo descritivo com função atributiva e /bĩk/ vir posposto a este verbo, apesar de fazer referência ao nome, indica que este segundo morfema é um clítico. As composições em (84) também reforçam a hipótese de que /bĩk/ não é um sufixo ou um verbo:

- (84) a. /tik=bĩ=ĩt/ homem=PL=mulher ‘povo Maxakalí’
b. /bĩ=tik/ PL=?dois ‘COM’

A queda da coda em compostos, já descrita no fim da Seção 4.1.1.4, ocorre majoritariamente em nomes, mas nunca em verbos.¹⁴¹ Pronomes demonstrativos também contam com a queda de coda final quando presentes em compostos, como pode ser visto no Quadro 4.3:

QUADRO 4.3 – Alguns pronomes dêiticos do Maxakalí

Demonstrativo	LOC /-tɛ/	ALL /-ha/	APUD /-pɛ/
proximal /dĩ/	/dĩ-tɛ/	/dĩ-ha/	/dĩ-pɛ/
‘este, isto’	‘aqui’	‘para aqui’	‘para este lado, neste lado’
medial /dũp/	/dũ-tɛ/	/dũ-ha/	/dũ-pɛ/
‘esse, isso’	‘aí’	‘para aí’	‘para esse lado, nesse lado’
distal /ũp/	/ũ-tɛ/	/ũ-ha/	/ũ-pɛ/
‘aquele, aquilo’	‘lá’	‘para lá’	‘para aquele lado, naquele lado’

¹⁴¹ Há a queda de coda final em alguns verbos, mas a motivação é outra: nessa classe a presença ou ausência de coda serve para indicar a distinção entre os modos *realis* e *irrealis*. Isto será devidamente descrito na Seção 4.2.

Os demonstrativos servem como base para os pronomes locativos no Maxakalí, como pode ser depreendido do quadro anterior. O pronome proximal não conta com uma coda, porém os pronomes medial e distal sim. Quando das composições com posposições para a formação de dêiticos locativo,¹⁴² alativo (para, em direção a) e apudessivo (ao lado de, para o lado de), a coda final desses dois pronomes sofre queda.

Um último argumento a favor de um estatuto morfológico diferenciado entre /-cup/ e /-bĩk/, pode ser visto também na queda da coda final do clítico pluralizador nos pronomes pessoais oblíquos de primeira pessoa. Os pronomes oblíquos no Maxakalí ocorrem juntamente a maior parte das posposições (a exceção sendo a posposição genitiva) e, quando ausente a posposição, indicam o caso dativo. No caso de 1.INCL e 1.EXCL, os oblíquos são formados a partir dos índices de pessoa: há a queda da coda final e a sufixação de um morfema /-ã/, resultando respectivamente em /jĩbĩ-ã/ e /k=bĩ-ã/. Retomaremos, como dito anteriormente, a discussão sobre a questão do estatuto morfológico dos índices de pessoa na Seção 4.2.

4.1.1.6.2 – Restritivo

Os nomes no Maxakalí podem contar com um clítico restritivo (REST) /bĩt/ (foneticamente [mĩũĩã]), como pode ser visto em (85):

- (85) /k=pata=bĩt ciĩk/
 1.SG=pé=REST doer
 ‘Somente meu pé dói’

O restritivo também tem a função de formar os pronomes pessoais disjuntivos, ou seja, quando é necessário indicar os pronomes em isolamento.

¹⁴² Nikulin e Silva (no prelo) demonstram que esse morfema locativo do Maxakalí, não mais produtivo, tem origem diferente da posposição ergativa homófona /tɛ/: enquanto o formativo LOC tem origem no Proto-Maxakalí-Krenák *re, a posposição ERG tem sua origem na forma *tê, na mesma proto-língua.

QUADRO 4.4 – Pronomes pessoais disjuntivos

	Índice de pessoa	Pronome disjuntivo
1.SG	/=k/	/k=bĩt/ [ɛũ'mĩũĩɔ̃] 'eu'
1.INCL	/jibĩk/	/jibĩk=bĩt/ [ɲĩmũũ'mĩũĩɔ̃] 'nós' (incluindo o ouvinte)
1.EXCL	/=k=bĩk/	/k=bĩk=bĩt/ [ɛũmũũ'mĩũĩɔ̃] 'nós' (excluindo o ouvinte)
2	/ã-/	/ã-bĩt/ [ã'mĩũĩɔ̃] 'você'
3	/ĩ-/ , /Ø-/	/ha=bĩt/ [ha'mĩũĩɔ̃] 'ele(s), ela(s)'

As formas disjuntivas são muito utilizadas em respostas a perguntas que perguntam que fez algo, como em (86):

- (86) /ptɛ=p¹⁴³ j-ĩk?/ /k=bĩt | ã-tak/
 WH=INDF TH-falar? 1.SG=REST | 2-pai
 'Quem está falando?' 'Eu, seu pai'

Como se pode depreender a partir do Quadro 4.4, a forma disjuntiva de terceira pessoa é irregular, por não utilizar os índices de pessoa convencionais /ĩ-/ , /Ø-/ , mas um formativo /ha/.

4.1.1.6.3 - Privativo

A ideia de privativo (PRIV) pode ser expressa por um verbo descritivo /-huk/, o qual assim como o ASSOC /-cup/ terá seu estatuto verbal demonstrado na Seção 4.1.2.4, e um clítico /=uk-dãk/ (foneticamente [ʔouɥ'ɲãũĩ]). Ele provavelmente está relacionado à /-huk/ e/ou à partícula interrogativa (INT) /uk/, mas no nosso atual estágio de

¹⁴³ O pronome interrogativo 'quem, o quê' tem originalmente uma forma subjacente /ptɛ/ e frequentemente é seguido pelo indefinido /=p/. Porém, como poderá ser visto no exemplo (91) mais adiante, é cada vez mais comum a redução do *onset* complexo, com a queda da primeira consoante. Dada essas variações (redução do *onset* e a possibilidade da ocorrência de INDF), escuta-se uma variedade de realizações desse interrogativo como [pi'tɛ], com vogal epentética para desfazer o *onset* complexo e sem INDF; [pi'tɛβ] com vogal epentética para desfazer o *onset* complexo e com INDF; [tɛβ] com simplificação do *onset* complexo e com INDF, [tɛ'ʔĩβ] com simplificação do *onset* complexo e com vogal epentética precedendo INDF, dando destaque para o segundo morfema; dentre as diversas combinações possíveis.

conhecimento da língua podemos somente hipotetizar essa relação. Campos (2009, p. 135-136) descreve /=uk-dāk/ como um nominalizador negativo, em outras palavras, um privativo. Apesar de, em nossos dados, ocorrer na grande maioria das vezes após verbos, esse clítico também ocorre após nomes alienáveis, mas não após nomes inalienáveis. Por outro lado, dos três exemplos dados por Campos (2009), um deles se trata de um nome inalienável. Como não temos dados de nome inalienável seguido pelo clítico /=uk-dāk/, apresentaremos o dado presente em Campos (2009, p. 135), devidamente adaptado à nossa análise morfofonológica:

- (87) /kakcup+pata-cac=ukdāk/
 criança+pé-casca=PRIV
 ‘menino sem sapato’

(adaptado de CAMPOS, 2009, p. 135.)

Creemos que /=uk-dāk/ seja um clítico, pois é provável que historicamente ele seja composto por um morfema /uk/, que como dito no parágrafo anterior, deve ser relacionado a /-huk/ ‘NEG, PROH’ ou a /uk/ ‘INT’, e o sufixo diminutivo /-dāk/. Por a nasalidade de DIM não se espalhar para a base, cremos que este elemento não pode ser analisado como um verbo descritivo.

4.1.2 – Nomes alienáveis

Crystal (2008, p. 19) define alienabilidade como uma relação de posse em que um dado referente é possuído temporariamente ou não possuindo uma relação essencial com o possuidor. No Maxakalí, a mediação da posse de nomes alienáveis se dá, não pela prefixação/proclitização obrigatória de índices de pessoa, nem pela presença de um sintagma nominal que indique o possuidor, mas pela presença de uma posposição genitiva irregular /-j-ũk/, a qual sucede o possuidor e que se faz necessária somente nas construções de posse. O Quadro 4.5 mostra o paradigma dessa posposição:

QUADRO 4.5 – Paradigma da posposição genitiva e do pronome possessivo disjuntivo

	Posposição	Pronome possessivo disjuntivo
1.SG	/Ø-J-ũk/ [ɲõũ] 'meu'	/Ø-J-ũk-dĩ/ [ɲõũ'ɲĩ] 'o meu'
1.INCL	/ɲibĩk+J-ũk/ [ɲĩmẽũɲõũ] 'nosso'	/ɲibĩk+J-ũk-dĩ/ [ɲĩmẽũɲõũ'ɲĩ] 'o nosso'
1.EXCL	/=k=bĩk=J-ũk/ [ẽũmẽũɲõũ] 'nosso'	/=k=bĩk=J-ũk-dĩ/ [ẽũmẽũɲõũ'ɲĩ] 'o nosso'
2	/Ø-Ø-ũk/ [õũ] 'seu'	/Ø-Ø-ũk-dĩ/ [õũ'ɲĩ] 'o seu'
3	/ĩ-J-ũk/ [ĩɲõũ] 'dele'	/ĩ-J-ũk-dĩ/ [ĩɲõũ'ɲĩ] 'o dele'
N	/tik+Ø-J-ũk/ 'do homem'	—

A posposição genitiva assim como os nomes inalienáveis apresentados na Seção 4.1.1.3, conta com uma consoante temática prefixal /J-/, como pode ser visto no quadro acima. Esta posposição conta com cognatos no Krenák e na família Jê Setentrional, podendo ser reconstruído para o Proto-Macro-Jê (NIKULIN e SILVA, no prelo). Ela é irregular, pois não há a presença do índice de pessoa /=k/ na primeira pessoa do singular. Apesar de monossilábica, a forma na segunda pessoa ocorre sem o índice de pessoa /ã-/ e sem a consoante temática, indicando, deste modo, que ela forma um constituinte juntamente com o nome que a precede. Portanto, a forma resultante (Nome + GEN) tem, no mínimo, duas sílabas.

O pronome possessivo disjuntivo, também apresentado no Quadro 4.5, é usado em isolamento ou para retomar algum nome já dito no discurso, indicando o possuidor desse nome. Ele é formado a partir da posposição genitiva, a qual recebe um sufixo /-dĩ/. Não sabemos se este sufixo possui relação com o pronome demonstrativo proximal homófono /dĩ/ 'este, isto'. O exemplo em (88) abaixo foi dito por uma falante do sexo

feminino, com cerca de 40 anos à época.¹⁴⁴ Ela estava nervosa pois não encontrava seu celular e acreditava que alguma das crianças da casa poderia tê-lo pegado. Ela então, em tom de reprimenda, pergunta para as crianças:

- (88) /cɛduda | tɛ=p=tɛ paha Ø-J-ũk-dĩ?/
 celular | quem=INDF=ERG pegar.SG.INAN.FL 1.SG-TH-GEN-DISJ?
 ‘Quem pegou meu celular?’ (lit.: ‘O celular, quem pegou o meu?’)

Em (88), a forma disjuntiva do possessivo retoma o tópico da sentença ‘celular’. Como o possessivo aparece como único constituinte do sintagma, a forma disjuntiva deve ser utilizada. Caso ‘celular’ não tivesse sido topicalizado, esperaríamos uma construção como /Ø-J-ũk+cɛduda/ ‘meu celular’.

Voltando para a discussão sobre os nomes alienáveis, estes abarcam nocionalmente objetos (89a-b), animais (89c-d), plantas (89e-f), elementos da natureza (89g-j), nominalizações de verbos (89k-l), construções e espaços (89m-n) e antropônimos e topônimos (89o-p), além de qualquer outro nome que não seja obrigatoriamente possuído.

- (89) a. /tit/ [ˈtʰiɰə] ~ [tʰiˈhɰə]
 bolsa FC ~ FL
 ‘bolsa’
 b. /dãp-tit/ [ɲãβˈtʰiɰə]
 arco-mãe
 ‘arco’
 c. /kukek/ [kuˈkæj]
 cachorro
 ‘cachorro’
 d. /cidĩp/ [tɛĩˈɲĩβ]
 morcego
 ‘morcego’

¹⁴⁴ Infelizmente, não possuo a gravação de tal fala. Como estava presente no momento da cena, pude escutar a construção, mas obviamente, por se tratar de uma situação espontânea e não-planejada, não consegui gravá-la.

e. /ktet/	[kɪ ^h 'tɛɔ̌] ~ [kɪ ^h 'tɛ'fɛɔ̌]
bambu	FC ~ FL
‘bambu’	
f. /cɪi/	[tɛɪ'i]
palha	
‘capim, palha’	
g. /tɛk/	['tɛj] ~ [tɛ'fɛj]
chuva	FC ~ FL
‘chuva’	
h. /baɣũt/	[mã'ɲũwẽ]
astro	
‘sol, astro’	
i. /kudãk/	[kũ'ɲãũ] ~ [kũɲã'ʔãũ]
água	FC ~ FL
‘água, rio’	
j. /bĩ-kac-cap/	[mĩkɑ:'tɛaβ]
?madeira-???-semente	
‘pedra’	
k. /hãp=ã-ktic/	[hãβʔãũ'tɪuɾj]
NMZ=CTG-dizer, contar	
‘história’	
l. /hãp=tip/	[hãβ'tɪβ]
NMZ=novo	
‘manhã, amanhã’	
m. /ptat/	[pɪ ^h 'tɑɔ̌] ~ [pɪ ^h 'tɑ'fɑɔ̌]
caminho	FC ~ FL
‘caminho, estrada’	

n. /kicɛk/ [ki^h'tɛæj]

kuxex

‘*Kuxex*, casa de religião’

o. /pĩɛt/ [pĩ'ɛɔ]

Pinheiro

‘Pinheiro (nome de um Maxakalí)’

p. /padadĩk/ [pɔɖa'ɖĩ]

Pradinho

‘Pradinho (nome de uma terra Maxakalí)’

Vê-se a partir dos dados em (89) que há semelhanças da classe dos nomes alienáveis com a dos inalienáveis como a existência de compostos (89b, j-l) e de nominalizações (89k-l) ainda que produzida a partir de um clítico diferente. Por outro lado, há alguns nomes, como aqueles exemplificados em (89a, e, g, i, m) que alternam entre formas curtas (FC) e longas (FL). Nota-se a ausência de raízes que exigem a consoante temática. Quando compostos iniciados por bases que pedem esse morfema resultam em nomes alienáveis, TH não é realizado:

(90) a. /Ø-ĩp-kuc=cɛkka/

TH-braço-buraco=grande (< braço-buraco = ‘orelha’)

‘Botocudos’ (lit.: ‘Orelhas grandes’)

b. /Ø-ĩt-bũ=ca/

TH-carne-CTFG-??? (< CTFG-??? = ‘sair.PL’)

‘*Ĩnmõxa*’ (um monstro da cultura Maxakalí, lit.: ‘Corpos saídos’)

Em pelo menos uma relação de parentesco (por afinidade), surgida a partir do contato com os não-indígenas, o nome utilizado pertence à classe dos alienáveis. Em (91), transcrevo um bilhete que recebi enquanto estava em uma das aldeias Maxakalí:

(94) <Mãn, õg nãmõnat pu îy>

Mário 2.GEN namorada DAT falar.IMP

‘Mário, ligue para sua namorada’

O uso da posposição genitiva /Ø-ũk/, de uso exclusivo para indicação de posse de nomes alienáveis, para se referir a ‘namorada’ em (91) é um indicativo que esse

empréstimo do português, ao contrário de outros termos de parentesco, pertence à classe descrita nesta seção. Em (92), apresento a estrutura morfológica máxima dos nomes alienáveis:

(92)

(NMZ)=(REL)-(TH)-raiz₁+(raiz₂)+(raiz_n)-(DIM)=(NMZ)=(ATTR)=(CLIT)

Comparando a estrutura dos nomes alienáveis em (92) acima, com a dos nomes inalienáveis em (76) percebe-se poucas diferenças: a primeira e principal é que não há a possibilidade de um nome alienável ser marcado por um índice de pessoa, já que este grupo de morfemas é utilizado para indicar a posse obrigatória da classe dos inalienáveis. Uma segunda diferença é a possibilidade de haver um clítico nominalizador adjungido antes da raiz. Diferenças mais específicas serão descritas nas próximas subseções. Como na seção sobre nomes inalienáveis, não descreveremos os verbos descritivos atributivos aqui, deixando essa exposição para a parte em que tratamos da morfologia verbal (Seção 4.2).

4.1.2.1 – Nominalizadores

Verbos (tanto transitivos quanto intransitivos) podem derivar nomes alienáveis de duas maneiras: pela proclitização de /hãp=/ ou pela enclitização de /=ac/, sendo esta segunda estratégia a mesma utilizada para a derivação de nomes inalienáveis. Em (93) abaixo, apresentamos alguns exemplos:

- (93) a. /hãp=ã-ktic/ [hãβʔãũ'ḡuɪɪj]
 NMZ=CTG-dizer, contar
 ‘história’
- b. /hãp=pakit/ [hã:pɔ'kiuɔ]
 NMZ=doente
 ‘doença’
- c. /cat=ac/ [tɛaɔ'ʔaɪ]
 pedir=NMZ
 ‘cliente’

- d. /bũ=ci-cap=ac/ [mũteĩ^hteaβ'ʔɑj]
 CTFG=NCTG-?fila=NMZ (< CTFG=REL-?fila = 'primeiro')
 'responsável, primeiro'¹⁴⁵

Vemos que em (93a, c) as nominalizações são derivadas de bases verbais transitivas. Já em (93b, d) as nominalizações são resultantes de verbos descritivos, os quais no Maxakalí são sempre intransitivos. Em (93a-b) as nominalizações com o clítico /hãp=/ geram nomes inanimados, enquanto em (93c-d) os nomes resultantes da clitização de /=ac/ são animados. Acreditamos que /hãp=gãc/ 'onça' deve ser formado por /hãp/ 'coisa', e não pelo NMZ proclítico (o qual é homófono), e /gãc/ 'bravo', já que o referente é um ser animado.

O clítico /hãp=/ tem uma forma sem *onset* já não mais produtiva, como exemplificado em (94):

- (94) a. /ãp=bik/ [ã:'bəuɿ]
 NMZ=cozinhar
 'comida'
- b. /ãp=bdĩk/ [ãβ̃m'ɲĩ̃]
 NMZ=preto
 'noite'
- c. /ãp=huk/ [ãβ̃'houɿ]
 NMZ=NEG
 'não' (usado em respostas)

Note-se que a forma do NMZ apresentada em (94) provavelmente é mais conservadora: além de não ser mais produtiva, em (94b) seria esperada uma epêntese para desfazer o *onset* complexo da base, já que o prefixo termina em consoante; dando origem a uma forma fonética *[ã:mĩ'ɲĩ̃], a qual não ocorre na língua. Além disso, o Krenák conta com um prefixo cognato, não tendo este um *onset*: /mãŋgut/ 'comer' > /ãm-mãŋgut/

¹⁴⁵ Essa é uma nominalização de /bũ=ci-cap/ [mũteĩ^hteaβ] ~ /bũ=ã-cap/ [mũ'teaβ] 'primeiro'. O sentido de 'responsável (por algo)' advém do fato que, pelo menos em alguns casos, a pessoa responsável por convocar e organizar um ritual é também a primeira a participar (por exemplo, a primeira a trocar comida com os *Yamĩy*).

‘comida’; /him/ ‘preto’ > /ãmbim/ (/ãm^b-(h)im/, com um segmento pós-oralizado labial no prefixo e queda do *onset* glotal da base) ‘noite’ (NIKULIN e SILVA, no prelo).

4.1.2.2 – Relacionais e consoante temática

Os prefixos relacionais /ã-/ CTG e /ci-/ NCTG, assim como nos nomes inalienáveis, ocorre somente em nominalizações. Exemplos de ambos prefixos podem ser vistos em (93a, d) na seção anterior.

A consoante temática, por sua vez, não ocorre em bases nominais alienáveis. Quando nomes alienáveis são resultantes de compostos em que o primeiro elemento é um nome inalienável cuja base conta com TH, ela ocorre como /Ø-/ como pôde ser visto em (90) e repetido abaixo como (95):

- (95) a. /Ø-ĩp-kuc=cekka/
 TH-braço-buraco=grande (< braço-buraco = ‘orelha’)
 ‘Botocudos’ (lit.: ‘Orelhas grandes’)
- b. /Ø-ĩt-bũ=ca/
 TH-carne-CTFG-??? (< CTFG-??? = ‘sair.PL’)
 ‘*Īnmōxa*’ (um monstro da cultura Maxakalí, lit.: ‘Corpos saídos’)

Não encontramos em nossos dados nomes alienáveis formados a partir de verbos iniciados pela consoante temática. Isso se dá pois somente verbos intransitivos podem pertencer a essa classe e, como visto na Seção 4.1.1, suas nominalizações sempre formam nomes inalienáveis.

4.1.2.3 – Raiz

Assim como os nomes inalienáveis, a raiz é o único elemento obrigatório de um nome alienável: este normalmente é o caso, já que, ao contrário de nomes inalienáveis, a posse dos alienáveis não é obrigatoriamente marcada. É possível, ainda à semelhança dos nomes inalienáveis, formar nomes alienáveis a partir de compostos. Na verdade, esta é uma das principais estratégias de formação de novas palavras no Maxakalí.

A maior parte das raízes de nomes alienáveis é monossilábica. Aquelas que não o são, muitas das vezes são etimologicamente surgidas de compostos que se tornaram opacos ao longo da história da língua ou então empréstimos do português. Apresentamos alguns exemplos em (96):

- (96) a. /tik/ [ˈtɨj] ~ [tɨˈhɨj]
homem FC ~ FL
‘homem’
- b. /bdĩt/ [mĩˈɲĩẽ] ~ [mĩɲĩˈhĩẽ]
formiga FC ~ FL
‘formiga’
- c. /bidĩc-tit/ [mĩɲĩˈtɨwə]
veado-mãe
‘vaca’
- d. /tappɛt-cic-kĩk/ [tɐːpɛɛtɛjˈkĩ]
papel-folha-amarrar.PL¹⁴⁶
‘caderno, livro’
- e. /bĩ-ta/ [mĩˈtɐ]
madeira-fruta, maduro
‘fruta (genérico)’
- f. /cu-dik/¹⁴⁷ [tɛuˈɖɨj]
dente-dois
‘garfo, forquilha’
- g. /capip/ < *ca-pip [tɛaˈpɨβ]
porco < *???-cheirar
‘porco (doméstico)’
- h. /jabĩk/ < *ja-bĩk [ɲãˈmĩ]
yãmĩy < *???-matar
‘Yãmĩy, espírito dos mortos’
- i. /bẽ/ [ˈmẽ]
meia (< Português *meia*)
‘meia’

¹⁴⁶ /tappɛt/ tem origem no Português *papel*, talvez via Tupí *papéra*.

¹⁴⁷ /dik/ é uma forma arcaica do verbo descritivo /-tik/ ‘dois’. O desvozeamento de /d/ para /t/ indica que esse segmento vêm de um proto *r.

j. /tudupɛcut/	[tɰdɰupɛ'tɛuwə]
professor	(< Português <i>professor</i>)
‘professor’	

Podemos ver nos exemplos anteriores raízes nominais com uma (96a-b, i) ou mais sílabas (96g-h, j), além de compostos (96c-f). As raízes monossilábicas em (96a-b) podem alternar entre formas curtas e longas, estando a explicação dessa alternância na Seção 4.1.3. Por sua vez, em (96c-d) temos compostos com duas e três raízes, respectivamente, sendo que a última raiz de (96d) é uma raiz verbal. (96e-f) apresentam também compostos, porém, neste caso, o primeiro elemento sofre uma queda da coda, assim como ocorre em nomes inalienáveis e pronomes (ver Seções 4.1.1.4 e 4.1.1.6.1): as raízes são respectivamente /bĩp/ ‘madeira’ e /cuc/ ‘dente’.

Em (96g-h) temos raízes sincronicamente monomorfêmicas, mas que etimologicamente eram formadas por dois morfemas. A raiz /pĩp/ ‘cheirar’ (96g) também não ocorre mais sincronicamente, porém pode ser encontrada como /bip/ nos cantos rituais e é cognata de /wəp/ ‘cheirar, beijar’ do Krenák. /bĩk/, presente em (96h), originalmente significava ‘matar’ (ainda pode ser encontrada com esse significado nos cantos rituais) e passou por uma mudança semântica, atualmente significando ‘fazer’ (NIKULIN e SILVA, no prelo). Os formativos /ca-/ e /ja-/ em (96g) e (96h) respectivamente, provavelmente tinham o mesmo significado, variando sua forma de acordo com a nasalidade da base (/ca-/ para bases orais e /ja-/ para bases nasais). Seu significado ainda nos é desconhecido, mas talvez fosse um nominalizador agentivo.

Por fim, vemos que empréstimos do português podem ter suas raízes com um número diverso de sílabas: uma sílaba em (96i) e quatro em (96j). Como veremos na Seção 4.1.3, os nomes emprestados do português não estão sujeitos à alternância entre formas curtas e longas, demonstrando assim, haver ao menos dois estratos na classe dos nomes.

4.1.2.4 – Diminutivo e enclíticos finais

O diminutivo /-dãk/ e os enclíticos /=bĩk/ ‘PL’, /=bĩt/ ‘REST’ e /=uk-dãk/ ‘PRIV’ se comportam em nomes alienáveis da mesma maneira que em nomes inalienáveis. Apresentamos alguns exemplos do sufixo e dos clíticos em (97):

- (97) a. /kukek-dāk/ [ku^h'kæjnãũ]
cachorro-DIM
‘cachorrinho’
- b. /paɣɛ=bĩk/ [pɒɖɛ'mõũ]
pajé=PL
‘pajés’
- c. /bũkbũka=cɛkka=bĩt/ [mõũmũkateæjka'mĩũ]
gavião=grande=REST (gavião=grande = ‘gavião-real, harpia’)
‘só o gavião-real’
- d. /paɣẽdet=ukdāk/ [pɒɖẽdeɔʔou'ḡãũ]
fazendeiro=PRIV
‘sem fazendeiro’

Como já dito anteriormente, a nasalidade do sufixo diminutivo /-dāk/ não se espalha para bases nominais, como pode ser visto em (97a). Porém, vejamos o exemplo em (98) abaixo:

- (98) /kakcup/ [kau'ɬuβ] > /kakcup-dāk/ [kau'ɬũḡḡnãũ]
criança criança-DIM
‘criança’ ‘bebê, criancinha’

O exemplo em (98) é um nome alienável e conta com um espriamento de nasalidade para a base quando sufixado com DIM. Vimos no capítulo anterior que isto ocorre somente em bases nominais. Como explicar essa aparente exceção? O nome /kakcup/ era, muito provavelmente, um coletivo, formado por uma base não mais produtiva /kak/ e o plural associativo /-cup/. Se considerarmos que ASSOC é um verbo descritivo, torna-se fácil entender que, apesar de a forma bimorfêmica para ‘criança’ ter se tornado opaca, a forma com o diminutivo se lexicalizou com o espriamento de nasalidade. Um indício de que esse nome era originalmente composto por dois morfemas é o fato de que esse é o único nome com o traço [+animado], até onde sabemos, que não permite o verbo ASSOC: */kakcup-cup/ é agramatical. O mesmo diagnóstico pode ser usado para o verbo descritivo /-huk/ ‘NEG, PROH’ (ver Seção 4.1.1.6.3). Quando sufixado com /-dāk/ ‘DIM’ sua forma fonética é [ʰhõũḡḡãũ], com espriamento de nasalidade para a base, e não *[ʰhouḡḡãũ], forma a qual é agramatical.

4.1.3 – Alternância entre formas curtas e longas em nomes

Diversos trabalhos sobre o Maxakalí trataram da alternância entre formas curtas e longas (PEREIRA, 1992; WETZELS, 1993; WETZELS e SLUYTERS, 1995; ARAÚJO 2000, 2001; CAMPOS 2009; SILVA, no prelo; SILVA e NIKULIN, no prelo). Esta alternância ocorre tanto em nomes e pronomes quanto em verbos e pode ser, em todos os casos formalizada da seguinte maneira:

$$(99) \text{ FC: (C)V}_i\text{(C)} \quad \sim \quad \text{FL: (C)V}_i\text{HV}_i\text{(C)}$$

A forma curta (FC) de uma raiz é composta por uma vogal obrigatória (representada por V em (99)) e *onset* e coda opcionais (representados em (99) pelo C entre parênteses). A forma longa (FL), por sua vez, tem como estrutura o *onset* e coda opcional, além de uma cópia da vogal núcleo da sílaba (no esquema em (99), a identidade igual das vogais é representada pelo índice i subscrito ao lado de V), sendo ambas vogais separadas por uma consoante glotal que pode ser [ʔ] ou [ɦ] (representadas por H, no esquema acima).

Wetzels (1993, p. 43-44, nota 11) é o primeiro a afirmar que tanto a oclusiva [ʔ] quanto a fricativa [ɦ] podem ocorrer na forma longa de palavras com vogais não-antiores, ou seja, /i, u, a, ɨ, ʉ, ɤ/, enquanto raízes com vogais anteriores /i, e, ɛ, ẽ/ têm somente a fricativa à sua disposição para a formação da forma longa. Ele ainda afirma que isso provavelmente se dá pelo *corpus* limitado que tinha à disposição, mas em nossos dados também encontramos essa restrição. Além disso, a forma longa de verbos **nunca** tem uma oclusiva como consoante glotal. Ou seja, se uma forma longa conta com uma consoante [ʔ], ela necessariamente terá, em primeiro lugar, uma vogal não-anterior, e em segundo lugar, não será um verbo. Por fim, em consonância com Campos (2009) e ao contrário do afirmado por Araújo (2000) e repetido por Wetzels (2009), em nossos dados a definição da consoante glotal na forma longa é dada lexicalmente, não havendo variação de nenhum tipo. Logo, um item lexical que é especificado para ter uma fricativa glotal em sua forma longa, sempre ocorrerá com tal fricativa e nunca com uma oclusiva e vice-versa.

Vejamos alguns exemplos dessa alternância em nomes, pronomes e verbos em (100). Destacamos em negrito as vogais e a consoante glotal envolvidas na alternância para facilitar a observação do fenômeno nos exemplos abaixo. Como é de se supor, os segmentos não destacados fazem parte do *onset* e da coda silábicas.

(100) a. ['ĩũǣ] ‘mulher.FC’	[ĩ' hĩũǣ] ‘mulher.FL’
b. ['ki] ‘lenha.FC’	[ki' hi] ‘lenha.FL’
c. ['puβ] ‘macaco.FC’	[pu' ʔuβ] ‘macaco.FL’
d. [ki' tɛɔ] ‘bambu.FC’	[ki'tɛ' hɛɔ] ‘bambu.FL’
e. ['pɔ̃] ‘este.FC’	[pɔ̃' hɔ̃] ‘este.FL’
f. ['ũβ̃] ‘aquele.FC’	[ũ' hũβ̃] ‘aquele.FL’
g. ['pɒ] ‘pegar.SG.INAN.FC’	[pɒ' hɒ] ‘pegar.SG.INAN.FL’
h. ['tɛiβ̃] ‘estar em pé.SG.FC’	[tɛi' hiβ̃] ‘estar em pé.SG.FL’

Os exemplos em (100), longe de serem exaustivos, dão uma ideia dessa alternância. Ela pode ocorrer em nomes (100a-d), pronomes (100e-f) e verbos (100g-h). A vogal envolvida pode ser oral (100b-d, g-h) ou nasal (100a, e-f); pode ser (fonologicamente) alta (100a-c, e-f, h) ou não (100d, g). A raiz pode ter *onset* (100b-e, g-h) ou ter esta posição silábica vazia (100a, f). O mesmo pode ser dito sobre a coda, a qual pode estar preenchida (100a, c-d, f, h) ou não (100b, e, g).

4.1.3.1 – Trabalhos anteriores sobre a alternância de formas em nomes e verbos

Pereira (1992) trata da alternância em verbos no modo imperativo. Ela afirma que verbos terminados com a estrutura CV_iHV_i têm um imperativo CV_i. Ela ainda afirma que o contrário também ocorre, ou seja, alguns (mas não todos) verbos monossilábicos com estrutura CV_iC podem ter um imperativo CV_iHV_iC. No entanto, ela não fornece detalhes sobre quais os critérios que fazem que monossilábicos se comportem de maneira diferente (PEREIRA, 1992, p.61-64). Sobre a alternância em nomes, ela diz que a forma longa se torna curta quando o nome se encontra em posição pré-verbal e na função de objeto (PEREIRA, 1992, p. 85-88).

Wetzels (1993) e Wetzels e Sluyters (1995) tratam rapidamente da alternância de formas, em ambos artigos as observações estão restritas a uma nota de rodapé, em que há palavras “somente” com formas longas. Nos dois trabalhos também é dito que se a vogal nuclear é anterior, a consoante glotal sempre será uma fricativa [h], porém se a vogal for não-anterior, o valor da consoante da forma longa é imprevisível, podendo ser oclusiva [ʔ] ou fricativa [h]. Também nos dois artigos, os autores dizem ser difícil definir qual forma, curta ou longa é a subjacente, mas que, por a consoante glotal não ser previsível em alguns casos, eles preferem postular que a forma curta surge a partir de uma regra de redução da forma longa, sendo esta, assim, a subjacente.

Araújo (2000, 2001) defende, assim como Pereira (1992), Wetzels (1993) e Wetzels e Sluyters (1995), que a forma longa é subjacente e que há um truncamento em nomes e verbos em determinados contextos. Ele afirma que o truncamento ocorre, no caso de nomes, em compostos e quando seguidos por partícula ergativa ou por adjetivo. Já em verbos, ele afirma que o truncamento ocorre quando estes se encontram no imperativo. Para demonstrar que o encurtamento de forma, tanto em nomes quanto em verbos, pode ser explicado de uma maneira única, ele propõe o uso de quatro restrições, dentro da Teoria da Otimalidade: RAIZ = PRWD, que domina as demais e diz que uma raiz equivale a uma palavra prosódica; TRUNC ($\mu\mu$), que afirma que uma forma truncada, isto é, uma forma curta, equivale a uma sílaba pesada; U-IAMB, que marca uma violação cada vez que não houver um pé iâmbico; e, por fim, mais abaixo no ranqueamento, MAX-BT, restrição que indica que todo elemento da base tem que ter um correspondente na forma truncada.

Esta análise vem com uma série de problemas, principalmente no que concerne aos verbos, já que parte de uma série de dados que não ocorrem na língua. Para citar um exemplo, Araújo (2000, 2001) cita que o imperativo do verbo /cuup/ ‘beber’ ([ʃo.hop], na representação do autor) é [ʃop] e do verbo /tupa/ ‘voar.SG’ ([to.pa.haʔ] na representação do autor) é [to.paʔ], quando as formas corretas são [ĩteu'ʔuβ], com prefixo de terceira pessoa /ĩ-/ e sem forma curta, e [tu'ɦuβ], com uma forma longa e diferente do modo *irrealis* (a forma curta [tu'pɔʔ] existe, porém não como imperativo). O autor simplifica o fenômeno da alternância entre formas curtas e longas, pois aparenta desconhecer a distinção formal presente em diversos verbos entre os modos *realis* e *irrealis* na língua. Essa distinção é crucial no entendimento do alongamento de formas, pois, a depender do modo verbal, tem motivação diferenciada (apresentaremos nossa visão sobre a alternância de formas em verbos na Seção 4.2). Quanto à nomes, apesar de sua análise ser menos problemática, também não dá conta dos fatos, já que ele não discute o fato de que nomes se apresentam na sua forma curta quando estão na posição de argumento interno de um dado constituinte. Um outro ponto levantado pelo autor, é o de que uma das motivações para o truncamento é o peso silábico: palavras necessitariam ter minimamente duas moras para a formação do pé silábico. Veremos que, o pé no Maxakalí é de fato iâmbico, mas que a unidade de formação, ao contrário do que afirma Araújo (2000, 2001), não é a mora, mas o número de sílabas.

Outro trabalho que trata da alternância entre formas curtas e longas é a tese de Campos (2009). Ele, de maneira igual aos autores apresentados anteriormente, também

defende que o que ocorre no Maxakalí é um truncamento das formas longas, sendo, assim, as formas curtas derivadas das longas. Ele afirma que formas verbais longas no imperativo são subjacentes e que suas correspondentes curtas (que podem ser encontradas no indicativo) são formas flexionadas. Como veremos mais adiante, que este raciocínio é parcialmente correto: verbos que se alongam no imperativo (e em demais construções no modo *irrealis*) se alongam, exatamente por não receber uma marca de flexão. Já formas no indicativo (o qual chamamos neste trabalho de modo *realis*) estão em sua forma curta, a qual para nós é a subjacente, não por conta da flexão, mas porque as regras de alongamento nesse modo, as quais veremos na Seção 4.2, são outras.

Sobre nomes, Campos (2009) diz que eles se encurtam devido à incorporação. Ele afirma que compostos são uma espécie de incorporação nominal, enquanto nomes na posição de objeto direto, os quais ocorrem na forma curta, seriam incorporações do verbo. Essa análise é extremamente problemática, já que prediz que não há objetos diretos (ao menos em posição pré-verbal) na língua, mas somente incorporações. Além disso, o que Campos (2009) chama de incorporação no Maxakalí fere diversas características definidoras deste fenômeno linguístico. Mithun (2000) afirma que para que algo seja definido como incorporação é necessário o atendimento a alguns critérios como a formação de uma única palavra fonológica entre verbo e nome incorporado; uma morfologia monovalente em casos de verbos bivalentes com nome incorporado, ou seja, a detrantivização de um verbo transitivo; além de uma leitura semântica indefinida do nome incorporado ao verbo. O problema é que, ainda que o nome preposto ao verbo aparentemente forme com este uma palavra fonológica, os outros dois critérios não são atendidos: a morfologia de verbos transitivos continua como tal, como pode ser vista pela presença da posposição /tɛ/, a qual não ocorre em verbos intransitivos nativos (SILVA e NIKULIN, no prelo), e o nome na posição de objeto direto não necessariamente tem uma leitura com um traço semântico [indefinido], já que é possível que o sintagma nominal preposto ao verbo receba pronomes indicativos, seja composto por nomes próprios, seja seguido por verbos descritivos com função atributiva, etc. indicativos de definitude.

Outros dois trabalhos que tratam da alternância de formas em nomes (SILVA, no prelo) e em verbos (SILVA e NIKULIN, no prelo) não serão resenhados aqui. Apresentaremos os argumentos presentes nestes dois trabalhos a seguir, já que ambos são de nossa autoria e resultantes da pesquisa aqui empreendida. Como poderá ser visto logo a seguir para nomes (Seção 4.1.3.2) e mais à frente para verbos (Seções 4.3.1 para verbos

no modo *realis* e 4.3.2 para verbos no modo *irrealis*), nossa visão difere radicalmente do que foi proposto pelos autores citados nos parágrafos anteriores.

4.1.3.2 – Uma outra visão sobre a alternância de formas em nomes

Veremos nesta seção quais são os fatores que condicionam uma realização curta ou longa em nomes no Maxakalí. Também demonstraremos que, ao contrário do que trabalhos anteriores defendem, as formas longas são derivadas das curtas. Em outras palavras, a alternância tratada aqui não se trata de um truncamento, mas de um alongamento necessário para a boa formação da palavra fonológica, a qual tem tamanho mínimo de um pé iâmbico. Em (101) temos os contextos em que ocorrem formas longas de nomes:

(101) a. Elicitação de termos:

[mã' hãβ]	‘peixe’
[tæ' hæk]	‘chuva’
[pɔ' hɔj]	‘flecha’
[pu' ʔuβ]	‘macaco’
[ki' hɪ]	‘lenha’

b. Objeto direto em posição pós-verbal (ordem não-canônica):¹⁴⁸

['pɪuə		mã' hãβ]
pegar.SG.ANIM		peixe.FL
‘pegar peixe’		
[pɛɳã' hã		pu' ʔuβ]
ver		macaco.FL
‘ver macaco’		
['bɛβ,		ki' hɪ]
cortar em pedaços grandes.PL		lenha
‘cortar lenha’		

¹⁴⁸ Tanto Popovich (1985) quanto Campos (2009) demonstram que a ordem canônica dos constituintes frasais no Maxakalí é AOV / SV (A = agente de verbo transitivo; O = paciente de verbo transitivo; S = único argumento de verbo intransitivo; V = verbo). Eles também mostram que, por motivos sintáticos e pragmáticos, outras ordens de palavra são possíveis de ocorrer como AVO, OVA, etc.

c. Sujeito de transitiva em posição de tópico:

[tʰæ' hæj | ʔ-ti' hiʔ]

chuva.FL | 3-estar em pé.PL

‘A chuva, ela cai’

[pʊ' hʊj | tʰi=' tʰe 'puβ]

flecha.FL | 3.OBL=ERG pegar.PL

‘As flechas, ele (as) pegou’

Em (101) temos três contextos em que se encontram as formas longas dos nomes: a elicitación isolada de palavras, uma posição pós-verbal não canônica do objeto direto e uma posição como tópico da sentença. Diversas são as semelhanças entre esses contextos. Primeiramente, a forma longa só ocorre em nomes alienáveis no Maxakalí. Veremos mais adiante o porquê disso. Segundo, as formas longas em nomes ocorrem somente quando este nome é o núcleo do sintagma e este não tem seus outros constituintes (argumentos internos e externos) preenchidos. Por fim, nos três casos há uma pausa que marca a fronteira destes constituintes: em (101a), a própria elicitación isolada indica que estamos diante de um único constituinte. Em (101b) temos uma pausa após o verbo, marcando a posição não canônica do nome em relação ao predicado (POPOVICH, 1985, p. 35-37) e em (101c) temos uma pausa após o nome para indicar que ele cumpre a função de tópico, o qual se encontra em posição inicial na sentença.

Vejamos agora em (102) os contextos em que nomes ocorrem em sua forma curta:

(102) a. Compostos:

[mãβ-pa' tʰaʔ]

peixe.FC-pé

‘piaba’

[tʰæj- 'tʰij]

chuva.FC-folha, cor

‘arco-íris’

[pʊj- 'tʰʊj]

flecha.FC-longo

‘lança’

[puβ-tæ'kaʔ]

macaco.FC-grande

‘bugio’

[ki-'gõj]

lenha-fumaça

‘fumaça’ (de fogueira, em oposição à fumaça de cigarro, por exemplo)

b. Sintagmas posposicionados:

[mãβ='jõũ]

peixe.FC=GEN

‘do peixe’

[tæj='ti]

chuva.FC=LOC

‘na chuva’

[pɔj='hã]

flecha.FC=INST

‘com a flecha’

[puβ='tɛ]

macaco.FC=ERG

‘macaco’ (na função de sujeito de uma oração transitiva)

[ki=jĩ'mĩ]

lenha=ADE (com contato)

‘sobre a lenha’

c. Objeto direto em posição pré-verbal (ordem canônica):

[mãβ+'piwə]

peixe.FC+pegar.SG.ANIM

‘pegar peixe’

[puβ +pɛɳã'hã]

macaco.FC+ver

‘ver macaco’

Nos exemplos em (102), ao contrário dos exemplos em (101), não há pausa entre os constituintes estando eles em suas ordens canônicas e preenchendo o argumento interno do núcleo do sintagma nominal (102a), posposicionado (102b) ou verbal (102c).

O alongamento de nomes se dá, como pode ser visto pelos exemplos acima por dois motivos, relacionados entre si: o primeiro é que formas curtas sempre ocorrem quando o nome está acompanhado de um outro elemento no mesmo sintagma, seja na posição de argumento interno, seja como núcleo. O segundo motivo faz referência ao tamanho mínimo da palavra fonológica na língua: ela se constitui de no mínimo duas sílabas, necessárias para a formação de um pé iâmbico (fraco+forte). Nomes monossilábicos, necessitam, portanto se alongar quando esses critérios não são atendidos, para que haja uma boa formação de palavras. Note que o peso silábico **não** é relevante: nomes monossilábicos com uma ou duas moras, isto é, consistindo em sílabas leves e pesadas, respectivamente, participam da alternância. Apresentamos abaixo, então, a representação subjacente dos itens em (101a), com suas respectivas formas curtas e longas:

(103)	raiz	FC	FL	
a.	/bãb/	['mãβ]	[mã'hãβ]	‘peixe’
b.	/tæk/	['tæj]	[tæ'hæj]	‘chuva’
c.	/puc/	['pɔj]	[pɔ'hɔj]	‘flecha’
d.	/pup/	['puβ]	[pu'ʔuβ]	‘macaco’
e.	/ki/	['ki]	[ki'hi]	‘lenha’

Note-se também que alguns nomes que, como nas palavras de Wetzels e Sluyters (1995, p. 143), contam com “formas longas [que] parecem não alternar” ou têm em sua forma subjacente uma configuração que apenas lembra, na superfície, as formas longas, ou seja, uma estrutura (C)V_iHV_i(C), ou são compostos que também superficialmente parecem ter essa estrutura:

(104) a.	/ãjɪhik/	[ãɖzi'hɪwɪ] / *[ã'ɖzɪwɪ]	‘não-indígena’
b.	/kuhuk/	[ko'hɪwɪ] / *['kouɪ]	‘fumo’
c.	/baãc/	[mɔ'ʔãj] / *['mãj]	‘jacaré’
d.	/tik-bĩ-ĩt/	[tɪjmĩ'ʔĩũĩ] / *[tɪj'mĩũĩ]	‘Maxakalí’

Os exemplos em (104) acima não têm uma alternância entre formas longas e curtas porque eles são subjacentemente ou dissilábicos (104a-c) ou composto por mais de um morfema (104d). Devido às vogais serem idênticas e haver uma consoante glotal /h/ ou hiato entre elas (sobre a inserção de [ʔ] para desfazer hiatos, ver a Seção 2.2.4.1), estes itens apenas aparentam ter uma “forma longa”. Assim sendo, eles não são exceções à regra.

Um outro indicativo de que os itens em (104) são subjacentemente dissilábicos ou compostos, enquanto aqueles em (103) não o são, é o fato de que a alofonia das vogais condicionada pela coda (ver Seções 2.3.3 e 2.3.5) é acionada em casos em que não deveriam ocorrer. Em outras palavras, a alofonia de vogais ocorre antes do alongamento de nomes alienáveis monossilábicos, já que a vogal da primeira sílaba fonética, a qual não conta com uma coda, é igual a da sílaba final. Nos casos em (104), com exceção de (104b), os alofones vocálicos ocorrem como esperado. Para tornar isto mais claro, apresentamos mais alguns exemplos em (105):

(105) a. /tɛk/	[tʰæ' hæj], mas *[tʰɛ' hæj]	‘chuva’
b. /puc/	[pʊ' hʊj], mas *[pu' hʊj]	‘flecha’
c. /dãd/	[ɲã' hãɲ], mas *[ɲã' hãɲ]	‘urucum’
d. /tik/	[tʰi' hɪj], mas *[tʰi' hɪj]	‘homem’
e. /ãjɪhik/	*[ãɟə' hɔɥ], mas [ãɟi' hɔɥ]	‘não-indígena’

Em (105a-d), em que os nomes são monossilábicos, a altura e anterioridade das vogais são idênticas, demonstrando que uma é cópia da outra, pois a primeira delas não se encontra num contexto para que ocorresse tal alofonia. Por outro lado (105e) demonstra que, por serem subjacentemente especificadas, as vogais centrais altas /i/ vão se comportar diferentemente em relação à altura: a vogal da sílaba medial, por estar em uma sílaba sem coda, é realizada como [i], enquanto a vogal da sílaba final, por estar diante de uma coda velar, se abaixa e é realizada como [ə].

Deve-se desconsiderar a possibilidade de harmonia vocálica, como pode ser visto nos dados em (106) abaixo:

(106) a. /pɛɖɛk/	[pe' ɖæj] / *[pæ' ɖæj]	‘perereca’
b. /kapek/	[ka' pæj] / *[ka' pæj]	‘café’
c. /jabĩk/	[ɲã' mĩj] / *[ɲã' mĩj]	‘Yãmĩy’

Vê-se, a partir dos exemplos em (106), que a alofonia das vogais das sílabas acentuadas finais não influencia em nada as vogais das sílabas iniciais, as quais são realizadas com os alofones de sílabas sem coda, como esperado. Descarta-se, dessa maneira, a possibilidade de que uma harmonia vocálica possa estar ativa na língua.

Nomes inalienáveis, por sempre consistirem em dois elementos obrigatórios (possuidor e possuído) **nunca** passam por essa alternância de formas. Seja pela expressão de um índice de pessoa ou pela expressão de um nome preposto ao nome inalienável, o sintagma nominal de nomes inalienáveis sempre terá seu núcleo e argumento interno preenchidos, impedindo o alongamento de sua raiz. Os exemplos abaixo demonstram isso:

- (107) a. /k=tak/ [ǽũ'ṭaũ] / *[ǽũṭa'ḥaũ]
 1.sg=pai
 ‘meu pai’
- b. /ã-pa/ [ã'pɒ] / *[ãpɒ'ḥɒ]
 2-rosto
 ‘seu rosto’
- c. /ĩ-kit/ [ĩ'kiũɔ] / *[ĩki'ḥiũɔ]
 3-piolho
 ‘piolho dele’
- d. /capip+bãk/ [tɛapɪβ'mãũ] / *[tɛapɪβmã'ḥãũ]
 porco+intestino
 ‘intestino de porco’

Os dados em (107) mostram que independentemente se precedidos por índices enclíticos ou prefixais de pessoa ou se por um nome, nomes inalienáveis não podem se alongar. Como dito acima, isto se deve ao fato de que nomes inalienáveis monossilábicos formam uma palavra fonológica com tais índices ou nomes que indicam o possuidor. Agora observemos os dados em (108):

- (108) a. /tɛk/ ['ṭæj] ~ [ṭæ'ḥæj] ‘chuva’
 b. /-tɛk/ ['ṭæj] / *[ṭæ'ḥæj] ‘barriga’
 c. /tit/ ['ṭiũɔ] ~ [ṭi'ḥiũɔ] ‘bolsa’

d. /-tít/	['t̥ɪɰə] / * [t̥ɪ 'hɪɰə]	‘mãe’
e. /cap/	['tɛaβ̥] ~ [tɛa 'h̥aβ̥]	‘fila’
f. /-cap/	['tɛaβ̥] / * [tɛa 'h̥aβ̥]	‘semente’

Em (108) temos três pares de raízes monossilábicas homófonas. Um dos nomes de cada par é um nome alienável (108a, c, e) e o outro é um nome inalienável (108b, d, f). Indicamos a inalienabilidade, e consequentemente a obrigatoriedade de um elemento preposto à raiz, com o uso de um hífen antes da forma subjacente. A possibilidade de apenas os nomes alienáveis acima poderem ocorrer com forma longa, enquanto os inalienáveis não, é mais um demonstrativo que as formas curtas são subjacentes e que elas se alongam para poder formar o pé fonológico nos devidos contextos.

Agora vejamos alguns casos em que há uma alternância de formas em itens com duas sílabas fonéticas na forma curta e três na forma longa:

(109) a.	[kɪ ^h 't̥ɛə] ~ [kɪ ^h t̥ɛ 'h̥ɛə]	‘bambu’
b.	[pɪ ^h 't̥aə] ~ [pɪ ^h t̥a 'h̥aə]	‘caminho, estrada’
c.	[mĩ 'ɲĩj̃ə] ~ [mĩ ɲĩ 'h̥ĩj̃ə]	‘formiga’
d.	[kĩ 'ɲãə] ~ [kĩ ɲã 'h̥ãə]	‘tucano’
e.	[kĩ 'ɲĩβ̥] ~ [kĩ ɲĩ 'h̥ĩβ̥]	‘quati’

Os itens em (109), apesar de serem todos nomes alienáveis, apresentam uma aparente exceção ao que viemos falando até aqui nesta seção. Porém, se lembrarmos que, como demonstrado na Seção 2.2.2, o Maxakalí conta com *onsets* complexos, fica claro que as raízes em (109) são também monossilábicas, logo, não fogem à regra. É preciso, portanto, que haja primeiro o alongamento das raízes e depois a epêntese da vogal central alta, caso contrário não seria possível explicar o alongamento em nomes desse tipo. Assim sendo, apresentamos no quadro abaixo as formas subjacentes dos exemplos acima e o ordenamento de regras para derivação das formas longas:

QUADRO 4.6 – Derivação de formas longas em nomes com *onset* complexo

	‘bambu’	‘caminho’	‘formiga’	‘tucano’	‘quati’
Forma subjacente	/ktet/	/ptat/	/bdīt/	/kdāt/	/kdĩp/
Alongamento da raiz	ktɛhet	ptahat	bdĩhīt	kdāhāt	kdĩhĩp
Epêntese de [i] para desfazer o <i>onset</i> complexo	kitehet	pĩtahat	bidĩhīt	kĩdāhāt	kĩdĩhĩp
Forma fonética	[kɪ ^h t̥ɛ 'h̥ɛə]	[pɪ ^h t̥a 'h̥aə]	[mĩ ɲĩ 'h̥ĩj̃ə]	[kĩ ɲã 'h̥ãə]	[kĩ ɲĩ 'h̥ĩβ̥]

Na Seção 2.2.2, vimos que existem algumas palavras, assim como aquelas iniciadas por *onset* complexo, também têm em sua forma fonética uma estrutura inicial composta por consoante periférica (labial ou velar) seguida de vogal central alta e consoante dental em *onset*, como [mĩ'pũĩ] ‘veado’. A alternância de formas é mais um argumento a favor de que a forma subjacente deste item deve ser /bĩdĩc/ e não */bdĩc/: além de não haver a ressilabificação quando itens como esse são precedidos por vogal, como dito no Capítulo 2, também não ocorrem em uma “forma longa”, como *[mĩũĩ' hĩĩ], demonstrando que palavras como essa são compostas de raízes fonologicamente dissilábicas.

Raízes de nomes inalienáveis com *onset* complexos, como é de se esperar, nunca se alongam, mas podem sofrer a epêntese de vogal central alta, a depender do constituinte que os precede:

- (110) a. /k=ptuc/ [ẽũĩ.pi^h. 'tɔj] / *[ẽũĩ.pi^h.tɔ. 'fɔj]
 1.SG=cabeça
 ‘minha cabeça’
- b. /ã-ktuk/ [ãũĩ. 'tɔw] / *[ãũĩ.tɔ. 'fɔw]
 2-filho
 ‘seu filho’

Em (110a), como o índice de pessoa consiste numa consoante, é necessário que haja uma epêntese para se desfazer o *onset* /pt/ da raiz.¹⁴⁹ Já em (110b), o prefixo consiste em apenas uma vogal. Isto faz com que a primeira consoante do ataque silábico complexo seja ressilabificado como coda da sílaba em que se encontra o índice e, consequentemente, não há a necessidade para epêntese vocálica. Em ambos os casos, a marcação do possuidor precede a regra de alongamento, fazendo com que elas nunca tenham uma forma longa.

Os dados discutidos até aqui explicam a grande maioria dos dados encontrados por nós. Encontramos, porém, quatro exceções às regras vistas até aqui, sendo que ao menos em uma delas temos uma explicação para seu comportamento diferenciado. Apresentamos estas exceções em (111):

¹⁴⁹ Há também uma vogal epentética antes do índice de primeira pessoa do singular. Falaremos sobre essa epêntese na discussão do estatuto morfológico dos índices de pessoa na seção sobre morfologia verbal.

- (111) a. /pip/ [ˈpiβ] ~ [piˈʔiβ] ‘metal, ferro’
 b. /kudāk/ [kũˈḡãũ] ~ [kũḡãˈʔãũ] ‘água’
 c. /kipik/ [kiˈhːpəʷ] ~ [kiˈhpəˈʔəʷ] ‘machado’
 d. /picûc/ [piˈhːtẽõ] ~ [piˈhːtẽõˈʔõ] ‘verme, lacraia’

O exemplo em (111a) contraria a regra de que apenas nomes com vogal não-anterior podem ter uma consoante glotal em sua forma longa, sendo aparentemente uma exceção. Porém, este item aparece apenas na língua dos cantos rituais e na fala de personagens de histórias mitológicas e dos antepassados dos Maxakalí. Apesar de ainda estar presente em alguns compostos, como por exemplo /pip-kip/ ‘prego’, essa raiz não ocorre isoladamente, exceto nos contextos supracitados. Acreditamos que as formas longas (ao menos em nomes) eram originalmente todas formadas com uma oclusiva glotal, já que há em alguns casos uma diferença entre a forma encontrada atualmente e na língua dos cantos. Um desses exemplos é ‘bolsa’ que ocorre em sua forma longa na fala moderna como [t̪iˈfiuə], mas em alguns cantos como [t̪iˈʔiuə] (CAMPOS, 2011b, p. 183). Se esta hipótese estiver correta, então os nomes em forma longa, no Maxakalí, devem ter passado pelo seguinte percurso histórico:

- (112) /(C)V_i(C)/
- a. *[(C)V_i(C)] A alternância ainda não está ativa na língua
 - b. *[(C)V_iː(C)] Surge o alongamento de forma a partir de um alongamento vocálico
 - c. *[(C)V_iV_i(C)] A forma longa é realizada como duas vogais idênticas
 - d. [(C)V_iʔV_i(C)] Há uma oclusiva glotal entre as vogais
 - e. [(C)V_ifV_i(C)] Há uma fricativa glotal entre as vogais

As formas reconstruídas em (112) merecem alguns comentários: enquanto (112d-e) são padrões atestados, as formas em (112a-c) não o são e fazem parte desta hipótese reconstrutiva. Não podemos afirmar com certeza em que momento da história da língua elas teriam ocorrido, mas podemos tomar como base o Karajá, língua do tronco Macro-Jê. Ribeiro (2012b, p.74-75) afirma que nesta língua, a palavra fonológica mínima deve conter duas moras. De maneira extremamente semelhante ao Maxakalí, palavras monomoraicas devem se alongar, duplicando sua vogal, exceto quando fazem parte de um sintagma com outro item ou quando são cliticizados. Não excluimos a hipótese de o alongamento no Karajá ter origem independente do alongamento no Maxakalí, no entanto,

caso elas tenham a mesma origem, não só o Karajá teria permanecido no estágio retratado em (112c), como este alongamento poderia ser reconstruído para o Proto-Macro-Jê.

O Maxakalí teria dado, então, um passo adiante em relação ao Karajá, com nomes que seguem o padrão em (112d). Este padrão é atestado em alguns itens, ainda que com frequência consideravelmente menor que aquele padrão em (112e). Por algum motivo, alguns itens se conservaram com o padrão de (112d), enquanto a maior parte deles passou por esta última inovação. O par [t̪i'ʔiɰə] (padrão de (112d), presente na língua dos cantos) e [t̪i'hiɰə] (padrão de (112e), presente na atual sincronia da língua) seriam testemunhas dessa mudança que deve ter ocorrido nos últimos 200 anos, levando em consideração que a língua dos cantos é provavelmente a mesma que alguns dialetos registrado por viajantes da primeira metade do século XIX (MARTIUS, 1867a, 1867b). Lembremos também que a alternância entre oclusiva glotal fonética e fricativa glotal está presente em pelo menos um outro morfema no Maxakalí, o nominalizador /ãp/ (foneticamente [ʔãβ]) ~ /hãp/, descrito na Seção 4.1.2.1. Coincidentemente ou não, há indícios que a forma com a oclusiva glotal seja mais conservadora também neste caso.

Voltando aos dados de (111), temos em (111b-d) nomes fonologicamente dissilábicos e que estão incluídos no conjunto que sofre alternância entre formas fonéticas curtas e longas. Não temos uma explicação definitiva para estes casos: pode-se postular que originalmente esses nomes se tratavam de compostos, os quais se tornaram opacos no decorrer da história, mas permaneceram com a alternância. Exclui-se a possibilidade de que eles tenham *onsets* complexos porque, além de nenhum deles passarem por ressilabificação da consoante inicial, no caso de (111b) a hipotética consoante epentética não é uma central alta, mas uma central posterior arredondada e no caso de (111c-d) não temos um encontro entre consoante periférica e dental, mas de periférica e periférica (/k_p/) em (111c) e periférica e palatal /p_c/ em (111d).

Finalmente, cabe aqui mencionar que empréstimos do português também não participam da alternância de formas, como pode ser visto em (113):

(113) a. /bẽ/	['mẽ] / *[mẽ'hiẽ]	‘meia’
b. /but/	['mbuwə] / *[mbu'hiuwə]	‘bola’, ‘bolo’
c. /buc/	['mbɔj] / *[mbɔ'hiɔj]	‘boi’
d. /cĩp/	['teĩβ] / *[teĩ'hiĩβ]	‘time’

Em (114), temos um caso inverso, em que o empréstimo tem apenas uma forma aparentemente longa, mas não uma forma equivalente curta.

(114) /gahap/ [ˈgaˈɦaβ] / *[ˈˀgaβ] ‘garrafa’

A forma subjacente do item acima é dada pela adaptação regular da forma fonética do item em português [gaˈɦafə], não havendo, portanto, a possibilidade de ocorrência de uma forma curta, já que se trata de um empréstimo.

Por fim, há um nome que é tratado em Araújo (2000) e Wetzels (2009) como empréstimo. Apresentamos este nome em (115):

(115) /cap/ [ˈtɕaβ] ~ [tɕaˈɦaβ] ‘chave’

Estes autores afirmam que o nome em (115) provém do português e que ele possui a forma longa, mas não a curta. Temos a ocorrência das duas formas, curta e longa, em nossos dados. De fato, caso a palavra ‘chave’ do português fosse adaptada ao Maxakalí, esperar-se-ia uma forma nativizada [ˈtɕaβ], porém este item não é um empréstimo. De acordo com alguns falantes Maxakalí /cap/ significa ‘fila’ (ver exemplo (108e) mais acima) e o significado para ‘chave’ vem por uma metáfora com um cambão de peixes, o qual em Maxakalí é designado por um composto /bãb-cap/ peixe-fila. Esta metáfora se dá, ainda de acordo com os falantes, pela semelhança do cambo com um molho de chaves dispostos em um anel. Portanto, o exemplo (115) somente aparenta ser um empréstimo que estaria sujeito às regras de itens nativos, porém tal semelhança não passa apenas de uma mera coincidência.

Vê-se, deste modo, que nomes monossilábicos de origem portuguesa não se alongam no Maxakalí, estando a alternância entre formas curtas e longas restrita a itens do léxico nativo e não sendo ela produtiva mais atualmente. Iniciaremos a discussão sobre a morfologia verbal na próxima seção.

4.2 – Morfologia verbal

Os verbos em Maxakalí, ao contrário do que é dito por Ribeiro (2006), é formado não somente pela raiz e por prefixos indicadores de pessoa, mas também têm como elementos constituintes afixos e clíticos indicadores diversos de voz, tempo, aspecto, modo, além de em alguns casos, contar com supleções. Nesta seção, descreveremos aspectos concernentes à morfologia flexional e derivacional de verbos, demonstrando que

a morfologia dessa classe, no Maxakalí, é definitivamente mais complexa do que Ribeiro (2006) faz parecer. A estrutura máxima de um verbo pode ser dada pela seguinte esquematização:

(116)

(PART)=(DIR)=(índice pessoa)=(REL)-(TH)-raiz₁++(raiz_n)-(modo)-(CAUS)-(DIM)=(CLIT)

Assim como nos nomes, o único elemento obrigatório de um verbo é sua raiz. Esta pode ser precedida por uma série de clíticos, entre os quais partículas usadas em construções imperativas e reflexivas (PART) e clíticos que aqui chamamos de direcionais (DIR). Também precedem a raiz os índices de pessoa, que como veremos podem ser clíticos ou prefixos, a consoante temática (TH) e os prefixos relacionais de contiguidade (REL). Posposto à raiz, temos sufixos de modo, restrito à alguns verbos somente, o sufixo diminutivo (DIM) e uma outra série de clíticos que podem indicar tempo e aspecto.

Porém, antes de apresentarmos os morfemas constituintes do verbo, faremos uma breve apresentação do alinhamento morfossintático do Maxakalí, pois alguns destes constituintes se relacionam diretamente com a sintaxe.

4.2.1 – Alguns comentários sobre o alinhamento morfossintático no Maxakalí

Nesta seção, apresentaremos rapidamente nossa análise sobre o alinhamento morfossintático do Maxakalí. Este trabalho não tem por objetivo fazer uma descrição detalhada da sintaxe da língua, porém uma breve descrição se faz necessária para que possamos entender mais à frente algumas das categorias expressas morfologicamente no verbo.

Popovich (1986, p.351) afirma que o Maxakalí é uma língua de padrão ergativo completo, isto é, o sujeito de uma oração transitiva (A) é marcado de maneira diferenciada tanto do sujeito de oração intransitiva (S) quanto do objeto direto em uma oração transitiva (O), podendo esta relação ser esquematizada como $A \neq S = O$. Porém, pouco depois de afirmar isso, ele diz que, sintaticamente, em construções reflexivas e em construções com o uso de conjunções de referência trocada (*switch reference*), há um padrão nominativo, em que os sujeitos, tanto de orações transitivas quanto de intransitivas, são marcados da mesma maneira ($A = S \neq O$). Ainda mais adiante, ele diz que A e S também têm uma mesma identidade sintática em construções imperativas (POPOVICH, 1986, p.

354). Pereira (1992) segue a mesma análise de Popovich (1986), afirmando ser o Maxakalí língua ergativa.

Campos (2009), por outro lado, acredita ser o Maxakalí uma língua tripartida ativa, tanto do ponto de vista morfológico quanto sintático. Neste tipo de alinhamento, os sujeitos de orações transitivas e intransitivas agentivas (S_A) são marcadas de maneira diferente de sujeito de orações intransitivas inativas (S_O) e de objeto direto, isto é, $A=S_A \neq S_O \neq O$. Ele afirma que os constituintes A e S_A são marcados pela posposição /tɛ/, enquanto S_O pode ser marcado ou pelo índice /ĩ-/ ou, em caso de construções reflexivas, por /jãc/. Por fim, O seria, dentro de sua análise, morfologicamente não-marcado, com a indicação de sua função sendo puramente sintática, já que este argumento viria em posição pré-verbal adjacente ao verbo (CAMPOS, 2009, p. 158-167).

Ao nosso ver, para se discutir o alinhamento morfossintático no Maxakalí, se faz necessária a distinção entre verbos nativos e verbos emprestados do português e onomatopaicos. Os pontos apresentados nas subseções a seguir seguem a argumentação presente Nevins e Silva (no prelo), Silva e Nikulin (no prelo) e em Silva (manuscrito).¹⁵⁰

4.2.1.1 – Verbos nativos

Os verbos nativos no Maxakalí podem ocorrer em dois modos: *realis* e *irrealis*.¹⁵¹ O primeiro destes modos é utilizado na maior parte das vezes: em orações simples, orações relativas e na maior parte de orações subordinadas, além de ser também utilizada em algumas construções imperativas. O alinhamento morfossintático dos verbos neste modo é, consoante Popovich (1986), ergativo, isto é, $A=S \neq O$. Também concordamos com Popovich (1986) que a referência trocada segue um alinhamento nominativo, já que ela traça a concordância dos sujeitos de ambas orações, não importando a transitividade verbal. Porém, discordamos desse autor quanto à voz reflexiva e o modo imperativo, os

¹⁵⁰ Nikulin e Silva (submetido) tentam, a partir da comparação com o alinhamento morfossintático das línguas da família Jê Setentrional, reconstruir o percurso histórico do alinhamento no Maxakalí. Não iremos, porém, entrar nessa discussão, pois, como dito anteriormente, o foco deste trabalho não reside em discussões sintáticas.

¹⁵¹ Na nomenclatura dos estudos de línguas Jê, esses dois modos equivalem em grande medida, mas não completamente, às chamadas formas finitas e não-finitas, respectivamente. Nikulin e Silva (submetido) demonstram que historicamente, porém, as formas do *realis* Maxakalí são cognatas das formas não-finitas do Proto-Jê-Setentrional e as do *irrealis* correspondem do ponto de vista etimológico às formas finitas, tendo o Maxakalí (e provavelmente também o Krenák) passado por uma reanálise no decorrer de sua história.

quais acreditamos que seguem um alinhamento ergativo no primeiro caso e ergativo ou ergativo cindido no segundo, a depender da construção imperativa.

Já o modo *irrealis* é utilizado na maior parte das construções imperativas e em orações subordinadas indicativas de finalidade. Neste modo, o alinhamento é ergativo cindido, em que $S_A \neq S_O = O$. Chamaremos aqui os verbos que pedem um argumento S_A de verbos intransitivos ativos, enquanto àqueles que exigem um argumento S_O serão chamados de intransitivos inativos. Esta nomenclatura, porém, não têm motivação semântica e é usada tão somente para separar estes dois tipos de verbos intransitivos em duas classes distintas.

A distinção entre modo *realis* e *irrealis*, no Maxakalí, é marcada morfologicamente apenas em alguns verbos nativos. Nos nossos dados contamos pouco mais de 40 itens que contam com essa distinção formal, mas acreditamos que este número deva ser maior (ver Seção 4.2.8 mais adiante). Outra distinção formal entre os dois modos pode ser encontrada na alternância de formas curtas e longas: as regras de alongamento no modo *realis* são sensivelmente diferentes das regras do modo *irrealis* (Seção 4.3).

4.2.1.1.1 – Verbos intransitivos

Os verbos intransitivos são aqueles que pedem apenas um argumento (S), o qual se coloca na função de sujeito. No modo *realis*, este argumento recebe o caso absolutivo (ABS), o qual conta com marca zero. Não há qualquer tipo de cisão neste modo:

- (117) a. /k=cip/ [õũt̚'ɛiβ̚]
 1.SG=estar em pé.SG
 ‘eu estou (em pé)’
- b. /ã-j-ĩk/ [ã'jĩ]
 2-TH-falar
 ‘você fala’
- c. /ĩ-bũ-k/ [ĩ'mõũ]
 3-ir-REAL
 ‘ele vai’
- d. /bũ=k=cipa-Ø/ [mõũt̚ɛipɔ'hɔ]
 CTFG=1.SG=fugir.SG-REAL (CTFG=fugir.SG = ‘correr’)
 ‘eu corro’

- e. /tik-Ø kipi/ [tɪjkɪ^hpi'fi]
 homem-ABS caçar
 ‘o homem caça’

Os dados em (117) anterior mostram o caso absolutivo é indicado pelos índices de pessoa ou por um nome sem marcação. Os exemplos em (117) ainda são reveladores, pois mostram que verbos intransitivos têm a mesma atribuição de caso, independentemente do papel temático atribuído pelo verbo ou de sua semântica. (117a) mostra um verbo posicional, (117b) um verbo discursivo, (117c-d) indica verbos de movimento e (117e) um verbo acional, com agentividade do sujeito. Veremos os detalhes sobre o alongamento de formas dos exemplos em (117d-e) na Seção 4.3.1.

Vejamos agora exemplos desses mesmos verbos no modo *irrealis*. Para tanto, apresentaremos em (118) estes verbos na função de imperativo:

- (118) a. /cip/ [tɛi'hiβ]
 estar em pé.SG
 ‘Fica (de pé)!’
 b. /ã-j-ĩk/ [ã'jĩ]
 2-TH-falar
 ‘Fala!’
 c. /bũ-Ø/ ['mũ]
 ir-IRR
 ‘Vá!’
 d. /bũ=ã-cibã-t/ [mũãtɛĩ'mãḡ]
 CTFG=2-fugir.SG-IRR
 ‘Corre!’
 e. /kipi/ [ki^hpi]
 caçar
 ‘Caça!’

Os exemplos em (118) demonstram diversos aspectos relacionados ao modo *irrealis* como sendo distinto de *realis*. Em primeiro lugar, temos em (118c-d) dois verbos que fazem uma distinção formal das formas nos dois modos: o verbo ‘ir’, no modo *realis*

(117c) tem uma coda velar, enquanto no modo *irrealis* essa coda está ausente. Já o verbo ‘correr’ tem sua raiz oral e sem coda final no modo *realis*, mas no modo *irrealis* tem uma coda dental e uma vogal acentuada nasal, o que causa a nasalização de praticamente toda a raiz, dado o espraçamento (ver Seção 3.1.2).

Outro ponto, mais relevante para a discussão dessa seção, é o de que alguns verbos recebem uma marca /ã-/ no imperativo (118b, d) enquanto outros não (118a, c, e). À primeira classe, isto é, aquela que recebe a marca de segunda pessoa, chamamos de verbos intransitivos inativos e seu argumento é indicado por S_O, recebendo este argumento o caso absolutivo. A segunda classe é composta por verbos intransitivos ativos, já que seu argumento S_A não é indicado morfologicamente. Esta cisão dos verbos intransitivos no modo *irrealis* é indicada, assim, pelo fato de esse primeiro grupo receber uma marca que concorda com o sujeito enquanto o segundo conjunto não recebe marca alguma. A distinção das duas classes é dada lexicalmente, como pode ser visto em (119):

(119) a.	/cip/ estar em pé.SG ‘Fica (de pé)!’	[tɛi'hiβ̥]
b.	/ã-ti/ 2-estar em pé.PL ‘Fiquem (de pé)!’	[ã'ti]
c.	/jĩp/ sentar.SG ‘Senta!’	[ɲĩ'hĩβ̥]
d.	/bãp/ sentar.PL ‘Sentem!’	[mã'hãβ̥]
e.	/kipi/ caçar ‘Caça!’	[ki ^h 'pi]

f.	/ã-cit/	[ã'teijə]
	2-comer.INTR	
	‘Come!’	

Podemos ver que número não é uma categoria relevante na distinção das duas classes de verbos intransitivos: o par de verbos supletivos em (119a-b) pertencem a classes diferentes, sendo aquele em (119a) um intransitivo ativo e o presente em (119) um intransitivo inativo. Por outro lado, o par em (119c-d), também composto por verbos posicionais, tem ambos como intransitivos ativos, demonstrando assim que número não é relevante na distinção das duas classes.

Agentividade também não é um critério ativo nessa distinção já que em (119e) temos um verbo intransitivo ativo cujo argumento recebe o papel temático de agente e em (119f), por outro lado, temos um verbo intransitivo inativo em que o argumento também recebe o papel temático de agente. Os verbos posicionais exemplificados em (119a-d), como já discutido no parágrafo anterior, podem pertencer a uma ou outra classe e todos eles não contam com um argumento agentivo.

Em suma, verbos intransitivos do léxico nativo no Maxakalí seguem um alinhamento ergativo clássico no modo *realis*, com seu argumento recebendo o caso absolutivo (ABS). No modo *irrealis*, por outro lado, há uma cisão entre verbos ativos e inativos. O argumento de verbos intransitivos ativos (S_A) não é indicado morfológicamente, enquanto o argumento de verbos intransitivos inativos (S_O) recebem a marca de segunda pessoa, já que esta faz referência a um sujeito no caso absolutivo. Esta distinção, como demonstrado acima, é dada lexicalmente.¹⁵²

4.2.1.1.2 – Verbos intransitivos descritivos

Há uma classe especial de verbos intransitivos no Maxakalí que faz referência a uma característica de um nome e equivale à classe dos adjetivos nas línguas europeias. Chamamos a estes verbos de intransitivos descritivos. Todos os verbos dessa classe são intransitivos inativos e se distinguem dos demais em dois aspectos: a possibilidade de exercer uma função atributiva e por não sofrerem alternância entre formas curtas e longas. Este segundo aspecto será descrito na Seção 4.3.

¹⁵² Veremos ainda, na Seção 4.2.1.2, que há ao menos quatro verbos intransitivos que se comportam de maneira diferenciada dos demais em relação ao alinhamento morfossintático.

Vejamos abaixo exemplos de verbos descritivos em suas funções atributivas e predicativas:

- (120) a. /ĩt pata tuc/ [ĩũḁpɔḁta'tuwi]
- mulher pé longo
- ‘Pé comprido da mulher’
- b. /bĩp ã-tuc/ [mĩ'hĩḁḁĩḁ'tuwi]
- madeira 3-longo
- ‘A árvore é alta’
- c. /ã-tuc/ [ã'tuwi]
- 2-longo
- ‘Você é alto’
- d. /bãp pɛt/ [mãḁḁpiḁ'tɛɛ]
- peixe só, um
- ‘Um peixe’
- e. /ã-tak ã-ktit/ [ã'tauḁḁkiḁ'tuɔ]
- 2-pai 3-velho
- ‘Seu pai é velho’
- f. /k=pakit/ [ũḁpɔ'kiuɔ]
- 1.SG=doente
- ‘Eu estou doente’

Em (120a, d) temos verbos descritivos em sua função atributiva, ou seja, ele se encontra no sintagma nominal. Em (120a) o nome /ĩt/ ‘mulher’ se encontra em sua forma curta pois é o possuidor de /pata/ ‘pé’, formando com este um pé fonológico. Já em (120d) é mais esclarecedor quanto ao fato de o verbo estar no localizado no sintagma nominal: não só /bãp/ ‘peixe’ é realizado em sua forma curta, por formar um pé fonológico com o verbo; como também não há o índice de terceira pessoa /ĩ-/ preposto ao verbo (comparar com (120b, e)).

Já nos exemplos em (120b-c, e-f), o verbo se encontra em sua função predicativa. Eles formam um predicado e têm o nome (120b, e) ou índice de pessoa (120c, f) como

sujeito da oração. Por serem verbos intransitivos, o argumento S é indicado pelos índices de pessoa que, quando prepostos a verbos, são indicativos do caso absolutivo.

Consideramos, assim como Campos (2009, p. 144-150), essa classe de palavras como verbos por elas compartilharem com estas uma série de propriedades morfológicas. Descreveremos a seguir três destas características, as quais não foram apresentadas na seção em que Campos (2009) demonstra não haver adjetivos em Maxakalí.

Uma dessas características é compartilhada entre não só entre verbos e descritivos, mas também por nomes inalienáveis: ambas classes podem receber em sua margem esquerda uma série de índices indicadores de pessoa. No caso dos nomes, elas são indicativas do possuidor do nome. Já em verbos intransitivos os índices são responsáveis por marcar o argumento S e em verbos transitivos o argumento O. No caso dos verbos descritivos, assim como nos demais verbos intransitivos, e como pode ser visto nos exemplos (120b-c, e-f), os índices de pessoa têm a função de marcar o argumento S do predicado.

Uma segunda característica compartilhada entre verbos e descritivos é o fato que, quando sufixadas com o diminutivo /-dāk/, itens de ambas as classes sofrem o espriamento de nasalidade do sufixo para a base, como visto no Capítulo 3. Exemplificamos isso em (121) abaixo. (121a) conta com um verbo transitivo com o sufixo diminutivo, (124b) com um verbo intransitivo e (121c-f) com verbos descritivos:

- (121) a. /tapbɛp/ [t̥a:ˈbɛβ] ‘furar.PL’
 /tapbɛp-dāk/ [t̥a:ˈbẽβ̃ɲãũ] furar.PL-DIM > ‘furadinho’, ‘furar muitas vezes’
- b. /-pik/ [ˈpəʊ] ‘queimar.INTR, queimado’
 /-pik-dāk/ [ˈpẽũɲãũ] queimar.INTR-DIM > ‘queimar um pouquinho, queimadinho’
- c. /-piik/ [piˈʔəʊ] ‘fraco’
 /-piik-dāk/ [piˈʔẽũɲãũ] fraco-DIM > ‘fraquinho’
- d. /-ci-dit/ [tɛiˈɖiɰə] ‘redondo’
 /-ci-dit-nāk/ [tɛiˈɖĩ:ɲãũ] NCTG-redondo-DIM > ‘redondinho’

e. /-cuhi/ [tɕu'hi]	‘muito’
/-cuhi-t-dāk/ [tɕũ'hi:ṽãũ]	muito-EPENT-DIM ‘muito (coisas pequenas)’
f. /-ci-ta/ [tɕiʰ'ta]	NCTG-maduro > ‘vermelho’
/-ci-ta-t-dāk/ [tɕiʰ'tã:ṽãũ]	NCTG-maduro-EPENT-DIM > ‘vermelhinho’

Uma última característica em comum entre verbos e descritivos, que fazem com que estes sejam uma subclasse daqueles é que ambos contam com um grupo restrito de verbos que pedem obrigatoriamente um prefixo relacional de contiguidade (REL), enquanto nenhum nome conta com tal prefixo (exceto, é claro, por nominalizações dos referidos verbos). Vejamos alguns exemplos abaixo:

(122) a. /ci-ktic/	/ã-ktic/	?/Ø-ktic/
NCTG-dizer	CTG-dizer	
‘dizer’		
b. /ci-pɛp/	/ã-pɛp/	/pɛp/
NCTG-sair, chegar.SG	CTG-sair, chegar.SG	
‘sair, voltar’		‘servir (sólido, não-contável)’
c. /ci-ta/	/ã-ta/	/-ta/
NCTG-maduro	CTG-maduro	
‘vermelho’		‘maduro’
d. /ci-ci/	/ã-ci/	*-/ci/
NCTG-frio	CTG-frio	
‘frio’		

Temos em (122) quatro exemplo de verbos com prefixos REL: em (122a) temos um verbo transitivo, em (122b) um verbo intransitivo e em (122c-d) dois verbos descritivos. Não sabemos se existe uma forma sem o relacional para a raiz de (122a), porém em (122b) a forma sem o prefixo não é relacionada semanticamente (e provavelmente também não o é etimologicamente). Em (122c), a raiz sem o relacional conta com outro significado, ainda que relacionado semanticamente com o verbo que exige a presença do prefixo. Por fim, a raiz em (122d) é agramatical sem o relacional.

Vemos, a partir destas três características, que os descritivos devem ser considerados, no Maxakalí, uma subclasse dos verbos intransitivos. A exigência de um argumento S quando em função predicativa, o espriamento da nasalidade do sufixo diminutivo para a base e a presença de prefixos relacionais em alguns itens mostram claramente que não há adjetivos, mas verbos descritivos na língua.

4.2.1.1.3 – Verbos transitivos

Os verbos transitivos nativos no Maxakalí têm seu argumento A marcado pela posposição /tɛ/, a qual indica o caso ergativo (ERG) e o argumento O sem marcação morfológica, no caso absolutivo. Não há cisões nesta classe verbal, seja no modo *realis*, seja no modo *irrealis*.

O argumento A, quando não é ocupado por um sintagma nominal, é preenchido pelos pronomes oblíquos, os quais serão apresentados no Quadro 4.7. Estes pronomes são utilizados em todos os sintagmas posposicionados, com exceção da posposição genitiva /j-ũk/, descrita na Seção 4.1.2 (o paradigma desta posposição é apresentado no Quadro 4.5). Quando não recebem posposição, os pronomes oblíquos indicam o caso dativo (DAT).

QUADRO 4.7 – Paradigma dos pronomes oblíquos no Maxakalí

	/tɛ/ ‘ERG’	/pi/ ‘DAT’	/hã/ ‘INS’
1.SG	/ã=tɛ/	/ã/	/ã=hã/
1.INCL	/jibĩ-ã=tɛ/	/jibĩ-ã/	/jibĩ-ã=hã/
1.EXCL	/k=bĩ-ã=tɛ/	/k=bĩ-ã/	/k=bĩ-ã=hã/
2	/ca=tɛ/	/ca/	/ca=hã/
2.PL ¹⁵³	/ã-cup=tɛ/	/ã-cup/	/ã-cup=hã/
3	/ti=tɛ/	/ti/	/dũ/
N	/N=tɛ/	/N=pi/	/N=hã/

Os pronomes no Quadro 4.7 acima demonstram que a posposição ergativa /tɛ/ conta com um paradigma regular. O caso dativo não exige a presença da posposição após os pronomes oblíquos. Por outro lado, caso um sintagma nominal receba este caso, ele é

¹⁵³ A segunda pessoa, como já visto anteriormente, nem sempre faz distinção de número, porém quando o faz, tem sua forma plural indicada pela construção /ã-cup/.

indicado pela posposição /pi/. Por fim, a posposição instrumental /hã/¹⁵⁴ é irregular, pois a terceira pessoa tem uma forma supletiva /dũ/ (foneticamente [ˈɲũ]). Não temos dados suficientes para saber se as posposições locativa /ti/ e alativa /ha/ são regulares.

Abaixo, apresentamos alguns exemplos de verbos transitivos no modo *realis*, todos retirados de gravações de fala espontânea:

- (123) a. /ã=tɛ dihĩ bĩ-k/
 1=ERG este.FL fazer-REAL
 ‘Eu faço este’
- b. /ca=tɛ bĩp-cap tuduk/
 2=ERG madeira-semente pisar
 ‘Você pisou na semente’
- c. /ci-ktic bai=hã jã jibĩ-ã=tɛ/
 NCTG-dizer bom=INS ENF 1.INCL-1=ERG
 ‘Vamos contar (a história) bem’
- d. /k=dũc=tɛ kukɛk piɪ/
 1.SG=outro=ERG cachorro pegar.SG.ANIM
 ‘Minha irmã pegou o cachorro’
- e. /dihĩ | ã=tɛ kakcup=pi jibĩk-dã=ac/
 este.FL | 1.SG=ERG criança=DAT saber-CAUS=FUT
 ‘Isto, eu vou ensinar para as crianças’

Todos os sujeitos das orações em (123) são marcados pela posposição /tɛ/, pois se tratam de argumentos A de verbos transitivos. Temos os argumentos O /dihĩ/, /bĩp-cap/ e /kukɛk/, respectivamente em (123a, e), (123b) e (123d), sem marcação morfológica, indicando que eles estão no caso absolutivo. As orações em (123c) não tem o objeto direto expresso fonologicamente: isto é parcialmente indicado pelo fato de o verbo receber um prefixo de não-contiguidade /ci-/. Além disso o sujeito se encontra numa posição marcada final. Em (123e) o argumento O está localizado no início da oração, indicando uma

¹⁵⁴ /hã/ além da função prototípica de indicação de caso instrumental, também é usada para marcar diversos adjuntos, como de modo e tempo, por exemplo.

topicalização. Além disso, essa sentença conta com um objeto indireto /kakcup/, o qual, por se tratar de um nome, deve ser seguido pela posposição /pi/.

Os exemplos em (124), por serem imperativos, se encontram no modo *irrealis*:

- (124) a. /ĩ-pa/ [ĩ'pɔ]
 3-pegar.SG.INAN
 'Pegue-o!'
- b. /ĩ-bĩ-Ø/ [ĩ' mĩ]
 3-fazer.IRR
 'Faça-o!'
- c. /ka=k pihip-dã/ [kakpihi' mõ]
 PROH=1.SG vergonha-CAUS
 'Não me envergonhe!'
- d. /ã-tit ã-pa-c/ [ã' t̪iɥəʔã' pɔj]
 2-mãe CTG-escutar-IRR
 'Escute sua mãe!'

Os exemplos em (124), por serem imperativos, têm expressos somente seu argumento O. Por estarem no caso absolutivo, utiliza-se índices de pessoa (124a-c) ou um sintagma nominal sem marcação morfológica de caso (124d). Se comparamos estes exemplos, com os imperativos de verbos intransitivos em (119) fica mais claro o caráter ergativo do Maxakalí: Os argumentos S_A (119a, c-e) não são marcados morfológicamente nos imperativos. Por outro lado, S_O (119b, f) e O (124a-c) recebem os índices de pessoa. A única possibilidade em (119b, f) é /ã-/, marcador de segunda pessoa, pois semanticamente um imperativo consiste em uma ordem para o ouvinte. Nos casos de verbos transitivos, a outros marcadores podem ocorrer já que a ordem é dada para um referente de segunda pessoa, mas o verbo concorda com o objeto direto.

4.2.1.2 – Verbos emprestados e onomatopaicos

Verbos emprestados do português e verbos onomatopaicos contam com um alinhamento diferenciado se comparado aos verbos nativos. Silva (manuscrito) levanta três possibilidades de análise, porém aqui não nos comprometeremos com nenhuma delas,

Como podemos depreender dos dados em (125) acima, o sujeito de sentenças com verbos onomatopaicos e emprestados do português sempre é marcado pela posposição /tɛ/, independente se o predicado é composto por oração com verbos intransitivos (125a-d) ou transitivo (125e-h). Além disso, o objeto direto (argumento O) das orações em (125e-h) é marcado sempre pela posposição /hã/. Veremos logo, que uma das possibilidades de análise irá utilizar outros rótulos para estas posposições que não ERG e INS, respectivamente. Cabe aqui notar, consoante com Popovich (1985), que onomatopeias comumente são reduplicadas como em (125b).

Vejamos agora como se dá o imperativo destes mesmos verbos:

- (126) a. /pĩt/
 pular.ONOM
 ‘Pula!’
- b. /pũkpũk/
 nadar.ONOM
 ‘Nada!’
- c. /takat/
 caro
 ?‘Seja caro!’
- d. /gaʒũ/
 ganhar, vencer
 ‘Vence!’
- e. /kidiũk=hã bāt/
 coelho=INS estourar.ONOM
 ‘Atira no coelho!’
- f. /dũ tĩk/
 3.INS piscar.ONOM
 ‘Pisque-o!’
- g. /kiduc=hã bɛdɛk/
 tecido=INS vender
 ‘Vende a roupa!’

h. /dũ	tupu/
3.INS	encontrar (com alguém)
‘Encontra com ele!’	

Os imperativos de verbos intransitivos onomatopaicos e emprestados do português (126a-d) não recebem marca alguma, à semelhança dos verbos nativos intransitivos ativos. Por outro lado, os argumentos dos verbos transitivos (126e-h) precisam, assim como em sentenças finitas, receber a posposição /hã/. Quando o objeto direto não é expreso, utiliza-se obrigatoriamente a forma supletiva de terceira pessoa /dũ/.

Pode-se perguntar, portanto, qual o alinhamento morfossintático destes verbos, já que seus argumentos, claramente, recebem marcas morfológicas diferentes daqueles apresentados nas seções anteriores. Silva (manuscrito) aventa três possibilidades, as quais apresentaremos adiante. Porém, não vamos escolher, neste trabalho, uma opção definitiva, já que os dados ainda não nos são completamente claros para tomar tal decisão. Tal escolha deve ser feita em estudos futuros.

A primeira possibilidade é a de que o alinhamento morfossintático destes verbos represente mais uma cisão: teríamos, portanto, nos verbos onomatopaicos e emprestados, uma classe de inergativos (em outras palavras $S_A=A$). Dentro desta hipótese, todos estes verbos seriam monovalentes e marcados com a posposição ergativa /tɛ/. No caso de verbos aparentemente bivalentes, o “segundo argumento” seria um adjunto, marcado por /hã/. A favor desta hipótese, temos que adjuntos no Maxakalí são, de fato, marcados por esta posposição na maior parte das vezes. Também não precisaríamos postular um outro alinhamento, que não ergativo, se tratando, portanto, apenas de uma cisão.

Um último argumento a favor é o fato de haver, ao menos quatro verbos nativos que se comportam como onomatopaicos e emprestados: (i) /tadcuk/ ‘banhar’; (ii) /hãpjãk/ ‘dançar’; (iii) /cipcɛt/ ‘roubar’; e (iv) /kacĩk/ ‘ser desta maneira’. Isto é, em sentenças finitas (modo *realis*) o argumento na posição de sujeito exige marcação com a posposição /tɛ/ e, no caso de (iii), o outro argumento pede a posposição /hã/. Sobre os dois primeiros verbos, cabe aqui mencionar que ambos pertencem, no modo *irrealis*, à classe dos intransitivos ativos, ou seja, não contam com a marcação do argumento. Seus imperativos são respectivamente /tatcu-Ø/ e /hãpjã-Ø/, sem coda final. Não temos informações em

nossos dados sobre o verbo ‘roubar’ no modo *irrealis*. Sobre o verbo /kacĩk/, em (iv), faremos mais comentários adiante.

Historicamente, as raízes lexicais do Maxakalí, assim como as de diversas línguas Macro-Jê, aparentam ter sido em sua esmagadora maioria monossilábicas. Os quatro verbos acima são dissilábicos, indicando que provavelmente eles eram compostos por dois morfemas. O verbo ‘dançar’ é analisado como bimorfêmico por Campos (2009), sendo composto por /hãp/ ‘terra’ e /-jãk/ ‘riscar, lascar’. No decorrer da história da língua, estes verbos teriam perdido a transparência de sua estrutura morfológica interna. A origem diacrônica desses verbos, dessa maneira, teria envolvido uma espécie de incorporação do objeto direto à raiz verbal.

$$\begin{array}{lcl} (127) & \text{Pré-Maxakalí} & > & \text{Maxakalí} \\ & A /t\epsilon/ \text{ Adj } /h\tilde{a}/ \text{ O } V & > & A /t\epsilon/ \text{ O } /h\tilde{a}/ V \end{array}$$

No esquema em (127), o morfema à esquerda do verbo (V), que teria diacronicamente a função de O, se fundiu à raiz verbal. Como a posição de O, que é não marcada em verbos nativos, já estava ocupada, o outro participante da ação deveria ser marcado como um adjunto (Adj), através da posposição /hã/. Assim, explica-se porque os “objetos diretos” destes verbos são marcados com uma posposição no estágio atual da língua.

Uma outra possibilidade de análise dos verbos onomatopaicos e emprestados é de que eles seguem um outro alinhamento: o nominativo-acusativo, esquematicamente $S=A \neq O$. Segundo esta hipótese, /tε/ marcaria os argumentos S e A, nas orações com esses predicados, com o caso nominativo (NOM). /hã/ por sua vez, marcaria argumentos O com o caso acusativo (ACC). A favor desta possibilidade temos o fato de que este padrão ocorre em outro ponto da língua, no caso, o *switch reference*. Também conhecido como referência trocada, essa relação é indicada, no Maxakalí, por três pares de conjunções¹⁵⁵

¹⁵⁵ Popovich (s/d) mostra os seguintes pares (o primeiro elemento de cada par traça o mesmo sujeito, enquanto o segundo é indicativo de mudança de sujeito): /ti/ e /ha/ que indicam uma relação de continuidade temporal entre as orações; /hi/ e /jĩ/ indicam uma relação de conclusão entre as duas orações (acreditamos que indiquem uma relação de causa e consequência); e /dĩc/ e /pi/ que indicam que a segunda oração é uma subordinada com sentido de finalidade. Sobre este último par, Popovich (1986), afirma que a forma indicativa de sujeito diferente varia de acordo com a pessoa da oração subordinada: /ĩ/ para primeira pessoa, /ca/ para segunda e /pi/ para a terceira. A tese Sílvia Pereira, da UFRJ (em andamento), trata sobre o *switch reference* no Maxakalí, então dentro em breve haverá mais um trabalho que discute esse fenômeno. Nikulin (comunicação pessoal) afirma que, ao menos o par /dĩc/ e /pi/ pode ser reconstruído para o Proto-Macro-Jê, já que algumas línguas Jê contam com cognatos.

que traçam o sujeito da primeira oração e indicam se sua identidade é a mesma do sujeito da oração seguinte. Vê-se, assim, que a referência trocada segue também um padrão nominativo.

A última hipótese é de que verbos onomatopaicos e emprestados sejam citações diretas (*direct quoting*). Em nossos dados há diversas ocorrências de citações diretas, mas aparentemente nenhuma de citações indiretas, ao contrário do que afirma Popovich (1986). Ela se dá normalmente pela seguinte estrutura:

(128) A /tɛ/ citação (/kacĩk/)

O argumento A indica o referente que faz a ação de citar e é seguido pela posposição /tɛ/ e da citação direta. O verbo /kacĩk/ ‘ser desta maneira’ ocorre opcionalmente após a citação. Quando ocorre, o *pitch* do verbo é pronunciadamente mais baixo que o do restante da oração.

Silva (manuscrito) levanta esta terceira possibilidade de análise, pois frequentemente construções com onomatopeias são seguidas pelo verbo /kacĩk/. Por ter comportamento semelhante ao de onomatopeias e pelo verbo /kacĩk/ nem sempre ser enunciado, ficando muitas vezes subentendido pelo contexto, estende-se essa análise para os verbos emprestados do português, ainda que não tenhamos registros, em nossos dados de /kacĩk/ após esta classe de verbos. Dentro dessa hipótese, portanto, teríamos um alinhamento novamente ergativo, em que o argumento A é marcado pela posposição /tɛ/, o verbo onomatopaico ou emprestado e seu argumento interno, o qual é marcado por /hã/, exerceriam a função do argumento O e o verbo principal seria /kacĩk/, o qual nem sempre é pronunciado.

Terminada essa introdução sobre o alinhamento morfossintático no Maxakalí, podemos proceder à apresentação dos morfemas constituintes dos verbos. A curta apresentação destes aspectos morfossintáticos se fez necessária, como dito no início da seção, para uma melhor compreensão do comportamento dos morfemas que serão apresentados nas seções a seguir.

4.2.2 – Partículas

Os verbos no Maxakalí contam com uma série de partículas prepostas à raiz. Nesta seção, veremos dois conjuntos de partículas que são utilizadas em construções imperativas e na indicação da voz reflexiva e recíproca.

4.2.2.2 – Partículas de construções imperativas

O Maxakalí conta com diversas possibilidades de construções imperativas. Apresentaremos aqui três destas construções, as quais são formadas a partir de partículas. A primeira delas é o proibitivo (PROH) (ou imperativo negativo) marcado pela partícula /ka/. Esta construção já foi descrita parcialmente por Campos (2009), juntamente com outra construção proibitiva, que utiliza o morfema posposto ao verbo /huk/. Dois detalhes, porém, não constam do trabalho de Campos (2009): primeiro, é que o proibitivo com /ka/ é menos polido e mais enfático que aquele com /huk/, segundo os falantes consultados por nós. Segundo, a construção com /ka/ exige que o verbo esteja no modo *irrealis*, enquanto, na construção com /huk/, o verbo se encontra no modo *realis*. Detalhes e exemplos sobre esta segunda forma proibitiva serão apresentados na Seção 4.2.11.

- (129) a. /ka=k pĩhip-dã/ [kakpĩhi' mõ]¹⁵⁶
 PROH=1.SG vergonha-CAUS
 ‘Não me envergonhe!’
- b. /ka ã-bĩ-Ø/ [kaʔĩ' mĩ]
 PROH 3-fazer-IRR
 ‘Não o faça!’
- c. /ka ã-cit/ [kaʔã' teijə]
 PROH 2-comer.INTR
 ‘Não coma!’
- d. /ka pu/ [kapu' hu]
 PROH chorar.IRR.FL
 ‘Não chora!’
- e. /ka jĩp/ [kaɲĩ' hĩβ̃] ~ [ka' nĩβ̃]
 PROH sentar.SG
 ‘Não senta!’

Os dados em (129) exemplificam verbos transitivos (129a-b), intransitivo inativo (129c) e intransitivo ativo (129d-e). O fato de os verbos nos dois últimos exemplos

¹⁵⁶ Veremos na seção 4.2.9 que o *onset* do sufixo causativo /-dã/ assimila o ponto de articulação da coda final da base. Dessa maneira, o exemplo em (129a) acima tem uma realização fonética bilabial do *onset* do sufixo causativo, pois é este o ponto da coda final da raiz /pĩhip/ ‘vergonha’.

ocorrerem em suas formas longas, indicam que o proibitivo /ka/ não é um prefixo ou clítico, já que o verbo se alonga para formar o pé fonológico. Não sabemos ainda a motivação para a alternância de forma longa e curta em (129e), mas acreditamos que a construção com a forma curta do verbo indica, não que ele forma um pé com a partícula /ka/, mas que está no modo *realis*.

Outras duas partículas que são utilizadas em construções imperativas e que têm comportamento morfológico similar ao de /ka/ são /dui/, que indica o imperativo permansivo (PERM.IMP), e /bũc/, que é utilizada para indicar o imperativo alativo (ALL.IMP). Esta segunda partícula provavelmente tem origem em uma gramaticalização do verbo ‘ir’ /bũ-k/. Exemplos são fornecidos em (130):

- (130) a. [tɕij'ɬau | ɖui nã nĩ'fĩβ̃]
 /tiktak | dui jã jĩp
 cunhado.VOC | PERM.IMP ENF sentar.SG
 ‘Cunhado, fique sentado!’
- b. [ɖui ʔĩtɕi'paɕ]
 /dui ã-ci-pa-c/
 PERM.IMP 3-NCTG-escutar-IRR
 ‘Fique escutando!’
- c. [mũ ki'ɬʔãpã' mĩũ tea'pã]
 /bũc ktuaɣã=bĩt cat-dã/
 ALL.IMP cunhado=PRIV mandar-CAUS
 ‘Vá chamar só o cunhado dele!’
- d. [mũ ãpɒ'ta pi tɕɛ'ʔɛ]
 /bũc ã-pata pi-Ø cɛɛ/
 ALL.IMP 2-pé lavar-IRR verdadeiro
 ‘Vá limpar direito seu pé!’

Os exemplos em (130) mostram que os verbos estão no modo *irrealis*: em (130a) temos um verbo intransitivo ativo em sua forma longa, em oposição à (130c) em que o verbo se encontra em sua forma curta. Por sua vez, o verbo em (130b) tem uma coda palatal e aquele em (130d) está sem coda. Os detalhes de cada uma destas formas serão

tratados na Seção 4.2.8, sobre modo, e 4.3, sobre a alternância entre formas curtas e longas em verbos.

4.2.2.1 – Voz reflexiva e recíproca

Uma outra partícula encontrada em posição pré-verbal é /jãc/ (foneticamente [ɲãj]). Ela exerce as funções das vozes reflexiva e recíproca, ocupando a posição do argumento O de um verbo transitivo e fazendo referência ao argumento A. Caso este argumento seja singular, a leitura é reflexiva, caso seja plural, a leitura é ambígua, podendo ser reflexiva ou recíproca. Independente da leitura, glosaremos esta partícula sempre como REFL. Semanticamente ela indica que o agente realiza a ação em si mesmo (ou no caso de agentes, no plural, entre si), porém sintaticamente não podemos dizer que necessariamente ela indica a redução de valência verbal:

- (131) a. /ã=tɛ jãc pɛdahã/
 1=ERG REFL ver.FL
 ‘Eu me vi’
- b. /k=jãc pɛdahã/
 1.SG=REFL ver.FL
 ‘Eu me vi’
- c. */ã=tɛ=k jãc pɛdahã/
 1=ERG=1.SG REFL ver.FL

Os exemplos em (131) contam, até onde nos foi possível verificar, com o mesmo significado, porém a morfossintaxe é claramente diferente. Se por um lado, em (131a) temos um verbo claramente transitivo, com A sendo marcado pela posposição /tɛ/ e a partícula ocupando a posição de O, como se fosse um sintagma nominal (ou índice de pessoa); por outro, em (131b), temos um verbo que perde uma valência e tem seu único argumento marcado pelo índice de pessoa /=k/ 1.SG seguido de REFL. Ainda não sabemos as diferenças entre estas duas construções para além da morfossintaxe, sendo necessários mais estudos para entender estas duas possibilidades de marcação. Talvez as distinções revelem diferenças estilísticas ou pragmáticas, mas é importante notar que, como demonstrado em (131c), uma sentença com marcação dupla é agramatical.

Essa partícula também pode se ligar a nomes inalienáveis, indicando uma posse reflexiva:

- (132) a. /t_i=tɛ ʔ_i-J-ʔp kihiŋt/
- 3_i=ERG 3_j-TH-braço cortar
- ‘Ele cortou o braço (de outra pessoa)’
- b. /t_i=tɛ ʔãC_i-J-ʔp kihiŋt/
- 3_i=ERG REFL_i-TH-braço cortar
- ‘Ele cortou o (próprio) braço’

Os índices subscritos *i* e *j* indicam quem é o referente: em (132a), por serem os índices diferentes (*i* para A e *j* para O), a leitura é não-reflexiva. Por outro lado, em (132b), tanto A quanto o possuidor de O são marcados com o índice *i*, indicando, assim, que se tratam do mesmo referente.

4.2.3 – Clíticos direcionais

No Maxakalí, algumas raízes contam com proclíticos, os quais chamaremos aqui de clíticos direcionais. Elas são especificados lexicalmente, isto é, a sua ausência pode ou modificar o significado da raiz ou gerar uma forma agramatical. Esta classe é composta por dois clíticos, mutuamente exclusivos: /bũ=/ ‘CTFG’ e /dĩ=/ ‘CTPT’ e formam verbos, em geral, transitivos. Tais clíticos claramente são originados da gramaticalização dos verbos /bũ-k/ ‘ir’ e /dĩ-t/ ‘vir’.¹⁵⁷ Vejamos alguns exemplos de verbos com estes clíticos abaixo:

- (133) a. /bũ=ʔũt/ ‘lançar.SG, jogar.SG, empurrar.SG (a partir do centro dêitico)’
- b. /dĩ=ʔũt/ ‘lançar.SG, jogar.SG, empurrar.SG (em direção ao centro dêitico)’
- c. /bũ=kidã/ ‘enviar.SG.FC (a partir do centro dêitico)’
- d. /dĩ=kidã/ ‘enviar.SG.FC (em direção ao centro dêitico)’
- e. /bũ=puk/ ‘lançar.PL, jogar.PL, empurrar.PL, enviar.PL (a partir do centro dêitico)’
- f. /dĩ=puk/ ‘lançar.PL, jogar.PL, empurrar.PL, enviar.PL (em direção ao centro dêitico)’

¹⁵⁷ A língua Karajá marca obrigatoriamente a relação de movimento em todos os verbos: o morfema *-r-* indica CTFG e o morfema *-d-* indica CTPT. Estes prefixos também são usados para indicar “relações de empatia entre os participantes do ato de fala e, em textos narrativos, entre personagens e narrador” (RIBEIRO, 2012b, p. 174-190). Não sabemos se os morfemas verbais de direção do Karajá contam com a mesma origem que os clíticos do Maxakalí, mas provavelmente estas características têm uma origem independente nas duas línguas, como veremos mais adiante nesta seção.

Os exemplos em (133) mostram que o clítico direcional dá uma noção de movimento centrífugo, isto é, em que o referente que cumpre a função de argumento O se afasta do centro dêitico, ou uma leitura de movimento centrípeto, em que o referente designado por O se aproxima do centro dêitico. Vejamos mais alguns exemplos em (134):

- (134) a. /bũ=tat/ ‘vestir.SG, colocar (dentro).SG’
 b. /tat/ ‘vestir.PL, colocar (dentro).PL, pegar.MASS’
 c. /bũ=cik/ ‘guardar.SG’
 d. /cik/ ‘guardar.PL’

Os exemplos em (134) são diferentes daqueles de (133): apesar de (134a, c) contarem com o clítico direcional, neste caso eles indicam que o objeto direto do verbo está no singular. A ausência do clítico, por outro lado, faz com que o verbo tenha uma leitura plural. Ou seja, nos exemplos em (134) o clítico tem função de indicação do singular, não indicando movimento. Observemos, agora, mais alguns exemplos de verbos com estes clíticos:

- (135) a. /bũ=cipa/ ‘correr.SG.REAL.FC’
 b. /cipa/ ‘fugir.SG.REAL.FC’
 c. /bũ=dĩpa/ ‘correr.PL.REAL.FC’
 d. /dĩpa/ ‘fugir.PL.REAL.FC’

Nos exemplos em (135), assim como em (134), o clítico /bũ=/ não indica direção, mas deriva outro verbo semanticamente relacionado, ainda que os dois pares sejam compostos por verbos de movimento. Por fim, observemos os exemplos em (136) abaixo:

- (136) a. /bũ=hap/ */hap/
 ‘assar’
 b. /dĩ=dĩk/ */dĩk/
 ‘acender.TRANS’
 c. /bũ=jidĩt/ */jidĩt/
 ‘fechar’
 d. /bũ=kipik/ */kipik/
 ‘ler.REAL, contar.REAL (números)’

e.	/bũ=kuik/	*/kuik/
	‘soprar.REAL’	
f.	/bũ=jĩp/	/jĩp/
	‘engasgar (com sólido)’	‘sentar.SG’
g.	/bũ=j-ũt/	/j-ũt/ ¹⁵⁸
	‘dormir.REAL’	‘defecar’
h.	/bũ=kauk/	/kauk/
	‘rápido’	‘forte, duro’

Os exemplos em (136) também mostram que em muitos casos a base não pode ocorrer sem o clítico (136a-e) ou que quando ocorre sem ele, o significado é sensivelmente diferente do que a versão proclitizada (136f-h). Em todos os pares de (136) o clítico não adiciona a semântica de movimento ao verbo (ao menos sincronicamente).

Em línguas Macro-Jê em que se conhece cognatos dos exemplos em (136), não são atestados morfemas equivalentes aos clíticos do Maxakalí, como em Krenák /ɔp/ ‘assar’, cognato de (136a), ou Proto-Cerrado *ñot ‘dormir (não-finito)’, cognato de (136g). Estas estruturas devem ter surgido depois que a família Maxakalí se separou dos demais ramos do tronco Macro-Jê, já que no próprio Maxakalí temos verbos relacionados semanticamente a esta classe, mas que não recebem o proclítico, como é o caso de /j-ũt-kip/ ‘sonhar’, claramente relacionado a /bũ=j-ũt/ ‘dormir’. Tendo em vista os exemplos em (134-136), usamos, no presente trabalho, o rótulo *clíticos direcionais* simplesmente por eles se relacionarem historicamente aos verbos /bũ-k/ ‘ir’ e /dĩ-t/ ‘vir’, já que verbos em que de fato os clíticos adicionam uma ideia de direção ou movimento, como aqueles exemplificados em (133), compõem apenas uma parte do grupo que exige a presença destes morfemas.

O estatuto de clítico destes morfemas pode ser atestado por uma menor aderência destes às bases verbais. Mostramos em (137) alguns exemplos:

¹⁵⁸ A base /j-ũt/, sem o clítico, mas semanticamente relacionada ao significado de ‘dormir’ pode ser encontrada no verbo /j-ũt-kip/ ‘sonhar’, por exemplo. A raiz para ‘defecar’ é simplesmente um homófono de tal base, não tendo nenhuma relação semântica ou pragmática com esta.

- (137) a. /ci takuc=ti cuhi=tɛ doze jã bũ=kɪpi-k/
 e fundo=LOC muito=ERG doze ENF CTFG=contar-REAL
 ‘e (eu) conto doze (miçangas) no fundo’
- b. /ti hãp-tip=ha jã bũ=j-ũt=pac
 e.SS tempo-novo=ALL ENF CTFG-TH-dormir=ITER
 ã-tak-cup/
 3-pai-ASSOC
 ‘e, pela manhã, os pajés (= pais dos espíritos) ficam dormindo’
- c. /ĩ-ktuk bũ=put jãc=pĩ/
 3-filho CTFG=dividir REFL=DAT
 ‘(Eles) dividiram os filhos entre si’
- d. /jã bũ= cap-dãk =kɪpi-k/
 ENF CTFG= semente-DIM =contar-REAL
 ‘Então (eu) conto as miçangas’
- e. /ti jã bũ= kĩk =hap/
 e.SS ENF CTFG= embrulho =assar
 ‘e assou (o perdiz) embrulhado (na folha)’

Todos os exemplos em (137) foram retirados de gravações de fala espontânea: uma instrução de como fazer uma pulseira em (137a, d) e em duas narrativas mitológicas (137b, e retirados de uma dessas narrativas; 137c retirado da outra). Podemos ver que em (137a-c) o clítico direcional está adjacente ao verbo. O argumento O é expresso somente pelo sintagma /cuhi=tɛ doze/ ‘doze’ em (137a) e é preposto ao clítico em (137c). Já o argumento S, em (137b) aparece numa posição não-canônica pós-verbal. Em (137d-e) os argumentos O ocorrem entre o clítico direcional e a raiz verbal. Esta descontinuidade possível entre morfema direcional e raiz verbal nos leva a postular que /bũ=/ e /dĩ=/ são clíticos. Em nossos dados, apenas o argumento interno do verbo (S para verbos intransitivos e O para transitivos) ocorrem entre os dois elementos verbais.

O estatuto de clítico dos morfemas direcionais pré-verbais também nos auxiliará em diagnósticos para definir o estatuto morfológico dos índices de pessoa, os quais serão discutidos na próxima seção.

4.2.4 – Índices de pessoa

Vimos rapidamente na Seção 4.1.1.1 sobre o uso dos índices de pessoa em nomes inalienáveis. Nesta seção, apresentaremos maiores detalhes sobre estas morfemas: sua função junto a verbos intransitivos e transitivos e seus estatutos morfológicos. Optamos por apresentar os diagnósticos nesta seção, pois todos eles envolvem direta ou indiretamente a morfologia verbal.

Começamos, portanto, apresentando alguns exemplos do uso dos índices de pessoa em verbos intransitivos no modo *realis*. Mostramos em (138) o paradigma do verbo /-dĩ-t/ ‘vir’:

- (138) a. /k=dĩ-t/ [õũ' ɲĩũõ]
 1.SG=vir-REAL
 ‘Eu vim’
- b. /jĩbĩk dĩ-t/ [ɲĩmõũ' ɲĩũõ]
 1.INCL vir-REAL
 ‘Nós viemos’
- c. /kbĩk=dĩ-t/ [õũmõũ' ɲĩũõ]
 1.EXCL=vir-REAL
 ‘Nós viemos’
- d. /ã-dĩ-t/ [ã' ɲĩũõ]
 2-vir-REAL
 ‘Você veio’
- e. /ĩ-dĩ-t/ [ĩ' ɲĩũõ]
 3-vir-REAL
 ‘Ele veio’
- f. /tik ã-dĩ-t/ [tĩ' hĩjʔĩ' ɲĩũõ]
 homem 3-vir-REAL
 ‘O homem veio’, ‘O homem, ele veio’

g. /tik	Ø-dĩ-t/	[tɨj' ɲĩũẽ]
homem	Ø-vir-REAL	
'O homem que veio'		
h. /ĩ-dĩ-t	tik/	[ĩ' ɲĩũẽ tɨ' hɨj]
3-vir-REAL	homem	
'O homem veio', 'Ele veio, o homem'		

Os exemplos anteriores demonstram o paradigma de um verbo regular no modo *realis*. Os índices de pessoa, indicados em (138a-f, h) vêm, assim como nos nomes inalienáveis, à esquerda da raiz verbal. Veremos pouco mais adiante que eles têm estatutos morfológicos diferentes: enquanto as marcas de segunda e terceira pessoas são prefixos (138d-f, h), as marcas de primeira pessoa no singular e no plural exclusivo são clíticos (138a, c) e a de primeira pessoa plural inclusivo se comporta como um sintagma nominal (138b).

Os exemplos da terceira pessoa (138e-h) merecem alguns comentários à parte. No primeiro deles, em (138e), o verbo conta somente com o prefixo de pessoa /ĩ-/ , sem um sintagma nominal que defina o sujeito do predicado. (138f), por sua vez, conta com um sintagma nominal na função de S e com a marca de terceira pessoa no verbo, formando assim um predicado. Conta para esta leitura também o fato de o nome /tik/ 'homem' estar em sua forma longa [tɨ' hɨj]. Já (138g) também apresenta um sintagma nominal, mas o verbo não está marcado para a terceira pessoa, indicando que nome e verbo compõem apenas um sintagma. O fato de o nome estar em sua forma curta [tɨj], em oposição ao exemplo anterior, é um demonstrativo de que nome e verbo estão no mesmo sintagma, formando assim um pé fonológico. Por fim (138h), encontramos o sintagma nominal posposto ao verbo. Esta é uma ordem de constituintes marcada e, por ser um predicado, o verbo também precisa receber a marca explícita de terceira pessoa (POPOVICH, 1985).

Verbos intransitivos no modo *irrealis*, como visto na Seção 4.2.1.1.1, contam com uma cisão no alinhamento morfossintático, em que verbos transitivos ativos pedem um argumento S_A e verbos transitivos inativos pedem um argumento S_O. Enquanto S_A, por ter algumas semelhanças com o sujeito de transitiva, não é morfológicamente marcado no verbo, já que estamos tratando de uma língua ergativa; S_O, por sua vez, é morfológicamente expresso pelos índices de pessoa, indicando estar no caso absolutivo. Isto é esperado já que ele conta com semelhanças sintáticas com o argumento S de verbos

intransitivos no modo *realis* e com o argumento O de verbos transitivos. Como o único referente possível de um verbo intransitivo no imperativo é o interlocutor, S_O só pode receber o prefixo de segunda pessoa /ã-/.

- (139) a. /dãc/ [ɲã' hãj]
 cair.SG.IRR, descer.SG.IRR
 ‘Cai!’, ‘Desce!’
- b. /ca/ [tca' ha]
 gritar.IRR
 ‘Grita!’
- c. /ã-catapak/ [ãtcaʔa' pau]
 2-bocejar
 ‘Boceja!’
- d. /ã-cakik/ [ãtca' kɪj]
 2-morrer.PL
 ‘Morram!’
- e. /dĩ=ã-cip/ [ɲĩʔã' tciβ]
 CTPT=2-dependurar (CTPT=dependurar = ‘abaixar-se’)
 ‘Abaixe-se!’

Os verbos exemplificados acima demonstram alguns intransitivos ativos (139a-b) e inativos (139c-e). O prefixo de segunda pessoa, deve vir entre o clítico direcional e a raiz, como em (139e), sendo a ordem contrária (índice e depois clítico) agramatical.

Em verbos transitivos, os índices de pessoa são utilizados para marcar o objeto direto, isto é, o argumento O. Indicam, assim como nos verbos intransitivos, argumentos no caso absolutivo:

- (140) a. /hãβgãj' tæj [mõũ]
 /hãp-gãc=te=k bĩk/
 coisa-bravo=ERG=1.SG pegar.REAL
 ‘A onça me pegou’

b. [ãðzifəu' tɛ ɲĩ' mɔũ kij' pɑj]
 /ãjɪhik=tɛ jɪbĩk ki-k=pac/
 não-indígena=ERG 1.INCL matar.PL-REAL=ITER

‘Os não-indígenas ficam nos matando’

c. [ku^hkæj tæj' mɔũ pɔ' pəu]
 /kukek=tɛ=kbĩk papi-k/
 cachorro=ERG=1.EXCL latir-REAL

‘O cachorro latiu para nós’

d. [ã' tɛ ãβ̃ tæj' ʔɑj]
 /ã=tɛ ã-ptɛk=ac/
 1=ERG 2-matar.SG=FUT

‘Eu vou te matar’

e. [ha ʔã' tɛ ʔĩɲĩmĩgã' ʔɑj]
 /ha ã=tɛ ã-jɪbĩk-dã=ac/
 e.DS 1=ERG 3=saber-CAUS=FUT

‘E eu vou ensinar (a elas)’ / ?‘E vai ser ensinado (a elas) por mim’

f. [ou ãtɛuβ̃' tɛ tɛibəu' ɲãβ̃]
 /uk ã-cup=tɛ Ø-ci-bik=dãp/
 INT 2-ASSOC=ERG 3-NCTG-escrever=COMPL

‘Vocês escreveram tudo?’

g. [mĩβ̃' tɛ ɲũwĩ mɔũ' ɲãβ̃]
 /bĩp=tɛ dũc bĩ-k=dãp/
 madeira=ERG outro pegar-REAL=COMPL

‘(Os galhos d)as árvores se entrelaçavam completamente’

Podemos ver, a partir das sentenças em (140), que os índices de pessoa são prepostos aos verbos. Em (140a-c), temos exemplos com as primeiras pessoas no singular, plural inclusivo e plural exclusivo, respectivamente.

Os índices em (140a, c), isto é, de primeira pessoa do singular e plural exclusivo, sendo clíticos que têm de ter sua primeira consoante na posição de coda, buscam por hospedeiro o elemento à sua esquerda, quando este termina em vogal. Como a posposição

ergativa /tɛ/ claramente termina com uma vogal anterior, estes dois clíticos se adjungem a ela. Por serem as consoantes iniciais dos clíticos velares, elas se palatalizam, como explicado na Seção 2.2.3.4. Provavelmente é por isso que Campos (2012, p. 89) indica que a forma da primeira pessoa do singular, quando na posição de objeto direto, é <-x> [-j]: ele não cita em momento algum da sua tese a palatalização de codas velares diante de vogais anteriores. Como o índice /=k/, quando exercendo a função de objeto direto, sempre ocorre após a posposição ergativa, é natural que o autor o descrevesse como [-j]. Voltaremos à essa discussão um pouco mais a frente.

O índice de segunda pessoa (140d) não necessita de discussões mais aprofundadas, já que é um prefixo que não passa por fenômenos morfofonológicos ou morfossintáticos complexos relacionados a verbos transitivos. Na seção sobre a consoante temática, porém, veremos que em alguns casos, assim como nos nomes inalienáveis, a segunda pessoa pode ser indicada por um alomorfe /Ø-/.

Finalmente, o índice de terceira pessoa pode ser expresso por /ĩ-/ ou por /Ø-/. Os exemplos em (140e-f) em que os objetos diretos não são compostos por sintagmas nominais, contam, respectivamente, com o prefixo e com o alomorfe zero. Ainda não compreendemos qual a diferença entre as duas formas, mas o padrão de (140f), sem o prefixo /ĩ-/ ocorre mais frequentemente em nossos dados. Campos (2009, p. 240-245) afirma que, dentre os verbos, somente os intransitivos podem receber o prefixo /ĩ-/ e que construções como a de (140e), indicariam, dessa forma, a voz passiva. Em sua análise, o agente da passiva, quando expresso se encontra numa posição pós-verbal e é marcado também pela posposição /tɛ/. A princípio, tendemos a concordar com Campos (2009), mas também não tomaremos a posição dele como definitiva, sendo necessárias análises mais aprofundadas sobre o tema. Tomamos esta decisão porque os falantes que nos ajudaram nas transcrições das histórias não nos forneceram estruturas passivas durante as traduções, indicando que ou estas estruturas não são de fato passivas ou que eles não dominam esse tipo de construção no português, já que esta é aprendida como segunda língua. Estudos futuros, portanto, deverão ser empreendidos para se resolver esta questão.

De qualquer maneira, como é de se esperar, orações AOV, quando têm um sintagma nominal expresso na função de O, não contam com a expressão de /ĩ-/ prefixado ao verbo. Um exemplo desse tipo de construção está presente em (140g). Na ordem marcada AVO, temos exemplos tanto do verbo marcado com /ĩ-/ (141a), quanto não

marcado (141b), permanecendo em aberto, ainda, a questão se as construções marcadas estão na voz passiva ou não.

- (141) a. [ã'tɛ ʔĩ'mĩ | ɲõhõ mĩ:'d̪iɥə]
 /ã=tɛ ʔi-bĩ-k | dĩ bĩt-dit/
 1=ERG 3-fazer-REAL | este madeira-flor
 ‘Eu faço esta flor (de miçanga)’ / ? ‘A flor (de miçanga) foi feita por mim’
- b. [tei ɲãmĩʔtɛuβ,'tɛ? 'pij | kauɥtɛuβ, ka'bo]
 /ci jabĩk-cup=tɛ Ø-pi-k | kakcup kaba/
 e yãmĩy-ASSOC=ERG 3-lavar-REAL | criança também
 ‘E os *Yãmĩy xop* lavavam as crianças também’

Lembramos que verbos emprestados do português e verbos onomatopaicos têm seus argumentos internos marcados pela posposição /hã/ e, conseqüentemente, nunca recebem os índices de pessoa. Na subseção a seguir, veremos o porquê de descrevermos algumas marcas de pessoa como prefixos, outras como clíticos e outras ainda como nomes.

4.2.4.1 – Estatuto morfológico dos índices de pessoa

Veremos agora as motivações para classificarmos os índices de pessoa /=k/ ‘1.SG’ e /=k-bĩk/ ‘1.EXCL’ como clíticos, /ã-/ ‘2’ e /ĩ-/ ‘3’ como prefixos e /jibĩk/ ‘1.INCL’ como um nome. Observemos o comportamento destes índices e de nomes com verbos que contam com proclíticos direcionais:

- (142) a. /ca=tɛ=k bũ=pit/
 2=ERG=1.SG CTFG=pegar.SG.ANIM
 ‘Você me tocou’
- b. /ca=tɛ bũ=k=pit/
 2=ERG CTFG=1.SG=pegar.SG.ANIM
 ‘Você me tocou’
- c. */ã=tɛ ã-bũ=pit/
 *1=ERG 2-CTFG=pegar.SG.ANIM
 *‘Eu te toquei’

d. /ã=tɛ	bũ=ã-pit/
1=ERG	CTFG=2-pegar.SG.ANIM
‘Eu te toquei’	
e. */ã=tɛ	ĩ-bũ=pit/
*1=ERG	3-CTFG=pegar.SG.ANIM
*‘Eu toquei nele’	
f. */ã=tɛ	bũ=ĩ-pit/
*1=ERG	CTFG=3-pegar.SG.ANIM
*‘Eu toquei nele’	
g. /ã=tɛ	bũ=Ø-pit/
1=ERG	CTFG=3-pegar.SG.ANIM
‘Eu toquei nele’	

Comparando as construções em (142) podemos ver que por um lado, aquelas com o índice de primeira pessoa /=k/ (142a-b) se comportam de uma maneira, enquanto aquelas com os índices de segunda e terceira pessoa (142c-g) são mais restritas. O clítico /=k/ pode vir tanto antes quanto após o clítico direcional, enquanto o prefixo de segunda pessoa necessariamente deve vir entre o clítico /bũ=/ e a raiz verbal. A terceira pessoa não é expressa pelo morfema /ĩ-/ nas construções com verbos precedidos por clíticos direcionais, o que poderia agrupá-lo tanto junto com /=k/ quanto com /ã-/. Veremos mais à frente que o índice /ĩ-/ de terceira pessoa se assemelha mais àquele de segunda pessoa que o de primeira. O índice de primeira pessoa plural exclusiva /=k-bĩk/ pode vir, assim como /=k/ antes ou depois do clítico direcional:

(143) a. /ca=tɛ=kbĩk	bũ=pit/
2=ERG=1.EXCL	CTFG=pegar.SG.ANIM
‘Você nos tocou’	
b. /ca=tɛ	bũ=kbĩk=pit/
2=ERG	CTFG=1.EXCL=pegar.SG.ANIM
‘Você nos tocou’	

E como é o comportamento de /jibĩk/ e de nomes nestas construções? Eles, assim como os clíticos /=k/ e /=k-bĩk/ podem ocorrer tanto antes do clítico direcional, quanto entre este e a raiz verbal:

- (144) a. /ti=tɛ jibĩk bũ=pit/
 3=ERG=1.EXCL 1.INCL CTFG=pegar.SG.ANIM
 ‘Ele tocou em nós’
- b. /ti=tɛ bũ=jibĩk=pit/
 2=ERG CTFG=1.INCL=pegar.SG.ANIM
 ‘Ele tocou em nós’
- c. /ca=tɛ kukɛk bũ=pit/
 2=ERG=1.EXCL cachorro CTFG=pegar.SG.ANIM
 ‘Você tocou no cachorro’
- d. /ca=tɛ bũ=kukɛk=pit/
 2=ERG CTFG=cachorro=pegar.SG.ANIM
 ‘Você tocou no cachorro’

Tendo em vista os dados em (142-144), temos agrupados provisoriamente de um lado, índices de primeira pessoa e nomes, os quais podem ocorrer antes ou depois do clítico direcional, e do outro, o índice de segunda pessoa, o qual somente pode ocorrer entre o clítico e a raiz. O índice de terceira pessoa /ĩ-/ não participa de construções com verbos precedidos por clítico direcional e, dessa maneira, ainda tem seu estatuto indefinido.

Agora vejamos o comportamento de índices e nomes quando localizados à margem esquerda de verbos com os prefixos de contiguidade (ver também Seção 4.2.5, mas a frente):

- (145) a. /k=ci-ta/
 1.SG=NCTG-maduro
 ‘Eu estou vermelho’
- b. /kbĩk=ci-ta/
 1.EXCL=NCTG-maduro
 ‘Nós estamos vermelhos’

c. /ã-ci-ta/

2=NCTG-maduro

‘Você está vermelho’

d. /ĩ-ci-ta/

3-NCTG-maduro

‘Ele está vermelho’

e. /jĩbĩk ã-ta/

1.INCL CTG-maduro

‘Nós estamos vermelhos’

f. /paʝε ã-ta/

pajé CTG-maduro

‘O pajé está vermelho’

Os exemplos em (145) separam os índices de primeira (com exceção de 1.INCL), segunda e terceira pessoas (145a-d), em que o verbo exige a presença do prefixo de não-contiguidade /ci-/; do índice de primeira pessoa plural inclusivo e de nomes, que fazem com que o verbo receba o prefixo de contiguidade /ã-/.

Está claro a esta altura que nomes e o índice de primeira pessoa do plural inclusivo /jĩbĩk/ formam um conjunto separado dos demais índices. Demonstramos também que, se em relação ao clítico direcional, /=k/ ‘1.SG’ e /=k-bĩk/ ‘1.EXCL’ se diferenciam de /ã-/ ‘2’, em relação aos prefixos relacionais de contiguidade ambos se comportam de maneira semelhante em relação à sua morfossintaxe. Neste último paradigma, também temos /ĩ-/ ‘3’, restando então resolver sua situação. Ele se alinha às formas de primeira e segunda pessoa, podendo ser, dessa maneira tanto clítico quanto prefixo. Assim sendo, resta um último diagnóstico a ser feito, que agrupe /ĩ-/ em um grupo ou outro. Para tal intento, vejamos exemplos de nominalizações de verbos que exigem a presença dos prefixos relacionais:

(146) a. /k=ã-cet=ac/

1.SG=CTG-chamar_se=NMZ

‘Meu nome’

b. /kbĩk=ã-cet=ac/

1.EXCL=CTG-chamar_se=NMZ

‘Nossos nomes’

c. /ã-ci-cet=ac/

2=NCTG-chamar_se=NMZ

‘Seu nome’

d. /ĩ-ci-cet=ac/

3-NCTG-chamar_se=NMZ

‘Nome dele’

Os dados em (146) são claros quando mostram que em nominalizações, as formas de primeira pessoa 1.SG e 1.EXCL (146a-b) se comportam de maneira distinta das formas de segunda e terceira pessoas (146c-d). As nominalizações presentes em (146a-b) exigem a presença do sufixo de contiguidade, enquanto as nominalizações de (146c-d) não. Considerando os dados em (145-146), vemos que o índice de terceira pessoa /ĩ-/ se agrupa juntamente com /ã-/. Consideramos estes prefixos, pois eles não contam com uma mobilidade tal qual os índices /=k/ ‘1.SG’ e /=k-bĩk/ ‘1.EXCL’ em relação ao posicionamento à direita ou à esquerda dos clíticos direcionais (142) e nunca exigem um marcador relacional de contiguidade, mas sempre pedem o de não-contiguidade. Por outro lado, consideramos /=k/ e /=k-bĩk/ clíticos e não nomes, pois apesar de serem relativamente móveis, têm um comportamento ambíguo em relação aos prefixos relacionais de contiguidade, algo que não ocorre com /jibĩk/ ‘1.INCL’ e com nomes: o primeiro conjunto de índices ora pedem o prefixo de não-contiguidade, quando são predicados, ora pedem o prefixo de contiguidade, em nominalizações. Já ‘1.INCL’ e nomes sempre exigem que a raiz venha acompanhada do prefixo de contiguidade, estando o verbo na função de predicado ou nominalizado. A forma de segunda pessoa plural /ã-cup/ se comporta exatamente igual a /jibĩk/. O Quadro 4.8, retirado de Silva e Nikulin (no prelo), retrata bem os diferentes comportamentos dos índices de pessoa e, consequentemente, revela o estatuto destes morfemas:

QUADRO 4.8 – Morfossintaxe da codificação do argumento interno de 1^a, 2^a ou 3^a pessoa

		Posição relativa aos clíticos direcionais	Marcador de contiguidade	
			em verbos	em nominalizações
/ã-/ ‘2’, /ĩ-/ ‘3’	índices	prefixos	entrepastos	
/=k/ ‘1.SG’, /k-bĩk/ ‘1.EXCL’		clíticos	antepostos ou entrepastos	/ci-/
/jibĩk/ ‘1.INCL’, /ã-cup/ ‘2.PL’	nomes		/ã-/	

Fonte: adaptado de Silva e Nikulin (no prelo).

Percebe-se, a partir da organização do Quadro 4.8, que os índices /=k/ ‘1.SG’ e /=k-bĩk/ ‘1.EXCL’ se encontram numa posição intermediária entre prefixos e nomes. Por isto, classificamos ambos como clíticos. Gostaríamos, porém, de fornecer um último argumento a favor desta classificação. No argumento que se segue, inclui-se também neste grupo o clítico indefinido /=p/.

Spencer e Luís (2012) descrevem diversas características que fazem com que um clítico seja uma classe separada de nomes e de afixos. Dentre essas características, destacamos a maior mobilidade de clíticos em selecionar seu hospedeiro, em oposição a uma maior rigidez/previsibilidade posicional de afixos, como acabamos de discutir; e à impossibilidade de formar lacunas num dado paradigma, ao contrário de afixos que podem não ocorrer e/ou terem se lexicalizado em alguns contextos. Como vimos anteriormente há contextos em que o prefixo de terceira pessoa /ĩ-/ não é realizado. Na próxima seção veremos que o prefixo de segunda pessoa /ã-/ também não ocorre em alguns contextos restritos. Já os clíticos de ‘1.SG’, ‘1.EXCL’ e ‘INDF’ não contam com tais lacunas paradigmáticas. Os mesmos autores também mostram que, ao contrário de palavras, clíticos não ocorrem sozinhos, necessitando de um hospedeiro. Apresentamos alguns exemplos dos três clíticos, tanto se referindo ao possuidor de nomes inalienáveis quanto como argumentos verbais:

(147) a. [ẽũ ki^h ɬou]

/ĩ-k=ktuk/

EPENT-1.SG=filho

‘meu filho’

b. [ʔũʔ nĩβ̥]

/ĩ-k=ʔĩp/

EPENT-1.SG=sentar.SG

‘Eu sentei’

c. [ã' t̥æj ki^htouʔ hã nũ' ɖa

/ã=tɛ=k ktuk=hã ʔũda/

1=ERG=1.SG filho=INS ajudar

‘Eu ajudei meu filho’

d. [aβ̥dɛ' t̥əuʔ 'tɛiβ̥]

/apdɛ=ti=k cip/

aldeia=LOC=1.SG estar em pé.SG

‘Estou na aldeia’

e. [ĩ:' mĩ ha 'nũũʔ]

/ĩ-p=bĩ-k ha dũk?/

EPENT-INDF=fazer-REAL e.DS acabar?

‘(Eles) fizeram alguma coisa e (vocês) terminaram?’

f. [hãβ̥ʔĩβ̥' hã]

/hãp=ĩ-p=hã/

tempo=EPENT-INDF=INS

‘quando’

g. [ouʔ t̥ea' t̥ɛβ̥ ã' pauʔ nũ' hã ʔĩ' nũũʔ]

/uk ca=tɛ=p ã-pa-k dĩ ã-j-ũk?/

INT 2=ERG=INDF CTG-escutar-REAL este 3-TH-GEN?

‘Você já escutou alguma (palavra), desta (sílabas)?’

h. [nĩ pɔdzɛ' t̥ɛ ku^hpaβ̥ t̥ɛi:pitiβ̥' ʔa]

/ʔĩ pajɛ=' t̥ɛ kupa=p cip=ptip=a/

LOG.DS pajé=ERG dentro=INDF estar.SG=querer=NEG

‘E o pajé não vai ficar (em pé) no meio delas’

i. [ʃũm̃:kiɛ'tæj]

/ĩ-kbĩk=ktetɛk/

EPENT-1.EXCL=dependurar.PL

‘Nós estávamos dependurados’

j. [tɕjɛj' m̃ũ]

pi^h'tɔj

'kij]

/tik=tɛ=kbĩk

ptuc

ki-k/

homem=ERG=1.EXCL

cabeça

matar.PL-REAL

‘O homem bateu em nossas cabeças’

Os três morfemas ora analisados e exemplificados em (147), sendo clíticos, contam com uma certa “permissividade” na escolha de seu hospedeiro. Preferencialmente, eles se adjungem ao elemento à sua esquerda, sempre que este terminar em vogal (147c-d, g-h, j). Como estes clíticos são silabificados na posição de coda, aplica-se as regras fonológicas que forem necessárias: no caso de /=k/ ‘1.SG’ e /=k-bĩk/ ‘1.EXCL’, ocorre a palatalização caso a vogal do hospedeiro seja anterior (147c, j).

No caso de o clítico ser o primeiro elemento da sentença (147a-b, e, i) ou precedido por consoante (147f), ocorre uma epêntese de vogal central alta nasal [ĩ] (indicada como tal nas transcrições fonológicas e glosas de (147)). Nos três clíticos, ocorre o espraçamento da nasalidade, já que a vogal epentética é nasal. No caso dos clíticos de primeira pessoa, por iniciarem com uma velar que deve ser silabificada em coda, há também o abaixamento da vogal epentética para [ɔ̃].

4.2.5 – Prefixo relacional de contiguidade

O Maxakalí conta com uma classe restrita de verbos que exigem a presença de um prefixo relacional de contiguidade (REL). Campos (2009, p. 78, nota 11) já notou que alguns verbos contam com uma alternância de prefixos, mas não conseguiu estabelecer os contextos de ocorrência de cada um deles. Estes prefixos podem ocorrer em verbos intransitivos, descritivos e transitivos. Nos nomes, eles são encontrados apenas quando estes verbos são nominalizados (ver Seções 4.1.1.2 e 4.1.2.2). Os prefixos são mutuamente excludentes, isto é, na ocorrência de um deles, o outro não ocorre. Vejamos exemplos de verbos com estes prefixos a seguir:

- (148) a. /ã=tɛ pajɛ ã-pa-k/
 1=ERG pajé CTG-escutar-REAL
 ‘Eu escutei o pajé’
- b. /ã=tɛ Ø-ci-pa-k pajɛ/
 1=ERG 3-NCTG-escutar-REAL pajé
 ‘Eu escutei o pajé’
- c. /kajak ã-ta ci pduk/
 camisa CTG-vermelho e branco
 ‘Camisa vermelha e branca’
- d. /kajak pduk ci ci-ta/
 camisa branco e NCTG-vermelho
 ‘Camisa branca e vermelha’

Os prefixos em (148) acima demonstram que quando o argumento interno do verbo se encontra imediatamente à sua esquerda, o prefixo selecionado é o de contiguidade /ã-/ (148a, c). No caso de o argumento interno não estar localizado imediatamente à esquerda do verbo, utiliza-se o prefixo de não-contiguidade /ci-/ (148b, d). Em (148a-b), temos um exemplo de verbo transitivo, estando o argumento O contíguo a ele (148a) ou não (148b). Em (148c-d), por sua vez, temos dois verbos descritivos com função atributiva, sendo que um deles, ‘vermelho’, faz parte do conjunto de verbos que exigem a presença de um dos dois prefixos de contiguidade. Quando o nome ao qual faz referência se localiza logo à sua esquerda, o prefixo selecionado é /ã-/ ‘CTG’ (148c). Por outro lado, quando há um elemento entre o nome e o verbo, o prefixo selecionado é /ci-/ ‘NCTG’ (148d). Em nossos dados há a ocorrência de treze verbos os quais a presença do prefixo é obrigatória, mas cremos que possa haver na língua mais itens pertencentes a esse conjunto:

- (149) a. /-pa-k/ ~ /-pa-c/ ‘ouvir, escutar’ (REAL ~ IRR)
 b. /-ku/ ~ /-ku-c/ ‘coçar’ (REAL ~ IRR)
 c. /-bic/ ‘riscar’
 d. /-cak/ ‘ultrapassar’
 e. /-ktic/ ‘dizer’
 f. /-pit/ ‘usar, mexer (em algo)’

g. /-ci/	‘frio’
h. /-tɛt/	‘pintado, que tem pintas’
i. /-ta/	‘vermelho’
j. /-pɛp/	‘sair.SG, chegar.SG’
k. /-dik/	‘liso’
l. /-di-a/	‘alisar, esfregar’ < liso-CAUS
m. /-cɛt/	‘chamar-se’

Em (149a-f, l) temos verbos transitivos, sendo que (149l) é um causativo de (149k). (149g-i, k) são verbos descritivos e (149j) é um verbo intransitivo. A raiz presente em (149m) ocorre somente numa construção nominalizadas, com o significado de ‘nome’. As raízes, por vezes, possuem homófonos que não exigem o prefixo de contiguidade. Em nenhum dos casos, porém, há uma relação semântica, com exceção de (149i) em que a raiz /-ta/, sem nenhum prefixo de contiguidade, significa ‘maduro’, estando relacionado assim, ao significado de ‘vermelho’.¹⁵⁹ Um possível verbo que também pertence a essa classe é /bũ=REL-cap/ ‘primeiro’. Em sua forma fonética com o prefixo de contiguidade /ã-/ , há uma queda da vogal do clítico direcional, resultando em [mõ'tɛaβ].

Como visto na seção anterior, os índices de pessoa causam um comportamento diferenciado quanto ao prefixo: em predicados, a presença de índices prefixais ou clíticos faz com que o verbo selecione o prefixo de não-contiguidade /ci-/ , enquanto índices nominais selecionam o prefixo /ã-/ ‘CTG’. Já em nominalizações, índices prefixais continuam pedindo o prefixo de ‘NCTG’, enquanto índices clíticos se alinham juntamente com índices nominais. Este é, um indício, como visto, de que /=k/ ‘1.SG’ e /=k-bĩk/ ‘1.EXCL’ são clíticos.

4.2.6 – Consoante temática

Assim como nos nomes inalienáveis (Seção 4.1.1.3), verbos intransitivos com raízes iniciadas por vogal nasal podem ter em seus paradigmas uma consoante temática (TH). As semelhanças não param aí: também como nos nomes inalienáveis, a consoante temática /j-/ não tem função de indicar contiguidade, como reconstruído para seus

¹⁵⁹ É comum entre as línguas indígenas a relação entre os significados entre ‘vermelho’ e ‘maduro’, de maneira semelhante ao português em que ‘verde’ pode tanto ser o nome de uma cor, quanto indicar o estado não-maduro de um fruto.

cognatos por Rodrigues (2009, 2012). No Maxakalí, ela simplesmente ocorre no paradigma de uma classe fechada de verbos com uma dada característica fonológica.

Também é muito similar aos nomes inalienáveis o paradigma de tais verbos. Ambas as classes exigem um argumento interno que é indicado por um índice de pessoa: nos nomes inalienáveis, tais índices fazem referência ao possuidor; nos verbos intransitivos ao argumento S, que ocupa a posição de sujeito da sentença. Exemplificamos aqui o paradigma de dois verbos pertencente a essa classe:

QUADRO 4.9 – Paradigma de verbos intransitivos com a consoante temática no modo *realis*

	/-ĩk/ ‘falar’	/-ũkbĩk/ ‘vomitar’
1.SG	/k=j-ĩk/ [ẽũ'jĩ]	/k=j-ũkbĩk/ [ẽũjũũ'mĩ]
	‘eu falo’	‘eu vomito’
1.INCL	/jibĩk+j-ĩk/ [jĩmẽũ'jĩ]	/jibĩk+j-ũkbĩk/ [jĩmẽũjũũ'mĩ]
	‘nós falamos’	‘nós vomitamos’
1.EXCL	/k-bĩk=j-ĩk/ [ẽũmẽũ'jĩ]	/k-bĩk=j-ũkbĩk/ [ẽũmẽũjũũ'mĩ]
	‘nós falamos’	‘nós vomitamos’
2	/ã-j-ĩk/ [ã'jĩ]	/ã-j-ũkbĩk/ ~ /Ø-Ø-ũkbĩk/
	‘você fala’	[ãjũũ'mĩ] ~ [õũ'mĩ]
		‘você vomita’
3	/ĩ-j-ĩk/ [ĩ'jĩ]	/ĩ-j-ũkbĩk/ [ĩjũũ'mĩ]
	‘ele fala’	‘ele vomita’
N	/tik+Ø-j-ĩk/ [tĩj'jĩ]	/tik+Ø-j-ũkbĩk/ [tĩjũũ'mĩ]
	‘o homem fala’	‘o homem vomita’

A consoante temática /j-/ é realizada foneticamente como [j] já que se encontra como *onset* de uma sílaba com rima nasal. Em todos os contextos, ela se encontra entre o índice de pessoa e a raiz verbal, com exceção da segunda pessoa de um item dissilábico. Assim como nos nomes inalienáveis que podem receber a consoante temática, verbos dissilábicos dessa classe, no modo *realis* podem ocorrer com duas formas: uma em que o índice de pessoa e a consoante são realizados foneticamente [ãjũũ'mĩ] ‘você vomita’ ou em que somente a raiz é expressada, sendo a ausência do prefixo de segunda pessoa e da

consoante temática a indicação de que o verbo se refere ao interlocutor [õũ'mĩ], significando também ‘você vomita’. A forma com os morfemas zero é conservadora, já que conta com cognatos em outras línguas Macro-Jê e pode ser reconstruída. A forma com a presença do índice de pessoa /ã-/ ‘2’ e de /j-/ ‘TH’ é inovadora e surge por analogia às demais.

Segue o paradigma de /-ĩk/ ‘falar’, pelo menos um outro verbo: /-ũt/ ‘defecar’. No modo *realis*, a segunda pessoa obrigatoriamente é expressa foneticamente para evitar que se forme palavras monossilábicas *[ĩ] e *[ũũ].¹⁶⁰ Outros itens dissilábicos, alguns provavelmente compostos em sua origem, mas monomorfêmicos na atual sincronia da língua, seguem o paradigma de /-ũkbĩk/ ‘vomitar’. Alguns exemplos são /-ĩk-hep/ ‘babar’ (falar-líquido); /-ĩk-huk/ ‘calar-se, silenciar-se’ (falar-NEG); /-ĩk-ci-k/ ‘rir, sorrir’ (falar-???-REAL); /-ũt-pac/ ‘flatular’ (defecar-???); e /-ũt-kip/ ‘sonhar’ (dormir-???).

Com um paradigma similar ao de ‘vomitar’, temos o verbo /bũ=j-ũt/ ‘dormir’. A raiz deste verbo, no modo *realis*, é homófona a de ‘defecar’ /j-ũt/, mas enquanto este é apenas acompanhado por TH, aquele é acompanhado não só por TH, mas é precedido obrigatoriamente pelo clítico direcional /bũ=/ ‘CTFG’. A presença do clítico direcional permite não só a mobilidade dos índices de pessoa /=k/ ‘1.SG’ e /=k-bĩk/ ‘1.EXCL’, como também forma um pé fonológico com a raiz e permite que o prefixo de segunda pessoa não seja realizado.

(150) a. [õũmũ'jũũũ]	~	[mõũj'jũũũ]
/ĩ-k=bũ=j-ũt/	~	/bũ=k=j-ũt/
EPENT-1.SG=CTFG=TH-dormir		CTFG=1.SG=TH-dormir
‘Eu dormi’		
b. [õũmõũmũ'jũũũ]	~	[mõũj'jũũũ]
/ĩ-k-bĩk=bũ=j-ũt/	~	/bũ=k-bĩk=j-ũt/
EPENT-1-PL=CTFG=TH-dormir		CTFG=1-PL=TH-dormir
‘Nós dormimos’		

¹⁶⁰ Como vimos no Capítulo 2, estruturas fonéticas como a do segundo exemplo são aparentemente dissilábicas, mas por serem derivadas de uma estrutura subjacente /(C)VC/ são tratadas pelos falantes nativos como uma única sílaba, não constituindo, assim, um pé fonológico.

c. [mũ'ʔũwẽ]	~	[mũʔã'nũwẽ]
/bũ=Ø-Ø-ũt/	~	/bũ=ã-j-ũt/
CTFG=2-TH-dormir		CTFG=2-TH-dormir
'Você dormiu'		
d. [mũ'nũwẽ]		
/bũ=Ø-j-ũt/		
CTFG=3-TH-dormir		
'Ele dormiu'		

A variação presente em (150a-b) diz respeito a mobilidade dos clíticos de primeira pessoa singular e plural exclusivo, os quais podem ocorrer antes ou depois do clítico direcional. Note que a consoante temática, em ambos exemplos sempre é realizada foneticamente. Em (150c), a variação é devida a possibilidade de expressão ou não dos prefixos /ã-j-/ '2-TH'. A forma conservadora, à esquerda, tem expressão zero destes dois morfemas, enquanto na forma inovadora, à direita, ambos morfemas são realizados entre o clítico direcional e a raiz verbal. Por fim, (150d) demonstra que na terceira pessoa, o morfema zero de pessoa é utilizado, em conjunto com a consoante temática, a qual é plenamente expressa.

Por serem verbos intransitivos, esta classe está sujeita à cisão no modo *irrealis*. O que vemos nos nossos dados, porém, nos leva a crer que estes verbos são todos inativos. Todos os verbos variam, assim como na segunda pessoa do modo *realis*, entre uma expressão zero do índice de pessoa e da consoante temática e uma expressão plena dos dois morfemas:

(151) a. [õũ'mĩ]	~	[ãpõũ'mĩ]
/Ø-Ø-ũkbĩk/	~	/ã-j-ũkbĩk/
2-TH-vomitar	~	2-TH-vomitar
'Vomita!'		
b. [ĩ'hεβ]	~	[ãpĩ'hεβ]
/Ø-Ø-ĩk-hεp/	~	/ã-j-ĩk-hεp/
2-TH-falar-líquido	~	2-TH-falar-líquido
'Baba!'		

c. [ĩj'hou]	~	[ãjĩj'hou]
/Ø-Ø-ĩk-huk/	~	/ã-j-ĩk-huk/
2-TH-falar-NEG	~	2-TH-falar-NEG
'Cale-se!'		
d. [ĩj'tei]	~	[ãjĩj'tei]
/Ø-Ø-ĩkci-Ø/	~	/ã-j-ĩkci-Ø/
2-TH-rir-IRR	~	2-TH-rir-IRR
'Ri!', 'Sorri!'		
e. [ũwẽ'paj]	~	[ãjũwẽ'paj]
/Ø-Ø-ũtpac/	~	/ã-j-ũtpac/
2-TH-flatular	~	2-TH-flatular
'Flatula!'		
f. [ũwẽ'kiβ]	~	[ãjũwẽ'kiβ]
/Ø-Ø-ũtkiβ/	~	/ã-j-ũtkip/
2-TH-sonhar	~	2-TH-sonhar
'Sonha!'		

Apesar de a não realização do índice de pessoa no modo *irrealis* normalmente indicar que o verbo em questão é intransitivo ativo, não podemos fazer tal afirmação para os verbos exemplificados em (151). A variação a que estão sujeitos é a mesma do modo *realis*: quando o prefixo de segunda pessoa /ã-/ não é realizado, também não o é a consoante temática /j-/. Caso fossem verbos ativos, as variantes à esquerda em (151) seriam agramaticais.

Outra indicação de que os verbos que podem receber a consoante temática são intransitivos inativos vem da forma *irrealis* verbos com raízes monossilábicas /-ĩk/ 'falar' e /-ũt/ 'defecar' que são, respectivamente /ã-j-ĩk/ 'Fala!' e /ã-j-ũt/ 'Defeca!'. Porém, no modo *irrealis* as formas /Ø-Ø-ĩk/ e /Ø-Ø-ũt/ também são encontradas, mas em contextos mais restritos:

(152) a. /bât		Ø-Ø-ũk	dabũdat=pi	Ø-Ø-ĩk/
Mário		2-TH-GEN	namorada=DAT	2-TH-falar
'Mário, ligue para sua namorada!'				

b. /ka Ø-Ø-ũt/
 PROH 2-TH-defecar
 ‘Não defeque!’

Caso haja algum elemento à sua esquerda, como um sintagma (152a) ou partícula (152b), as formas de verbos monossilábicos sem prefixos expressos emergem. Na Seção 4.3.2, veremos os contextos em que verbos se alongam no modo *irrealis*. Se /-ĩk/ ‘falar’ e /-ũt/ ‘defecar’ fossem verbos intransitivos ativos, esperar-se-ia formas longas *[ĩ' hĩĩ] e *[ũ' hũũẽ], as quais são agramaticais.

O verbo para ‘dormir’ conta com uma forma irregular no modo *irrealis*. Nesta forma, a consoante temática é expressa como [h]:

(153) /bũ=Ø-h-ũt/ [mũ' hũũẽ]
 CTFG=2-TH-dormir
 ‘Dorme!’

Também temos, no nosso *corpus*, o verbo ‘dormir’ no modo *irrealis* sem expressão do prefixo de segunda pessoa e da consoante temática, no proibitivo: /ka+bũ=Ø-Ø-ũt/ ‘Não dorme!’. Não sabemos se a forma com a expressão plena dos dois morfemas é possível neste modo.

Por fim, cabe mencionar que alguns verbos como /jĩp/ ‘sentar.SG’, /jadãp/ ‘aceso, acender.INTR’, /jibĩk/ ‘saber, entender’, /bũ=jũt/ ‘jogar, lançar’ (homófono de ‘dormir’, mas com estrutura morfossintática diferente), dentre outros, sempre têm sua consoante palatal inicial expressa, pois elas fazem parte da raiz, não sendo, portanto, consoante temática. Além disso, muitos desses verbos são transitivos ou intransitivos ativos e, como dito anteriormente, somente verbos intransitivos inativos podem receber a consoante temática.

4.2.7 – Raiz

No verbo, o único elemento que sempre é expresso é a raiz, ainda que outros morfemas estejam comumente presentes também. Assim como nos nomes, a maior parte das raízes verbais são monossilábicas. Algumas exceções existem, obviamente: algumas destas raízes polissilábicas são etimologicamente compostos, enquanto outras poucas têm já em sua origem essa característica. Há também verbos que devido à afixação se tornam polissilábicos: Algumas raízes são obrigatoriamente acompanhadas por clíticos

direcionais, como visto na Seção 4.2.3; por prefixos relacionais de contiguidade, os quais forma descritos na Seção 4.2.5; além de verbos causativizados (Seção 4.2.9).

(154)	a. /ktetek/	‘pendurar.PL’
	b. /cacuk/	‘esquecer’
	c. /cacu-k/	‘descascar-REAL’
	d. /pakit/	‘doente’
	e. /capit/	‘convidar’
	f. /dihit/	‘arrastar’
	g. /cuup/	‘beber’

Em (154) temos alguns exemplos de raízes sincronicamente dissilábicas. Algumas delas advêm de uma forma monomorfêmica como (154b), que tem sua origem no Proto-Maxakalí-Krenák **jonjôŋ* ‘esquecer, perder’; (154e) que foi originado de **jowit* ‘convidar, seduzir’; ou (154g) que tem sua proto-forma originária reconstruída como **jôp* ~ *jôôp* (NIKULIN e SILVA, no prelo). Por outro lado, ‘descascar’, exemplificado em (154c) e, em sua forma do modo *realis*, homófono de (154b), provavelmente era em sua origem um composto, com um primeiro morfema **/ca-/*, sem significado conhecido, e */co-k/* ‘plantar’. Sobre as raízes sincronicamente dissílabas em (154a, d, f) não temos dados históricos. Nas próximas duas seções, descreveremos dois fenômenos relacionados com raízes verbais: verbos compostos na Seção 4.2.7.1 e raízes em que há a supleção na indicação de número, na Seção 4.2.7.2.

4.2.7.1 – Compostos

Os verbos no Maxakalí podem ser por vezes, como dito na seção anterior, dissilábicos. Em muitos destes casos, esses verbos se tratam sincronicamente de compostos, em que ao menos um dos elementos pode ter seu significado recuperado. Apresentamos alguns exemplos a seguir:

(155)	a. /pac-bũ-k/	pegar.SG.INAN-ir-REAL	>	‘levar.SG.INAN-REAL’
	b. /pac-dĩ-t/	pegar.SG.INAN-vir-REAL	>	‘trazer.SG.INAN-REAL’
	c. /pit-bũ-k/	pegar.SG.ANIM-ir-REAL	>	‘levar.SG.ANIM-REAL’
	d. /pit-dĩ-t/	pegar.SG.ANIM-vir-REAL	>	‘trazer.SG.ANIM-REAL’
	e. /pup-bũ-k/	pegar.PL-ir-REAL	>	‘levar.PL-REAL’
	f. /pup-bũ-k/	pegar.PL-vir-REAL	>	‘trazer.PL-REAL’

g. /tap-cak/	???-cortar em pedaços grandes.SG > ‘furar.SG’
h. /tap-bɛp/	???-cortar em pedaços grandes.PL > ‘furar.PL’
i. /ɟ-ūt-pac/	TH-defecar-??? ‘flatular’
j. /ɟ-ūt-kip/	TH-dormir-??? ‘sonhar’

Os compostos em (155) têm, sincronicamente, seus componentes com variados graus de análise. (155a-f) são perfeitamente analisáveis, ainda que o primeiro elemento de (155a-b) não ocorra de maneira isolada: ‘pegar.SG.INAN’ tem forma subjacente /pa/, sem coda, tanto no modo *realis* quanto *irrealis*, porém, o verbo ‘cair.SG, descer.SG, nascer.SG’ tem uma estrutura parecida no *realis* /dã/ e uma coda palatal no *irrealis* /dãc/. Os primeiros elementos dos verbos em (155a-f) indicam que tipo de referente é trazido ou levado: se animado ou inanimado e se singular ou plural. Já as segundas raízes dos compostos indicam a direção: se para longe ou perto do centro dêitico.

Os exemplos de (155g-h) têm seu primeiro elemento com significado indefinido, por ora, e o segundo morfema pertencendo a um mesmo campo semântico. (155i-j) são exemplos parecidos, porém neste caso, a primeira raiz do composto é analisável, enquanto a segunda não. Na próxima subseção, apresentamos o caso da supleção de raízes para indicação de número, sendo que alguns exemplos já podem ser vistos em (155) como nos pares (155a, c) *versus* (155e); (155b, d) *versus* (155f) e (155g) *versus* (155h).

4.2.7.2 – Supleção de raiz como indicador de número

O Maxakalí conta com uma série de verbos que distinguem número através da supleção de raízes. Este aspecto já foi descrito anteriormente por Pereira (1992) e Campos (2009). Nos nossos dados, contamos cerca de 50 pares de verbos que têm esta característica, sendo que nenhum deles é um verbo intransitivo descritivo. O número a que estes verbos fazem referência é de seu argumento interno: verbos intransitivos no singular fazem referência a um sujeito singular (argumento S), enquanto verbos intransitivos no plural indicam que o sujeito está no plural. Para verbos transitivos, a forma singular ou plural de um verbo fará referência ao objeto direto (argumento O). Alguns exemplos são fornecidos em (156) a seguir:

(156)	a. /icũk	topaha/
	pássaro	voar.SG.FL
	‘O pássaro voou’	

- b. /icũk kupi-k/
 pássaro voar.PL-REAL
 ‘Os pássaros voaram’
- c. /beũk dahã-Ø/
 gato cair.SG.FL-REAL
 ‘O gato caiu’
- d. /beũk cakic/
 gato cair.PL
 ‘Os gatos caíram’
- e. /tik=tɛ capa ptek/
 homem=ERG paca matar.SG
 ‘O homem matou a paca’
- f. /tik=tɛ capa ki-k/
 homem=ERG paca matar.PL-REAL
 ‘O homem matou as pacas’
- g. /jabĩk-cup kakcup pit/
 yãmĩy-ASSOC criança pegar.SG.ANIM
 ‘Os Yãmĩy pegaram a criança’
- h. /jabĩk-cup kakcup pup/
 yãmĩy-ASSOC criança pegar.PL
 ‘Os Yãmĩy pegaram as crianças’

Como podemos ver a partir dos exemplos em (156a-d), a supleção das raízes verbais intransitivas faz referência ao número do argumento S, o qual se encontra na posição de argumento interno do verbo. Por outro lado, em (156e-h) contamos com raízes verbais transitivas. As formas supletivas neste caso também fazem referência ao número do argumento interno O. Esta é uma característica de línguas que contam com este tipo de supleção: mesmo que o alinhamento da língua seja nominativo-acusativo (o que não é o caso do Maxakalí), a supleção verbal segue um padrão ergativo (VESELINOVA, 2006, p. 152; FRANÇOIS, 2019). Veselinova (2006, p.157) diz que apesar de a supleção verbal indicativa de número (*verbal number*) não ser comum nas línguas do mundo, ela

tampouco é incomum: algumas línguas e famílias linguísticas que contam com este tipo de verbos são a família Jê (tronco Macro-Jê); algumas línguas da família Uto-Azteca da América do Norte, como o Hiaki (HARLEY, 2014); o Ainu (língua isolada) falada no Japão; o Hiw e o Lo-Toga (ambas línguas pertencentes ao tronco Austronésio, família Oceânica Meridional e faladas em Vanuatu. FRANÇOIS, 2019), dentre outras.

No Maxakalí, sempre se utilizam os índices de segunda pessoa singular em verbos no plural, não ocorrendo em nossos dados a forma /ã-cup/ ‘2-ASSOC’ como argumento interno de verbos que fazem a distinção de número. Isto ocorre devido ao fato de o número já ser indicado pelo verbo. Como há uma distinção de plural inclusivo e exclusivo na primeira pessoa, se faz necessário o uso de um ou outro índice para que não haja ambiguidade.

- (157) a. /jibĩk bãp/
 1.INCL sentar.PL
 ‘Nós sentamos’
- b. /k=bĩk=bãp/
 1.EXCL sentar.PL
 ‘Nós sentamos’
- c. /ã-bãp/
 2 sentar.PL
 ‘Vocês sentaram’
- d. */ã-cup bãp/
 *2-ASSOC sentar.PL
 *‘Você sentaram’

Vale notar que, assim como demonstrado por Nevins e Silva (no prelo), estes pares de verbos concordam em número com o nome e **não** contam eventos (ver subseção 4.2.11.4). Veremos na Seção 4.2.11 que a contagem de evento é feita com o uso de enclíticos.

Nomes não-contáveis e massivos, como ‘água’, ‘chuva’, ‘arroz’, ‘cabelo’ etc. pedem a forma plural do verbo. Não ocorre em nossos dados nomes deste tipo com verbos no singular:

oração coordenada. (160c) também é coordenada, mas ao contrário da conjunção /ci/ de (160b), a conjunção /ti/ não só indica que o sujeito das duas orações é o mesmo, como também fornece uma leitura de sequência temporal entre as duas ações. De modo similar, a oração coordenada em (160d) tem seus verbos no modo *realis*, já que a conjunção /hi/, indicando causa e consequência, faz com que o verbo esteja neste modo. A relativa em (160e) também tem seu verbo no modo *realis*: percebe-se que /dũp putaha/ é uma oração à parte pois o verbo ocorre na sua forma longa e não curta */puta/. (160f) apresenta uma construção proibitiva polida: o elemento posposto ao verbo faz com que o modo *realis* seja selecionado. Por fim, (160g) apresenta uma nominalização, a qual, usa por base, o modo *realis*.

Os verbos nos exemplos em (160h-i), por sua vez estão no modo *irrealis*. (160h) apresenta um imperativo sem nenhum clítico posposto, logo, o modo *irrealis* é utilizado. Já a oração subordinada de (160i) conta com um verbo no modo *irrealis* por ter uma semântica de finalidade, indicada pela conjunção /dĩc/. Note que o verbo da oração principal em (160i) /dĩ-t/ ‘vir-REAL’ está no modo *realis*.

No quadro abaixo, retirado de Silva e Nikulin (no prelo) e com algumas adições, apresentamos os verbos que ocorrem em nossos dados e que contam com a distinção formal entre os modos *realis* e *irrealis*. Novamente, não consideramos que esta lista é exaustiva: provavelmente há mais verbos em que tal distinção se faz presente.

QUADRO 4.10 – Distinção formal de modo em Maxakalí

padrão	<i>realis</i>	<i>irrealis</i>	
REAL /-p/ IRR /-Ø/	/pi-p/	/pi/	‘estar deitado.SG’
REAL /-t/ IRR /-Ø/	/dĩ-t/	/dĩ-Ø/ ¹⁶³	‘vir’
REAL /-k/ ¹⁶⁴ IRR /-Ø/	/ki-k/	/ki-Ø/	‘matar.PL’
	/kuca-k/	/kuca-Ø/	‘acordar’
	/kte-k/	/kte-Ø/	‘cantar’
	/kiĩ-k/	/kiĩ-Ø/	‘dirigir’
	/bĩ-k/	/bĩ-Ø/	‘fazer’
	/cibĩ-k/	/cibĩ-Ø/	‘acertar, flechar’
	/bũ-k/	/bũ-Ø/	‘ir’
	/bũ=kipi-k/	/bũ=kipi-Ø/	‘ler, contar (números)’
	/bi-k/	/bi-Ø/	‘cozinhar’
	/pi-k/	/pi-Ø/	‘lavar’
	/cε-k/	/cε-Ø/	‘pôr na horizontal’
	/ci-k/	/ci-Ø/	‘deixar, emprestar’
	/kutci-k/	/kutci-Ø/	‘mastigar’
	/j-ĩkci-k/	/j-ĩkci-Ø/	‘rir, sorrir’
	/cu-k/	/cu-Ø/	‘plantar’
	/dĩ=cu-k/	/dĩ=cu-Ø/	‘derramar’
REAL /-k/ IRR /-c/	/tatcu-k/	/tatcu-Ø/	‘banhar’
	/cacu-k/	/cacu-Ø/	‘descascar’
	/hãpjã-k/	/hãpjã-Ø/	‘dançar’
	/kutjã-k/	/kutjã-Ø/	‘tossir’
REAL /-k/ IRR /-c/	/jijã-k/	/jijã-Ø/	‘cortar’
	/kupi-k/	/kupi-c/	‘voar.PL’
	/bũ=kui-k/	/bũ=kui-c/	‘soprar’
	/bĩ-k/	/bĩ-c/	‘agarrar’
REAL /-k/ IRR /-c/	/ca-k/	/ca-c/	‘pedir’
	/REL-pa-k/	/REL-pa-c/	‘escutar, ouvir’
REAL /-Ø/ IRR /-c/	/dã-Ø/	/dã-c/	‘cair.SG, descer.SG, nascer.SG’
	/bũ=dã-Ø/	/bũ=dã-c/	‘entrar.SG’
	/ta-Ø/	/ta-c/	‘casar’
	/REL-ku-Ø/	/REL-ku-c/	‘coçar’
REAL /-Ø/ IRR /-t/	/jãc hi-Ø/	/jãc hi-t/	‘vagar, perambular’
	/te-Ø/	/te-t/	‘estar arrumado’
	/cε-Ø/	/cε-t/	‘repetir’

¹⁶³ O imperativo de ‘vir’ é irregular: /bã/ [‘mã]. A forma *irrealis* /dĩ/ [‘põ] é usada em orações subordinadas de finalidade e em construções imperativas com partículas prepostas ao verbo.

¹⁶⁴ Lembramos que, como visto na Seção 2.2.3.4, um /-k/ em posição de coda, quando precedido por vogal anterior se palataliza. Logo, os verbos /ki-k/ ‘matar.PL-REAL’, /kte-k/ ‘cantar-REAL’, /bĩ-k/ ‘fazer-REAL’ (e demais verbos com núcleos silábicos preenchidos por /i, i, ε, ê/) têm suas codas palatalizadas. Nos três exemplos desta nota, temos, respectivamente, realizações fonéticas [‘kij], [kiːtɛj] e [‘mij]. Ortograficamente, estes mesmos verbos são escritos como <kix> ~ <kik>, <kutex> ~ <kutek> e <mĩg> ~ <mĩg> (ver Apêndice).

b. /-tup/ [ˈtʊβ]	>	/tup-dã/ [tʊˈmã]
‘gordo’		‘engordar.FC’
c. /-cit/ [ˈtɛijə]	>	/cit-dã/ [tɛiˈɲã]
‘comer.INTR’		‘alimentar.FC’
d. /-gãc/ [ˈgãʃ]	>	/gãc-dã/ [gãˈɲã]
‘bravo’		‘deixar bravo.FC’
e. /bũ-k/ [ˈmõũ]	>	/bũ-k-dã/ [mũˈgã]
‘ir-REAL’		‘levar.FC’
f. /ɟ-ĩk/ [ˈɲĩ]	>	/ɟ-ĩk-dã/ [ɲĩˈgã]
‘TH-falar’		‘fazer falar.FC’

Em (161) encontramos alguns exemplos de verbos causativizados com o prefixo /-dã/. Em (161a) temos um verbo em que a base termina em vogal, logo, não há assimilação de ponto do *onset* do sufixo. Em (161b-e), temos, respectivamente, bases terminadas em consoante bilabial, dental, palatal e velar: dessa feita, os seus causativos assimilam o ponto de articulação da consoante no ataque silábico do sufixo para estes mesmos pontos. Em (161f), apesar de foneticamente a base terminar com uma consoante palatal, vê-se que esta é subjacentemente velar, já que na derivação para o causativo a consoante em *onset* é realizada como [g] e não como *[ɲ].

O sufixo /-dã/ pode se unir a bases nominais, resultando em verbos intransitivos, como exemplificado em (162):

(162) a. /ɟ-ĩ-kuc/ [ɲĩˈkʊj]	>	/ɟ-ĩ-kuc-dã/ [ɲĩˈkuˈɲã]
TH-falar-buraco > ‘boca’		‘imitar.FC’
b. /kut-pɛk/ [kuwəˈpɛj]	>	/kut-pɛk-dã/ [kuwəpɛˈgã]
mandioca-chato ¹⁶⁶ > ‘beiju’		‘fazer beiju.FC’

Independentemente de a base ser verbal ou nominal, a nasalidade do sufixo /-dã/ ‘CAUS’ **nunca** se espalha para a base, como pode ser visto nos exemplos em (161-162).

O verbo /pɛdã/ [pɛˈɲã] ‘ver.FC’ provavelmente tem origem em um causativo */pɛp-dã/, tendo se tornado morfológicamente opaco durante a história da língua. O fato

¹⁶⁶ Agradeço a Carlo Sandro de Oliveira Campos por fornecer o significado de /-pɛk/ ‘chato’.

de a primeira sílaba não ser nasal é um indício de que esse verbo tem uma origem bimorfêmica. Além disso, este verbo provavelmente é cognato de Krenák /pip/ ‘ver’.¹⁶⁷ Se esta hipótese estiver correta, a opacização e consequente perda da leitura causativa se deu num momento em que a assimilação de ponto da consoante do *onset* do sufixo ainda não estava ativa na língua, caso contrário seria esperado uma forma *[pe'mã], não atestada.

O outro sufixo causativo, não mais produtivo na língua, foi discutido na Seção 3.1.2.2. Repetimos os dados de (62) aqui, agora como (163):

(163)	a. /kibik/ [ki'bəu]		‘ruim’
	/kibik-a/ [kibi'a]	ruim-CAUS	‘estragar’
	b. /ci-dik/ [tei'dəu]		‘deslizar’
	/ci-dik-a/ [tei'di'a]	deslizar-CAUS	‘alisar, esfregar’
	c. /juk/ ['dʒəu]		‘reto, levantar-se’
	/juk-a/ [dʒu'a]	reto-CAUS	‘erguer, colocar algo de pé’
	d. /dik/ ['dʒəu]		? ‘ir fazer algo, movimentar’
	/dik-a/ [di'a]	? movimentar-CAUS	‘ordenar, mandar’
	e. /dūk/ [ṽṽṽ]		‘acabar’
	/dūk-a/ [ṽṽ'ã]	acabar-CAUS	‘terminar’
	f. /di-dūk/ [di'ṽṽ]		‘limpo (mato, roça), capinado’
	/di-dūk-a/ [diṽṽ'ã]	limpo-CAUS	‘limpar (mato, roça), roçar’
	g. /kica-dūk/ [kitea'ṽṽ]		‘assustar-se’
	/kica-dūk-a/ [kiteaṽṽ'ã]		‘assustar’
	h. /tik-dūk/ [təu'ṽṽ]		‘cansado, preguiçoso’
	/tik-dūk-a/ [təuṽṽ'ã]		? ‘preocupar’

Vemos que o sufixo /-a/ ocorre somente em algumas bases terminadas em consoante velar /-k/ e conta com dois alomorfes [-'a] e [-'ã], os quais causam a queda da coda final da base. Estes alomorfes são selecionados de acordo com a nasalidade da última

¹⁶⁷ O verbo para ‘ver’ na língua dos cantos rituais Maxakali é /pabi/. Provavelmente se trata de uma construção (composta, talvez?) de /pa/ ‘olho’ e /bi/ ‘estar.SG’ (cognatos conhecidos são /pi-Ø/ ‘estar na horizontal.SG-IRR’ no Maxakali moderno e /wip/ ‘estar na horizontal’ no Krenák).

rima da base: se a rima for oral, é selecionado o alomorfe oral (163a-d); caso a rima seja nasal, consequentemente, é selecionado o alomorfe nasal (163e-h). Não ocorrem em nossos dados, ao contrário do causativo /-dã/, verbalizações com o sufixo /-a/.

4.2.10 – Diminutivo

Outro sufixo já descrito anteriormente neste trabalho e que é retomado nesta seção é o diminutivo /-dãk/. Vimos na Seção 3.3.1 que este morfema, quando sufixado em bases verbais, traz uma leitura de intensidade, de maneira similar ao que ocorre com adjetivos com diminutivo no português, por exemplo, ‘rapidinho’ = ‘muito rápido’, ‘verdinho’ = ‘bem verde’, etc. Apresentamos alguns exemplos em (164) abaixo:

(164) a. /tap-bɛp/ [ta:ˈbɛβ]	‘furar.PL’
/tap-bɛp-dãk/ [ta:ˈbɛβ̃ṁṁãũ]	‘furar bastante, furadinho.PL’
b. /-bdĩk/ [mĩˈṁṁ]	‘preto’
/-bdĩk-dãk/ [mĩˈṁṁṁãũ]	‘pretinho’
c. /-dak/ [ˈḍau]	‘seco’
/-dak-dãk/ [ˈḍãũṁṁãũ]	‘sequinho’
d. /-juk/ [ˈdʒou]	‘reto’
/-juk-dãk/ [ˈdʒõũṁṁãũ]	‘retinho’
e. /-patu/ [pɒˈtuʔ]	‘molhado’
/-patu-t-dãk/ [pɒˈtũṁṁãũ]	‘molhadinho’
f. /-cuhi/ [tɛuˈhiʔ]	‘muito’
/-cuhi-dãk/ [ˈtɛũˈhiṁṁãũ]	‘bastante, muito mesmo’
g. /-ci-ta/ [tɛiˈtɔʔ]	‘vermelho’
/-ci-ta-t-dãk/ [tɛiˈtãṁṁãũ]	‘vermelhinho’
h. /-kiĩt/ [kĩˈʔĩṁ]	‘litrado (na vertical)’
/-kiĩt-dãk/ [kĩˈʔĩṁṁãũ]	‘litradinho (na vertical)’
i. /-ptic/ [piˈhṁṁ]	‘pesado’
/-ptic-dãk/ [piˈhṁṁṁãũ]	‘pesadinho’

Como pode ser depreendido dos exemplos acima, é comum que o morfema /-dãk/ seja sufixado a verbos descritivos, assim como o diminutivo é comumente afixado em

adjetivos no português. Porém, no Maxakalí, é possível afixar o diminutivo em verbos não-descriptivos como atestado em (164a).

Repetimos aqui que esse sufixo, quando unido a bases verbais, causa o espriamento do traço [nasal] para a base, ao contrário de outros sufixos da língua ou de quando é unido a uma base nominal. Isto é mais facilmente perceptível nos exemplos em (164a, c-g, i). Como as bases de (164b, h) já contam com uma vogal nasal, esse espriamento não se torna tão óbvio.

Também lembramos que, este sufixo causa a epêntese de uma consoante dental após uma base terminada em vogal. (164e-g) exemplificam esta epêntese: como essa consoante em coda possui o mesmo ponto de articulação que o *onset* do sufixo, há o alongamento compensatório da vogal final da base. A presença dessa consoante epentética se faz mais evidente no exemplo de (164g) que, por terminar em vogal central não-alta /a/, tem seu alofone posterior [ɑ] selecionado. Vimos na Seção 2.3.5, que as vogais /a, ã/ se posteriorizam para [ɑ, ã] na presença de um *onset* coronal (dental ou palatal). O fato de a vogal final da base sufixada em (164g) ser um [ã], é indicativo da presença da coda epentética /-t-/.

4.2.11 – Enclíticos de tempo, aspecto e modo

Descreveremos nesta seção uma série de enclíticos que ocorrem em posição pós-verbal. Eles têm a função de indicar tempo, aspecto gramatical e modo, sendo muitos deles originados de gramaticalizações de verbos que ainda podem ocorrer isoladamente na língua. Acreditamos que estes morfemas (originados da gramaticalização de verbos ou não) são clíticos pois eles exigem que os verbos aos quais se adjungem ocorram em sua forma curta. Aqui, novamente, deixamos em aberto a possibilidade de que haja mais clíticos deste tipo na língua, não sendo a lista a seguir, portanto, fechada.

4.2.11.1 – Futuro

O Maxakalí marca morfologicamente o tempo futuro (FUT), em oposição ao não-futuro (passado e presente) que é a forma *default*. O clítico usado é /=ac/, homófono de um dos nominalizadores que ocorrem na língua (ver Seções 4.1.1.6 e 4.1.2.1).

(165) a. /k=bũ-k/

1.SG=ir-REAL

‘Eu vou’, ‘Eu fui’

b. /k=bũ-k=ac/

1.SG=ir-REAL=FUT

‘Eu irei’

c. /ã=tɛ

bĩ-k=kic

dihĩ/

1=ERG

fazer-REAL=CESS

este.FL

‘Eu termino/terminei de fazer este’

d. /ã=tɛ

bĩ-k=kic=ac

dihĩ/

1=ERG

fazer-REAL=CESS=FUT

este.FL

‘Eu vou terminar de fazer este’

As orações em (165a, c), por não receberem nenhuma marca de tempo, podem ter uma leitura de presente ou passado. Nestes casos, o contexto é que fará a desambiguação. Por outro lado, nos exemplos em (165b, d) temos orações indiscutivelmente no futuro, já que os verbos recebem o enclítico /=ac/. Em sendo os únicos verbos das orações, não há dúvidas quanto à sua leitura de marcador de tempo futuro em oposição à leitura de nominalização. Vejamos agora, em (166), as orações de (165b, d), mas com uma polaridade negativa:

(166) a. /a=k=bũ-k=ptip=a/

NEG=1.SG=ir-REAL=FUT=NEG

‘Eu não irei’

b. /a=ã=tɛ

bĩ-k=kic=ptip=a

dihĩ/

NEG=1=ERG

fazer-REAL=CESS=FUT=NEG

este.FL

‘Eu não vou terminar de fazer este’

Em orações negativas no futuro não se utiliza o clítico /=ac/, mas o clítico /ptip/. Como veremos na Seção 4.2.11.13, este clítico conta com uma série de significados, em sua maioria, modais. Encontramos alguns exemplos em Popovich (1971) e Popovich e Popovich (2005) do uso de /ptip/ com função de marcação de tempo futuro em orações afirmativas, porém este uso não ocorre em nossos dados.

Há, em pelo menos um tipo de construção, a possibilidade de o clítico /=ac/, com a função de futuro, ser posposto a raízes nominais. Em construções copulares, quando se

faz necessário indicar o tempo futuro, o clítico vem após o nome que é complemento do sujeito:

- (167) a. /k=bît tuduɸcut=ac/
 1.SG=REST professor=FUT
 ‘Eu serei professor’
- b. /ã=tɛ jãc=hã bɛdiadu=ac/
 1=ERG REFL=INS vereador=FUT
 ‘Eu vou me tornar vereador’

Em (167) temos dois tipos de construções de cópula. (167a) conta com uma sentença nominal, em que a cópula é zero. Neste tipo de construção, o sujeito, quando não é um sintagma nominal, deve ser expresso pela forma disjuntiva do pronome, a qual é formada pelo índice de pessoa seguido do clítico restritivo (Seção 4.1.1.6.2). Dada a ausência de um verbo cópula, o enclítico é posicionado após o predicado nominal.

(167b), por sua vez, contém outra construção de cópula. Neste exemplo, a cópula que indica a mudança de estado, traduzida para o português com o verbo ‘tornar-se’, é composta pela partícula reflexiva /jãc/ seguida da posposição instrumental /hã/. Neste tipo de construção, o predicado nominal sempre vem após a estrutura REFL + INS, o que é um indício que /hã/ neste caso não é um verbo: se assim o fosse, seria esperado que pudesse ocorrer no fim da oração. Quando o tempo futuro é expresso em construções como esta, o clítico /=ac/ vem posposto ao nome, demonstrando novamente que /jãc=hã/ não se trata de um verbo.

4.2.11.2 – Negação

A negação (NEG) em Maxakalí é feita canonicamente por um morfema descontínuo /a=...=a/. Campos (2009, p. 128-130) descreve este morfema como ocorrendo em torno do predicator no caso de verbos inativos (que chamamos aqui neste trabalho de verbos intransitivos no modo *realis*) e antes do sujeito e após o verbo em orações com verbos ativos (verbos transitivos, na nossa análise). Ele ainda afirma, que no primeiro caso, a marcação de pessoa não ocorre. De fato, a terceira pessoa é expressa nessas construções pelo alomorfe /Ø-/ , mas como cita apenas exemplos com esta pessoa gramatical, Campos (2009) não demonstra que os outros índices de pessoa de verbos intransitivos são, sim, expressos.

- (168) a. /a=k=dĩ-t=a apde=ti/
 NEG=1.SG=vir-REAL=NEG aldeia=LOC
 ‘Não vim para a aldeia’
- b. /a=ã-ktit=a/
 NEG=2-velho=NEG
 ‘Você não é velho’
- c. /a=Ø-ta=a/
 NEG=3-maduro=NEG
 ‘Não está maduro’
- d. /bĩ-ta a=Ø-ta=a/
 madeira-fruta NEG=3-maduro=NEG
 ‘A fruta não está madura’
- e. /a=p=bai=a/
 NEG=INDF=bom=NEG
 ‘Isto não está bom’, ‘Algo não está bom’
- f. /a=jaĩã=te hãp ã-ktic=a/
 NEG=avô=ERG coisa CTG-dizer=NEG
 ‘O vovô não contou a história’

Em (168a-b, e) vemos que os índices de primeira e segunda pessoa e o indefinido são expressos em orações negativas com verbos intransitivos. Por outro lado, o alomorfe /ĩ-/ de terceira pessoa não ocorre, como pode ser observado nos exemplos (168c), sem um sintagma nominal na posição de sujeito, e (168d), com o sintagma nominal expresso. Em (168f) temos uma oração com verbo transitivo, em que o clítico descontínuo de negação se localiza no início e fim da oração. Quando há uma mudança na ordem canônica, em que um sintagma nominal se localiza após o verbo numa oração transitiva, tal sintagma ocorre após a negação:

- (169) /a=k=ceitit=te pẽdã=a ãtbũca/
 NEG=1.SG=esposa=ERG ver=NEG ãnmõxa
 ‘Minha esposa não viu o ãnmõxa’

Por vezes, somente uma das partes do clítico de negação é realizada. Quando isto ocorre, normalmente é realizada a parte posterior ao verbo:

- (170) a. /paʒã cap ʒibĩk=a/
 mas costurar saber=NEG
 ‘Mas (eles) não sabiam costurar’
- b. /kĩt a=pip=ac dĩtɛ/
 acento NEG=haver=FUT aqui
 ‘Aqui não é para escrever o acento’ (lit.: ‘Aqui não haverá acento’)

Quando os morfemas de negação não ocorrem como circunclíticos, o padrão de (170a), em que se encontra o enclítico, é mais comum que o de (170b), com proclítico. Cabe notar também que em (170b), o futuro é expresso pelo clítico /=ac/ e não por /=ptip/, apesar de o exemplo ser uma oração negativa.

A ocorrência variável de /a=/ e /=a/, em oposição a forma mais frequente /a=...=a/, nos leva a crer que o Maxakalí está passando por uma mudança na sua forma de negação, da mesma maneira que o português e o francês, no que é chamado na literatura de Ciclo de Jespersen (JESPERSEN, 1917; DAHL, 1979). Dentre as duas formas não-circunclíticas, a enclítica é mais comum, inclusive na fala de pessoas mais velhas. Desta forma, acreditamos que talvez ela seja mais conservadora. Estando nossa hipótese correta, podemos fazer o seguinte esquema comparativo:

(171)	+ conservador		+ inovador
a. Português	<i>não V</i>	<i>não V não</i>	<i>V não</i>
b. Francês	<i>ne V</i>	<i>ne V pas</i>	<i>V pas</i>
c. Maxakalí	<i>V /=a/</i>	<i>/a=/ V /=a/</i>	<i>/a=/ V</i>

O português padrão (171a), exige a forma mais conservadora, porém é comum escutar, ao menos nos dialetos brasileiros, uma forma com dupla negativa. A forma mais inovadora parece estar ganhando cada vez mais espaço. No caso do francês (171b), o padrão é a forma com a dupla negativa, estando a forma mais inovadora, assim como no português, tendo um uso cada vez maior. No caso do Maxakalí (171c), a forma com dupla negativa é muito mais comum que as demais. Ela é também a fornecida em elicitacões por parte dos falantes. Porém, em dados de fala espontânea encontramos a forma com um enclítico, que é mais comum que a proclítica. O fato de falantes mais velhos usarem com

maior frequência a forma enclítica, quando desconsideramos o uso circunclítico mais comum, faz com que hipotetizemos ser esta a forma mais antiga na língua. Estudos futuros, que leve em consideração um maior volume de dados com a fala de jovens, podem ser elucidativos quanto a esta suposição.

Um outro morfema de leitura negativa é /huk/. Este morfema, como descrito por Campos (2009), é utilizado em construções proibitivas. Os falantes consultados afirmam que o imperativo negativo com /huk/ é mais polido que o imperativo negativo com a partícula /ka/ preposta ao verbo. Ao contrário das construções com /ka/ que exigem que o verbo esteja no modo *irrealis*, as construções com /huk/, assim como **todas** as outras em que o elemento está posposto ao verbo, exige que este se encontre no modo *realis*.¹⁶⁸

(172) a. /ã-puta-huk/	vs.	/ka puhu/
2-chorar.REAL.FC-PROH		PROH chorar.IRR.FL
‘Não chora!’ (+ polido)		‘Não chora!’ (– polido)
b. /ã-cip-huk/	vs.	/ka ã-cip/
2-dependurar.SG-PROH		PROH 2-dependurar.SG
‘Não fica dependurado!’ (+ polido)		‘Não fica dependurado!’
		(– polido)
c. /ĩ-bĩ-k-huk/	vs.	/ka ã-bĩ-Ø/
3-fazer-REAL-PROH		PROH 3-fazer-IRR
‘Não faça!’ (+ polido)		‘Não faça!’ (– polido)

Em (172) temos os dois tipos de construções proibitivas encontradas no Maxakalí. Em todos três exemplos, a construção da esquerda é feita com /-huk/ e indica um proibitivo mais polido, enquanto a da direita se trata de um imperativo negativo com /ka/, menos polido. Se se repara bem, em ambas as construções à esquerda de (172a-b) o verbo recebe o índice de pessoa /ã-/ , indicando que ambos estão no modo *realis*. Por outro lado, em (172a) temos um verbo que no modo *irrealis* é intransitivo ativo, pois não recebe

¹⁶⁸ Nikulin e Silva (submetido), ao comparar os modos *realis* e *irrealis* do Maxakalí com as formas finita e não-finita de verbos do Proto-Jê Setentrional, explicam o porquê de elementos pospostos ao verbo exigirem o modo *realis*. Estes morfemas, chamados por eles de operadores, ocorreriam, no Proto-Macro-Jê, apenas em orações subordinadas, a qual exigia a forma não-finita do verbo. O Maxakalí tendo passado por uma reanálise, passou a usar a antiga forma não-finita em orações simples, dando origem ao modo *realis*. A presença dos operadores, ainda que não seja mais indicativo de uma oração subordinada no Maxakalí, ainda preserva o uso da forma cognata do não-finito do Proto-Macro-Jê, ou seja, do modo *realis*.

marca alguma, e em (172b) um intransitivo inativo, o qual continua sendo marcado com /ã-/ ‘2’. O verbo em (172c) é transitivo: ele sempre recebe os índices de pessoa, tanto no modo *realis*, quanto no *irrealis*.

O uso proibitivo de /-huk/ provavelmente se dá pela gramaticalização de um verbo de forma igual. Não sabemos exatamente a semântica deste verbo, porém sabemos que ele, obviamente, tem uma leitura negativa.

- (173) /ta bĩ-k-hok dĩc cik bĩ-Ø
 TOP.DIF fazer-REAL-NEG FIN.SS xis fazer-IRR
 pĩci abahĩk?/
 então como?
 ‘E se eu não colocar, e escrever um xis, então fica como?’

Conseguimos, por eliminação, restringir um pouco o seu significado: Não é um existencial negativo, pois há um verbo com tal significado, ainda que pouco usado: /kuik/ ‘não haver’. Também consegue-se comprovar sua semântica negativa, pois, quando participando de construções com o circunclítico /a=...=a/ ‘NEG’, a oração resultante é positiva:

- (174) /pa-jã bã=ukdãk tik-bĩ-ĩt=te
 mas-ENF comer.TRANS.FC=PRIV homem-PL-mulher=ERG
 ãpbut-cicpek hi a=cipjãk-dãk-huk=a/
 areia-gostoso LOG.SS NEG=insosso-DIM-NEG=NEG
 ‘Mas os Maxakalí comiam sem sal, já que (o sal) não era gostoso’

O exemplo em (174) temos que o verbo descritivo /cipjãk/ ‘insosso’ é acompanhado tanto por /huk/ quanto por /a=...=a/. Nesse tipo de construção, muito comum na língua, uma negativa anula a outra, resultando no significado “original” do verbo. Como não sabemos ao certo a definição de /-huk/, glosamos provisoriamente neste trabalho como ‘NEG’.

4.2.11.3 – Privativo

Vimos nas seções 4.1.1.6.3 e 4.1.2.4 que o clítico /=uk-dãk/ tem uma função de privativo (ou nominalizador negativo, de acordo com Campos (2009)). Quando posposto a verbos, ele fornece uma leitura negativa assim como /a=...=a/ e /huk/. Assim como este último, não sabemos seu significado exato, porém conjecturamos que ele dá ao verbo uma

b. /ã=tɛ tatakuc pɛdã tik/
 1=ERG *tatakox* ver dois
 ‘Eu vi a Lagarta-Espírito (*Tatakox*) duas vezes’

A supleção de raiz indicativa de número, como dito anteriormente na Seção 4.2.7.2, não indica uma pluralidade de ação, mas faz referência a pluralidade do seu argumento interno. Isto pode ser visto em (177) abaixo:

- (177) a. /ĩt bũ=Ø-cipaha/
 mulher.FC CTFG=3=fugir.SG.REAL.FL
 ‘A mulher correu’
- b. /ĩt bũ=Ø-dĩpaha/
 mulher.FC CTFG=3=fugir.PL.REAL.FL
 ‘As mulheres correram’
- c. /ĩt-pcɛt bũ=Ø-cipa=tik/
 mulher.FC-um CTFG=3=fugir.SG.REAL.FC=dois
 ‘Uma mulher correu duas vezes’
- d. /ĩt-tik bũ=Ø-dĩpa=pcɛt/
 mulher.FC-dois CTFG=3=fugir.PL.REAL.FC=um
 ‘Duas mulheres correram uma vez’

Os exemplos em (177a-b) demonstram um par de verbos supletivos que fazem distinção de número. O exemplo em (180c) o verbo descritivo atributivo /-pcɛt/ ‘um’, posposto ao nome, indica que se trata de uma mulher apenas. Logo, o verbo escolhido é aquele no singular. Posposto a ele, temos o clítico /=tik/ ‘dois’, indicando que a ação foi realizada duas vezes. De maneira contrária, em (177d) temos o verbo /-tik/ ‘dois’ se referindo a /ĩt/ ‘mulher’. Dessa feita, o verbo selecionado é aquele que indica que o seu argumento interno está no plural. Posposto ao verbo, temos o clítico /=pcɛt/ que indica o número de vezes que a ação foi feita, no caso, apenas uma vez.

Como vimos, no início do presente capítulo, verbos emprestados seguem um outro alinhamento morfossintático. O mesmo ocorre com verbos que indicam numerais iguais ou maiores que ‘quatro’, que são emprestados do português. Orações com verbos intransitivos terão pospostos a construção /cuhi=tɛ número/ (muito=ERG número), sendo

a presença de /cuhi/ opcional. Por outro lado, verbos transitivos, por terem seu sujeito já marcado com a posposição /tɛ/ ‘ERG’, serão pospostos com /cuhi=hã número/ (muito=INS número), sendo /cuhi/ também opcional. Vejamos alguns exemplos abaixo:

- (178) a. /ĩt bũ=Ø-cipa (cuhi)=tɛ kuat/
mulher.FC CTFG=3=fugir.SG.REAL.FL (muito)=ERG quatro
‘A mulher correu quatro vezes’
- b. /tik=tɛ hãp-gãc ptɛk=pcet/
homem=ERG coisa-bravo matar.SG=um
‘O homem matou onça uma vez’
- c. /tik=tɛ hãp-gãc ptɛk (cuhi)=hã cet/
homem=ERG coisa-bravo matar.SG muito=INS sete
‘O homem matou onça sete vezes’

Pode-se comparar (178a) com (177a) e (178b) com (178c). No primeiro exemplo com contagem utilizando números emprestados (178a), por se tratar de um verbo intransitivo, a posposição selecionada por /-cuhi/ é /tɛ/. Por outro lado, no segundo exemplo com contagem acima de três (178c), a posposição usada é /hã/, já que /tɛ/ ocorre na marcação do argumento A da oração. Apesar de frequente, o verbo /-cuhi/, como dito acima, pode ser omitido em ambos os casos.

Construções imperativas com estes elementos têm o verbo principal no modo *realis*, já que os morfemas de contagem de eventos são pospostos ao verbo:

- (179) a. /ĩ-pi-k=tik/
3-lavar-REAL=dois
‘Lava duas vezes!’
- b. /ã-jĩp=tik/
2-sentar.SG=dois
‘Senta duas vezes!’

Em (179a) vê-se que o verbo está no modo *realis* dada a presença do sufixo /-k/, sendo o uso da forma *irrealis* do verbo, */pi-Ø/, agramatical. Já em (179b), temos /jĩp/ que no modo *irrealis* é um verbo intransitivo ativo. Assim sendo, o fato de ele receber a

marca de pessoa no exemplo acima é um indicativo de que ele se encontra no modo *realis*. Do contrário, seria esperado a ausência de qualquer índice de pessoa.

4.2.11.5 – Aspecto completivo

O Maxakalí indica o aspecto completivo (COMPL) pelo uso do clítico /=dãp/ [ḡãḡ]. Ele indica que a ação foi completamente realizada ou, no caso de verbos descritivos, que o referente está/tem completamente aquela característica. Campos (2009, p. 220-222; 228-229) afirma que este morfema tem escopo sobre o nome, sendo este morfema, em sua análise, um quantificador significando ‘todos’. Mostraremos nos exemplos a seguir que não parece ser este o caso.

- (180) a. /jĩbĩk=tɛ bãp bã=dãp/
 1.INCL=ERG peixe.FC comer.TRANS.FC=COMPL
 ‘Comemos todo o peixe’
- b. /pajɛ ã-ta=dãp/
 pajé CTG-vermelho=COMPL
 ‘O pajé está completamente vermelho’
- c. /ĩt-pcɛt ã-gãc=dãp/
 mulher.FC-um 3-bravo=COMPL
 ‘Uma mulher está completamente brava’

Ao contrário do que Campos (2009) afirma, podemos ver, nos exemplos acima, que o clítico /=dãp/ tem escopo sobre o verbo. Ainda que os exemplos em (180a-b) pudessem ser traduzidos, respectivamente, como ‘Comemos todos os peixes’ e ‘Todos os pajés estão vermelhos’, o exemplo em (180c) é elucidativo quanto ao fato de /dãp/ ter escopo sobre o verbo. Ele foi elicitado por um Maxakalí, quando eu estava verificando o significado deste morfema. O falante me deu esse exemplo e disse “nesse caso, é uma mulher só, mas ela ‘tá toda brava, o corpo dela todo tá bravo: a cabeça, o braço, as pernas...”. Então eu perguntei a ele sobre a gramaticalidade da seguinte sentença:

- (181) */ĩt-dãp ã-gãc/
 mulher.FC-COMPL 3-bravo

O colaborador me disse que a oração em (181) era agramatical. De fato, /dãp/ só pode ocorrer após verbos e qualquer exemplo que eu desse com o morfema após nome era tido como agramatical. O fato de haver um verbo atributivo em (180c), que

semanticamente restringe o nome a um e apenas um referente, como o faz /pcet/ ‘um’, indica que /dãp/ não pode ser um quantificador. Para a noção de ‘todos’ utiliza-se, posposto ao nome, ou o verbo descritivo /-cuhi/ ‘muitos (contáveis), todos (contáveis)’ ou /-pidet-huk/ de igual significado.¹⁷¹

4.2.11.6 – Aspecto progressivo

O aspecto progressivo (PROG) no Maxakalí é dado pela estrutura variável /verbo principal=dã + verbo posicional ou de movimento/ ~ /verbo principal=hã + verbo posicional ou de movimento/ (/dã/ é realizado foneticamente como [ḡã]). Esta estrutura é frequentemente encontrada nos cantos rituais e indica uma ação que ocorre ao longo do tempo. Não sabemos o que condiciona a escolha de uma ou outra estrutura, mas ambas indicam não só que a ação ou estado ocorre ao longo do tempo, mas também indica a posição ou movimento do sujeito.

- (182) a. /k=ktɛ-k=hã cip/
 1.SG=cantar-REAL=PROG estar em pé.SG
 ‘Eu estava cantando (em pé)’
- b. /ha bĩ-k pa j-ĩp cacit
 e.SD agarrar-REAL mas TH-braço separar
 dũc dã bũ-k/
 outro PROG ir-REAL
 ‘e (a saracura) segurou (o *Pukkutok*), mas um braço foi indo, separando do outro’

Nos nossos dados, os verbos posicionais e de movimento que ocorrem neste tipo de construção se encontram no modo *realis* e são os seguintes:

¹⁷¹ Não sabemos exatamente a diferença no uso entre /-cuhi/ e /-pidet-huk/. No caso do segundo verbo, também não sabemos se sua forma subjacente é /-pidet-huk/ ou /-pdet-huk/, com *onset* complexo inicial. Do ponto de vista etimológico, provavelmente se tratava de uma negação de uma hipotética raiz */-pidet/~*/-pdet/, dada a presença do /-huk/ ‘NEG’, tendo a sua estrutura se tornado opaca no decorrer da história do Maxakalí. Apesar de essa raiz não ocorrer sozinha como antônimo de ‘muito’, ela ocorre atualmente na fala de jovens também com o significado de ‘muito’, provavelmente por causa de uma redução fonética que causou a queda de /-huk/.

QUADRO 4.11 – Verbos posicionais e de movimento no Maxakalí

Tipo de verbo	SG	PL	
Verbos posicionais	/pi-p/	/dũp/	‘estar deitado, estar na horizontal’
	/jĩp/	/bãp/	‘estar sentado’
	/cip/	/ti/	‘estar de pé, estar na vertical’
	/cip/	/ktetək/	‘estar dependurado’
Verbos de movimento	/bũ-k/		‘ir’
	/dĩ-t/		‘vir’

Os verbos posicionais no Maxakalí fazem distinção de número, enquanto os verbos de movimento não. Esta construção é extremamente similar a uma das construções do progressivo no holandês padrão (tronco Indo-Europeu, família Germânica, falado na Bélgica, Holanda e Suriname), na qual o verbo posicional é conjugado e o verbo principal, no infinitivo precedido por *te* vem ao fim da sentença, como em (183):

- (183) *Ik sta-Ø te wacht-en*
 1.SG estar.na.vertical-1.SG para esperar-INF
 ‘Eu estou esperando’

4.2.11.7 – Aspecto cessativo

No Maxakalí o aspecto cessativo (CESS) é indicado pelo clítico /=kic/ e indica que uma ação terminou de ser realizada. Este morfema pode ser realizado também como verbo principal de uma oração, significando ‘terminar, acabar’.

- (184) a. /ti puuc=dãp ha didũk-dãk ti cuk
 e.SS limpar=COMPLE.DS limpo-DIM e.SS morrer.SG
 ta kic/
 TOP.DIF terminar
 ‘e (eles) limpam o gavião e (o gavião) ficou limpinho e morreu e acabou (a história)’
 b. /k=cic=kic/
 1.SG=urinar=CESS
 ‘Terminei de urinar’

c. /a=p dĩ-t=kĩc=a/
 NEG=INDF vir-REAL=CESS=NEG
 ‘Não terminou de vir’

Em (184) temos alguns exemplos do morfema /kĩc/. No item (184a), /kĩc/ é o verbo principal da última oração e indica que a história que estava sendo contada terminou. Este verbo é comumente utilizado como marcador discursivo que indica o fim de uma história ou de uma conversa. Em (184b-c) temos dois exemplos de /=kĩc/ como clítico cessativo. Quando posposto ao verbo, ele indica o término da ação: em (184b) o falante afirma ter terminado de urinar e em (184c) o falante afirma que os espíritos ainda não tinham terminado de ir para a aldeia.

4.2.11.8 – Aspectos incoativo e inceptivo

O aspecto incoativo (INCH) indica o início de um novo estado, enquanto o inceptivo (também chamado de aspecto ingressivo) indica o início de uma ação. Enquanto alguns autores tratam os aspectos inceptivo e incoativo como sinônimos (CRYSTAL, 2008, p. 38, 239), outros fazem distinção entre os dois (NAÏM, 2016). É importante ressaltar que estamos lidando nesta sessão com o aspecto gramatical incoativo e não com a classe de verbos incoativos, os quais foram descritos por Campos (2009a, p. 183-189) e que participam da chamada alternância causativa.

O marcador do aspecto incoativo no Maxakalí é /kudabã/ (forma curta, foneticamente [kũḡã'mõ])¹⁷² e, assim como o cessativo, pode ocorrer como o verbo principal da oração, com o significado de ‘começar’.

- (185) a. /hũthã kudabahã jã puhu/
 agora começar.FL ENF forró
 ‘Agora está começando o forró’
- b. /kakcup=te bũ=kĩpi-k=kudabahã/
 criança=ERG CTFG=ler-REAL=INCH.FL
 ‘As crianças começaram a ler’

¹⁷² Não sabemos se este verbo tem sua origem em uma construção causativa. Caso seja este o caso, é necessário postular uma base /kudãp/ seguido do sufixo causativo /dã/. Existe em Maxakalí um verbo /kudãp/, significando ‘acreditar (na capacidade de alguém)’, mas não sabemos se este verbo teria relação com o marcador de incoativo/inceptivo.

Em (185a) temos um exemplo de /kudabã/ como verbo principal da oração e em (185b) como clítico, em sua função incoativa/inceptiva. Em ambos os casos, por estar na oração principal e, portanto, no modo *realis*, o verbo ocorre em sua forma longa /kudabahã/ [kũpãmõ'fõ].

É cada vez maior o uso do verbo emprestado do português /kubêca/ [kũmẽ'tea]:

- (186) /hũthã kakcup=te jã dũ kubêca ducbĩpjɛcek/
 agora criança=ERG ENF 3.INS começar dois mil e dezesseis
 ‘Hoje as crianças começaram (o ano letivo de) dois mil e dezesseis’

Nota-se que, por /kubêca/ ser um verbo emprestado do português, é necessário que seu argumento interno seja marcado com o instrumental. No exemplo ocorre a forma supletiva /dũ/ [pũ]. Ao contrário de /kudabã/, não sabemos se este verbo emprestado pode ser utilizado com a função de incoativo/inceptivo.

4.2.11.9 – *Aspecto conativo*

O aspecto conativo (CON) indica uma tentativa em realizar a ação indicada pelo verbo. No Maxakalí usa-se o verbo /kupit/ ‘experimentar, tentar’:

- (187) a. /ĩt=te hãpjãk=kupit/
 mulher=ERG dançar=CON
 ‘A mulher tentou dançar’
 b. /bũkbũka kupi-k=kupit/
 gavião voar.SG-REAL=CON
 ‘O gavião tentou voar’

Por vezes, o aspecto conativo também é indicado pelo enclítico /ptip/ (ver Seção 4.2.11.13), mas, por ora, ainda não compreendemos o contexto de uso de uma ou outra forma.

4.2.11.10 – *Aspecto frequentativo*

O aspecto frequentativo (FREQ) indica que uma ação ocorre regularmente. No Maxakalí utiliza-se o enclítico /bũkĩbak/, o qual normalmente é traduzido por ‘sempre, direto, frequentemente’:

- (188) a. /pa-jã kaba ã-pi-p pɛdekpek=tɛ
 mas-ENF também 3-haver-REAL prefeito=ERG
 tik-bĩ-ĩt kɪpek=bũkɪbak/
 homem-PL-mulher enganar=FREQ
 ‘Mas também tem prefeitos que sempre enganam os Maxakalí’
- b. /kakcup=tɛ jãc tak-dũc ki-k=bũkɪbak/
 criança=ERG REFL pai-outro matar.PL-REAL=FREQ
 ‘O menino continua batendo nos seus próprios irmãos’

Por sua estrutura fonológica, podemos hipotetizar que o frequentativo é bimorfêmico, com um clítico de movimento /bũ=/ e uma raiz /kɪbak/ de significado desconhecido por nós. Não sabemos se /bũ=kɪbak/ pode ser utilizado como verbo principal da oração, nem se é possível que ocorra algum elemento entre o clítico de movimento e a raiz.

4.2.11.11 – Aspecto iterativo

O aspecto iterativo (ITER) é similar ao frequentativo, sendo que, por vezes, ambos têm seus significados sobrepostos. O iterativo indica que uma ação é realizada diversas vezes. Por outro lado, o frequentativo também indica a repetição de ação, porém por um tempo prolongado, o que não necessariamente é verdade para o iterativo.

- (189) a. /ti hãp-típ=ha jã bũ=j-ũt=pac
 e.SS tempo-novo=ALL ENF CTFG-TH-dormir=ITER
 ã-tak-cup/
 3-pai-ASSOC
 ‘e pela manhã, os pajés (= pais dos espíritos) ficam dormindo’
- b. /ti hɛja=ukdãk ti-ta jã pɛdã=pac/
 e.SS reza=PRIV e.SS-TOP.DIF ENF ver=ITER
 ‘E (eles) não fizeram reza, só ficaram olhando (para o homem)’

Nos exemplos em (189) o uso do iterativo indica uma ação repetida, porém durante um tempo limitado e relativamente curto. O uso de /bũ=kɪbak/ ‘FREQ’ indicaria que a ação foi repetida durante um longo tempo.

4.2.11.12 – *Aspecto iamitivo*

Chamamos de aspecto iamitivo (IAM), neste trabalho, aquele que nas gramáticas de línguas europeias normalmente é chamado de perfeito, quando acompanhado por palavras como *já* (português), *already* (inglês), *al* (holandês), etc. Iamitivo é um termo que vem sido usado na última década para se referir a algumas partículas de línguas do sudeste asiático, como o indonésio e o javanês, e que cobre “marcadores mais ou menos gramaticalizados que têm funções compartilhadas entre ‘já’ e o perfeito” (OLSSON, 2013, p. 4, tradução nossa).¹⁷³ Como no Maxakalí o clítico que descreveremos não se trata necessariamente de um indicador de aspecto perfeito, mas pode ser traduzido como ‘já’, utilizamos aqui este rótulo, ainda que saibamos que o iamitivo e a ideia expressa por ‘já’ não sejam necessariamente as mesmas. Por outro lado, no mesmo trabalho, Olsson (2013, p. 35) afirma “[...] que palavras que significam ‘já’ e iamitivos têm essencialmente a mesma semântica [...]” (tradução nossa).¹⁷⁴ Deste modo, na falta de uma nomenclatura melhor, optamos por utilizar o rótulo iamitivo.

(190) a. /uk ã-cit=tap?/

INT 2-comer.INTR=IAM?

‘Você já comeu?’

b. /a=ci-ktic=tap=huk=a/

NEG=NCTG-dizer=IAM=NEG=NEG

‘(Ele) já falou’

c. /a=dũ bãtka=tap=huk=a ã=te ditcap=hã/

NEG=3.INS marcar=IAM=NEG=NEG 1=ERG sábado=INS

‘Eu já marquei (a reunião) para o sábado’

Em (190) apresentamos alguns exemplos do iamitivo /=tap/. O clítico frequentemente ocorre na dupla negativa /a=...=huk=a/, como pode ser visto em (190b-c), mas não sabemos ainda o que motiva a alta frequência nesta construção. Em (190c), o verbo /bãtka/ [mã̃ˈka] é um empréstimo do português ‘marcar’ e por isso a ocorrência de /dũ/ ‘3.INS’ antes.

¹⁷³ No original: “[Iamitive is used as a cover term] for more or less grammaticalized markers that have functions shared by ‘already’ and the perfect.”

¹⁷⁴ No original: “[Given] that words meaning ‘already’ and iamitives have essentially the same semantics [...]”

Do ponto de vista histórico, /=tap/ provavelmente tem origem no Proto-Maxakalí Krenák **tom* ‘antigo, velho, escuro’ (NIKULIN e SILVA, no prelo). Na atual sincronia da língua, esse morfema ainda aparece com esses significados em uma série de compostos como em /-kuc-tap/ ‘escuro’, /kɨp-tap/ ‘urubu’, /-hi-tap/ ‘antigamente’, dentre outros. Ocorre em nossos dados como verbo pleno com o significado de ‘escuro, seco’ se referindo a plantas em decomposição. Dada a sua reconstrução, é fácil imaginar o caminho de gramaticalização percorrido por este item. Uma relação entre folhas, plantas, frutas etc. secas e escuras, já em decomposição, com a ideia de algo antigo se amplia, por um lado, para descrever referentes de cores escuras e, por outro, para se referir a referentes antigos. Esta segunda acepção se expande para verbos, indicando uma ação antiga, isto é, que **já** foi feita. Daí a gramaticalização segue seu curso e /=tap/ passa a ser um clítico quando da função de iamitivo.

4.2.11.13 – Um outro marcador de modo *irrealis*?

O último clítico a ser descrito nessa seção é /=ptip/. Ele conta com uma série de acepções e usos e é descrito por Campos (2009) como sendo um marcador de modo *irrealis*. Ainda que seus usos como clítico correspondam a diversas facetas do modo *irrealis*, preferimos não utilizar este rótulo, pois nem sempre o modo *irrealis* é indicado por /=ptip/.

Etimologicamente, /ptip/ conta com cognatos em diversas línguas Macro-Jê, como Krenák /prəm/ (ambos fornecendo a reconstrução para Proto-Maxakalí-Krenák **prym*), Proto-Cerrado **prãm*’, Proto-Jê Meridional **prãŋ* e Karajá *rəma*. Em todos os casos seu significado é ‘ter fome’ e no Maxakalí, também pode ocorrer como um substantivo significando ‘fome’. Tanto no Maxakalí quanto no Krenák ainda significam ‘querer’:

- (191) a. /ptip cĩk/
 fome doer
 ‘Estou com fome’ (lit: ‘A fome dói’)
- b. /ptip=te=k ptek/
 fome=ERG=1.SG matar.SG
 ‘Estou com muita fome’, ‘Estou morrendo de fome’ (lit.: ‘A fome me mata’)

c. /ã=tɛ	cuk-j-ĩt	ptip/
1=ERG	animal-TH-carne	querer
‘Eu quero carne’		

Em (191a-b) temos o uso de /ptip/ como substantivo ‘fome’ e em (191c) um uso como verbo pleno com o significado de ‘querer’. Este segundo uso, provavelmente, vem de do primeiro e originalmente deveria significar algo como ‘ter fome de, querer comer’. Deste uso, /ptip/ (ou, muito provavelmente, a proto-forma que deu origem a esta palavra) passa a contar também com o significado de ‘gostar’, possivelmente como gostar de determinada comida, e depois simplesmente de ‘gostar’, com escopo mais geral. Este uso é encontrado no Krenák também como em /ti a-prəm/ ‘Eu gosto de você’, ‘Eu te amo’ (glosa: 1.SG 2.SG-gostar). Na atual sincronia do Maxakalí, quando /ptip/ tem esta acepção, é frequentemente seguido pelo iterativo /=pac/.

(192) a. /kuktik	tik=tɛ	dũp	pit
macaco	homem.FC=ERG	esse	pegar.SG.ANIM
tɛpta	ptip=pac/		
banana	querer=ITER		
‘O macaco que o homem pegou gosta de banana’			
b. /ĩt=tɛ	hãpjã-k	ptip=pac/	
mulher.FC=ERG	dançar-REAL	querer=ITER	
‘A mulher gostou de dançar’			

Estes usos relacionados à vontade e gosto têm, então, seus contextos de uso ampliados e passam, a expressar outros tipos de noções de modo *irrealis*, como potencialidade, necessidade e permissividade:

(193) a. /icũk	kupĩ-k=ptip/	
pássaro	voar.PL-REAL=poder	
‘Pássaros podem voar’		
b. /kubêt=ti=k	bũ-k=ptip/	
cidade=LOC=1.SG	ir-REAL=precisar	
‘Eu necessito ir à cidade’		

c. /dĩc	jã	pahã	jã	ti
FIN.SS	ENF	qualquer.hora	ENF	e.SS
bũ-k=ptip		duc-bêk/		
ir-REAL=poder		dois-mês		
‘(Os espíritos chegam, ficam) para, a qualquer momento em dois meses, poderem ir.’				

Em (193) temos três usos distintos de /=ptip/: em (193a), o clítico faz referência a uma capacidade, a uma potencialidade que as aves têm de voar. Já em (193b), /=ptip/ indica uma necessidade do falante. Por fim, (193c) indica uma possibilidade, em que os espíritos têm permissão de sair da aldeia a qualquer momento.

Dentro dessa hipótese de gramaticalização de /ptip/, o verbo seguiu ampliando seus usos. Sendo frequentes seus usos como modal, principalmente indicando modos agrupados pelo *irrealis*, ele passa também, num momento posterior a ter uma leitura conativa, isto é, indicando que alguém tentou fazer algo (Seção 4.2.11.9). E, finalmente, passa a indicar o tempo futuro (ao menos em construções negativas), como demonstrado na Seção 4.2.11.1.

Estes vários usos são facilmente resolvidos pelo contexto, porém, mais recentemente, um destes usos de /ptip/ está se tornando cada vez menos frequente. Falantes com uma maior proficiência no português estão usando cada vez mais o empréstimo /picija/ [pitɛi'dʒa] (do português *precisar*) para a função indicativa de necessidade.

(194)	/pa-jã	bũk-ti	hãp-cup	ktik-dãk=ac	ihã
	mas-ENF	ir-e.SS	coisa-ASSOC	pequeno-DIM=FUT	quando
	pici	ipcudũ=hã	picija		ĩ=p
	então	ípsilon=INS	precisar		EPENT=INDF
					entender?
‘Mas e quando for letra nasal, ¹⁷⁵ então vai precisar de ípsilon, entendeu?’					

¹⁷⁵ Não sabemos a origem de tal nomenclatura, mas quando os Maxakalí se referem a sons e letras nasais, eles dizem ser /ktik-dãk/ [kɪh'ɕɕɪɕɕãũ] ‘pequeno’. Por conseguinte, sons e letras orais são descritas como /cɛkka/ ‘grande’. No exemplo em (194), um professor estava ajudando sua esposa para uma prova e explicando que para escrever os sons correspondentes ao fonema /j/, o qual frequentemente é realizado como uma nasal, deve-se usar a letra <y>.

Por fim, há um último uso de /ptip/, como verbo pleno, mas que não sabemos se tem relação etimológica com o item que viemos descrevendo até aqui ou se se trata apenas de um homófono.

- (195) a. /ãjɪhik=tɛ kɪcap ptip/
 não_indígena=ERG fogo apagar
 ‘O não-indígena apagou o fogo’
- b. /bũtuk-ɟadãp ptip/
 motor-luz apagar
 ‘Desliga a luz!’

Esse uso de /ptip/ ‘apagar’, em (195), foi ainda estendido metaforicamente para equipamentos eletro-eletrônicos com o sentido de ‘desligar’ (195b). Na próxima seção, veremos o que condiciona o alongamento de verbos nos modos *realis* e *irrealis*.

4.3 – Alternância entre formas longas e curtas em verbos

Veremos nesta seção quais são os contextos em que verbos ocorrem em formas curtas, as quais, assim como nos nomes, são subjacentes, e em formas longas, derivadas das curtas. Dissemos na Seção 4.1.3 que a única consoante glotal possível de ocorrer nas formas longas de verbos é a fricativa [h]. Portanto, verbos como [tɛu'ʔuβ] ‘beber’, [kɪ'ʔəu] ‘dissolver’, [gɛ'ʔæj] ‘fritar’, [tɛa'ʔaʔ] ‘quebrar (em poucos pedaços)’ e [tɛɛ'ʔɛʔ] ‘verdadeiro’ não contam com a alternância entre formas curta e longa e têm suas formas fonológicas como /cuup/, /kɪk/, /gɛɛk/, /caa/ e /cɛɛ/, respectivamente.

Além disso, assim como no alongamento de nomes, a vogal acrescida em verbos é uma cópia da vogal original, já aplicadas aí as regras de alofonia. Portanto, um verbo como /pa/ ‘pegar.SG.INAN’ e /dãc/ ‘cair.SG, descer.SG, nascer.SG (modo *irrealis*)’, terão suas formas curtas realizadas foneticamente como [pɒ] e [ɲã̃], enquanto suas formas longas serão [pɒ'ɦɒ] e [ɲã̃'ɦã̃]. *[pɒ'ɦa] e *[ɲã̃'ɦã̃] são agramaticais pois a alofonia de vogais ocorre antes do alongamento de formas.

Primeiramente, veremos as regras de alongamento de verbos no modo *realis* (Subseção 4.3.1) e depois no modo *irrealis* (Seção 4.3.2). As diferentes motivações para o alongamento em um modo ou outro são as responsáveis por aparentes discordâncias, já apontada por outros autores (PEREIRA, 1992; ARAÚJO, 2000, 2001), nas quais alguns

verbos ocorrem na forma longa em orações simples (modo *realis*) e na forma curta no imperativo (modo *irrealis*) e vice-versa.

4.3.1 – Alternância em verbos no modo *realis*

A regra de alongamento em verbos no modo *realis* é extremamente simples: se a raiz terminar em vogal, o verbo se alonga, como podemos ver em (196) a seguir:

- (196) a. /puta/ > [puṭa'fia] ‘chorar’
 b. /bã/ > [mõ'hõ] ‘comer.TRANS’
 c. /dã/ > [ṇã'hã] ‘cair.SG, descer.SG, nascer.SG’
 d. /ci-ku/ > [teiku'fu] ‘coçar’
 e. /kipi/ > [kipi'hi] ‘caçar’
 f. /tε/ > [tε'hε] ‘estar arrumado’

A maior parte dos verbos terminados em vogal no modo *realis* tem uma vogal baixa não-anterior /a/ ou /ã/, mas como podemos ver em (196d-f), esta não é uma regra absoluta. Outros verbos que se alongam no modo *realis* são /bũ=dã/ ‘entrar.SG’; /bũ=dĩpa/ ‘correr.PL’, /bũ=ca/ ‘sair.PL, chegar.PL’, /bũ=cipa/ ‘correr.SG’, /dĩpa/ ‘fugir.PL’, /pa/ ‘pegar.SG.INAN’, /pɛdã/ ‘ver’, /ti/ ‘estar em pé.PL’, /ta/ ‘casar-se’, /tubã/ ‘engolir.SG’, /tupa/ ‘voar.SG’, /ca/ ‘morder’, /cadã/ ‘chamar’, /cata/ ‘gritar’, /ce/ ‘repetir’, /cipa/ ‘fugir.SG’, bem como todos os causativos em /-dã/ e os verbos que são traduzidos por ‘encontrar’, que são formados por um verbo posicional (sem a coda final) seguido de /-pi/ como /pi-pi/ ‘encontrar.SG (algo na horizontal)’, /ḷi-pi/ ‘encontrar.SG (algo “sentado”)', /ci-pi/ ‘encontrar.SG (algo na vertical)’ etc.

Esses verbos, caso tenham um clítico posposto (ver a seção anterior, 4.2.11), ocorrem em sua forma curta. Exemplificamos abaixo, com os mesmos verbos de (196), o proibitivo mais polido:

- (197) a. /ã-puta=huk/ > [ãpuṭa'hou] ‘Não chora!’
 b. /ĩ-bã=huk/ > [ĩmõ'hou] ‘Não come!’
 c. /ã-dã=huk/ > [ãṇã'hou] ‘Não desce!’
 d. /ĩ-ci-ku=huk/ > [ĩteiku'hou] ‘Não coça!’
 e. /ã-kipi=huk/ > [ãkipi'hou] ‘Não caça!’
 f. /ã-te=huk/ > [ãtε'hou] ‘Não esteja arrumado!’

Vemos a partir dos índices de pessoa dos exemplos em (197) que tanto verbos intransitivos (196~197a,c, e-f) quanto transitivos (196~197b, d) podem participar dessa alternância. No entanto, verbos intransitivos descritivos e verbos com o causativo /-a/, assim como verbos emprestados,¹⁷⁶ não se alongam em hipótese alguma:

(198) a. /-cɛkka/ > [tɛæj'ka] / *[tɛæjka'fia]	‘grande’
b. /-patu/ > [pɔ'tu] / *[pɔtu'hu]	‘molhado’
c. /-ta/ > [t'a] / *[ta'fia]	‘maduro’
d. /kibik-a/ > [kibi'a] / *[kibia'fia]	‘estragar’
e. /juk-a/ > [dzu'a] / *[dzua'fia]	‘erguer, colocar algo de pé’
f. /dūk-a/ > [nũ'ã] / *[nũã'hã]	‘terminar’
g. /tupu/ > [tu'pu] / *[tupu'hu]	‘encontrar (alguém)’
h. /gajũ/ > [gã'nũ] / *[gãnjũ'hũ]	‘ganhar, vencer’
i. /jũda/ > [nũ'da] / *[nũda'fia]	‘ajudar’

Em (198a-c) temos verbos descritivos os quais nunca se alongam. De maneira semelhante, verbos com causativo /-a/, independentemente do alomorfe oral (198d-e) ou nasal (198f), e verbos emprestados do português (198g-i) também ocorrem somente na “forma curta”, mesmo terminando em vogal. Uma última exceção é /jãc hi/ ‘perambular, vagar’ que também não se alonga. Talvez este verbo seja uma construção reflexiva do verbo descritivo /hi/ ‘estar vivo’, porém não sabemos como os dois poderiam ser relacionados entre si semanticamente.

Dado que apenas verbos terminados em vogal se alongam no modo *realis*, temos que as formas subjacentes de [tɪ'hɛw] ‘acordar.SG.TRANS’, [dɪ'hɪwɔ] ‘arrastar’ e [ki'hɪwɔ] ‘cortar em pedaços pequenos’ só podem ser, respectivamente /tɪhɪk/, /dɪhɪt/ e /kihɪt/. No caso de /tɪhɪk/, o fato de os alofones da vogal central alta selecionados serem diferentes é outro indicativo de que este verbo (e os demais, obviamente) não conta com a alternância entre formas curta e longa.

Acreditamos que o alongamento de verbos no modo *realis* tivesse, originalmente, uma motivação relacionada ao peso silábico. Ainda que este seja um fator que não é mais relevante na língua, parece razoável supor que verbos terminados em sílabas leves

¹⁷⁶ Não encontramos em nossos dados verbos onomatopaicos terminados em vogal. Contudo, dado o comportamento extremamente similar entre essa classe e os verbos emprestados do português, cremos que caso exista alguma onomatopeia terminada em vogal, esta também não se alongará.

necessitassem de um alongamento para formar uma palavra mínima bimoraica. Estando esta hipótese correta, algumas consequências surgem daí.

Primeiramente, todos os verbos com raiz dissilábica como, por exemplo, /kɪpi/ ‘caçar’ e /cipa/ ‘fugir.SG’ seriam originados de compostos verbais ou então contariam com algum sufixo que se tornou opaco no decorrer da história do Maxakalí. Em alguns casos ainda é possível ou analisar os verbos como bimorfêmicos, como nos causativos terminados em /-dã/ e ‘encontrar’ que é composto por um verbo posicional seguido de /-pi/, ou é possível recuperar uma origem bimorfêmica, como /pɛdã/ ‘ver’, que provavelmente é resultante de uma construção causativa (ver discussão na Seção 4.2.9), ou /puta/ ‘chorar’, /cata/ ‘gritar’ e /tupa/ ‘voar.SG’, que provavelmente tinham um sufixo /-Ta/, de significado desconhecido (ver nota 165, na Seção 4.2.8). Então, num primeiro momento o verbo (ou sufixo) se alongaria para dar o peso silábico e somente depois do alongamento haveria a composição (ou ligação do sufixo com a base).

Em decorrência desse fato, temos uma segunda consequência. Teríamos de postular que em algum momento pregresso da língua a palavra mínima deveria ser composta por duas moras e que posteriormente essa exigência foi reanalisada para a necessidade de formação da palavra mínima ser de duas sílabas. Neste caso, o alongamento dos verbos já estaria ativo na língua e se tornou parte do paradigma da classe de raízes terminadas em vogal. O percurso dessa mudança seria semelhante (mas não igual!) ao do alongamento de nomes, exemplificado em (112), na Seção 4.1.3.2. Apresentamos em (199) abaixo uma sequência parecida, porém que tenta esquematizar o que pode ter ocorrido com verbos terminados em vogal:

(199) /-(C)V _i /	Raízes verbais devem ser monossilábicas e terminadas em vogal
a. *[(C)V _i]	A alternância ainda não está ativa na língua
b. *[(C)V _i :]	Surge o alongamento de forma a partir de um alongamento vocálico, fazendo com que a sílaba seja pesada
c. *[(C)V _i V _i]	A partir deste estágio, a língua muda sua configuração e não forma mais a palavra mínima a partir do peso silábico, mas pelo pé fonológico. A forma longa é realizada como duas vogais idênticas
d. *[(C)V _i ?V _i]	Em paralelo aos nomes, há um estágio anterior ao atual em que a forma longa é composta uma oclusiva glotal entre as vogais

- e. [(C)V_ifiV_i] Há uma fricativa glotal entre as vogais na forma longa (estágio atual)

Ao contrário dos nomes, os quais têm atestados até a atual sincronia da língua formas longas com oclusivas glotais, os verbos por algum motivo não contam mais com itens com essa característica. Talvez dada a diferença entre classes verbais ou quiçá por uma origem distinta do alongamento entre nomes e verbos, os itens desta segunda classe se tornaram uniformes em respeito à escolha da consoante glotal da forma longa. Esta segunda hipótese, a da origem diferenciada, porém, conta com uma probabilidade menor de corresponder aos fatos históricos, já que, como veremos na próxima seção, o alongamento de verbos no modo *irrealis* acontece em um contexto muito parecido com o de nomes e, mesmo ali, a oclusiva glotal [ʔ] nunca é uma opção para formas longas.

4.3.2 – Alternância em verbos no modo *irrealis*

A alternância de formas curta e longa em verbos no modo *irrealis* tem motivação similar à da alternância em nomes: a formação de um pé fonológico devido a ausência de um argumento interno. Ora, se no modo *irrealis* somente verbos sem argumento interno se alongam, deduz-se que apenas verbos intransitivos ativos podem se alongar. E, de fato, é isto o que ocorre. Verbos transitivos, por terem um argumento interno O tanto no modo *realis* quanto *irrealis* (200a-b), e verbos intransitivos inativos (aí inclusos os descritivos), por também sempre contarem com um argumento interno S_O, em ambos os modos (200c-d), nunca se alongam no modo *irrealis*. Também é o mesmo que acontece com nomes inalienáveis, que precisam indicar obrigatoriamente seu possuidor (200e-f), e posposições, que sempre têm um sintagma nominal como argumento interno do sintagma posposicionado (200g-h):

(200) a. /ã-hãp/	*/hãhãp/
2-trabalhar	trabalhar.FL
‘Você trabalhou (<i>realis</i>)’	pretendido: ‘Trabalhe!’
‘Trabalha! (<i>irrealis</i>)’	
b. /ã-cuk/	*/cuhuk/
2-morrer.SG	morrer.SG.FL
‘Você morreu (<i>realis</i>)’	pretendido: ‘Morre!’
‘Morre! (<i>irrealis</i>)’	

b. /tik pɛdahã/ homem ver.FL 'ver um homem'	*/tihik pɛdahã/
c. /tik-kauk/ homem-forte 'homem forte'	*/tihik-kauk/
d. /tik=ʝ-ũk/ homem=TH-GEN 'do homem'	*/tihik=ʝ-ũk/
e. /tik=ʝ-ĩp/ homem=TH-braço 'braço do homem'	*/tihik=ʝ-ĩp/
f. /tik-bĩ-ĩt/ homem-PL-mulher 'Maxakalí'	*/tihik-bĩ-ĩt/

Similar aos nomes alienáveis, verbos intransitivos ativos não exigem um argumento interno. Isto é, seu único argumento, S_A, se localiza numa posição externa ao sintagma. Logo, caso a raiz verbal seja monossilábica, ela deve se alongar no modo *irrealis*, pois não há um constituinte com o qual formar o pé fonológico.

(202) a. */ã-ʝĩp/ 2-sentar.SG Pretendido: 'Senta!'	/ʝĩhĩp/ sentar.SG 'Senta!'
b. */ã-pi-Ø/ 2-estar deitado.SG-IRR Pretendido: 'Deita!'	/pihi-Ø/ estar deitado.SG-IRR 'Deita!'
c. */ã-cɛ-t/ 2-repetir-IRR Pretendido: 'Repete!'	/cɛhɛ-t/ repetir-IRR 'Repete!'

Verbos desta classe não se alongarão no modo *realis*, pois não há a cisão morfossintática neste modo e eles obrigatoriamente contam com um argumento interno. É claro que, caso a raiz termine em vogal, o verbo se alongará no modo *realis*, dada as condições explicitadas na seção anterior. É o caso do verbo em (202c): no *realis*, a raiz /cɛ/ ocorre com um sufixo /-Ø/ e, conseqüentemente, se alonga, caso não haja nenhum elemento posposto, resultando numa forma fonética [tɛɛ'ɦɛ].

Tendo em vista as regras de alongamento nos modos *realis* e *irrealis*, fica claro o porquê de Pereira (1992) afirmar que os verbos /pa/ ‘pegar.INAN.SG’ e /pedã/ ‘ver’ ocorrem em suas formas longas no *realis* (*modo indicativo* na terminologia usada pela autora) e na forma curta no imperativo: por se tratarem de raízes terminadas em vogal, elas se alongam no *realis*; e por serem ambos verbos transitivos, requerem obrigatoriamente um argumento interno no modo *irrealis*, fazendo com que as raízes permaneçam curtas neste segundo modo. O oposto ocorre com /jĩp/ ‘sentar.SG’ e /cip/ ‘estar na horizontal.SG’. Ambos são verbos intransitivos ativos. No modo *realis* não se alongam por não terminarem em vogal e no modo *irrealis* se alongam por não terem um argumento interno. Por fim, /cak/ ‘cortar’¹⁷⁷ não se alonga em nenhum dos dois modos porque não termina em vogal (*realis*) e é verbo transitivo, logo, exige um argumento interno em *irrealis*.

O mesmo raciocínio pode ser feito para os exemplos citados por Araújo (2001). Neste caso, temos um problema mais grave, pois o autor cita formas agramaticais na língua como sendo gramaticais: /cuup/ ‘beber’ (dado pelo autor como /cuhup/) não participa da alternância de formas, logo a forma imperativa citada por ele, /cup/ é agramatical. Já /tupa/ ‘voar.SG’ se alonga em *realis*, por terminar em vogal. A forma imperativa /tupa/ não existe na língua: o modo *irrealis* deste verbo é /tup/. Por se tratar de um intransitivo ativo, esta forma se alonga, resultando num imperativo [tʉ'ɦuβ]. A forma curta [tʉ'pɔ] ocorre, porém somente no modo *realis* quando há algum clítico posposto à raiz verbal.

Campos (2009) é o que chega mais próximo de uma explicação adequada, porém ele ignora o fato de que a motivação dos alongamentos, como temos visto até aqui, varia de acordo com o modo verbal. Ele tenta derivar a forma curta a partir da longa e afirma

¹⁷⁷ Pereira (1992) afirma que o imperativo de /cak/ ‘cortar.SG’ é /cac/. Esta forma não foi encontrada em nossos dados para este verbo, mas o foi para seu homófono no modo *realis* /ca-k/ ‘pedir’, que tem como forma no *irrealis* /ca-c/. O *irrealis* de ‘cortar.SG’ é igual à sua forma no modo *realis*: /cak/.

que verbos como /pi-k/ ‘lavar’ e /bɛp/ ‘cortar.PL’ não se alongam por estas raízes não pertencerem a uma classe de verbos que podem se alongar. Como explicado anteriormente, o alongamento de formas é completamente previsível no modo *realis* e também o é se se sabe se um dado verbo intransitivo é ativo ou não. Portanto, /pi-k/ ‘lavar’ e /bɛp/ ‘cortar.PL’ não se alongam não por não pertencerem a uma classe de verbos que tenham lexicalmente tal característica, mas por não terminarem em vogal (alongamento no modo *realis*) e por serem verbos transitivos, que exigem um argumento interno no modo *irrealis*.

Entendendo as motivações de alongamento em verbos, a depender do modo, se torna claro também porque os verbos /-ĩk/ ‘falar’ e /-ũt/ ‘defecar’ não se alongam no modo *irrealis*, mesmo quando o índice de segunda pessoa e a consoante temática não são expressos. Apesar de formarem apenas uma sílaba fonética, estes verbos são intransitivos inativos e, conseqüentemente, exigem um argumento interno S_O, ainda que este não seja enunciado. Daí advém a agramaticalidade de *[ĩ' hĩĩ] e *[ũ' hũũ] (ver Seção 4.2.6).

Há, porém, algumas exceções, apresentadas no Quadro 4.12 abaixo. Todas elas, no entanto, contam com explicações para seu comportamento excepcional.

QUADRO 4.12 – Exceções no modo *irrealis*

Modo <i>realis</i>	Modo <i>irrealis</i>		
	Imperativo	Subordinada de finalidade	
/kte-k/	/kte-Ø/	[ki' tɛ] / *[ki' tɛ' hɛ]	‘cantar’
/bũ-k/	/bũ-Ø/	[mũ] / *[mũ' hũ]	‘ir’
/dĩ-t/	/bã/ [mõ] / *[mõ' hõ]	/dĩ-Ø/ [ɲõ] / *[ɲõ' hõ]	‘vir’
/hip/	/dãc/ [hãĩ] / *[hãĩ' hãĩ]	/hip/ [hiβ] / *[hi' hiβ]	‘esperar’
/pɛdã/	/pɛdã/ [pɛ' ɲã] ~ [ɲã]	/pɛdã/ [pɛ' ɲã]	‘ver’

Os três primeiros verbos da tabela, /kte-Ø/ ‘cantar-IRR’, /bũ-Ø/ ‘ir-IRR’ e /dĩ-Ø/ ‘vir-IRR’ são verbos intransitivos ativos, ou seja, não têm seu argumento S_A na posição externa do sintagma. Porém, ao contrário do que seria esperado, suas formas do *irrealis* nunca se alongam para *[ki' tɛ' hɛ] (com vogal epentética [i] para desfazer o *onset* complexo), *[mũ' hũ] e *[ɲõ' hõ]. Não coincidentemente, os cognatos destes verbos no Krenák também contam com particularidades: /ɲgri/ ‘cantar’ é o único cognato que nunca

ocorre com uma coda, ao contrário do Maxakalí em que o verbo /kte-k/ possui uma coda no modo *realis*. Já /mũŋ/ ‘ir’ e /nĩŋ/ ‘vir’ são os únicos dois verbos do Krenák que contam com formas exclusivas no imperativo, as quais, assim como no Maxakalí, não contam com uma coda: /mũ/ ‘vá!’ e /nĩ/ ‘venha!’. A diferença entre dois modos, para estes dois verbos, pode ser, dessa forma, reconstruída para o Proto-Maxakalí-Krenák (NIKULIN e SILVA, no prelo).

Além disso, ‘vir’, ‘esperar’ e ‘ver’ contam com formas imperativas irregulares. No caso de ‘vir’, o imperativo não deve ser reconstruído para o Proto-Maxakalí-Krenák (pelo menos não com esta função), já que como visto no parágrafo anterior, o imperativo do Krenák é cognato da forma usada em orações subordinadas de finalidade no Maxakalí. Por ocorrer sempre com a forma curta e sem a necessidade de um argumento interno, ela não se confunde com o imperativo de /bã/ ‘comer.TRANS’ que exige um argumento interno O, indicado ou por um sintagma nominal ou por um índice de pessoa.

Já o verbo para ‘esperar’ tem uma forma regular para a subordinada de finalidade, a qual não se alonga por ser este verbo um intransitivo inativo. Seu imperativo, porém, tem uma forma completamente irregular, assim como ‘vir’. Foneticamente o imperativo /dãc/ ‘espera!’ sempre é realizado numa forma “curta” [ˈɲãj̃]. O verbo para ‘cair.SG, descer.SG, nascer.SG’ tem seu modo *irrealis* como /dã-c/, porém por se tratar, ao contrário de ‘esperar’, de um verbo intransitivo ativo, não seleciona um argumento interno e, conseqüentemente, tem no imperativo uma forma longa [ɲãˈfiãj̃] ‘cai!, desce!, nasce!’.

Por fim, o verbo transitivo ‘ver’ conta com duas formas no imperativo: uma regular [pɛˈɲã] ‘veja!’ que, por ter um argumento interno O, deve expressá-lo ou através de um sintagma nominal ou através de um índice de pessoa; e uma forma irregular [ˈɲã] ‘veja!’, possivelmente uma redução da forma regular. Esta forma irregular, nunca se alonga, nem exige a expressão do argumento interno O e é muito usada para pedir que o interlocutor preste a atenção em algo, de maneira semelhante ao imperativo [ˈɔ] ó do verbo *olhar* no português.

4.4 – Considerações sobre o capítulo

Neste capítulo descrevemos um pouco da morfologia nominal e verbal. Vimos que uma categoria de motivação semântica, como a alienabilidade, é extremamente relevante para a morfologia no Maxakalí. Nomes inalienáveis, por terem que ter seu possuidor expresso, nunca passam pela alternância entre formas curta e longa, já tão

descrita na literatura da língua (PEREIRA, 1992; WETZELS, 1993; WETZELS e SLUYTERS, 1995; ARAÚJO, 2000, 2001; CAMPOS, 2009). Por outro lado, nomes alienáveis, por não contarem com essa característica, necessitam do alongamento de forma em determinados contextos para que haja a boa formação de palavra, a qual tem o tamanho mínimo de duas sílabas.

Em relação aos verbos, antes de nos aprofundarmos nos morfemas que compõem esta classe, tivemos de apresentar brevemente alguns pontos sobre o alinhamento morfossintático. Nossa análise se difere em grande medida do principal trabalho sobre o assunto: Campos (2009) analisa o Maxakalí como sendo uma língua ergativa tripartida, enquanto nós analisamos ser esta língua ergativa, com uma cisão no modo *irrealis*. Este modo abarca a maior parte das construções imperativas, assim como orações subordinadas de finalidade.

A distinção de modo se faz importante também para entendermos a alternância de formas curta e longa em verbos. Enquanto no modo *realis* o verbo se alonga caso a raiz termine em vogal e não haja nenhum clítico posposto a ele, no modo *irrealis* apenas verbos intransitivos ativos se alongam, já que, de maneira similar aos nomes alienáveis, esta classe não exige um argumento interno.

O presente capítulo serviu, no geral, para demonstrar que a morfologia do Maxakalí é muito mais complexa do que é dito e apresentado em outros trabalhos, tanto sobre o próprio Maxakalí quanto sobre o tronco Macro-Jê. Como exemplo, citamos novamente Ribeiro (2006), o qual diz que o Maxakalí, assim como diversas outras línguas do tronco, ter apenas uma classe de afixos, usada tanto para nomes quanto para verbos. Vimos que, o Maxakalí tem um perfil morfológico que tende ao isolante, e que muitas nuances semânticas são expressas por clíticos, mas que ao mesmo tempo, há mais que apenas uma classe de afixos. No próximo capítulo, faremos nossas considerações finais.

CAPÍTULO 5 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estudos de línguas ameríndias se fazem importantes, pois elas contam com riquezas e fenômenos únicos. Dada a ameaça à existência não só dessas línguas, mas, pior ainda, dos povos que as falam, o registro de aspectos linguísticos, culturais, históricos etc. são de suma importância na preservação, retomada e revitalização desses conhecimentos que servem de ferramentas de luta e sobrevivência para as comunidades.

Tendo isso em vista, o presente trabalho teve por objetivo fazer uma descrição detalhada de aspectos fonético-fonológicos e morfológicos da língua Maxakalí, falada por aproximadamente duas mil pessoas na região do vale do rio Mucuri, no estado de Minas Gerais. Por ser a única língua da família Maxakalí falada ininterruptamente ao longo da história, seu estudo tem valor ímpar, já que preenche uma lacuna nos estudos das línguas Macro-Jê, mais especificamente daquelas faladas no oriente brasileiro. Os estudos destas línguas, como pode ser evidenciado ao longo do trabalho, se faz necessário, já que para o entendimento do atual estágio do Maxakalí, por vezes tivemos de recorrer a fatos de línguas aparentadas, em especial, o Krenák. Entendemos que um idioma é uma sucessão de fatos históricos. Desta maneira, para entendermos o presente, muitas vezes temos de olhar para o passado.

No primeiro Capítulo, delineamos alguns aspectos gerais deste trabalho e do povo Maxakalí e de sua língua. Apresentamos brevemente alguns aspectos da história do contato do povo Maxakalí com os colonizadores portugueses e seus descendentes, assim como revisitamos algumas informações demográficas e etnográficas, para que o leitor possa entender em que contexto a língua se situa hoje. Fizemos também uma revisão sobre as relações genéticas da língua, desde o Macro-Jê até a família Maxakalí, passando pelo ramo intermediário do Maxakalí-Krenák. Algumas características gerais de cunho tipológico também foram delineadas. Ao fim do capítulo, apresentamos a metodologia de coleta e análise das informações contidas aqui e a organização do presente trabalho.

O segundo capítulo tratou da fonologia da língua, utilizando, por vezes, o suporte de métodos de estudos da fonética. Começamos pela revisão de trabalhos anteriores, os quais serviram de ponto de partida para a nossa própria análise. Descrevemos o sistema consonantal e a estrutura silábica. Aqui, nossa análise do Maxakalí se distancia das demais pois postulamos que há, na língua, *onsets* complexos e a ausência de um fonema oclusivo glotal /ʔ/. Ainda sobre as consoantes, descrevemos alguns aspectos inéditos,

como a palatalização de consoantes velares em coda, quando precedidas por vogais anteriores. Demos seguimento à descrição da fonologia descrevendo o sistema vocálico. Em relação a esta classe, o mérito deste trabalho, ao nosso ver, se encontra principalmente na descrição dos contextos da alofonia das vogais, inexistente até então, que permitiu uma organização mais adequada do sistema. Falamos ainda sobre alguns fenômenos decorrentes da coarticulação de segmentos como a intrusão de consoantes e pré-aspiração. Também demos início a uma discussão sobre o acento, o qual deve ser examinado futuramente com mais profundidade, já que o Maxakalí conta com poucos estudos sobre aspectos de sua entoação.

No capítulo seguinte, nos detivemos com mais atenção num ponto específico da fonologia do Maxakalí, que é a nasalidade. Discutimos o estatuto da nasalidade dos segmentos consonantais e vocálicos. Para tanto, além da consulta de trabalhos teóricos, como Wetzels e Nevins (2018), analisamos registros históricos da língua e comparamos com dados de línguas aparentadas. Discutimos ainda o fenômeno da harmonia nasal, a qual já foi tema de estudos anteriores, porém apresentamos alguns dados novos, os quais mostram que a nasalidade é uma característica ainda mais pervasiva na língua do que dito por outros autores. Tratamos sobre o não-parallelismo da consoante velar /g/ em relação aos demais fonemas consonantais vozeados /b, d, ɟ/ e como aparentemente os alofones orais e nasais destas três consoantes estão passando por um estágio de diferenciação fonológica, que possivelmente gerarão consequências na organização do sistema fonológico da língua. Esta fonologização da diferença entre consoantes vozeadas orais e nasais, aparentemente está em curso dado a um maior contato dos falantes de Maxakalí com a língua portuguesa. Uma maior entrada de empréstimos, aliada a uma distinção morfofonológica que até então era marginal e previsível, está causando uma reorganização na estrutura fonológica da língua.

Por fim, o Capítulo 4 abordou a morfologia do Maxakalí. Num primeiro momento, descrevemos a morfologia nominal, delineando a importância que a língua dá para um aspecto semântico, o da alienabilidade, e as consequências da distinção entre nomes inalienáveis e alienáveis na morfologia. Esta distinção se faz mais visível em dois pontos: o primeiro deles é de que nomes inalienáveis, por necessariamente terem um argumento interno, devem obrigatoriamente expressá-lo, seja pela utilização de um índice de pessoa, seja pela preposição de um sintagma nominal. Nomes alienáveis por sua vez tem a sua posse, quando expressa, mediada por uma posposição. Esta diferença morfossemântica

nos leva ao segundo ponto, que faz referência à alternância, que alguns nomes sofrem, entre uma forma curta, por um lado, e uma forma longa, por outro. Apesar de ter sido objeto de diversos trabalhos anteriores, esta alternância foi descrita neste trabalho, porque nossa visão difere radicalmente da de outros estudiosos da língua. Primeiramente, delineamos uma série de restrições quanto aos contextos de ocorrência dessa alternância, como, por exemplo, o fato de que apenas nomes alienáveis podem passar por ela. Segundo, vimos que ela ocorre porque como nomes alienáveis não têm um argumento interno, a expressão de posse não é obrigatória e, conseqüentemente, devem se alongar para satisfazer a formação de um pé fonológico iâmbico, o qual é o tamanho mínimo da palavra em Maxakalí. Ou seja, uma diferença semântica reflete em aspectos sintáticos (presença ou ausência de argumento interno e fornecimento de contextos para o alongamento), morfológico (expressão ou não do argumento interno) e fonológico (alongamento ou não da forma, de acordo com o contexto sintático). Diferentemente ainda dos outros autores que já trataram do assunto, defendemos, assim, que a forma subjacente de tais nomes é a curta, a qual se alonga para satisfazer uma série de requisitos fonológicos e sintáticos.

Continuamos o quarto capítulo tratando, então, da morfologia verbal. Mas antes, tivemos de apresentar rapidamente um resumo sobre a nossa visão acerca do alinhamento morfossintático do Maxakalí. A língua conta com um alinhamento ergativo no modo *realis* e um alinhamento ergativo cindido no modo *irrealis*, em que os intransitivos se subdividem em duas classes definidas lexicalmente: ativos e inativos. Com essas definições em mente, procedemos à descrição dos morfemas que se relacionam ao verbo. Descrevemos, pela primeira vez na literatura da língua Maxakalí, os clíticos direcionais e os prefixos relacionais de contigüidade. Apresentamos dados acerca da consoante temática e de diversas partículas, clíticos e afixos, assim como discutimos o estatuto dos índices de pessoa, apresentando diagnósticos que indicam que eles podem pertencer a estas três categorias. Ao fim do capítulo, demonstramos que as regras de alongamento de forma dos verbos têm motivações e regras de aplicação distintas: se por um lado o alongamento em verbos no modo *realis*, ocorrendo em raízes terminadas em vogais, já não tem mais uma motivação prosódica clara; por outro, o alongamento em verbos no modo *irrealis*, ainda tem transparentes suas causas. De maneira similar aos nomes alienáveis, somente verbos que não selecionam um argumento interno se alongam no *irrealis*. Estes verbos são justamente aqueles que compõem o conjunto de intransitivos ativos.

O presente trabalho está longe de fornecer uma descrição completa da fonologia e morfologia do Maxakalí. Mais estudos se fazem necessários para que tenhamos uma ampla compreensão da estrutura da língua. Dentre algumas lacunas que esta tese não preencheu, pode-se citar a entoação e aspectos de níveis mais altos da hierarquia prosódica. A interface entre fonologia e morfologia também pode ser expandida a outros aspectos da estrutura linguística: ainda são poucos os estudos da semântica e pragmática do Maxakalí, por exemplo. Pode-se ganhar um entendimento maior da fonologia e morfologia da língua também com estudos sintáticos e, principalmente, com investigações das relações textuais presentes na língua. Como vimos no capítulo anterior, ainda não nos é clara a função de algumas partículas e clíticos verbais. Há diversas outras partículas ainda não descritas e que certamente fazem relação entre as já mencionadas semântica e pragmática. Algumas relações sintáticas expressas por partículas e que fazem referência às pessoas do discurso, assim como noções semântico-discursivas e de estrutura informacional, como foco, por exemplo, ainda se encontram aquém de um entendimento completo.

Apesar disso, esperamos que esta tese possa contribuir para um maior entendimento da língua Maxakalí e das línguas Macro-Jê, assim como possa fornecer material para expansão do conhecimento sobre as línguas ameríndias e sobre o funcionamento das línguas humanas em geral. Sabemos que apesar de seu escopo extremamente estreito, este trabalho pode servir de fonte de consulta para linguistas que desejem conhecer mais sobre a língua. Apesar de ser um trabalho técnico, ficaríamos deveras satisfeitos caso o conhecimento produzido e registrado aqui tivesse uma serventia direta para as comunidades falantes do Maxakalí. Um exemplo de tal uso é a produção de material didático de língua: sabemos que, apesar de terem o direito constitucional de um ensino diferenciado, os povos indígenas sofrem com a falta de materiais específicos para o uso nas suas escolas e os Maxakalí, infelizmente, não são exceção a esse cenário. Somente poderemos dizer que este trabalho cumpriu com sua função social, quando o conhecimento aqui contido se reverter, ainda que em pequena escala, em uma melhoria na qualidade de vida das comunidades Maxakalí.

Puxi, ũkux.

REFERÊNCIAS

ABRAMSON, Arthur S. Word-final stops in Thai. In: HARRIS, Jimmy G.; NOSS, Richard B. *Tai Phonetics & Phonology*. Bancoque: Mahidol University, p. 1-7, 1972.

ADELAAR, Willem F. H. Relações externas do Macro-Jê: O caso do Chiquitano. In: TELLES, Stella; PAULA, Aldir Santos de (eds.). *Topicalizando Macro-Jê*. Recife: Néctar, p. 9-28, 2008.

AGÊNCIA NACIONAL DE ÁGUAS. *Região Hidrográfica Atlântico Leste*. 1 mapa, colorido, 2000.

ÁLVARES, Myriam Martins. *Yãmiy, os Espíritos do Canto: A Construção da Pessoa na Sociedade Maxakali*. 227 p. Dissertação (Mestrado). Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 1992.

ANDERSON, Gregory, D. S. The Velar Nasal. In: DRYER, Matthew S.; HASPELMATH, Martin (eds.). *The World Atlas of Language Structure Online*. 2013. Disponível em < <https://wals.info/chapter/9> >. Acesso em 24 de outubro de 2019.

ANDRADE, Andriza Maria Teodolino de. *Narrativas audiovisuais: Cinema, memórias ancestrais e rituais entre os Tikmũ'ũn_Maxakali*. 140 p. Dissertação (Mestrado). Mariana: Universidade Federal de Ouro Preto, 2017.

ARAÚJO, Gabriel Antunes. Mašakarí: Vocabulário Maxakalí de Curt Nimuendaju. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, v. 31, p. 5-31, jul./dez. 1996.

_____. *Fonologia e Morfologia da Língua Maxakalí*. 144 p. Dissertação (Mestrado). Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2000.

_____. Formas Curtas e Formas Longas em Maxakalí. *Sínteses*, v. 6, p. 31-47, 2001.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA. Convenção para a Grafia dos Nomes Tribais. *Revista de Antropologia*. v. 2, n. 2, p. 150-152, dez. 1954.

BLEVINS, Juliette. *Evolutionary Phonology: The Emergence of Sound Patterns*. Nova Iorque: Jidje University Press, 2004.

_____. A theoretical synopsis of Evolutionary Phonology. *Theoretical Linguistics*, v. 32, n. 2, p. 117-166, 2006.

BOMFIM, Anari Braz. *Patxohã, “Língua de Guerreiro”: Um estudo sobre o processo de retomada da língua Pataxó*. 127 p. Dissertação (Mestrado). Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2012.

BOSWOOD, Joan. Evidências para a inclusão do Aripaktsá no filo Macro-Jê. *Série Lingüística 1*. Brasília: L. I. Bridgeman, 1973. p. 67-78.

BYBEE, Joan. *Morphology: A Study of the Relation between Meaning and Form*. Amsterdã: Benjamins, 1985.

CAMPELO, Douglas Ferreira Gadelha. *Das partes da mulher de barro: A circulação de povos, cantos e lugares na pessoa Tikmũ,ũn*. 457 p. Tese (Doutorado) Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2018.

CAMPOS, Carlo Sandro de Oliveira. Verbos transitivos, inergativos e inacusativos em maxakalí. In: DUARTE, Fábio Bonfim. *Cadernos Viva Voz: Cisão de caso, telicidade e posse em línguas indígenas brasileiras*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras, p. 34-49, 2007.

_____. *Morfofonêmica e Morfossintaxe do Maxakalí*. 307 p. Tese (Doutorado). Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2009a.

_____. Cisão na Marcação de Caso na Língua Maxakalí e sua Relação com Aspecto. *Guavira Letras*, v. 8, p. 64-81, mar. 2009b.

_____. Maxakalí: língua ergativa tripartida?. In: BRAGGIO, Silvia L. B.; SOUSA FILHO, Sinval M. de. (orgs.). *Línguas e Culturas Macro-Jê*, p. 103-119. Goiânia: Editora Vieira, 2009c.

_____. Contribuições da língua Maxakalí para a descrição léxico-gramatical da língua Pataxó. *Anais do I Congresso Nacional de Estudos Linguísticos*, Vitória, 4 p., 2011a.

_____. Considerações sobre a língua usada nos cantos Maxakalí. In: CABRAL, Ana Suelly Arruda Câmara *et al.* (org.). *Línguas e Culturas Macro-Jê*, vol. 2, p. 171-193. Campinas: Curt Nimuendajú, 2011b.

_____. Características morfofonêmicas, morfossintáticas e léxico-semânticas da zoonímia e da fitonímia em Maxakalí. *Revista Brasileira de Linguística Antropológica*, v. 4, n.1, p. 89-118, jul. 2012.

CARR, Philip. *A Glossary of Phonology*. Edimburgo: Edinburgh University Press, 2008.

CRYSTAL, David. *A Dictionary of Linguistics and Phonetics*. 6ª ed. Oxford: Blackwell Publishing, 2008.

DAHL, Östen. Typology of sentence negation. *Linguistics*. v. 17, p. 79-106, 1979.

DAVIS, Irvine. Comparative Jê phonology. *Estudos Lingüísticos: Revista Brasileira de Lingüística Teórica e Aplicada*. v. 1, n. 2, p. 10-24, 1966.

_____. Some Macro-Jê Relationships. *International Journal of American Linguistics*. Vol. 34, n. 1, p. 42-47, 1968.

ELBERT, Samuel H.; PUKUI, Mary Kawena. *Hawaiian Grammar*. Honolulu: University of Hawaii Press, 1979.

FERREIRA, Marco Túlio da Silva. *Ecologia Histórica Aplicada à Gestão Ambiental Comunitária da Terra Indígena Maxakalí, Minas Gerais*. 166 p. Dissertação (Mestrado). Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2012.

FONSECA, Maurício; HERRERO, Marina (orgs.). *Brasil indígena: histórias, saberes e ações*. São Paulo: Sesc São Paulo / Ministério da Educação, 2014.

FORTESCUE, Michael. *West Greenlandic*. Londres: Croom Helm, 1984.

FRANÇOIS, Alexandre. Verbal number in Lo-Toga and Hiw: The emergence of a lexical paradigm. *Transactions of the Philological Society*. v. 117, n. 3, p. 338-371, 2019.

GREENBERG, Joseph H. *Language in the Americas*. Stanford: Stanford University Press, 1987.

_____. *Language in the Americas*. Stanford: Stanford University Press, 1987. Resenha de: CAMPBELL, Lyle. *Language*. v. 64, n. 3, p. 591-615, set. 1988.

GUDSCHINSKY, Sarah C. Ofaié-Xavante, a Jê Language. In: _____ (ed.) *Estudos sobre línguas e culturas indígenas: Trabalhos lingüísticos realizados no Brasil*. SIL – Instituto Linguístico de Verão, p. 1-16, 1971.

GUDSCHINSKY, Sarah C.; POPOVICH, Harold; POPOVICH, Frances. Native Reaction and Phonetic Similarity in Maxakalí Phonology. *Language*. v.46, n.1, p. 77-88, mar. 1970.

GUÉRIOS, Rosário Farani Mansur. O nexu lingüístico Bororo/Merrime-Caiapó (contribuição para a unidade genética das línguas americanas). *Revista do Círculo de Estudos “Bandeirantes”*. Curitiba, v. 2, p. 61-74, 1939.

HAGERUP, Asger. *A Phonological Analysis of Vowel Allophony in West Greenlandic*. 90 p. Tese (Mestrado). Trondheim: Universidade Norueguesa de Ciência e Tecnologia, 2011.

HAMP, Eric P. On Maxakalí, Karaja, and Macro-Jê. *International Journal of American Linguistics*. v. 35, n. 3, p. 268-270, jul. 1969.

HARDMAN, M. J. *Aymara*. Munique: Lincom Europa, 2001.

HARLEY, Heidi. *Hiaki verbal number suppletion really is suppletion*. Manuscrito, 2014.

HARRIS, Jimmy G. Phonetic notes on some Siamese consonants. In: HARRIS, Jimmy G.; NOSS, Richard B. *Tai Phonetics & Phonology*. Bancoque: Mahidol University, p. 8-22, 1972.

HASPELMATH, Martin. Argument indexing: A conceptual framework for the syntactic status of bound person forms. In: BAKKER, Dik; _____ (eds.). *Languages across Boundaries: Studies in Memory of Anna Siewierska*. Berlim: De Gruyter, p. 209-238, 2013.

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL. *Terras indígenas no Brasil*. Disponível em: <<https://terrasindigenas.org.br/>>. 2016, acessado em 31 de dezembro de 2019.

JESPERSEN, Otto. *Negation in English and Other Languages*. Copenhagen: Høst, 1917.

KAUFMAN, Terrence. Language History in South America: What we Know and How to Know More. In: PAYNE, Doris L. (Ed.). *Amazonian Linguistics: Studies in Lowland South American Languages*. Austin: University of Texas Press, p. 13-74, 1990.

_____. The Native Languages of South America. In: ASHER, R. E.; MOSELEY, C. (org.). *Atlas of the World's Languages*. Londres: Routledge, p. 46-76, 1994.

KEHREIN, Wolfgang; GOLSTON, Chris. A Prosodic Theory of Laryngeal Contrasts. *Phonology*, v. 21, n. 3, p. 325-357, 2004.

KOHLER, K. J.. Glottal Stops and Glottalization in German: Data and Theory of Connected Speech Processes. *Phonetica*, v. 51, p. 38-51, 1994.

LADEFOGED, Peter; MADDIESON, Ian. *The Sounds of the World's Languages*. Oxford: Blackwell Publishers, 1996.

LEE, Seung-Hwa. *Morfologia e Fonologia Lexical do Português do Brasil*. 191 p. Tese (Doutorado). Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 1995.

LOUKOTKA, Čestmír. La Familia Lingüística Mašakali. *Revista del Instituto de Etnología de la Universidad Nacional de Tucumán*. v.2, p.21-47, 1931.

_____. A Lingua dos Patachos. *Revista do Arquivo Municipal*. v.55, p.5-15, 1939.

_____. Klassifikation der südamerikanischen Sprachen. *Zeitschrift für Ethnologie*. v. 74, 1942 [1944]. p. 1-69 *apud* RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. Macro-Jê. In: DIXON, R. M. W.; AIKHENVALD, Alexandra Y. (eds.). *The Amazonian Languages*. Cambridge: Cambridge University Press, p. 164-206, 1999.

MACHAČ, Pavel; SKARNITZL, Radek. *Principles of Phonetic Segmentation*. Praga: EPOCH, 2009.

MARTIUS, Carl Friedrich Phillip von. *Beiträge zur Ethnographie und Sprachenkunde Amerikas zumal Brasiliens I: Zur Ethnographie*. Leipzig: Friedrich Fleischer, 1867a.

_____. *Beiträge zur Ethnographie und Sprachenkunde Amerikas zumal Brasiliens II: Zur Sprachenkunde*. Leipzig: Friedrich Fleischer, 1867b.

MASON, J. A. The languages of South American Indians. In: STEWARD, J. H. (ed.). *Handbook of South American Indians*. Volume 6. Washington D. C.: Smithsonian Institution, p. 157-317, 1950.

MAXAKALÍ, Toninho; ROSSE, Eduardo Pires (orgs.). *Kõmãyxop: Cantos Xamânicos Maxakali/Tikmũ'ũn*. Rio de Janeiro: Museu do Índio-Funai. 2011.

MEADER, Robert E. *Índios do Nordeste: Levantamento sobre os Remanescentes Tribais do Nordeste Brasileiro*. Brasília: Summer Institute of Linguistics, 1978

MÉTRAUX, Alfred; NIMUENDAJU, Curt. The Mashacali, Patashó, and Malalí linguistic families. In: STEWARD, J. H. (ed.). *Handbook of South American Indians*. Volume 1. Washington D. C.: Smithsonian Institution, p. 541-545, 1946.

MITHUN, Marianne. Incorporation. In: BOOIJ, Geert; LEHMANN, Christian; MUGDAN, Joachim; KESSELHEIM, Wolfgang; SKOPETEAS, Stavros (eds.). *Morphologie: Ein internationales Handbuch zur Flexion und Wortbildung / Morphology: An International Handbook on Inflection and Word-Formation*. Vol. 1, Berlin: Walter de Gruyter, p. 916-928, 2000.

NAÏM, Samia. On interaction between external and internal markers in expressing aspect in Arabic dialect varieties. In: GUENTCHÉVA, Zlatka. *Aspectuality and Temporality: Descriptive and theoretical issues*. Amsterdã: John Benjamins, p. 325-354, 2016.

NARAYAN, Chandan R. The acoustic-perceptual salience of nasal place contrasts. *Journal of Phonetics*. v. 36, p. 191-217, 2008.

NELSON, Jessica Fae. *Pataxó Hãhãhãe: Race, indigeneity and language revitalization in the Brazilian Northeast*. 308 p. Tese (Doutorado). Tucson: Universidade do Arizona, 2018.

NESPOR, Marina; VOGEL, Irene. *Prosodic Phonology*. Dordrecht: Foris, 1986.

NEVINS, Andrew Ira; SILVA, Mário André Coelho da. Maxakalí Nasality and Field Recording with Earbud Microphony. *Revista de Estudos da Linguagem*. v. 25, n. 3, p. 1011-1042, 2017.

_____. Maxakalí has suppletion, numerals and associatives but no plurals. *Linguistic Variation*. No prelo.

NIKULIN, Andrey. *On the genetic unity of Jê-Tupí-Karíb*. 165 p. Dissertação (Mestrado). Moscou: Universidade Estatal Lomonosov de Moscou, 2015.

_____. Algumas considerações sobre a fonologia do Proto-Maxakalí. In: SILVEIRA, Marcelo; GUERRA, Maria José; SANTOS, Ludoviko C. dos (orgs.). *VIII Macro-Jê: Língua, Cultura e Reflexões*. Londrina: EDUEL. No prelo.

NIKULIN, Andrey; CARVALHO, Fernando de O. Prehistoria de las lenguas y familias lingüísticas del Gran Chaco, de la meseta brasileña y cercanías: Propuesta de base de datos léxicos y resultados preliminares. In: REGÚNAGA, Alejandra, SPINELLI, Silvia, ORDEN, María Emilia (Eds.). *Libro de Actas del IV Encuentro de lenguas indígenas americanas*. Santa Rosa: EdUNLPam, p. 545-560, 2018.

NIKULIN, Andrey; SILVA, Mário André Coelho da. As línguas Maxakalí e Krenák dentro do tronco Macro-Jê. *Cadernos de Etnolinguística*. 88 p. No prelo.

_____. Evolução do alinhamento na língua Maxakalí. In: OLIVEIRA, Christiane Cunha de (org.). *Memórias do 2º Encontro de Americanistas no Cerrado*. Submetido.

NIMUENDAJU, Curt. Índios Machacará. *Revista de Antropologia*. v. 6, n. 1, p. 53-61, jun/1958.

_____. *Mapa etno-histórico do Brasil e regiões adjacentes*. Rio de Janeiro: Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 1944 [1980].

OLSSON, Bruno. *Iamitives: Perfects in Southeast Asia and beyond*. 49 p. Dissertação (Mestrado). Estocolmo: Universidade de Estocolmo, 2013.

OPERSTEIN, Natalie. *Consonant Structure and Prevocalization*. Amsterdã: John Benjamins, 2010.

_____. *Consonant Structure and Prevocalization*. Amsterdã: John Benjamins, 2010.
Resenha de: NEVINS, Andrew Ira. *Phonology*. v. 32, p. 307-317, 2015.

PARAÍSO, Maria Hilda Baqueiro. Amixocori, Pataxó, Monoxó, Kumanaxó, Kutaxo, Kutatoi, Maxakali, Malali e Makoni: Povos indígenas diferenciados ou subgrupos de uma mesma nação? Uma proposta de reflexão. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*. v. 4, p. 173-187, 1994.

PEREIRA, Deuscreide Gonçalves. *Alguns Aspectos Gramaticais da Língua Maxakali*. 121 p. Dissertação (Mestrado). Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 1992.

PEREIRA, Sílvia Siqueira. Julgamento de aceitabilidade imediata da alternância causativa em Maxakalí. *Anais do VII Congresso Internacional da Abralín*. p. 4045-4058, 2011.

_____. *Estrutura e Processamento da Alternância Causativa na Língua Indígena Maxakalí*. 162 p. Dissertação (Mestrado). Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio De Janeiro, 2012.

_____. Switch reference em Maxakalí. In: SILVEIRA, Marcelo; GUERRA, Maria José; SANTOS, Ludoviko C. dos (orgs.). *VIII Macro-Jê: Língua, Cultura e Reflexões*. Londrina: EDUEL. No prelo.

PESSOA, Kátia Nepomuceno. *Análise Fonética e Fonológica da Língua Krenak e Abordagem Preliminar de Contos Botocudo*. 315 p. Tese (Doutorado). Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2012.

POPOVICH, Andrew Harold. *Maxakalí Supernaturalism*. Manuscrito, 43 p., 1976a.

_____. *Maxakalí myths on cultural distinctions and Maxakalí sense of inferiority to the national Brazilian Culture*. Manuscrito, Summer Institute of Linguistics, 41 p., 1976b.

_____. The Sun and the Moon, a Maxakalí Text. In: GUDSCHINSKY, Sarah C. (ed.). *Estudos sobre línguas e culturas indígenas: Trabalhos lingüísticos realizados no Brasil*. SIL – Instituto Lingüístico de Verão, p. 29-59, 1971.

_____. *Discourse Phonology of Maxakalí: A Multilevel, Multiunit Approach*. 146 p. Dissertação (Mestrado). Arlington: Universidade do Texas, 1985.

_____. The Nominal Reference System of Maxakali. In: WIESEMANN, Ursula (ed.). *Pronominal Systems*. Tubinga: Gunter Narr, p. 351-358, 1986.

_____. *Conjunções em Maxakalí*. Manuscrito, 5 p. s/d.

POPOVICH, Andrew Harold; POPOVICH, Frances. *Formulário dos Vocabulários Padrões para Estudos Comparativos Preliminares nas Línguas Indígenas Brasileiras: Maxakalí*. Rio de Janeiro: Museu Nacional, 1960a.

_____. *Maxacali Phonemes*. Manuscrito, 29 p., 1960b.

_____. *Maxakalí-English Dictionary / English-Maxakalí Glossary*. Cuiabá: Sociedade Internacional de Lingüística, 2005.

POPOVICH, Frances Blok. *A Organização Social dos Maxakalí*. Tradução por Helena Vera Flor. 51 p. Dissertação (Mestrado). Arlington: Universidade do Texas, 1980.

_____. *Social Power through Ritual Power in Maxakalí Society*. 123 p. Tese (Doutorado). Faculty of the School of World Mission, 1988.

RAMIREZ, Henri; VEGINI, Valdir; FRANÇA, Maria Cristina Victorino da. Koropó, puri, kamakã e outras línguas do Leste brasileiro: revisão e proposta de nova classificação. *Liames*. v. 15, n. 2, p. 223-277, jul./dez. 2015.

RIBEIRO, Eduardo Rivail. Macro-Jê. In: BROWN, Keith. (ed.). *Encyclopedia of Language and Linguistics*. 2ª ed, vol. 7. Oxford: Elsevier, p.422-426, 2006.

_____. Prefixos relacionais como evidência histórico-comparativa: os casos Chiquitano e Jabutí. In: CABRAL, Ana Suelly Arruda Câmara *et al.* (org.). *Línguas e Culturas Macro-Jê*, vol. 2, p. 105-120. Campinas: Curt Nimuendajú, 2011.

_____. Final consonants in Maxakalí and their comparative status. *Liames*, v. 12, p. 189-193, 2012a.

_____. *A Grammar of Karajá*. 292 p. Tese (Doutorado). Chicago: Universidade de Chicago, 2012b.

RIBEIRO, Eduardo Rivail; VOORT, Hein van der. Nimuendajú was Right: The Inclusion of the Jabutí Language Family in the Macro-Jê Stock. *International Journal of American Linguistics*. v. 76, n. 4, p. 517-570, out. 2010.

RODRIGUES, Ana Germana Pontes; ARAÚJO, Aluiza Alves de. Tarra onde, menina réa? A aspiração de /v/ no falar de Fortaleza. *Revista de Estudos da Linguagem*. v. 22, n. 2, p. 11-58, 2014.

RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. Nasalização e Fronteira de Palavra em Maxakalí. *Anais do V Encontro Nacional de Lingüística*. v. 2, p. 305-311, out. 1981.

_____. *Línguas Brasileiras: Para o conhecimento das línguas indígenas*. São Paulo: Loyola, 1986a.

_____. Silêncio, pausa e nasalização. *Anais do Encontro Nacional de Lingüística*. v. 8, p. 153-159, 1986b.

_____. Macro-Jê. In: DIXON, R. M. W.; AIKHENVALD, Alexandra Y. (eds.). *The Amazonian Languages*. Cambridge: Cambridge University Press, p. 164-206, 1999.

_____. Silêncio, nasalidade e laringalidade em línguas indígenas brasileiras. *Letras de Hoje*. v. 38, n. 4, p. 11-24, dez/2003.

_____. A Case Affinity Among Tupí, Karíb, and Macro-Jê. *Revista Brasileira de Linguística Antropológica*. v. 1, n. 1, p. 139-167, jun. 2009.

_____. Flexão relacional no tronco linguístico Macro-Jê. *Revista Brasileira de Linguística Antropológica*. v. 4, n. 2, p. 267-277, dez. 2012.

SADOCK, Jerrold M. *A Grammar of Kalaallisut (West Greenlandic Inuit)*. Munique: Lincom Europa, 2003.

SALANOVA, Andrés Pablo. A flexão de terceira pessoa nas línguas Jê. *Liames*. v. 11, p. 75-114, 2011.

SÂNDALO, Filomena; ABAURRE, Maria Bernadete. Orality spreading in Pirahã. *Liames*. v. 10, p. 7-19, 2010.

SAWASHIMA, Masayuki; HIROSE, Hajime. Laryngeal gestures in speech production. In: MACNEILAGE, Peter F. *The Production of Speech*. Nova Iorque: Springer-Verlag, 1983. p. 11-38.

SAWASHIMA, Masayuki; PARK, Hea Suk; HONDA, Kiyoshi; HIROSE, Hajime. Fiberscopic study on laryngeal adjustments for syllable-final applosives in Korean. *Annual Bulletin of the Research Institute of Logopedics and Phoniatics*, n. 14, p. 125-138, 1980.

SCHMIDT, W. *Die Sprachfamilien und Sprachenkreise der Erde*. Heidelberg: Carl Winter, 1926 *apud* RODRIGUES, Aryon Dall'Igna Macro-Jê. In: DIXON, R. M. W.; AIKHENVALD, Alexandra Y. (eds.). *The Amazonian Languages*. Cambridge: Cambridge University Press, p. 164-206, 1999.

SEKI, Lucy. O Krenak (Botocudo/Borum) e as línguas Jê. In: SANTOS, Ludoviko dos; PONTES, Ismail (org.). *Línguas Jê: estudos vários*. Londrina: Editora UEL, p. 15-40, 2002.

SELKIRK, Elizabeth. On the Major Class Features and Syllable Theory. In: ARONOFF, Mark; OEHRLE, Richard T. (eds.). *Language Sound Structures: Studies in Phonology Presented to Morris Halle by his Teacher and Students*. Cambridge: MIT Press, p. 107-113, 1984.

SHIN, Jaeyeon. Intrusive r as Articulatory Natural Resolution for Vowel Hiatus Resolution: Based on the Less-covered Phenomena in Rhoticity. *SNU Working Papers in English Linguistics and Language*. v. 11, p. 107-125, 2013.

SIASI – Sistema de Informação da Atenção à Saúde Indígena. *Dados populacionais indígenas por diversos parâmetros de análise*. Disponível em: <<http://portalsaude.saude.gov.br/index.php/o-ministerio/principal/leia-mais-o-ministerio/70-sesai/9518-siasi>>. 2013, acessado em 11 de setembro de 2017.

SILVA, Aracy Lopes da; SANTOS, Leynad Ayer O.; LUZ, Mara L. Manzoni (eds.). *Lições de Bahetá: Sobre a língua Pataxó Hãhãhã*. São Paulo: Comissão Pró-Índio de São Paulo, 1983.

SILVA, Mário André Coelho da. *A Sílabas em Maxakalí*. 59 p. Monografia (Graduação). Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2011.

_____. *A Coda Consonantal em Maxakalí*. 131 p. Dissertação (Mestrado). Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2015.

_____. Sociolinguistic effects in consonant prevocalization in Maxakalí. *Chimera*, v. 3, n. 2, p.175-186, 2016.

_____. Um novo olhar sobre as formas longas e curtas em nomes no Maxakalí. In: SILVEIRA, Marcelo; GUERRA, Maria José; SANTOS, Ludoviko C. dos (orgs.). *VIII Macro-Jê: Língua, Cultura e Reflexões*. Londrina: EDUEL. No prelo.

_____. *Alinhamento morfossintático do Maxakalí*. Manuscrito, 14 p., 2019.

SILVA, Mário André Coelho; NEVINS, Andrew Ira. Ethnosociophonology and Consonant Lenition in Maxakalí. *Linguística*, v. 10, n. 2, p.47-60, dez. 2014.

SILVA, Mário André Coelho da; NEVINS, Andrew Ira; WHITE, James. Domain-Based Preservation of Nasal Harmony in Maxakalí Loanwords. *International Journal of American Linguistics*. No prelo.

SILVA, Mário André Coelho da; NIKULIN, Andrey. Morfologia verbal flexional da língua Maxakalí. In: MIRANDA, Maxwell Gomes; BORGES, Águeda Aparecida da Cruz; CARVALHO, Tereza Ramos de (orgs.). *Anais do IX Encontro Macro-Jê*. No prelo.

SILVA, Thaís Cristófar. *Descrição fonética e análise de alguns processos fonológicos da língua Krenak*. 111p. Dissertação (Mestrado), Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 1986.

SINGERMAN, Adam Roth. Nasal Harmony and Phonotactic Well-Formedness in Tupari. *International Journal of American Linguistics*, v. 82, n. 4, p. 453-485, out. 2016.

SPENCER, Andrew; LUÍS, Ana R.. *Clitics: an Introduction*. Cambridge: Cambridge University Press, 2012.

STEWART, Jesse; KOHLBERGER, Martin. Earbuds: A method for measuring nasality in the field. *Journal of Language Documentation and Conservation*, v. 11, p. 49-80, 2017.

STORTO, Luciana; DEMOLIN, Didier. The phonetics and phonology of unreleased stops in Karitiana. *Berkeley Linguistics Society*, v. 28, p. 487-497, 2002.

TEIXEIRA, Marcela Ferreira. *Processamento de Interrogativas Qu na Língua Indígena Maxakalí*. 149 p. Dissertação (Mestrado). Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2011.

TINGSABADH, M. R. Kalaya; ABRAMSON, Arthur S. Thai. *Journal of the International Phonetic Association*, v. 23, n. 1, p. 24-28, 1993.

TUGNY, Rosângela Pereira de (org.). *Yãmĩyxop Xũnĩm yõg Kutex xi Āgtux xi Hemex yõg Kutex: Cantos e histórias do Morcego-Espírito e do Hemex*. Rio de Janeiro: Azougue, 2009a.

_____. (org.). *Mõgmõka yõg Kutex xi Āgtux: Cantos e histórias do Gavião-Espírito*. Rio de Janeiro: Azougue, 2009b.

URBAN, Greg. On Pataxó and Hãhãhã. *International Journal of American Linguistics*. v. 51, n. 4, p. 605-608, out. 1985.

VESELINOVA, Ljuba. *Suppletion in verb paradigms: Bits and pieces of the puzzle*. Amsterdã: John Benjamins, 2006.

WEBER, David John. *A Grammar of Huallaga (Huánuco) Quechua*. Berkeley: University of California Press, 1989.

WETZELS, Willem Leo. Prevowels in Maxacali: Where They Come From. *Boletim da Associação Brasileira de Lingüística*. v. 14, p. 39-63, ago. 1993.

_____. Oclusivas intrusivas em Maxacalí. In.: _____ (ed.). *Estudos Fonológicos das Línguas Indígenas Brasileiras*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, p. 85-102, 1995.

_____. Nasal Harmony and the Representation of Nasality in Maxakali: Evidence from Portuguese Loans. In: CALABRESE, A.; WETZELS, W. L. (Eds.). *Loan Phonology*. John Benjamins Publishing, p. 241-270, 2009.

WETZELS, Willem Leo; NEVINS, Andrew Ira. Prenasalized and Postoralized Consonants: The Diverse Functions of Enhancement. *Language*, v. 94, n. 4, p. 834-866, 2018.

WETZELS, Willem Leo; SLUYTERS, Willebrord. Formação de raiz, formação de glide e ‘decrowding’ fonético em Maxacalí. In.: WETZELS, Willem Leo (ed.). *Estudos Fonológicos das Línguas Indígenas Brasileiras*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, p. 103-149, 1995.

ZUCKERMANN, Ghil’ad. Hybridity versus revivability: multiple causation, forms and patterns. *Journal of Language Contact VARIA*, v. 2, p. 40–67, 2009.

APÊNDICE

Algumas observações sobre a ortografia do Maxakalí

A ortografia do Maxakalí foi criada pelo casal de missionários Harold e Frances Popovich, do *Summer Institute of Linguistics*, durante o fim da década de 1950 e início da década de 1960 (GUDSCHINKSY, POPOVICH e POPOVICH, 1970; POPOVICH e POPOVICH, 2005). Ainda hoje os Maxakalí utilizam essa ortografia, porém com algumas adaptações pontuais, as quais serão mostradas mais à frente. Nesta tese, quando utilizamos a ortografia, fazemos de acordo com o uso atual dos indígenas e não de acordo com o proposto primeiramente pelos missionários.

Os fonemas consonantais em *onset* /p, t, c, k/ são grafados como <p, t, x, k> respectivamente. Já /b, d, ʝ, g/ são escritos como <m, n, y, g>. Os alofones orais ou nasais destes fonemas são indicados pela vogal núcleo da sílaba. A consoante /h/ é escrita como <h> e a consoante oclusiva glotal [ʔ], analisada por nós como epentética e pelo casal Popovich como fonêmica, é na proposta deles escrita com um apóstrofo <'>. Esta consoante, porém, é frequentemente omitida na escrita pelos Maxakalí, principalmente quando na posição de início ou fim de palavra.

As vogais /i, ɪ, u, ε, a/ tem por grafemas, respectivamente <i, u, o, e, a>. As suas contrapartes nasais /ĩ, ã, õ, ẽ, ã/ são escritas como <ĩ, ã, õ, ẽ, ã>. A presença do til <~> sobre a vogal é importante não só para a indicação da nasalidade da vogal mas também para a indicação dos alofones de /b, d, ʝ/ em *onset*: se a vogal não tiver til, depreende-se que a pronúncia das consoantes será oral [b, ɖ, ɖʱ] (ou, no início de palavra, opcionalmente pré-nasalizadas). Por outro lado, caso a vogal seja marcada com o til, pressupõe-se que a pronúncia das consoantes será nasal [m, ɱ, ɱ]. Hoje em dia, dada a dificuldade de inserção do til nos grafemas <i, u, e> em aparelhos digitais, os Maxakalí comumente utilizam outros diacríticos para indicar a nasalidade, resultando assim em grafemas como <î, û, ê>, <í, ú, é>, <ĩ, ã, ẽ> ou qualquer um que esteja disponível e que sirva para distinguir estas vogais de suas contrapartes orais.

Na posição de coda, as consoantes são indicadas foneticamente, isto é, codas orais são escritas com os grafemas das consoantes desvozeadas <p, t, x, k> e as codas (foneticamente) nasais são escritas com os grafemas <m, n, y, g>. Na proposta do casal Popovich, caso o *onset* da sílaba seguinte fosse uma consoante desvozeada, a coda, ainda que foneticamente nasal, era grafada com os mesmos grafemas das consoantes

desvozeadas, provavelmente para refletir a epêntese decorrente do encontro de consoante nasal em coda e seguida por consoante surda em *onset* (ver Seção 2.4.2.1). A palatalização das consoantes velares em coda, diante de um núcleo silábico preenchido por vogal anterior, é indicada tanto pelo par <x, y> quanto pelo par <k, g>, sem uma forma padronizada. Porém algumas palavras parecem usar um ou outro grafema com mais frequência no uso atual, como no par homófono /tik/ ‘homem’, que é grafado com a velar <tik> e /-tik/ ‘dois’ que é grafado com a palatal <tix>. Essa variação é mais comumente vista diante das vogais anteriores altas <i, ĩ> que diante das vogais anteriores não-altas <e, ĕ>.

Abaixo, apresentamos um quadro com as transcrições fonológica e fonética, além da proposta de ortografia do casal Popovich e do uso atual feito pelos Maxakalí:

QUADRO A.1 – Ortografia de algumas palavras do Maxakalí

Fonologia	Fonética	Popovich	Maxakalí	
/-pata/	[pɔ'ʈa]	<pata>	<pata>	‘pé’
/-cape/	[tɛa'pɛ]	<xape>	<xape>	‘parente’
/kuhut/	[ku'ɦuwə]	<kohot>	<kohot>	‘mandioca.FL’
/ãp-bik/	[ã:bəu]	<’ãmmuk>	<ãmmuk>	‘comida’
/-dak/	[ɖau]	<nak>	<nak>	‘seco’
/-juk/	[ɖəu]	<yok>	<yok>	‘reto’
/gɛɛk/	[gɛ'ʔæj]	<ge'ex>	<geex> ~ <ge'ex>	‘fritar’
/pi-k/	['pij]	<pik> ~ <pix> <mõg> ~ <mõk> (caso a palavra ou morfema seguinte se inicie por consoante surda)	<pik> ~ <pix> <mõg>	‘lavar-REAL’ ‘ir-REAL’
/bũ-k/	['mõũ]	<nũn> ~ <nũt> (caso a palavra ou morfema seguinte se inicie por consoante surda)	<nũn>	‘vir-REAL’
/dĩ-t/	['ɲĩũɖ]			

(Continuação do Quadro A.1)

<yĩm> ~ <yĩp>				
(caso a palavra ou				
/-j-ĩp/	[ˈjĩβ̃]	morfema seguinte se	<yĩm>	‘braço’
inicie por consoante				
surda)				
<gã̃y> ~ <gã̃x>				
(caso a palavra ou				
/-gã̃c/	[gã̃ʃ]	morfema seguinte se	<gã̃y>	‘bravo’
inicie por consoante				
surda)				

Nos casos de raízes com mais de uma sílaba em que haja a harmoniza nasal, todas as vogais normalmente são grafadas com o til, mas nem sempre isto ocorre. Logo, /kudããk/ ‘água.FL’ pode ser escrita como <kõnããg>, <kõnã’ãg>, <konããg>, etc.

A pré-vocalização, os *glides* intrusivos e epênteses consonantais, assim como a pré-aspiração não são indicadas na ortografia. A epêntese de [i] ~ [ĩ] para desfazer o *onset* complexo e de [ĩ] para silabificação de /k/ ‘1.SG’ e /p/ ‘INDF’ são indicados com os grafemas <u>, quando oral, e <ũ> quando nasal. Quando a primeira consoante do ataque silábico complexo ou os dois clíticos acima são silabificados como coda de uma sílaba anterior a eles, é comum utilizar um espaço entre estes itens e o resto da palavra. Na proposta do casal Popovich, no caso dos *onsets* complexos, utiliza-se um hífen:

QUADRO A.2 – Ortografia da ressilabificação e epêntese

Fonologia	Fonética	Popovich	Maxakalí	
/k=cip/	[ẽũ̃ˈtɛiβ̃]	<’ũgxip>	<ũgxip> ~ <ũg xip>	‘eu estou em pé’
/p=jibĩk/	[ĩβ̃jĩˈmõũ̃]	<’ũm yũmũg>	<ũm yũmũg>	‘entendeu algo’
/-ktuk/	[kĩˈt̚uɰ]	<kutok>	<kutok>	‘filho’
/kdãt/	[kĩˈɲã̃ʒ̃]	<kũnã̃n>	<kũnã̃n> ~ <kunã̃n>	‘tucano.FC’
/N ti=k bũ-k/	[N t̚uɰˈmõũ̃]	<N tuk mōg>	<N tuk mōg>	‘eu vou para N’
/ci-ta ci pduk/	[tɛiˈt̚atɛiβ̃d̚uɰ]	<xuta’ xip-nok>	<xuta xip nok>	‘vermelho e branco’

Clíticos e afixos caso sejam compostos por apenas um segmento (por exemplo, /-a/ ‘CAUS’, /-p, -t, -k/ ‘REAL’, etc.) normalmente são escritos junto à base, sem espaço. No caso de formarem uma sílaba (/bũ=/ ‘CTFG’, /-dāk/ ‘DIM’, etc.) não contam com uma padronização e são, por vezes escritos junto às bases, por vezes separados por espaço. A segunda parte do morfema de negação /a=...=a/ normalmente é escrita como <...ah>.

QUADRO A.3 – Ortografia de afixos e clíticos

Fonologia	Fonética	Popovich	Maxakalí	
/kibik-a/	[kibi'ʔa]	<kumua'>	<kumua>	‘estragar’
/ci-pa-c/	[tɕi ^h paɕ]	<xupax>	<xupax>	‘escutar.IRR’
/bũ=jidĩt/	[mũɲĩ'ɲĩʔ]	<mōyĩnĩn>	<mōyĩnĩn> ~ <mō yĩnĩn>	‘fechar’
/piik-dāk/	[pĩ'ʔũɲĩɲũ]	<pũ'ũgnāg>	<pũũgnāg> ~ <pũ'ũgnāg> ~ <pũũg nāg>	‘fraquinho’

Empréstimos do português em que haja uma sílaba com *onset* vozeado oral e núcleo nasal têm sua ortografia variável, já que os Maxakalí às vezes grafam a vogal sem til e às vezes com o diacrítico. A coda nesses casos sempre é grafada com os grafemas referentes aos fones nasais. Caso a sílaba não conte com uma coda, não é possível prever a partir da ortografia a pronúncia. Não encontramos nas obras de autoria dos Popovich exemplos com este tipo de palavra, provavelmente porque estas são relativamente recentes. A vogal fonética [ɲ] é escrita como <n>.

QUADRO A.4 – Ortografia de empréstimos com *onset* sonoro oral e núcleo nasal

Fonologia	Fonética	Maxakalí	
/bâet/	[^m bõ'ʔɛɛ]	<maet> ~ <mâet>	‘banheiro’
/dadĩc/	[ⁿ ɖa'ɖĩ]	<nanuy> ~ <nanũy>	‘laranja’
/bedadijũt/	[^m bɛɖaɖi'dzũwẽ]	<Menaniyon> ~ <Menaniyõn>	‘Belo Horizonte’
/paɣẽdet/	[pɔɖɛ'ɖɛɛ]	<payenet> ~ <payẽnet>	‘fazendeiro’
/cɛduda/	[tɕɛɖu'ɖa] ~ [tɕɛɭu'ɭa]	<xenona>	‘celular’

Acreditamos que um passo a ser tomado para o fortalecimento da língua Maxakalí seja o estabelecimento de uma ortografia padronizada, que consiga inclusive,

desambiguar casos como os vistos no último quadro. Apesar de a ortografia não ter sido criada pelos próprios indígenas, vemos como positivo o fato de eles terem se apropriado dela e feito, ainda que inconscientemente, alterações que refletem sua relação com a escrita.